



UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ISCTE IUL



PROGRAMA INTERUNIVERSITÁRIO DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA

Universidade de Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa,
Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Évora

A Lisboa dos guias turísticos ingleses e franceses no século XX.
Lisboan soul, l'âme de Lisbonne: Lisboa no espelho do Outro.

Maria Estela de Moura Dantas Gonçalves

Tese orientada pelo Professor Doutor Tiago Saraiva

Doutoramento em História
Dinâmicas do Mundo Contemporâneo

2015

Resumo: Este trabalho apresenta a constelação das imagens da Lisboa turística veiculadas pelos guias de viagem, de edição inglesa e francesa, ao longo do século XX. A análise centra-se na importância da difusão do conteúdo textual e do seu carácter performativo, dando destaque à “autoria”, como uma das principais componentes na fixação das imagens de singularidade urbana (turística) de Lisboa, no arco temporal do século XX.

A investigação procura, através da análise àquela fonte documental, reflectir sobre a importância da dimensão simbólica na fabricação da cidade, particularmente do papel do turismo, evidenciando o lugar desta actividade recreativa na configuração dos seus símbolos identitários. Um dos âmbitos que se destacou foi o ajuste tensional entre o interesse turístico urbano demonstrado e a recriação da cidade de Lisboa, como uma cidade de “bairros” a partir dos anos 40, revelando a implicação do turismo na configuração da singularidade da cultura urbana lisboeta.

A análise ao *corpus* de edição estrangeira acerca de Lisboa (Portugal), produzido durante o século XX, permitiu refazer a história das práticas turísticas revelando com mais detalhe as mutações ocorridas durante o século, diferenciando os diversos momentos de mutação da prática turística europeia, para além da vulgata da alteração do turismo de elites *versus* turismo de massa.

Palavras-chave: Lisboa, turismo, singularidades turísticas urbanas, guias de viagem, história dos guias turísticos, história do turismo, história da Lisboa turística.

Abstract: This work is about the touristic images of Lisbon, based on textual contents of English and French travel guidebooks, through the 20th century. The investigation focuses on the value of textual dissemination and its performative attribute, pointing out authorship as one of the main components to reinforce the urban (touristic) image distinctiveness of the city.

It is our aim to discuss the impact of the symbolic component on urban fabrication, mainly the role of tourism, highlighting leisure practices as a key element on the symbolic identity of city patterns, using the travel guidebooks as the historical and analytical source. The research showed the tensional relationship between the urban tourist gaze, presented on guidebooks, and the rebuilding of Lisbon as “a neighbourhood city”, in particular from the

forties onwards, and in this way, underlining the performative role of touristic practices on the singularity of the urban culture of Lisbon.

The analysis of 20th century French and English editions of travel guidebooks about Lisbon (Portugal) favoured a new perspective in the history of tourism, changing the simplistic vision of elite tourism versus mass tourism.

Key words: Lisbon, tourism, urban tourist images, travel guidebooks, travel guidebooks history, history of tourism, history of touristic Lisbon.

Résumé: Dans cette recherche on parle des constellations d'images touristiques de Lisbonne qui se détachent des guides touristiques anglais et français publiés pendant le 20^e siècle. L'étude se focalise sur l'importance de la diffusion du contenu discursif des guides aussi bien que leur valeur performative. De cette façon les auteurs (les concepteurs et rédacteurs) des guides ont une implication considérable dans le montage des images urbaines (touristiques) qui font la singularité de la ville.

C'est notre objectif discuter le rapport du symbolique dans la fabrication de la ville, surtout le rôle du tourisme comme un des éléments importants dans le cadre des figures qui font l'assemblage des symboles d'identité de la ville, en choisissant les guides touristiques en tant que source historique et analytique. La recherche a renvoyé le lien dynamique entre la préférence touristique urbaine, actualisée dans les guides, et la (re)fabrication de Lisbonne comme « une ville de quartiers », après les années 40, renforçant l'effet performatif des pratiques touristiques sur la singularité de la culture urbaine de Lisbonne.

L'analyse des éditions des guides touristiques sur Lisbonne (Portugal), pendant le 20^e siècle, a permis aussi de refaire l'histoire du tourisme, surpassant la vision simpliste d'un changement de tourisme d'élite versus tourisme de masses.

Mots clés: Lisbonne, tourisme, images du tourisme urbain, guides touristiques, histoire des guides touristiques, histoire du tourisme, histoire de Lisbonne touristique.

Nota Prévia

Esta tese foi escrita de acordo com a antiga ortografia.

Foram mantidas as citações dos guias e dos autores nas línguas em que foram lidos, uma vez que se tratou de uma análise ao conteúdo textual da fonte documental — os guias turísticos.

Nota de esclarecimento do Subtítulo: *Lisboan soul, l'âme de Lisbonne*. Embora “Lisboan” não exista no dicionário foi a palavra usada nos guias de língua inglesa para identificar os lisboetas; *lisboan people, the lisboan man, lisboan woman*. O subtítulo corresponde a um jogo de linguagem para identificar a alma lisboeta, personalizando a cidade. No subtítulo, aliás, pretendeu-se reforçar as imagens de alma lisboeta e alma de Lisboa veiculadas através do texto guionista.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles com quem estive durante o tempo longo em que este trabalho foi fabricado: em casa, na rua, no metro, nos autocarros, no município, nas bibliotecas, nos jardins ... nas redes ... nos múltiplos territórios da cidade e ... fora da cidade e do tempo.

Em suma, agradeço a Todos apelando ao espírito do “Festival Todos. Caminhada de Culturas. Viajar pelo mundo sem sair de casa.”¹

Em particular, agradeço ao município de Lisboa a flexibilidade de tempo que me possibilitou o trabalho analítico.

Esta foi uma viagem a Lisboa através do olhar de franceses e ingleses.

¹ Festival organizado pelo município, Gabinete Encruzilhada de Culturas, coordenado pela Dr^a. Manuel Júdice, e pela Academia de Produtores Culturais, desde 2009, festival que ajudou a Mouraria-Intendente a sair do seu longo tempo de bairro estigmatizado.

Índice

Introdução	2
Parte 1: O Campo dos Estudos de Cidade Através dos Guias Turísticos	
1 - A cidade e o discurso	12
1.1 - A cidade, um objecto de discurso	13
2 - A cidade, o turismo e o urbanismo	18
3 - O turismo e os estudos históricos – o caso de Lisboa	26
3.1 - O espaço de surgimento do Turismo: uma prática social de distinção de classe	29
3.2 - Turistas ou viajantes; da procura do <i>Autêntico</i> no Outro à <i>Originalidade</i> no turista	40
3.3 - A constituição do olhar turístico – o <i>tourist gaze</i> — como uma prática semiótica	47
4 - Os guias turísticos como uma fonte documental com pertinência para fazer história urbana	52
4.1 – O estatuto discursivo dos textos guionistas: a fixação de imaginários turísticos, estereótipos e signos	55
4.2 - A Autoria: o poder da autoria guionista (escritores e editores) e os seus públicos	63
Parte 2: A apresentação do <i>corpus</i> de análise: contextualização e caracterização	
5 – Lisboa, o contexto histórico do objecto de discurso dos guias turísticos estrangeiros em análise	70
5.1 - Os ciclos da cidade e os ciclos histórico-urbanísticos da cidade de Lisboa	72
5.2 - Os ciclos histórico-urbanísticos de Lisboa	77
6 – Os guias turísticos estrangeiros sobre Lisboa no século XX	92
6.1 - A fonte documental “guias turísticos”: aspectos metodológicos	92
6.1.1 - Apresentação da amostra – <i>corpus</i> de análise	97
6.1.2 - Género textual do <i>corpus</i> - tipos de guias	99

6.2 - A autoria; editores e autores	101
6.2.1 - As Casas Editoras	101
a) As grandes colecções europeias de guias turísticos de XIX e início de XX	104
As colecções clássicas que editaram guias sobre Portugal	
b) As mudanças no período entre as Duas Grandes Guerras	109
c) As novas colecções de guias surgidos na década de 50 de XX	110
d) A última geração de guias turísticos escritos no século XX	113
6.2.2 - Os Autores	118
a) As casas editoras dos guias clássicos, o perfil dos seus fundadores e redactores	118
b) As mulheres guionistas	122
c) Exploradores, diplomatas, espiões e jornalistas	126
d) Os escritores e artistas	127
e) Fascinados por Lisboa	129

Parte 3: As narrativas de Lisboa; Os clichés turísticos

7 - A prática e gostos turísticos expressos nos guias entre 1870 e 2010	136
7.1 - A síntese de XVIII-XIX	136
7.2 - Os gostos turísticos expressos nos guias estrangeiros dedicados ao território turístico Portugal-Espanha, Portugal e Lisboa, entre 1870 e 2010	143
The spirit of recreation; a prática turística recreativa	143
A Fuga; prática turística escapatória	146
Em busca do diferente, ou de si mesmo através dos outros; a prática turística exploratória	149
À procura de “Artes de Viver”	152
8 - A narrativa histórica de Lisboa	154
8.1 - A conduta metodológica	154
8.2 - As narrativas históricas das cidades nos guias turísticos – um modo de contar	162
8.3 - A interferência da nacionalidade do guionista	167
8.4 - Tempos históricos fortes de Lisboa, os seus Zénites	169
8.5 - O fim das narrativas, uma promessa de futuro Zénite	176
9 - A cidade visitada, o território turístico de Lisboa	180
9.1 - Organização da apresentação da cidade nos guias turísticos	184
9.2 - As metáforas de cidade	189
9.3 - Os lugares turísticos	192
9.3.1 - Castelo Alfama e Mouraria	193
9.3.2 - Belém	198
9.3.3 - Baixa Pombalina	203
9.3.4 - The streets of the Tagus, Lisboa Ribeirinha	213
9.3.5 - Os lugares da Moda – Movida lisboeta; Chiado, Avenida da Liberdade e Bairro Alto	217
9.3.6 - Outros bairros e zonas de Lisboa consideradas de interesse turístico	227
9.3.7 - A Nova Cidade; Gulbenkian, Parque das Nações	228

9.4 - Singularidades urbanas lisboetas	236
Os jardins, parques, <i>squares</i> e miradouros	236
Azulejos e Calçada	240
O Eléctrico 28	243
A Toponímia	245
10 - Lisboaetas	252
10.1 - Os tipos populares de Lisboa, as figuras congeladas	257
10.1.1 - Um Tejo cheio de barcos e as varinas descalças	259
10.1.2 - “Os meninos de Lisboa” e a iliteracia	261
10.2 - E os lisboetas? Quem são?	262
10.2.1 - No período que antecede a implantação da República	264
10.2.2 - A hospitalidade, a simplicidade e o decoro; debaixo de uma ditadura “bon enfant”	264
10.2.3 - As camadas debaixo da exterioridade visível, o descontentamento: sobre a ditadura de “un vieillard glorieux”	265
10.2.4 - Afinal não há identidades nacionais, mas padrões e valores de vida modernos, urbanos ou tradicionais (rurais), padrões em mutação e no entanto	267
...	
10.2.5 - O reverso da amabilidade	270
10.2.6 - Um sentido do tempo muito próprio; Oxalá, se Deus quiser; <i>Time means nothing</i>	271
10.2.7 - Os costumes: as sociabilidades locais	273
10.2.8 - Lisboa “is a male city”, “une ville d’hommes”	275
11 – As singularidades turísticas de Lisboa	278
11.1 - Os clichés promocionais de Lisboa	285
A - Uma poesia no seu alinhamento em anfiteatro e o Tejo (majestoso): a cidade das sete colinas	287
B - O Pitoresco de pessoas e bairros ... um autêntico que magoa	288
C - A Compacidade de Lisboa	289
D - A <i>wonderful holiday centre</i> ; uma cidade meridional ... de escala humana	290
E - Cidade de contrastes	291
12 - O fado, a saudade e a melancolia, “lisboan soul”	294
Conclusão	298
Bibliografia	308
Anexo - Quadros	333

Fonte documental: guias consultados (*corpus de análise*)

Abreviaturas de identificação dos guias tal como surgem referidos no texto

Bradshaw's illustrated handbook to Spain and Portugal; London, W.J. Adams, Jan Gray's Inn, 1865	1865 Uk G
Espagne et Portugal, notes et impressions; Louis Ulbach, Paris, Calmann Lévy, 1886	1886 Fr GM_Z ²
Espagne et Portugal; par Alfred Germond de Lavigne; Guides Joanne-Guide Diamant, Paris Hachette, 1886 (1859, 1860,1867, 1879, 1880, 1883)	1886 Fr G_Z
Una Semana en Lisboa. Guia del viajero por la ciudad, sus contornos y cercanias; 186..., Porto, Typ. Empresa Litteraria e Typographica	1870 Ep G
Lisboa em 1870, costumbres, literatura y artes; G. Calvo Ansensio, Madrid, Imprensa de los Señores Rojas, 1870	1870 Ep M
Guia del bañista en Portugal; Madrid, Imprensa de Manuel Minuesa, 1871	1871 Ep G
Une semaine à Lisbonne; Jules M. Leclerq; Paris, Imp. A. Labure, 1881	1881 Fr G
Handbook for travellers in Portugal; John Murray (Firm), London, 1887	1887 Uk G
Peeps at Portugal; Maurice O'Connor Morris, London, Harrison and Sons, 1981	1891 Uk GM_Z
Portugal and it's People; W. A. Salisbury, London, T. Nelson and Sons, 1893	1893 Uk GM_Z
Spain and Portugal, handbook for travellers; by Karl Baedeker, Leipsic, London, 1908 (3 ^a ed revista); (1898 - 1908)	1908 UK G
Souvenirs et "Saudades de Lisbonne"; Porto, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, 1901	1901 Fr M
Espagne et Portugal, Alfred Germond de Lavigne, et Mendonça e Costa (dir), Paris, Hachette, 1904 (1909)	1904 Fr G
The tourist's and visitors' illustrated pocket guide to Lisbon, Cintra e Cascaes; by Francis Chassereau Coombe, Lisbon, Ferreira & Oliveira, Lda, 1905	1905 Uk G
Guia Ilustrada de Lisboa, Madrid, Oficinas Calle de Génova, nº 12, 1906	1906 Ep G
Lisbon and Cintra; by A. C. Inchbold, illustrated by Stanley Inchbold, London, Chatto and Windus, 1907	1907 Uk G
Portugal, its land and people; by W.H. Koebel, London, Archibald Constable and Co. LTD, 1909	1909 Uk GM
Peeps at many lands: Portugal; by Agnes M. Goodall, London, Adam and Charles Black, 1909	1909 UK G
Tours to Spain and Portuga;l by The Pacific Steam Navigation Company The Royal Mail Steam Packet Company and The Orient Pacific Line, Thomas Cook & Son's offices, 1911	1911 Uk F
Off to Portugal, a simple guide to Portugal; completed by C.D. Williams, London, G. Street, 1911	1911 Uk Off P_Z
Espagne et Portugal, Gros, Édouard; Genève: Imp. J. Studer, 1911	1911 Fr G_Z

² Os guias que terminam em _Z foram analisados, mas repetem-se em edição de guias posteriores ou não possuíam informação suficiente para análise. Foram usados como controlo para a permanência no tempo do mesmo tipo de descrições.

A Winter Holiday in Portugal; by Bernard Granville Baker, London, Staneley Paul, 1912	1912 Uk GM_Z
Spain and Portugal: handbook for travellers; by Karl Baedeker, Leipsic, London, 1913	1913 Uk G
Progressive Portugal; by Ethel C. Hargrove, London, T. Werner Laurie, 1914	1914 Uk GM
Espagne et Portugal; Marcel Monmarché et Émile Bertaux, Paris, Librairie Hachette et C°, 1916	1916 Fr G
Through Spain and Portugal; by Ernest Peixoto, London, N.Y., Charles Scribner's Sons, 1922	1922 USA UK M
Novísima Guía, España y Portugal, manual del viajero y del turista; Madrid, Enrique Lopez, editor, 1924	1924 Ep G
Southern Spain and Portugal; Findley Muirhead (ed), Blue Guides; London, Macmillan & Co. LTD, Paris, Hachette, 1929	1929 Uk G
Por tierras de Portugal, Conde de Santibáñez del Rio, Madrid, Compañía General de Artes Gráficas, 1930	1930 Ep M
A Satchel Guide to Spain and Portugal; William Day Crockett and Sarah Gates Crockett, London, George Allen & Unwin, 1930	1930 Uk G
Afoot in Portugal; John Gibbons, London; Georges Newnes, Ltd, Southhampton, 1931	1931 Uk GM
Portugal, Madère, Îles Açores; Raúl Proença, Guides Bleus, Paris, Hachette, 1931	1931 Fr G
Excursions Buisson, visite de Lisbonne et ses environs et tour Buisson Lisboa; Buisson excursions, 1932; 1949	1932 Fr F_Z
L'enchantement du Portugal; Gabrielle Réval, Paris, Fasquelle éditeurs, col voyageuses de lettres, 1934	1934 Fr GM
To Portugal; Douglas Goldring, London, Rich & Cowan Ltd, 1934	1934 Uk M
Playtime in Portugal; John Gibbons, London: Methuen & Co. Ltd, Let's Look at Portugal, 1936	1936 Uk GM
Peeps at Portugal; a pocket guide to "the sun coast" and Lisbon; E. Rosenthal, The national council of turismo, Portugal, Lisboa, J.J. Kelieher & Co Ltd. London, 1939	1939 Uk G
Portrait du Portugal; Christian de Caters, Paris, Librairie Plon, Les Petits Fils de Plon et Nourrit, L'Europe Vivante, 1940	1940 Fr M
To Portugal for Pleasure; Alice Fullerton, London, Grafton & CO, 1945	1945 Uk GM
Genève-Lisbonne; Herbert Van Leisen et il. Claire Szilard, Genève, Reflets, 1947	1947 Fr Ch M
Visit of Portugal: itineraries and descriptions of Buisson excursions and Tours Lisboa; Bertrand, 1949	1949 Uk Fr F
The Selectiv Traveller in Portugal; by Ann Bridge and Susan Lowndes, London: Chatto & Windus; 1949, (1967, 2008, 2009)	1949 Uk GM
Portugal, Gateway to Greatness; by W.J. Barnes, Great Britain, Edward Stantford Ltd., 1950	1950 Uk M
Portugal, Madère et Açores; Magdelaine Parisot (dir), Les Guides Bleus, Paris, Librairie Hachette et C°, 1953	1953 Fr G
Portugal and Madeira; Sacheverell Sitwell, London, B.T. Batsford Ltd. 1954	1954 Uk G
Portuguese Panorama; Oswell Blakeston, London, Burke Publishing Company Lda, 1955	1955 Uk G

Blue Moon in Portugal; William & Elizabeth Younger, London, Eyre & Spottiswood, 1956	1956 Uk GM
Portugal; Roy Campbell, London, Max Reinhardt, 1957	1957 Uk M
Portugal; Gilbert Renault et Magdelaine Parisot (dir). Guides Bleus, Paris: Librairie Hachette, 1957	1957 Fr G
Portugal; Gilbert Renault et Magdelaine Parisot (dir), Paris, Hachette World Albuns; Librairie Hachette, 1957	1957 Fr A_Z
Portugal; Franz Villier, Petit Planète, Paris: éditions Seuil, 1957 (1962)	1957 Fr G
Portugal; Jean Giraudoux, Paris, Bernard Grasset, 1958	1958 Fr M
Portuguese Panorama; Iris Merle, London, Burke Publishing Company Lda, 1958	1958 Uk M_Z
Guide to Sunny Portugal; José Cabral e Mrs. Edit Hamilton Cabral; Printed in Portugal; 1958	1958 Uk Pt G_Z
Lisbon; Rev. John Tole, London, Underhill Plymouth Lda printers, 1959	1959 Uk M_Z
South of Lisbon, winter travels in southern Portugal; Frank E. Huggett, London, Victor Gollancz Ltd, 1960	1960 Uk M
We Go to Portugal; Sylvia Lovat Corbridge, "We Go", London, George G. Harrap & Co. Ltd, 1963	1963 Uk GM
Espagne et Portugal; Les Guides Modernes Fodor (dir. Eugene Fodor et William Curtis), Paris, Editions Vilo, 1952 (1963)	1963 Fr G
Portugal and Her People; Raymond A. Wohlrabe and Wernr Krush, Portraits of the Nations, London, Lutterworth Press, 1965	1965 Uk PN G
Your Guide to Portugal; Douglas Clyne, London, Alvin Redman Limited, 1965	1965 Uk YG G
Time Off in Portugal; (dir Diana Petry), The Observer's "Time Off" Guides to Resorts and Hotels, 1965	1965 Uk TO G
Gateway Guide to Portugal; Bent Blasius and Torben J. Meyer, London Methuen and Co. 1965	1965 Uk GG G
Portugal; Peter Whelpton, Collins Holiday Guides, London, Collins Clear-Type Press, 1966	1966 Uk GM
Lisbon, Sarah Bradford, illustrations Fernando Bento, Portugal, published by BP, 1966	1966 Uk Pt G
Portugal; Lionel Leventhal, editor, Letts Holiday Guides, London, Charles Letts & Company Ltd, 1969	1969 Uk G
Dollar Wise Guide to Portugal, Stanley Haggart and Darwin Porter, Dollar Wise Guide to, N. York, The Frommer/Pasmantier publishing Co. 1970	1970 USA Uk G
Portugal, Fodor's guide, Eugene Fodor et William Curtis (coor), London, odder and Stoughton; 1970	1970 Uk Fo G
Lisbon: Lisbon a portrait and a guide; David Wright e Patrick Swift, London, Barrie & Jenkins, 1971	1971 Uk M
Lisbon; Carol Wright, London, J. M. Dent & Sons, 1971	1971 Uk GM
Getaway guide: Lisbon/Madrid; Stanley Haggart and Darwin Porter; TWA's getaway guides; New York, Arthur Frommer Publication, 1971	1971 USA G
Portugal; Henry Myhill, Faber and Faber, London, 1972	1972 Uk GM
The Complete Guide to Portugal; Gordon M. Graham & Alec Israel, London, George Philip and Son Limited, 1972	1972 Uk G
Portugal; Sarah Bradford, London, Thames and Hudson Ltd, 1973	1973 Uk GM

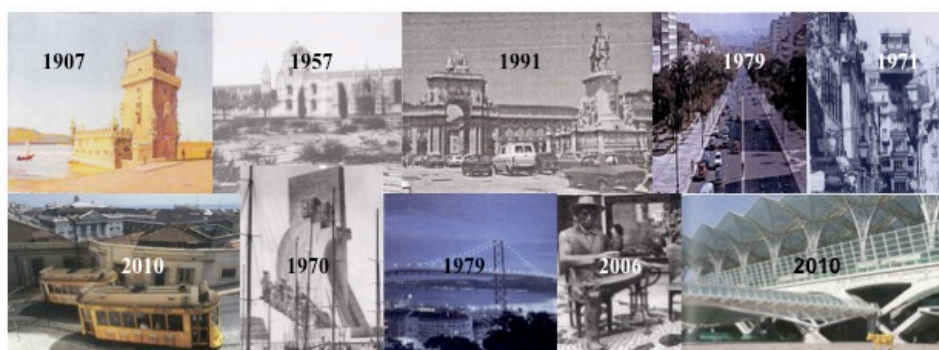
Let's visit Portugal; Ronald Seth, Let's visit, London, Burke Books publishing, 1976	1976 Uk G
Lisbon; Ken Bernstein(dir), Berlitz Guides, Lausanne, 1979	1979 Uk G
Blue Guide Portugal; Ian Robertson, London Ernest Benn, N. York WW Norton & Comp, 1984 (1982)	1984 Uk G
Portugal, Madère et Açores; Adelaide Barbey (dir), Guides Bleus, Paris, Hachette, 1984	1984 Fr G
Lisbonne; Pierre Kyria, Champ Vallon, coll "des villes", 1985	1985 Fr M
Lisbonne, La Nostalgie du Futur; M. Chandeigne et P. Léglise-Costa (dir), Paris, Autrement revue Hors série, 1988	1988 Fr GM
Lisbonne; Bernard Henequin, Adelaide Barbey (dir), Guides Bleus, Paris, Hachette, 1989	1989 Fr G
Le Grand Guide du Portugal; Pierre Laubier et Alison Friesinger Hill (dir) et Galmot (trad), Insight Guides, Paris, Gallimard, Bibliothèque du voyageur, 1990 (1991)	1990 Fr Uk G
Le Grand Guide de Lisbonne; Pierre Laubier et Alison Friesinger Hill (dir) et Galmot (trad), Insight Guides, Paris, Gallimard, Bibliothèque du voyageur, 1991	1991 Fr Uk G
Lisbonne; Anne de Tocqueville, MA guides, Paris MA éditions, 1991	1991 Fr Uk MA G
Lisboa, Guia completa para viajeros; José Pérez Gallego e Carlos de Hita (dir), Everest Guides; Grupo Anaya, S.A. e Touring Club Italiano, 1991	1991 Ep G
Le Portugal; Jose V. Adragão, Claire Cayron, Helène Gouby (coor), Paris, Edition F.L. Larousse, col. Peuples et Horizons, 1992	1992 Fr G_Z
Le Guide du Routard – Portugal; Philippe Gloaguen, Paris, Hachette, 1993 (1988, 1994, 2005)	1993 Fr Rou G
Cook's Guides Portugal; Lisbon, Frank Cook Ltd, 1994	1994 Uk G_Z
Portugal; Dominique Auzias et Jean-Paul Labourdette, Le Petit Futé Cuntry Guide, France, Nouvelles Éditions de L'Université - Dominique Auzias & Associes, 1995	1995 Fr G
Lisboa; Tim Jepson, Guias dois em um, Texto Editora, 1998	1998 Pt Uk G
Lisbonne; Pilar Alonso et Albert Gil, Espagne, Everest Editora, Lda 1998	1998 Fr Ep G
Escapada a Lisboa; Guides Michelin, Madrid, 1998	1998 Fr Ep E G
Lisbonne; Julia Wilkinson et Didier Férat, Lonely Planet, Melbourne, Oakland, London, Paris, 2001	2001 Fr Uk G
Le Fil Rouge Portugais: Voyages à Travers les Continents; P. Péroncel Hugoz; France, Petite Bibliothèque Payot, 2002 (2004)	2002 Fr GM
Lisbonne; Jean-Pierre Leger, Guides Autrement, Paris, Les Guides Culturels, 2003	2003 Fr GM
Lisbonne; Raphaëlle Vinon et Mélanie Le Bris, Cartovilles Gallimard, Paris, Nouveaux Loisirs, 2004 (2002)	2004 Fr G
Lisbon; Ndalo Rocha, Rio de Mouro, Everest, 2004	2004 Ep Uk G
Lisbonne City Trip; Dominique Auzias et Jean-Paul Labourdette (ed), Le Petit Futé Country Guide, Paris, 2000? (sd)	2010 Fr G

Outras abreviaturas

Bibliothèque Nationale de France	BN_Fr
Biblioteca Nacional de Portugal	BNP
British Library	BL_Uk
Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho	FNAT
Grand Tour	GT
Kraft durch Freude (Força pela Alegria)	KdF
Narrativa Histórica	NH
Primeira Guerra Mundial	I GG
Segunda Guerra Mundial	II GG
Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo	SNI
Secretariado de Propaganda Nacional	SPN
Sociedade de Propaganda de Portugal	SPP

Je veux ouvrir des choses qui n'ont jamais existé, comme la création d'un espace personnel. Cela relève du fantasme et de l'illusion, mais tout ce qui est possible vient des rêves et des espoirs. Ainsi, quand je conçois des idées, c'est comme si je concevais une vision de l'avenir. Pour moi, le temps est un concept étrange. Il n'y a que la pendule pour aller de une à deux à trois minutes. Dans notre esprit, passé, présent et futur sont mêlés.

Mariko Mori³, 1999



³ Artista plástica, texto retirado de entrevista sobre a sua obra “Future Perfect”, in New Art Examiner, vol. 26, n°4, 1998-1999.

Introdução

Lisboa tem sido consideravelmente noticiada pelas suas qualidades turísticas e incluída nos últimos anos em muitas colecções de guias turísticos internacionais. A Associação de Turismo de Lisboa anuncia, no seu *site*, que “Lisboa está no *top* de preferências turísticas na Europa enquanto melhor destino para visitar, em família, de lua-de-mel, ou para fazer férias no Inverno”. E enumera as várias distinções: a capital portuguesa foi destacada nas categorias “Melhor Destino de Férias no Inverno” (2.º lugar), “Destino mais Acessível” (2.º lugar), “Destino mais Acessível para Lua-de-Mel” (3.º lugar), “Melhor Destino para Visita” (6.º lugar), “Melhor Destino em Família” (10.º lugar) e “Melhor Destino de Lua-de-Mel” (10.º lugar). Estas distinções têm origem no *site* U.S. News Travel cujo *ranking* Europe Best Vacations elegeu Lisboa como um dos destinos europeus mais interessante nas categorias férias de inverno ou turismo de baixo custo.

A presente investigação procura analisar justamente a relação entre a cidade e a sua promoção como experiência turística a partir da perspectiva de guias ingleses e franceses, procurando fazer uma viagem no tempo recuando até ao momento em que Lisboa se fabricou como cidade metropolitana, na viragem do século XIX. Consideramos de particular interesse fazer a história dos modos como se foi constituindo como destino turístico para ingleses e franceses, dado o seu “sucesso” turístico internacional actual.

A cidade-metrópole e a prática social turística são dois fenómenos da modernidade emergente no século XIX, em ambos a dimensão simbólica evidencia-se no modo como cidade e turismo se foram materializando no decurso do século XX. De acordo com N. Thrift, encontramos-nos enquadrados sob o “dispositivo de segurança-entretenimento” (security-entertainment complex⁴) que se substituiu ao “dispositivo militar-industrial” (military industrial complex), no qual, a par da ampla presença quotidiana de sistemas e processos de vigilância, alimentados pela vivência de um estado de conflito generalizado, cresceu o sector de entretenimento que se tornou num elemento da vida quotidiana, entretenimento proporcionado pelas indústrias de lazer, entretenimento incorporado e reinventando constantemente experimentações espaciais” (N. Thrift, 2009: 12), de que a prática turística é uma das componentes.

⁴ Com origem na imagem do escritor americano de ficção científica Bruce Sterling.

A cidade de Lisboa é o meu objecto e objectivo quotidiano de trabalho como técnica de sociologia no município e sobre a qual tenho procurado reflectir num plano mais distanciado. Predominantemente centrado sobre as operações de reabilitação urbana dos “bairros históricos” da cidade, o meu trabalho prático levou-me a ponderar que, nos processos de reconfiguração (fabricação) daqueles bairros, se salientava a importância da instância da simbólica na escolha dos modelos e projectos urbanos. Identidades bairrais, conforto urbano, construções identitárias históricas, preservação patrimonial e atractividade turística têm sido os campos referenciais das operações de reabilitação urbana e se constituem enquanto campos de tensão entre grupos sociais, interesses económicos, correntes técnico-científicas e ideologias políticas urbanas. Aí se têm fabricado constelações de signos, a partir do “depósito” de vestígios patrimoniais, das culturas locais, da cultura histórica, da cultura urbana e artística, das modas de momento, cristalizados em símbolos, se apresentam enquanto imagens identitárias da cidade e têm servido amplamente para o usufruto turístico. De certa forma, este processo que ocorre nas políticas e operações de reabilitação urbana nos bairros antigos, simbolicamente configurados como históricos, também se desenrola no plano da fabricação da cidade.

Consideramos que o domínio do turismo, a cidade turística, se constitui como uma “janela” de observação da inferência da simbólica no fazer, saber-fazer da cidade. E no interior daquele domínio os guias turísticos apresentam-se como uma materialidade pertinente para a sua análise. Este é um documento impresso que desde o século XIX tem difundido condensações de cidades para fins de visita recreativa que possui um valor performativo, seguindo R. Chartier, B. Anderson e outros, que salientam a importância da difusão da escrita impressa como um campo aberto de possibilidades, alimentando, aumentando, recriando escritas, conteúdos, leitores e o objecto de que se fala – a cidade. A análise dos guias, no tempo histórico, permite destacar as constelações de signos, de imagens de cidade. Ou seja, quisemos olhar a Lisboa turística a partir de um dos seus campos específicos, os guias que a promoveram e promovem, considerando que a condensação de cidade que aí se encontra possui um valor indiciário e performativo sobre a cidade na sua multiplicidade de materialidade histórica.

Assumimos como problemática central a importância da produção discursiva sobre a cidade, seguindo Topalov (2009), Mondada (2000), G. Spiegel (1992) N. Thrift (2005) e outros, o seu valor de performatividade, a fim de destacar as representações, os clichés turísticos no caso e, de certo modo, as culturas urbanas latentes no corpo textual. Tendo em

atenção a tensão entre a performatividade e a instrumentalidade, inscritas na linguagem, a lógica social dos textos, seguimos a sugestão de G. Spiegel de um trabalho “de compreensão semiótica, que retivesse a função referencial dos signos (se bem que sempre arbitrários porque são convenções) como parte dos sistemas, socialmente moldados, da comunicação humana organizados na linguagem.” (G. Spiegel, 1992: 203 – 204) Ou, como afirma Thrift, “nomear uma cidade também se torna essa cidade através das práticas das pessoas que respondem a essas designações, interpretando-as; pessoas e cidades escrituram-se mutuamente.” (N. Thrift, 2005: 23-24).

Os principais pressupostos conceptuais e metodológicos procuram cumprir a exigência da enunciação do sujeito como o trabalho reflexivo sobre os dados, a fonte documental, caminho que não desemboca necessariamente na produção de verdades, ou argumento (factual) e contra argumento (contrafactual), mas os diferentes pontos de vista balizados no seu contexto de produção acerca do objecto de fundo em estudo — a cidade de Lisboa turística. Em parte, fizemos uma análise (viagem) de (por) Lisboa usando a atitude de B. Latour que, no seu livro *Paris, ville invisible* (1998), convida a olhar a cidade a partir de totalidades parciais. Do seu o ponto de vista, na cidade (no social) devemos ter atenção tanto ao fragmento (*oligopticon*) como ao(s) todo(s) (*panopticon*). Como refere, “Imaginem-se dois triângulos, um encaixado no outro; a base do primeiro, muito larga, fica mais pequena à medida que nos movemos em direcção ao ângulo agudo, é a perda; o segundo, invertido, torna-se progressivamente maior, quando nos deslocamos do ponto até à base, é o ganho. Se queremos representar o social, temos de nos habituar a substituir as duplas transferências de informações (de cima para baixo ou de baixo para cima) por cascatas de transformações. A Torre Eiffel, por exemplo diz Latour, o Elevador de Santa Justa ou o Castelo de S. Jorge em Lisboa acrescentamos, há muito que detém o papel de uma encenação da cidade como totalidade, vê-se em todo o lado, sintetiza a cidade do ponto de vista dos estrangeiros e também é um miradouro sobre o qual se pode ter uma visão icariana. Há muito que os turistas se apoiam nos seus guias para disporem de uma vista rápida e global, extraindo da multiplicidade alguns elementos típicos que resumem a cidade. Ela é atravessada por uma multiplicidade de totalidades parciais, que se acrescentam continuamente. Compreender ou possuir uma consciência do total só pode efectivar-se numa aquisição local incessante das multiplicidades dispersas. (B. Latour, 2006: 28;90)

A viagem por Paris, de Latour, é uma viagem sincrónica para descamar os estratos perdidos pelas visões totalisantes, urbanísticas ou sociológicas, esta viagem de Lisboa

propõe-se viajar no tempo do século XX para salientar as totalidades parciais fixadas nos guias turísticos. Latour destacou as singularidades em que ninguém repara ou que aparentemente permanecem escondidas, como o sistema de esgotos, nós aqui, procuramos a diversidade na aparente repetição dos clichés turísticos.

A investigação corresponde também a uma segunda etapa na reflexão sobre Lisboa a partir da equação acima enunciada, em que a “autoria” dos guias turísticos é um conceito fundamental, considerada o conjunto da casa editorial e os autores coordenadores dos próprios guias.

Em sede de mestrado desenvolvi uma investigação que visou destacar as Representações⁵ de Lisboa presentes nos guias turísticos de edição (autoria) portuguesa no século XX, no decurso do seu processo de metropolização até à actualidade. Os guias turísticos revelaram-se uma “janela” através da qual foi possível observar a produção portuguesa da cidade turística, o modo como ao longo do século, nas várias conjunturas sócio-históricas (Monarquia Constitucional – Regeneração, 1ª República, 2ª República - Estado Novo e 3ª República - Democracia) se foram formulando Imagens Turísticas que se cruzavam com as próprias políticas de “cidade” e culturas urbanas dos autores, inseridos nas mundividências de época.

Tratou-se de uma análise que obedeceu à compreensão do processo de metropolização de Lisboa através da noção de ciclo, para pautar o processo urbanístico da cidade, entre finais do século XIX e a actualidade, arco temporal no qual se estabeleceu o desenvolvimento de Lisboa como uma metrópole moderna, independentemente das suas arritmias, quando comparada com outras cidades capitais do mundo. Como refere Ascher, periodicamente constituem-se e aprofundam-se coerências de conjunto entre uma série de elementos sociais; coerências que formam o contexto activo das dinâmicas urbanas e das teorias sobre a cidade e o urbanismo que, observadas no tempo longo, se condensam em ciclos. Estabelecemos uma articulação hierarquizada entre os ciclos urbanos em sede de teorias urbanísticas (Ascher; 1998), e a sua expressão sócio histórica para Lisboa, atravessada por ciclos histórico-políticos. Periodização que conservamos na presente investigação, justamente para pautar as mutações urbanas de Lisboa, embora não ocorra uma correlação linear entre as imagens de promoção turística plasmadas nos guias de edição estrangeira e

⁵ Conceito sociológico com sede em Durkheim (1977; 1895) e Mauss (1985; 1950) e subsequentes revisões (Jodelet 1989), que visa as representações colectivas com base no senso comum, congregando valores amplamente partilhados acerca da cidade, da cultura, das artes, da sociedade em geral e do que se deve ver em viagem turística.

aqueles ciclos, como sucedeu com os guias de edição portuguesa, até porque estes tiveram origem predominante em organismos institucionais e desse modo submetidos a uma interferência política directa.

Este âmbito torna esclarecedor o papel da “autoria” nos guias turísticos. As mutações das imagens do destino turístico Lisboa reportam às mutações urbanas e histórico-políticas dos países de origem. Aspecto que se revelou de modo particularmente significativo nos guias editados após a II GG, justamente quando quer França, quer Inglaterra se encontravam em processos de renovação urbana acelerada, estimulando uma nostalgia por cidades “paradas no tempo” ou de “escala humana”, fora da standardização, termos aplicados com frequência para justificar a visita a Lisboa. Simultaneamente, o interesse crescente nos “bairros típicos” de Lisboa, por parte dos guionistas, interesse demonstrado desde cedo como uma das modalidades turísticas na experimentação da cidade, não terá sido alheio à moldagem dos bairros antigos da cidade como conjuntos patrimoniais, por parte das políticas urbanas, promovendo-os por sua vez como bairros “bastião” da singularidade de Lisboa.

A autoria portuguesa revelou só a promoção da cidade como destino turístico, do lado do lugar de acolhimento, a cidade falada pelo hospedeiro, a composição da cidade ao espelho, analogisamos nós. Em complemento, a produção guionista portuguesa revelou-se frágil, exceptuando o trabalho de Raul Proença, iniciado em 1924 com o seu Guia de Portugal, projecto interrompido pela ditadura do Estado Novo, mas continuado por Santana Dionísio, que concluiu a cobertura do país, um projecto que considerámos, se aproxima do projecto dos Guides Bleu, criado por A. Joanne na década de 60 do século XIX, o *Itinéraire Général de la France* (1862-1869).

A análise à autoria estrangeira, edições inglesas e francesas⁶, países originadores de práticas turísticas e guias, constitui o aprofundamento e o destaque do olhar do outro visitante, a cidade reflectida no espelho do Outro. O corpo de guias colectados abarca edições desde 1865 a 2010.

Abordamos com maior aprofundamento o contexto do surgimento do fenómeno social do turismo, o campo de debate teórico desta prática social. Procuramos associar a constituição

⁶ Inicialmente colectamos igualmente guias de edição espanhola, considerando essa nacionalidade igualmente pertinente, uma vez que se colocava do lado da oferta da região turística “Península Ibérica”. No entanto encontrámos poucos exemplares que permitissem configurar padrões, mantivemos ainda assim os guias encontrados que permitiram compreender melhor o comportamento ao longo do arco temporal longo.

de Lisboa como uma cidade de destino turístico, o seu lugar no mercado das duas nacionalidades, com as implicações do que representaram as cidades de Londres e Paris no surgimento das metrópoles modernas à entrada do século XX (e na actualidade), incorporadas nas experiências citadinas dos autores dos guias de Lisboa (Portugal), e nessa mesma medida, nos modos como falaram sobre a cidade. Pois, como refere Thrift, a visão dos viajantes é uma expressão da transitividade da cidade, estes transportam imaginários criados noutra lugar (as cidades de origem), recombinaos na visão da cidade visitada. (N. Thrift, 2005: 16)

A autoria guionista marca indelevelmente o ponto de vista das cidades que descreve, no caso português fortemente correlacionado com os valores e as ideologias dos regimes políticos e, no caso das duas nacionalidades, através das clivagens instauradas no mundo, turisticamente visitável, entre moderno e atrasado. Categorias de *típico*, *exótico* e *autêntico*, circunscritas ao Outro atrasado, fixado no passado, foram aplicadas aos bairros de Alfama e Mouraria em Lisboa ou às cidades da Índia⁷, num mesmo período editorial.

O outro âmbito que procurámos salientar corresponde à associação entre sociedade de lazer, sociedade de consumo e turismo. As duas primeiras, estabelecidas como categorias analíticas, têm servido para identificar a sociedade emergente saída do pós-guerra (II GG) e contudo a partir da análise do turismo, no arco longo de XX, percebemos que esse aspecto já se encontrava no campo dos debates sociais e políticos nos anos 30, nomeadamente com o surgimento do modelo e prática turística oriunda das sociedades com regimes totalitários, na Alemanha nazi, na Itália de Mussolini e em Portugal, Grécia e Espanha. Com essas modalidades de turismo destacou-se a importância dos tempos de lazer e consumo, iniciando os governos políticas no sentido de estabelecer garantias de acesso aos estratos sociais populares, mesmo quando o corpo ideológico dos novos poderes políticos se animava de uma forte crítica em relação ao individualismo e consumo, estimulados pela economia capitalista de feição liberal. (Kosher, Rudy J. 1991, 1998, Pires, Ema Cláudia, 2003; Barton, Susan, 2005); Christopher M. Kopper in J.K. Walton 2005; Semmens, Kristin, 2006; Kallis, Aristotle, 2009; Sánchez-Gómez, Luis Ángel, 2009; Monico, Reto, 2011; Pellicani, Luciano, 2012)

⁷ Referimo-nos ao estudo de Deborah P. Bhattacharyya (1997) que analisou o guia Lonely Planet _Índia, editado em 1981 e reeditado em 1993.

A investigação foi conduzida na confluência do conhecimento sociológico, antropológico e a história. Afinal a cidade é um palimpsesto, existia antes dos urbanismos dos séculos XIX e XX e como refere Lepetit: “Na cidade os elementos oriundos de diferentes épocas acumulam-se. Como por depósito, mesmo se não têm relação entre si, encontram-se próximos uns dos outros, num mesmo presente que os faz manter em conjunto. São as modalidades deste “manter em conjunto” no presente que é preciso tentar analisar e onde ocorrem as cisões passado-presente. Como diz, “é a prática social do momento que constrói o limite entre o passado e o presente, e que opera neste quadro, a redistribuição dos objectos sobre os quais a prática social se apoia. Os elementos urbanos, independentemente de terem vindo do passado, são do presente, até ao momento em que as práticas sociais do presente operarem a cisão passado presente, cisão essa accionada pela consciência do desajuste forma-função à qual obedecem, remetendo uma e outra a usos antigos. O edificado pode ser antigo, como diz, “mas não há aí passado, só um presente continuado de formas e usos. O vestígio começa com a inadaptação, com o fim das possibilidades de ajustamento. (Lepetit, 1995: 291)

A economia moderna, em expansão no século XIX, do nosso ponto de vista, abriu um desajuste entre a cidade antiga e as exigências modernas de circulação de pessoas e mercadorias com as novas velocidades, arrancando com as teorias (utopias) urbanísticas, com as ciências sociais e colocando os vestígios do passado como pontos de interesse turístico, para contemplar com o “touristic gaze”, uma nova prática social que ao longo do século XX se tornou aumentativa e um dos motes para a (re)criação e apropriação das e nas cidades.

Em Lisboa, na viragem do século XIX, pelo menos duas operações urbanísticas foram alvo de debates polémicos, as obras do porto de Lisboa e a preservação do bairro antigo de Alfama-Castelo⁸, em ambos o interesse de acompanhar os ritmos da modernização, os valores de higienismo a par de uma valorização turística e de um reforço de simbólica cidadina encontravam-se presentes.

⁸ Ver nomeadamente Ana Barata Martins, A ordenação do espaço litoral de Lisboa, 1860-1940.” In *Scripta Nova*, 2009 e o texto de Fiaho d’Almeida Lisboa Monumental, publicado na *Ilustração Portuguesa*, em 1906.

E ... como assinala E. Traverso, lembrando as duas metáforas de Krakauer para definir o historiador, a do Judeu Errante e o Exilado (o Estrangeiro - Simmel): Krakauer faz do historiador uma figura de extraterritorialidade. À semelhança do exilado, dividido entre dois países, a sua pátria e a sua terra de adopção, o historiador encontra-se clivado entre o passado que explora e o presente em que vive. É assim obrigado a adquirir um estatuto “extraterritorial”, em equilíbrio entre o passado e o presente. Enquanto passador extraterritorial, o historiador é devedor da memória, embora, por seu lado actue sobre esta, já que contribui para a formar e orientar.” (E. Traverso, 2012: 49-51)

Aqui a viagem fez-se na extraterritorialidade passado–presente, na extraterritorialidade nativo–estrangeiro e na interdisciplinaridade à volta de Lisboa. Uma interdisciplinaridade que, procuramos, fosse “menos uma troca de empréstimos e objecções, mas mais no estabelecimento de acordos entre o conhecimento produzido pelas diferentes disciplinas sobre a cidade o urbano e o turismo — em Lisboa.” (Lepetit, 1995: 16).

Organizámos a apresentação da investigação em três partes. Na primeira parte enunciamos os debates dos diferentes campos disciplinares que confluíram no objecto de análise: os estudos da performatividade das descrições de cidades, o turismo, o urbanismo e a fonte documental “guias turísticos”. Na segunda parte apresentamos o enquadramento de contextualização da cidade de Lisboa e do seu processo urbano, no arco longo do século XX, o *corpus* de análise e a sua contextualização sócio-histórica. E por fim, na terceira parte, o resultado da análise, i.e. a história de Lisboa nos guias turísticos de Ingleses e Franceses; os gostos turísticos aí cristalizados, a memória histórica de Lisboa que transmitiram, os territórios turísticos que recomendaram e como falaram deles, as singularidades urbanas lisboetas que realçaram; como viram os lisboetas (os portugueses); terminando com as principais Imagens Turísticas (clichés) que atribuíram a Lisboa durante o século XX.

Parte 1: O Campo dos Estudos de Cidade Através dos Guias Turísticos



1 - A cidade e o discurso

Focar a atenção sobre a cidade e o processo urbano através da interpretação dos discursos que sobre eles se foram fazendo, foi o âmbito de análise a partir do qual delimitámos o nosso trabalho.

A importância do lugar da linguagem e do discurso na compreensão das acções sociais foi colocada por Foucault em *As palavras e as Coisas* (1966). Como aí diz: “Existiu, durante toda a idade clássica, uma coerência entre a teoria da representação e as da linguagem, das ordens naturais, da riqueza e do valor. Essa configuração a partir do século XIX muda inteiramente; a teoria da representação desaparece como fundamento geral de todas as ordens possíveis; a linguagem como intermediário indispensável entre a representação e os seres, desvanece-se por seu turno; uma historicidade profunda penetra no cerne das coisas, isola-as e define-as na sua coerência própria, impõe-lhes formas de ordem que são implicadas pela continuidade do tempo.” (Foucault, 1966, 1988: 54-55)

Tendo então em conta o desacerto entre os discursos e a materialidade — da polissemia semântica transportada na linguagem — da sua historicidade de que fala Foucault, a “crise da representação”, tal como a coloca a Mondada (2000), recolhemos na linguista, que se tem debruçado sobre a importância das descrições de cidades, destacando-as como práticas descritivas com carácter performativo, participando na fabricação da cidade (Mondada, 2000:11) bem como o papel dado aos sistemas lexicais, as palavras em C. Topalov, “como traços e veículos das dinâmicas sociais que se inscrevem na cidade e na linguagem.” (Topalov, 2008: 2), investigador cujo trabalho sobre a história da disciplina de sociologia urbana se tem centrado, justamente, sobre o valor performativo da nomeação. Os discursos sobre a cidade, como tem vindo a ser argumentado em várias sedes disciplinares, não seriam apenas instâncias simbólicas sobre a sua materialidade, mas entrariam no próprio fazer daquela. Como refere Mondada: “as descrições das cidades possuem eficácias diversas de acordo com as perspectivas particulares dos enunciadores, no modo como as organizam e as fazem circular nas diversas redes. Descrições cuja performatividade varia de acordo com a materialidade na qual se inscrevem as escritas, a cristalização de imagens que são capazes de produzir ou os projectos de acção e intervenção em que participam” (Mondada, 2000: 2). N. Os geógrafos críticos N. Thrift e A. Amin reforçam a importância da nomeação das cidades, “em muitas circunstâncias as pessoas desempenham as configurações presentes nos discursos que dizem a cidade.

Pessoas e lugares escrituram-se, argumentam-se uns aos outros. As cidades são nomeadas através de uma multiplicidade de significações que confirmam ou subvertem os estereótipos que acerca delas se vão fixando, interiorizados em parte como quadro imaginário mas também como o real vivido dos indivíduos. (Thrift e A. Amin 2005: 23)

A nossa proposta segue essa linha de investigação, procurando por sua vez elucidar acerca do carácter performativo das narrativas turísticas presentes nos guias. Uma vez que os guias são um género textual que descreve cidades, pareceu-nos uma fonte documental particularmente pertinente para destacar as cristalizações que aí se plasmaram, com o objectivo de aferir da sua capacidade performativa para a concretização da cidade de Lisboa turística, i.e. a cidade que, ao longo do século XX, se foi constituindo para usufruto turístico.

1.1 - A cidade, um objecto de discurso

A maior parte dos investigadores nos quais procurámos um sentido síntese de cidade estão de acordo com a sua complexidade e incapturabilidade a um campo significativo.

Álvaro Domingues (2008) considera que não se deve insistir no uso da palavra cidade, muito menos na dicotomia cidade/campo, ou do urbano como único referencial. O que habitualmente se identifica como urbano, é afinal polissémico, multi-escalar e responde simplesmente a modos dominantes da territorialização contemporânea da sociedade. Transgenia, percolação e hipertexto são noções que o geógrafo A. Domingues convoca, para traduzir os processos contemporâneos de urbanização e as paisagens que se desenham, e que identifica como urbanização extensiva. A socióloga F. Choay, que estudou a emergência das novas teorias do urbanismo (XIX), chama a atenção para a diferença entre urbanização e cidade. Esta, “como referente e unidade indissociável de uma comunidade social e de um espaço discreto, já não existe”. (F. Choay, 1985:12). Posição que A. Melissinos sustenta igualmente, ressaltando contudo que os actuais centros históricos das cidades, as europeias em particular, embora representem apenas 1% a 2% dos seus territórios⁹, continuam a identificar o urbano e a dar-lhe um “rosto”. (A. Melissinos, 2001: 86-89). Por sua vez os urbanistas Soja e Ascher, focalizados nos modos actuais de ocupação territorial, reidentificam as cidades a partir dos conceitos de

⁹ O centro histórico de Lisboa corresponde a cerca de 0,3% do território da Região metropolitana e cerca de 10% dentro do território administrativo da cidade.

*postmetropolis*¹⁰ e *metápoles*¹¹, respectivamente. (E. Soja in *Imagining Cities*, 1997: 20 e F. Ascher, 1998: 21). Os autores consideram, contudo, que as novas formas de organização espacial se têm sobreposto às antigas estruturas, articulando-se com elas, englobando-as, sem que aquelas tenham desaparecido.

Na verdade, desde os anos 60, com a Carta de Veneza¹², os tecidos urbanos antigos passaram a ser entendidos como “objectos patrimoniais”, que os especialistas e as várias entidades responsáveis pela governação das cidades têm procurado proteger. F. Choay e Melissinos, reconhecem que aqueles possuem um valor propedêutico no campo do urbanismo. A cidade antiga “age como manifesto que fornece às práticas o contra-modelo crítico de que dispomos para observar os nossos actos e elaborar novas figuras do urbano, reconhecendo aí dois universos morfológicos: a cidade e a urbanização.” (Melissinos, 2001: 86-89; F. Choay, 2000:219)

Em síntese, a cidade pensada como “em desaparecimento no momento em que mais se fala dela” (Choay 1985), (re)identificando-a a partir de outras designações (pós-metrópoles ou metápoles, Soja e Ascher), falando dela através do recurso analógico de outras escalas espaciais (G. Cordeiro: 1997: 322 e A. F. Costa: 2000), explicitando a sua capacidade simbólica (L. Mondada, 2000: 1), metaforizando-a como palimpsesto (T. Salgueiro, 2001: 213), reforçando a sua capacidade como significante e contramodelo crítico para as novas figurações do urbano (A. Melissinos: 2001 e F. Choay: 2000), e mesmo como territórios transgênicos, misturando “genes” de vários modelos de urbanização e organização económica (A. Domingues 2008), permanece como referente, mesmo que para a analisar a partir de perspectivas específicas, contendo uma dimensão de emblema unificador.

Embora se tenham constituído rupturas entre o quadro espacial de vida das populações e a cidade, como o referente que o convoca e identifica, com o surgimento de novas designações produzidas pelos urbanistas, esta continua a possuir um poder simbólico de referente e identificação, tendo sido naquela plasticidade que situamos a imagem de cidade produzida nos guias. Citando N. Thrift e A. Amin, embora a cidade se encontre em todo o

¹⁰ Conceito que Soja usa para identificar a nova metrópole na segunda metade de XX, após transformação de Los Angeles. Ver pag 19 e seguintes de *Imagining Cities*, 1997

¹¹ Conceito que Ascher considera como identificando um novo tipo de aglomeração urbana que se desenvolveu sobre as antigas grandes cidades metropolitanas, decorrente do desenvolvimento dos transportes rápidos, da globalização e se sobrepõe à cidade. “Conjunto dos espaços cujo todo ou parte dos habitantes, actividades económicas ou dos territórios está integrado no funcionamento de uma grande ou de um conjunto de grandes cidades.” Ver p 16-115 *Metápoles*

¹² Carta de Veneza, elaborada durante o II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos, realizado em 1964.

lado e em tudo, dada a escala da urbanização, aquelas continuam a ser lugares distintivos (N. Thrift e A. Amin, 2005:1), Lisboa pode estender-se até ao Cacém e contudo o centro urbano do Cacém não é a cidade de Lisboa.

Ressaltamos a história como uma componente importante para a compreensão da cidade. Lash e Urry (1994) defendem que tempo e espaço são recursos que podem ser manipulados e explorados de acordo com as forças sociais dominantes. Nesse sentido, “as cidades não são “inventadas” pelas espacialidades mas pelo tempo, e cidades concretas terão diferentes concepções do tempo ligado a um passado historicizado, que pode ser reinventado em conjunturas históricas particulares, como ocorreu nos planos de Berlim e Roma em 1930, como se refere em *Imagining Cities*, (1997:7-12), ou em Lisboa em 1940.

F. Choay e A. Melissinos concordam que perante o estado de urbanização actual, que coloca em situação de crise¹³ as cidades históricas (com acento nas cidades europeias), a compreensão da longa sedimentação das cidades antigas poderia agir como papel propedêutico para as novas propostas urbanas. Assim, segundo Choay, “a competência de edificar¹⁴, no tempo da mundialização, que é também o da protetização¹⁵, deve merecer toda a nossa atenção. Renovar espaços de vida com a competência de articular, que ao longo dos milénios contribuiu, com um mesmo movimento, para fixar os homens ao meio natural a que pertenciam enquanto seres vivos e fazê-los recomeçar sempre a instituição da sua comunidade, é uma opção válida.” (F. Choay: 2000: 224)

Melissinos, por sua vez, afirma que “As cidades são feitas da imensidade de edifícios comuns, da sua continuidade, do seu ajustamento e articulações complexas, negociadas no decurso do tempo. É essa espessura e acumulação de sedimentações que fazem a cidade e formam um sistema em que edifícios comuns e extraordinários se articulam e formam um sentido. (A. Melissinos, 2001: 86-90)

¹³ F. Choay, num artigo publicado em 2002, retoma a crítica do impacto da urbanização extensiva e da protetização de que se tem acompanhado a economia global que musealiza os centros históricos, a cidade antiga e coisifica o património histórico e urbano, limitando-o ao seu valor económico, impedindo o seu papel referencial da identidade local das comunidades. Refere nomeadamente o trabalho de reabilitação dos bairros históricos e pobres de Lisboa, como um processo em contra ciclo, reforçando-se aqui o laço das comunidades dos bairros.

¹⁴ Conceito usado por F. Choay, em analogia com a competência da linguagem, para dar conta da atitude, cuja lógica se opõe à da ramificação, de dispor os seres humanos no espaço terrestre e na duração, tradicionalmente posta ao serviço das cidades e dos traçados dos caminhos e vias de circulação e contribui para fundar e refundar a relação dos humanos com o mundo natural. Ver F. Choay, *A Alegoria do Património*: 219.

¹⁵ Protético é um conceito utilizado por F. Choay para dar conta da multiplicação das mediações e dos écrans que a utilização das novas próteses introduz entre os homens e o mundo, bem como os homens entre si. Ver F. Choay, *A Alegoria do Património*: 213.

Gostaríamos de salientar que a história de Lisboa que nos propusemos fazer é a das palavras que sobre ela se disseram, num campo muito particular dos discursos – os guias turísticos – e numa temporalidade muito precisa, o seu processo de metropolização. Aceitámos em sede de outros estudos (J. A. França, M. Pinheiro, R. H. Silva, T. B. Salgueiro, J. Gaspar, I. Moita, S. Lobo, V. M. Ferreira, F. Costa, G. Cordeiro, F. Vidal, T. Saraiva, J. M. Fernandes e outros) a delimitação daquele processo nos vários períodos de urbanização marcantes que ocorreram entre fins de XIX e durante o século XX. A linguagem é uma materialidade que expressa valores sociais e encontra-se imersa no tempo. A análise na diacronia permitiu visualizar cristalizações de Imagens de cidade, com valor de linguagem de senso comum, que acompanharam as mudanças sócio-históricas da cidade e nesse sentido, também da sociedade portuguesa.

A perspectiva aberta por Mondada (2000) de equacionar as questões da cidade a partir da análise textual surgiu-nos como um campo de abordagem particularmente pertinente. Como refere a autora, a língua, os discursos, não são uma entidade neutra, transparente que enviaria directamente ao referente, o objecto em questão, mas antes se encontram situados em contexto, social e histórico. A autora elege a condição de “descritividade” das acções sociais, “o carácter auto-descritivo das actividades sociais”, (recorrendo ao conceito de *accountability*¹⁶ em Sharrock & Watson, 1990), como conceito central para perspectivar as descrições, “que não reenviam a uma realidade externa, mas ao modo como o actor se confronta, gere, mantém e transforma a realidade social. Através da descrição são os modos de produção da descrição que se tornam disponíveis: é uma forma que reenvia ao seu modo de organização e da acção na qual está imbricada” (Mondada, 2000: 24-26).

A focalização na importância das descrições e a atenção para os processos de organização e categorização das descrições foram para nós princípio orientador a fim de analisar os guias turísticos de Lisboa enquanto tipo textual, para a sua caracterização geral, procurando, através de um trabalho de recontextualização, encontrar “os processos de estabilização e desestabilização, de fixação e transitoriedade” dos modos de organização dos guias na descrição de Lisboa no decurso de XX. (Mondada, 2000: 159)

Apesar da pertinência dessa abordagem, neste trabalho seguiu-se um outro caminho para destacar as “Imagens” latentes nos guias turísticos. Embora consideremos de todo o

¹⁶ A noção de *accountability* permite, de acordo com a autora, perspectivar a articulação entre a acção e a descrição de modo não imediatamente correspondente. Aquela noção de acordo com o dicionário Oxford remete para o carácter de responsabilidade (fiabilidade) implicado na apresentação de explicações.

interesse os modos de organização da espacialidade nos textos, aqueles não nos reenviavam à visualização de imagens de cidade, mas a modelos de percepções espaciais, como aliás é propósito da autora. Insistimos por isso na importância dos conceitos de imagem e representação social para reter as imagens nos textos dos guias, sabendo que os modos de apreensão espacial aí se encontram igualmente presentes; a cidade implica sempre uma certa organização e hierarquização do espaço. Contudo interessou-nos a apreensão dos valores gerais de cidade nessas imagens.

Em síntese, como se colectaram guias que acompanharam o século XX, a cidade falada nos guias foi igualmente a cidade atravessada pelo processo de urbanização, metropolização e reconfiguração metapolitana, aceitando desde já esses marcos como as configurações significativas, consensuais nos urbanistas e outras áreas disciplinares do urbano, para sintetizar a alteração que o território da cidade foi tendo naquele período, de que falaremos em capítulo próprio.” (E. Gonçalves, 2008)

2 - A cidade, o urbanismo e o turismo

Um dos atributos que a historiadora Catherine Cocks assinala acerca dos guias turísticos é a sua capacidade para agregar, ficcionalmente, a cidade como um todo. “Through guidebooks, tour promoters emphasized that tourists could sense the city as an organic whole rather than a collection of many disparate locales and, with the help of mass transit lines and special “seeing-the-city cars,” simplified the city into a set of identifiable landmarks.” (Catherine Coks, 2001 : 261)

E esse é um aspecto que queríamos ressaltar, pois na mesma medida em que as cidades se transformam em sistemas urbanos abertos, espaços densa e complexamente ocupados, a sua apreensão pelos indivíduos (residentes, trabalhadores, visitantes ...) torna-se mais difícil. Os guias de cidade, de várias naturezas, como guias de moradas, guias de transportes, etc. surgiram durante o processo de metropolização das cidades em XIX, justamente pela complexidade da sua gestão, actuando como auxiliares na leitura e orientação no espaço citadino, de aprendizagem efectiva da própria cidade metropolitana. Os guias condensam e organizam um modo de leitura das cidades que na experiência quotidiana surgem de modo fragmentado.

Ou como afirma o historiador urbano Lepetit (1992), “La ville est un phénomène de très longue durée, «un conservatoire temporel»¹⁷. [Elle] est un phénomène total qui mêle tous les niveaux de la réalité: économique, social, politique, culturel. Une lecture totalisante, comme affirme l'être l'analyse historique, risque de mieux prendre en compte l'effet des inter-relations.” (Lepetit, 1992: 4)

Existe uma relação estreita entre o turismo e as cidades, a deslocação para fins recreativos até às grandes cidades, nomeadamente as cidades-capital, desde cedo constituídas como um destino turístico. As cidades oferecem condições que reúnem acessibilidade, capacidade de alojamento, atractividade e uma forte concentração de património, com a sua “animação” no domínio dos eventos urbanos. (A. Bourdin, 2005 e outros)

Um dos motores fortes de viagem turística até às cidades durante XIX foram as Exposições Universais e Internacionais, que ocorreram com predominância nas cidades capital (Londres, Paris, Viena, Berlim ...). E ao mesmo tempo a organização das Exposições foi igualmente motor de operações urbanas que contribuíram para a reconfiguração da

¹⁷ Conceito emprestado a J.C Perrot (1970)

organização das próprias cidades. As Exposições foram (e são) momentos de materialização de utopias de sociedade e de cidade, cidades efémeras dentro da cidade real e que deixaram elementos urbanos com carácter permanente e de valor simbólico forte na paisagem citadina, escolhas culturais marcadas pelo contexto político e “naturalizadas” como identitárias da cidade. Foi o caso da Torre Eiffel (1889), um projecto republicano, transformado em símbolo da modernidade e progresso francês. (Evelyn Cohen, 1999:14)

Este facto continuou no século XX, apesar das diferenças substanciais do papel que as Exposições detinham em XIX — principal meio de difusão das novas invenções e tecnologias industriais — e o seu entendimento enquanto Mega-Eventos durante a segunda metade do século XX. Como afirma M. Roche: “Mega-events served nation building and national culture, identity and citizenship construction functions for both elites and publics in early modernity, and these functions survive down through to the contemporary ‘late modernity’ period.” (Maurice Roche, 2003:104-106)

A Exposição Internacional de 1937 em Paris, Artes e Técnicas na Vida Moderna, realizada num contexto do ascenso dos “totalitarismos europeus” e durante a guerra civil de Espanha, foi a última ainda com a intenção de divulgar as grandes novidades tecnológicas. A difusão dos *media* e dos novos sistemas de venda “grandes armazéns” esvaziaram esse objectivo das Exposições, tornando-as sobretudo eventos de diversão e reforço simbólico das cidades e países, condensando sobretudo o seu interesse turístico. (Evelyn Cohen, 1999: 163)

Lisboa foi “palco” de Exposições que tiveram sobretudo alcance nacional na primeira metade de XX: Reconstituição da Lisboa Antiga em 1935 (em frente a S. Bento, mas também Praça do Comércio), Exposição do Ano X da Revolução Nacional, em 1936 no Parque Eduardo VII, Exposição Histórica da Ocupação no Parque Eduardo VII em 1937, a Exposição Histórica do Mundo Português em 1940 em Belém. Na segunda metade, em 1983 a XVII Exposição do Conselho da Europa, 1994 Lisboa, Capital Europeia da Cultura e em 1998 Exposição Mundial dos Oceanos, abriram a cidade ao conhecimento dos europeus as primeiras e, à escala mundo, a de 1998. As Exposições de 1940 e de 1998, bem como os eventos de 1983 e 1994, deixaram marcas urbanísticas e reforçaram espaços de usufruto turístico, nomeadamente a Expo 1998, que no fim de XX introduziu um novo espaço de consumo turístico, mas também um novo tecido urbano, uma nova cidade. Tomando como indicador a produção de guias turísticos de origem estrangeira podemos considerar que na consequência de outros impactos, como a democratização do país a

realização da Exposição de 1998 foi um acelerador para o reconhecimento de Lisboa como destino turístico no campo editorial.

Elegemos três domínios que se destacam na articulação entre a cidade e turismo no decurso dos processos de transformação das cidades entre os finais de XIX e a actualidade: a importância crescente da componente recreativa, o carácter de motilidade¹⁸ cada vez maior das populações citadinas e por fim a grande diversificação social e cultural daquelas, emprestando espessuras de cosmopolitismo e multiculturalidade no espaço da cidade, i.e. a coabitação de grupos sociais familiares e estranhos entre si.

Mathis Stock chama a atenção para a crescente turistificação das cidades, ou seja, da produção dos espaços urbanos a partir do estímulo das actividades recreativas.

No caso da entrada do turismo como um elemento central no dinamismo citadino e de urbanismo, o primeiro destaque centra-se sobre a importância dos conjuntos histórico-patrimoniais, os centros históricos nas cidades, elementos de importância chave nas estratégias de urbanismo e que no mesmo movimento de salvaguarda visam o seu usufruto para turismo. Estes, em particular na década de 80 de XX, debaixo do espírito de “nostalgia sobre o passado” tornam-se um espaço de experimentação de urbanidade, uma urbanidade extratemporal, tanto mais quanto o crescimento metropolitano suprimia o *espírito do locus* (F Choay, 2000) sobre o papel propedêutico dos tecidos orgânicos antigos; A. Bourdin 2005)

O segundo elemento refere-se à criação de eventos, como festivais, acontecimentos culturais, desportivos ..., uma prática que se iniciou em XIX com as Exposições e Feiras, como referido, e continuou durante todo o período de XX até à actualidade, com todo o conjunto de festivais e numa grande diversificação de ofertas.

Um terceiro elemento que fomenta a visita e actividade recreativa nas cidades é a presença de elementos figuradores de valores de modernidade como a arquitectura espectáculo.

No caso de Lisboa o acontecimento da Exposição do Mundo Português reforçou dois espaços na sua vocação turística forte: Belém-Jerónimos e Castelo-Alfama. Estes lugares já eram alvo de interesse turístico, mas a sua reconfiguração imagética pelo regime do

¹⁸ Termo a esclarecer mais à frente.

Estado Novo, pautou esses lugares na cidade e dotou-os com mais “equipamentos”. A ideia de um “centro histórico” para usufruto turístico teve um reforço na década de 80 de XX com a pedenolização da Rua Augusta a par da passagem dos Bairros “Populares” de Alfama, Mouraria e Bairro Alto, ou a nobilitada (e terciarizada) Baixa Pombalina-Chiado a “bairros com interesse histórico patrimonial”, já na década de 90 de XX.

Como refere Antónia Casellas, existe uma forte correlação entre a criação de eventos recreativos e as operações urbanísticas, mesmo quando o retorno económico não ocorre, como aconteceu com a realização das Exposições de Barcelona (World Fairs de 1888 e 1929) onde se deu uma importante renovação urbanística, apesar do insucesso económico: ” The urban history of Barcelona illustrates how the landscape of a fashionable city is the result of urban planning in conjunction with many social, economic, and political events that often produce unexpected results.” (Antònia Casellas, 2009 : 815-833)

No caso da importância dos centros históricos como uma atracção turística das cidades, Ashworth and Tunbridge (2000) desde a publicação em 1990 do livro “The touristic-historic city ” que chamam a atenção para o efeito da patrimonialização das cidades históricas como um efeito amplificador destas enquanto destino turístico. Os autores relembram, na senda dos estudos sobre a patrimonialização dos tecidos urbanos (Choay, 1982) ou do turismo (Boyer, 1972), que as cidades foram lugares de destino para fruição estética da arte clássica, estabelecendo-se, desde então, campos de valores importantes como o valor da monumentalidade histórica urbana, o gosto das viagens recreativas e a clivagem Norte-Sul, separando “consumidores” de património histórico urbano, as elites do Norte da Europa, e as cidades mediterrânicas, lugares de “depósito” de ruínas históricas milenares. M. Stock (2006), membro da Équipe MIT (Mobilités, Itinéraires, Territoires)¹⁹, que desde os anos 90 retiveram o turismo como o seu tema de investigação central, chama a atenção para a constituição da marca (branding) “cultural heritage²⁰” como um importante slogan na difusão do turismo urbano.

Sabine Marshal (2012) destaca o interesse crescente do *turismo nostalgia* que associa à crise de memória da modernidade tardia.

A cidade de Lisboa, no plano da promoção turística através dos guias de edição inglesa e francesa, um fragmento do cliché oriundo dos “turistas do Norte”, tem-se configurado

¹⁹ Equipa de investigação da universidade Paris 7-Denis Diderot, cujos resultados foram publicados sobre a coordenação de Rémy Knafou entre 2002 e 2011, Équipe MIT Tourismes 1, 2 e 3.

²⁰ Papel amplamente potenciado pela intervenção de um actor global como a UNESCO.

como uma cidade de experimentação do passado, diga-se do passado das cidades modernas metropolitanas e desenvolvidas do mundo ocidental.

No decurso de XX o papel da recreação na dinâmica da cidade tornou-se crescente e simultaneamente, a sua presença nas cidades acaba por se constituir num contributo para a urbanidade, como refere Stock: “Tourism and recreation are essential for contemporary European cities and have to be considered as central to urban studies. Practices and economic activities, as well as the “gaze” (Urry, 1990) – the perspective/direction of the interpretation scheme of individuals, entrepreneurs, legislators and municipal leaders – of space, be it urban or not, is informed by recreation. The quality of urbanness largely depends on the presence of tourists, of tourist-related business and of images informed by tourism. A “real” city – a place defined by a certain quality of urbanness – is essentially defined by its touristic quality.” (M. Stock 2006 : 1-19)

A motilidade crescente das populações citadinas é o segundo aspecto que, consideramos, liga a cidade, o urbanismo e o turismo. Escolhemos a palavra motilidade por nos parecer dar conta da fluidez que se instalou na relação entre os indivíduos e os espaços de residência, de trabalho e de lazer, fluidez que atinge o seu máximo nas “global cities” e grupos sociais (a nova classe média-alta²¹) ligados à cultura urbana globalizada. Embora não seja usada pelos estudos de mobilidade, retomamos aqui o fluxo de acções presentes na motilidade, a partir da discussão de Marcuse sobre o conceito hegeliano *motility*: “becoming and having-become; proceeding from ...; going over into ... and return to [self].” (Marcuse; 1987:77)

N. Thrift e A. Amin (2005: 42) consideram a mobilidade (a sua transitividade e porosidade) uma característica importante das cidades actuais, aglomerações extraordinárias de fluxos, movimentos de pessoas, na base de múltiplas comunidades, e múltiplas maquinarias / redes de comunicações.

Pode considerar-se que desde a expansão da rede ferroviária em XIX, e marcou um modo de deslocação turística, a diversificação e sobretudo a velocidade de deslocação dos meios de transporte do pós-guerra, permitiu uma maior mobilidade dos indivíduos e a sua extensão a um maior número de segmentos sociais.

²¹ Ideia presente em artigo de F. Carreira da Silva, Antónia Ramirez e Mónica Vieira, Cidade e Cidadania, 2008: 295-315.

A fileira turística do city break, que surgiu com alguma pertinência nos últimos anos de XX e sobretudo na actualidade, reflecte a nova forma de motilidade, tornando as cidades lugares de fluxos permanentes de pessoas, como refere Thrift: “every place is regarded as a knot tied from the strands of the movements of its many inhabitants, rather than as a hub in a static network of connectors.” (N. Thrift, 2006: 142)

M. Stock e E. Boutouyrie, ambos investigadores na Équipe MIT, cujo trabalho multidisciplinar se centrou na temática do turismo e o seu impacto na territorialização e planeamento urbano, à escala internacional, destacam dois âmbitos que nos ajudam na articulação entre cidade, urbanismo e turismo. M. Stock chama a atenção para a provisoriedade residencial cidadina. Crítica o facto dos urbanistas e analistas sociais terem dado quase exclusiva importância ao enfoque nos residentes, considerando aqui os moradores apreendidos enquanto “comunidade de vizinhança e longo enraizamento bairral”, quando na(s) metrópole(s) os fluxos de indivíduos se faz entre moradores, trabalhadores, estudantes, turistas, imigrantes ... gente que se instala provisoriamente, ou por outra, que não faz da cidade um lugar final nas suas trajectórias de vida. Como refere, a sociologia urbana esqueceu-se do “estrangeiro” a figura que Simmel destacou da metrópole moderna: “cohabitation in cities in a world of mobile individuals, where residents of a given city are the temporary inhabitants of other cities, and, vice versa, cohabit with residents of other cities as temporary inhabitants in their “own” city. (...) The European city becomes a “place of projects,” of mobile and geographically plural individuals. It constitutes a challenge for urban politics.” (M. Stock 2005 : 1-19)

E. Boutouyrie (2005) relembra a importância dada às figuras móveis do século XX, a figura do *estrangeiro*²² de Simmel (1908) e o *turista*²³ em Hans Magnus Enzensberger (1958), figuras simbólicas, especialmente referenciadas, símbolos da ruptura da modernidade e do desenvolvimento industrial, figuras que expressam a fluidez no espaço. Na sua última revisão do *Tourist Gaze* Urry relembra as figuras que metaforizam a fluidez dos tempos pós-modernos de Baumann: “o vagabundo, o nómada sem itinerário, e o turista, para quem o mundo é uma ostra.” (Urry, 2011: 28)

²² Simmel identifica o Estrangeiro com o indivíduo móvel, (the potencial wanderer), aquele que, embora ainda não se tenha movido, possui contudo a liberdade de se mover (ir e vir).

²³ Enzensberger identifica o Turista com o burguês que foge à prisão cidadina industrial em busca do prístino, *the untouched*, uma vitória de Pirro permanente.

Por fim importa ainda relembrar a maior diversificação social e cultural das populações residentes nas metrópoles e a presença nas cidades do par estranho-familiar, associados à prática turística.

De facto a cidade não se coloca como um todo familiar para os nativos (residentes), i.e. enquanto lugares de identificação única. A Lisboa-metrópole permite que se criem instantes de extra quotidianidade aos residentes, que se tornam turistas na cidade onde residem. E embora existam momentos de identificação comunitária, como por exemplo as “festas de Lisboa”, onde se cria extemporaneamente um momento de comunhão lisboeta²⁴, a cidade é socialmente heterogénea, a figura do “outro estranho”, de busca turística, ocorre em muitas circunstâncias para os “nativos”. E nas últimas décadas têm-se desenvolvido “visitas turísticas” aos bairros considerados “como etnografáveis” pela sua multiculturalidade ou saturação de etnicidade como é o caso em Lisboa do bairro da Cova da Moura ou o Intendente - Mouraria. A cidade permite a simultaneidade de vivências familiares e rotineiras com vivências extraordinárias, o que M. Stock identifica como práticas recursivas (associadas ao trabalho) e práticas extraordinárias (associadas à ruptura com o quotidiano) abrigando múltiplos modos de habitar. “D’un «mode d’habiter poly-topique» (ou poly-chorique), à multiples lieux pour des habitants mobiles des sociétés contemporaines. Que devient alors l’habitat, investi pour des projets, par définition temporaire? Les lieux géographiques deviennent, dans une société à individus mobiles, des lieux de projets, à significations simultanément multiples.” (M. Stock, 2005 : 6)

Ou como sintetizam R. Pié Ninot e J. V. Claret: “Our cities are now the first tourist destiny for their own inhabitants, as well as any activity — economic, social, cultural, religious, etc.— is able to become a tourist attraction. In the urban society of the twentieth century dichotomy city vs. countryside has disappeared, as well as industrial city vs. tourist territory.” (R. Pié Ninot e J. M Vilanova Claret, 2012)

²⁴ D. Melo (2001: 278 - 290), A. Firmino Costa (1999: 156-157) e G. Índias Cordeiro (1997: 231-232) abordam este processo de construção identitária lisboeta, historicamente estabilizada em 1932, um período particularmente significativo na construção de figurações simbólicas lisboetas, personalizada em Leitão de Barros, que cenarizou um modelo o qual se tem revelado de particular plasticidade, na forma como tem continuado no decurso do tempo e das mudanças sócio-históricas.

3 – O turismo, os estudos históricos e o caso de Lisboa

O turismo não tem sido um âmbito de estudos muito trabalhado no campo disciplinar da história, diz John K. Walton (2005: 1-2) considerado um tema frívolo, intangível, de difícil aferição quantitativa e mesmo qualitativa, em grande parte por não possuir um corpo bem delimitado de arquivos oficiais (formais legais) de longa tradição e por exigir uma variedade de abordagens metodológicas.

O estudo dos fenómenos do turismo tem-se centrado seja nos impactos culturais e económicos da actividade turística, mais acentuadamente na segunda metade do século XX, e em áreas disciplinares que incluem a antropologia, geografia, sociologia, o urbanismo e o marketing ou estudos culturais e literários, estes últimos centrados sobre a literatura de viagem e o guionismo, género textual particularmente pertinente para o estudo da constituição de estereótipos.

O ensaio do escritor H. M. Ezensberger, “The Theory of Tourism”, publicado em língua alemã em 1958, pode considerar-se um texto seminal que coloca o tema do turismo como um fenómeno histórico e social, texto no qual se encontram algumas das principais problemáticas que atravessam os estudos sobre o turismo, como a sua ligação histórica ao Grand Tour, a questão da procura do “Autêntico”, na base do espírito dos escritores-viajantes românticos, como Byron, a prática turística como um “escapismo” ou a clivagem entre turistas e viajantes versus turismo de massas.

A “reflexividade do turismo”, como identifica J. Urry (2001²⁵), surge na década de 60, considerando como marco a publicação de algumas investigações e revistas académicas que deram visibilidade aos estudos sobre o tema, seja em língua francesa, inglesa ou alemã. No campo da geografia Georges Cazes publicou *Le tourisme à Luchon et dans le Luchonnais*²⁶, em 1964, procurando a partir daí reflectir no campo (em termos) interdisciplinar a temática do turismo. O artigo de Erik Cohen “Toward a Sociology of International Tourism” editado na revista *Social Research* - volume 39, nº1 - em 1972, procura contribuir com uma abordagem sociológica reflexiva ao fenómeno do turismo²⁷. O

²⁵ Comunicação apresentada na Cityscapes Conference Graz November, 2001

²⁶ Vivian Robert, in “Cazes (Georges). — *Le tourisme à Luchon et dans le Luchonnais*”. *Revue de géographie alpine*, 1965, vol. 53, nº 2, pp. 343-344. E R. Amirou in “Tourisme et souci de l’autre, en homage à G Cazes”, Harmattan, 2005:5-8

²⁷No mesmo artigo E. Cohen considera que as obras de Hans-Joachim Knebel “*Soziologische Strukturwandlungen im modernen Tourismus*”, publicado na Alemanha em 1960; de J. Dumazedier “*Vers une civilisation du loisir?*”, publicado em França em 1962 e o livro do historiador Daniel J. Boorstin *The Image*,

livro *Le Tourisme* de Marc Boyer, editado em 1972, explora o turismo do ponto de vista da sociologia, geografia e história. A revista *Annals of Tourism Research*, publicada pela primeira vez em 1973, sobre a coordenação do antropólogo Jafar Jafari (USA), tornou-se um espaço de reflexão académica do Turismo na área das Ciências Sociais, agregando investigadores de todo o mundo das diferentes áreas disciplinares, com um certo enfoque na antropologia. Dean MacCannel editou, em 1976, *The Tourist. A new theory of the leisure class*. A antropóloga americana Valene Smith editou, em 1977, um conjunto de trabalhos²⁸ orientados para o papel e os impactos do turismo nos contactos culturais, *Hosts and Guests, the Anthropology of Tourism*. Nos anos 90 surgem algumas obras de referência, em 1990 *The Tourist Gaze* de John Urry e em 1991 *L'Idiot du voyage. Histoires des touristes*, de J. Didier Urbain.

Ainda no âmbito das ciências sociais, nos anos 90, na universidade de Paris 7 Denis Diderot, surgiu um centro de investigação *Mobilités, Itinéraires, Territoires (Équipe MIT)*, coordenado pelo geógrafo Knafou que desde então publicou três volumes, reunindo o conjunto de investigações efectuadas nesse laboratório, como já atrás foi mencionado.

A obra *La roue et le stylo. Comment nous sommes devenus touristes* de Catherine Bertho Lavenir, publicada em 1999, é uma investigação histórica que inclui o turismo no seu campo de análise. Nos Estados Unidos Catherine Cocks publicou, em 2001, *Doing the Town. The Rise of Urban Tourism in the United States, 1850-1915*. Rudy Koshar é outro historiador que desde os anos 90 se interessa pela história do turismo, nomeadamente da história dos guias turísticos, *German Travel Cultures 2000*, *Histories of Leisure 2002* são obras que analisam historicamente o turismo. A International Commission for the History of Travel and Tourism (ICHTT)²⁹ foi criada em 2001, por ocasião de uma conferência cujo tema foi justamente "Tourisms: Identities, Environments, Conflicts and Histories."³⁰ Na sequência foi criado o *Journal of Tourism History*, coordenado pelo historiador J. K. Walton (UK), editado pela primeira vez em 2009, enunciando no editorial que o turismo, considerado um tema marginal pelo campo da história, ganhava finalmente um espaço de reflexão académica à escala internacional.

A guide to pseudo events in América, publicado nos Estados Unidos em 1962, constituiram um contributo para a investigações do Turismo.

²⁸ Trabalhos apresentados no symposium em 1974 no encontro da American Anthropological Association.

²⁹ Fonte: <http://www.ichtt.org/public/ichtt/aboutus.htm>

³⁰ Realizado na University of Central Lancashire, Preston, UK, 21-23 June 2001.

Importa ainda referir, no âmbito da investigação histórica com recurso à fonte documental “guias turísticos”, o trabalho dos historiadores Pierre Yves Saunier³¹ e Évelyne Cohen³² que para fazerem a história de Lyon (1993) e Paris (1999) respectivamente, utilizaram aquela fonte documental.

O turismo, numa breve síntese, lida com âmbitos da actividade humana intangíveis (Walton: 2005), é uma prática recreativa, onde a materialidade dos destinos turísticos se inscreve numa lógica de esbanjamento de tempo e dinheiro, com o único fim da recreação e do desejo de distinção, de aquisição de *status* (Boyer: 2011), uma “vontade” de sair da rotina, de “casa” de “si” e procurar o “fora”, o “algures”, o “outro” (Ezensberger, J.Urry). As aspas denunciam a ambiguidade do propósito analítico. Contudo dois séculos de prática turística, com toda a parafernália de artefactos e realidades sociais que se incrementaram em torno desse intangível, da sua importância crescente nas economias dos países, nomeadamente na vida quotidiana das cidades como Lisboa, onde o turista entra na dinâmica da cidade ao lado do trabalhador e do residente, permite-nos considerá-lo como um campo de interesse pertinente para aprofundar o conhecimento da cidade.

O cruzamento entre a história do turismo e da cidade no caso de Portugal, nomeadamente com o recurso à fonte documental “guias turísticos”, é ainda incipiente.

Ana Cardoso Matos (2004-2013), Luísa Santos (2004-2013) têm recorrido a essa fonte documental no âmbito da história dos transportes em Portugal. M. Alexandre Lousada (2009), M. Ana Bernardo (2013), no âmbito mais geral da história do turismo.

Mais centrados sobre a história de Lisboa e o turismo com recurso aos guias como fonte documental, destacaram-se os trabalhos de E. Brito Henrique (1996 e 1998), Francisco Carvalho (2006), no campo da geografia e sociologia, e Frédéric Vidal (2007) que tem feito a história de Lisboa a partir dos roteiros da cidade e sobre a região turística da “Costa do Sol” (Estoril).

O fraco recurso a esta fonte documental no caso dos estudos da história urbana e turismo reflecte em parte a débil produção de guias turísticos em Portugal, sobretudo na viragem do século XIX e primeira metade de XX, período em que se criaram importantes colecções deste género textual. Por outro lado, o turismo como campo autónomo de investigação fora

³¹ Le guide touristique, un outil pour une possible histoire de l'espace: les guides de Lyon 1800-1914, in Géographies et Cultures, L'Harmattan, 1993, n° 13, p35-54.

³² Paris dans l'imaginaire national de l'entre-deux-guerres, 1999, Pub. de la Sorbonne.

da área disciplinar da geografia, da economia e do próprio marketing turístico, é ainda frágil.

Na proximidade do nosso objecto de investigação, o ponto de vista dos “estrangeiros” acerca de Lisboa, importa elencar a investigação de M^a Clara Paulino (2009) “Os olhares de estrangeiros sobre Portugal (e Lisboa) no século XIX”, este no campo da história de arte. Eva Missler (1997), Gisela Rosenthal (1994) e M^a João Cordeiro (2010) fizeram igualmente investigações sobre a visão de estrangeiros acerca de Lisboa e Portugal, recorrendo aos guias de edição alemã no século XX (1980-2006), estes últimos no campo dos estudos literários. Os contributos dos resultados³³ a que chegaram M^a Clara Paulino (2009) e M^a João Cordeiro (2010) foram particularmente interessantes na medida em que sintetizam as representações da cidade e do país com recurso ao mesmo tipo de fonte documental para o século XIX e para o último quartel do século XX, do ponto de vista de viajantes e guionistas em língua alemã e por isso são um complemento para o nosso trabalho, que se centrou nas edições em língua inglesa e francesa.

3.1 - O espaço de surgimento do Turismo: uma prática social de distinção de classe

Uma vez que se tratou de analisar um tempo longo de edição de guias turísticos de origem inglesa e francesa fomos compelidos a contextualizar com mais cuidado o campo de debate teórico em torno da análise do turismo.

O surgimento do turismo, enquanto actividade social, encontra-se associado ao industrialismo, às inovações tecnológicas dos transportes e ao tempo de lazer, epocalmente situado no século XIX. Contudo M. Boyer chama a atenção para o facto de o turismo ter surgido com a civilização industrial e não em consequência do processo de industrialização, é um fenómeno da modernidade. A prática turística, de acordo com o autor, emerge da antiga modalidade do Grand Tour (GT)³⁴ e incorpora as sociedades industriais trazendo consigo a característica fundamental que presidiu à prática de viagem associada ao GT, i.e uma prática de distinção de classe: “la contre-culture de distinction; pour conserver les valeurs élitistes, des gate-keepers innovent sans cesse, créant de nouvelles modes, des pratiques ludiques originales, inventant des lieux d’exception. Le

³³ Conclusões referidas nos capítulos seguintes.

³⁴ GT, as viagens de recreio e aprendizagem efectuadas pelos jovens aristocratas (ingleses e europeus) durante o século XVIII e início de XIX.

mobile principal est le même: se distinguer. Le résultat en est un constant renouvellement.”
(M. Boyer, 2011: 88; 127)

Os inventores do turismo não foram as classes emergentes do industrialismo e capitalismo, mas as velhas elites em perda de privilégios políticos e económicos, e contudo detentoras de capital cultural, social, educativo e económico que lhes permitiu reconfigurar a sua posição de classe, pelo menos até à crise económica de 1929. O turismo, o seu motor histórico, de acordo com Boyer, surge por isso marcado por uma prática social de distinção de classe (Bourdieu, 1979), em Inglaterra, processo que se expandiu na Europa e “baixou”, em dinâmica de imitação, aos estratos sociais abaixo, durante o século XIX e passou para XX.

Pareceu-nos interessante destacar esta perspectiva levantada por Boyer na medida em que salienta as dimensões simbólicas do turismo, mas igualmente o valor de “moda” como uma pauta das práticas sociais, presentes na mundividência da Modernidade e de que emerge o carácter de fluidez de que fala Z Bauman para identificar a segunda metade do século XX, a era líquido-moderna, associada à globalização (modernidade líquida). Aliás ao lado deste dispositivo social de acção na procura de distintividade, aspecto teórico desenvolvido por P Bourdieu, parece interessante destacar a procura pírrica do “untouched”, o prístino, levantado por Ezensberger em 1958, que agregados em torno da figuração de Autênticos vão preencher modelos e modalidades de prática turística na segunda metade de XX, motores de intensa fluidez.

Como refere Boyer: “os primeiros turistas são os despossuídos dos antigos privilégios de poder, alienados dos seus lugares no campo político, instalam-se no culto romântico do gosto pelo passado, pelo exótico, pelas antiguidades, as ruínas históricas (...) um comportamento de fuga de si, o spleen, uma prática de quem padece de desalento social e político. Valorizaram o lazer, a despesa ostentatória do tempo como uma distinção, que os diferencia do puritano dedicado ao trabalho e a enriquecer; a viagem por curiosidade e despreendimento inscreve-se numa lógica de esbanjamento do tempo e do dinheiro entendida como uma contra cultura do espírito capitalista acumulador de trabalho e de dinheiro. (M Boyer 2011: 89) Esta contracultura só passa para os novos grupos com alguma expressão no pós-guerra.

A prática distintiva, retomando os valores iniciáticos do GT, ressurgiu nos novos turistas da década de 70, vindos de um outro movimento de contra cultura, é a opinião de S. Courant.

Este antropólogo considera que existe uma afinidade entre a viagem efectuada por Stendhal³⁵ um momento liminar de educação sentimental, em parte um acelerador de experiência, e as novas viagens dos *hippies* da década de 70, “os turistas de mochila”, para quem se destinavam os guias Routard e Lonely Planet – com os destinos exóticos para Índia e Katmandou.” (S. Courant, 2012: 20)

É a opinião também de Anne-Catherine Wagner que vê na viagem das actuais elites, nomeadamente dos jovens, um momento de aquisição de competências sociais, de língua, de contacto com jovens de elite de outros países, na aquisição de uma mundanidade e de afirmação de pertença ao campo de poder. Aliás esta autora reposiciona a ideia de Boyer de que a viagem educativa do GT é uma “invenção da aristocracia inglesa em perda de estatuto”. Para A-C. Wagner, a prática de viagem, como momento e processo de aprendizagem, remonta até ao círculo de estudantes, em circulação pelas universidades europeias no período medieval. As elites aristocráticas, cujas redes familiares se espalham pela Europa, em parte, seguem esta mesma linha: “Ils acquièrent des compétences sociales qui leur seront utiles dans les fonctions qu’ils seront appelés à exercer: la pratique des langues française et italienne, la maîtrise des critères esthétiques, la connaissance de normes politiques et religieuses, la familiarisation avec les styles de vie des sociétés de cour. La France du XVIIe siècle occupe une place exceptionnelle dans ces voyages de formation: son rôle politique fait de Paris un incomparable lieu d’observation et de fréquentation et son prestige culturel qui ne cesse de s’accroître donne à l’apprentissage de la langue et des manières une importance nouvelle. Des pratiques de sociabilité communes se diffusent.” (Anne-Catherine Wagner, 2007: 58-65)

Um dos aspectos importantes que se liga com o turismo são justamente os grupos sociais que o praticam. Marie Opoczynski sintetiza e enuncia os sucessivos estratos sociais associados à sua prática em França: “Il va de soi qu’un touriste aujourd’hui ne peut être comparé à celui d’hier ou d’avant-hier: **I** - aristocrate d’autrefois, **II** - petit bourgeois émancipé de jadis adhérent du Touring Club de France, **III** - citadin en mal de grand air, employé et ouvrier récompensés, **IV** - congés payés des trente glorieuses au coeur des années 1960, **V** - routard rebelle des années 1970, chaque génération, chaque classe d’âge ou chaque classe sociale apporte sa vision du monde, son lot de désirs, ses modèles de comportement et l’imaginaire de son époque.” (Marie Opoczynski, 2011: 5)

³⁵ Viagem reportada no livro *Mémoires d’un touriste*, 1838.

Boyer em *Ailleurs* (2011:114-115) compôs uma pirâmide sócio-cultural para definir os que se encontram no topo da moda turística: em XIX a elite aristocrática, os artistas, as profissões liberais urbanas e a burguesia, embora esta última detivesse uma barreira cultural forte, por amarração ao valor social do trabalho e acumulação de dinheiro. No fim do século XX o topo foi ocupado pelo *beautiful people* (estrelas do cinema, do desporto e dos média, entre outros), os estratos burgueses deixaram de ter barreiras culturais, tendo entrado alguns estratos de trabalhadores urbanos e a elite operária. Na base da pirâmide, enquanto em XIX o *povo* (operários, camponeses e artesãos) se encontrava arredado da prática turística, separado por uma barreira cultural estanque, em XX esta tornou-se mais permeável, entre outros factores, porque os trabalhadores adquiriram tempo livre, aliás, as lutas sociais e políticas, animadas pelas associações e partidos socialistas, na defesa de uma redução do tempo de trabalho e a reivindicação de férias pagas, foi um aspecto importante que marcou o período entre as duas guerras e com consequências nas modalidades de turismo de feição mais popular.

O tema da estratificação social nas práticas turísticas é uma das modalidades de estudos turísticos que procuram ultrapassar a binarização de turismos de e para elites ou o turismo massificado para os estratos sociais populares. Investigadores como os historiadores R. Koshar (1998), J. K. Walton (1987³⁶, 2005), Susan Barton (2005³⁷), Marie Opoczynski (2011), entre outros, têm vindo a desenvolver estudos nesse sentido.

Em síntese, de acordo com a literatura acerca das temporalidades que marcaram o fenómeno do turismo, desde o seu arranque em moldes modernos em XIX, os investigadores têm definido duas temporalidades: o seu surgimento afastado do GT, para se tornar uma prática no século XIX, aplicada aos viajantes ingleses na Europa e nos territórios do seu Império, difundida em seguida ao resto da elite europeia; a sua entrada no século XX, sem mudanças substanciais e a sua alteração nos anos 50, para o que se tem identificado como “turismo de massas”. Nesta baliza temporal encontram-se associados

³⁶ J. K. Walton; *Lancashire: a Social History 1558–1939* (Manchester, 1987); Gary S. Cross, and J. K. Walton, (2005) *The Playful Crowd: Pleasure Places in the Twentieth Century*, 2005, Columbia University Press.

³⁷ Susan Barton; *Working-Class Organisations and Popular Tourism, 1840–1970*, Manchester University Press, 2005

alguns elementos de relevo: o tipo de grupos sociais, o tipo de transporte e o número de grupos sociais que passaram a dispôr de mais tempo livre (direito a férias pagas).

Existem contudo algumas discordâncias, entre os investigadores, sobre a dinâmica de um turismo de massas associado ao pós II GG, denunciado a sua presença ainda no século XIX. R. Koshar argumenta que as viagens organizadas pela Agência Cook (pai e filho) tinham já o mesmo carácter massificado que se tem atribuído aos fluxos turísticos do pós-guerra, dando como explicação a entrada dos comerciantes e artesãos nas estações balneares em moda na época. Na sua análise dá conta de comentários de desprezo por parte dos tradicionais praticantes na direcção dos recém-chegados. (R. Koshar, 1998: 329). Para este autor a mutação assenta mais no turismo como prática distintiva. J. Urry vai no mesmo sentido aplicando o termo “Cookismo” para definir o processo industrial fordista na produção de “pacotes turísticos em série” pela agência na viragem de XIX. (Urry 2011: 52) Aliás, aquela agência foi um agente promotor (passe a linguagem anacrónica) e venda de bilhetes para as Exposições Universais que ocorreram na segunda metade do século XIX nas principais cidades europeias e dinamizaram fluxos turísticos, nomeadamente a Exposição em Londres de 1851, com a promoção de preços especiais e a angariação de visitantes (Susan Barton in J.k. Walton 2005; T. Saraiva 2005). Em Portugal, sob proposta da Companhia de Caminhos de Ferro, o governo aprovou uma redução de preços nos bilhetes³⁸ entre Espinho, Coimbra e Gaia, redução que incidia sobretudo sobre a 3ª classe, procurando alargar o número de clientes, justamente quando se tornava uma prática corrente a frequência da praia de Espinho. (Ana Cardoso Matos 2010)

Numa outra interpretação, Paul Fussell³⁹ (1980) e outros (T Paquot), colocam a mutação na diferenciação entre viajar e fazer turismo, sendo este último sobretudo um fenómeno de número (massas), delimitando o fim das viagens com o início da II GG, sucedendo-se então o turismo como uma nova prática após os anos 50. Prática distintiva e consumo de massas são de certa forma um par de opostos que modelam os ritmos da prática turística.

Pode dizer-se que aquela síntese temporal se desdobra em vários momentos de prática de viagem recreativa. A viagem iniciática e pedagógica da jovem aristocracia, inglesa

³⁸ Decreto de 4 de Maio de 1874.

³⁹ Fussell, P. (1980) *Abroad: British Literary Travelling between the Wars*. Oxford: Oxford University Press, citado em R.Koshar 1998; J.K Walton,2005, 2011 e J. Culler 1990.

primeiro e europeia em seguida, na modalidade Grand Tour no século XVIII e início de XIX.

A viagem em busca do “tourist romantic gaze”⁴⁰ (J. Urry 1990 e 2011), dos estratos das elites aristocrática, burguesas e urbanas das sociedades europeias imperiais / coloniais, durante a segunda metade de XIX até aos anos 20 de XX, cujo olhar se prendia a uma cosmovisão romântica, tratando-se de experimentar emoções perante os lugares em visita, (M. Boyer 2011: 68).

No período que antecede a crise económica de 1929, antes da II GG, surge uma diversificação nas práticas e gostos turísticos. Koshar (1998: 335) assinala que a década de 20 do século XX foi um período de surgimento de novos gostos turísticos e a entrada de novos grupos sociais⁴¹, nomeadamente na Alemanha. Tendo como indicador a presença de novos guias, mais baratos e simplificados, argumenta que aqueles serviam grupos sociais de mais baixos rendimentos e com outros interesses turísticos a explorar nas cidades, em particular a procura de viagens rememorativas a lugares de batalhas da I GG⁴² e a emergência do consumo turístico de gosto hedonista, aspecto que veio a assumir maior expressão na década de 70 de XX⁴³. A série de guias, da editora alemã Piper⁴⁴, “Was nicht im Baedeker steht”, organizados por escritores, destacava aspectos de pormenor das cidades e espaços nocturnos de diversão erótica⁴⁵. (Koshar, 1998: 337) O mesmo ocorreu no nosso corpus de análise com os guias de J. Gibbons de 1931, Afoot in Portugal, aspecto da vida cidadina que procurava em Lisboa e encontrou com dificuldade. Como sintetiza Koshar, com base na produção de guias, este período expressava já a alteração da produção estandardizada de um padrão turístico, veiculado pelos grandes guias, para dar lugar à diversificação com base na emergência de novos gostos.

As experiências do turismo, de base popular, nos países de ideologia totalitarista, que se manifestaram desde o fim dos anos 20, e em resposta aos movimentos das organizações de

⁴⁰ Urry na reedição de 2011 do seu trabalho seminal de 90 faz referência à importância da experimentação corporal na prática turística, contudo continua a considerar que a particularidade da viagem turística se concentra na performatividade visual. O *romantic gaze* não se restringiu àquele período de XIX, permanece como um tipo entre um conjunto de outros olhares turísticos; *the collective, the spectatorial, reverential, anthropological, mediatised e family tourist gaze*, no decurso do século XX. Urry, 2011: 20)

⁴¹ Apoia-se por exemplo no surgimento do primeiro guia dedicado a trabalhadores, Dietz-Verlag of Berlin, 1932, (Koshar, 1998: 336).

⁴² Michelin Guide to the Battlefields of the World War, vol 1, 1914.

⁴³ Mankoff's Lusty Europe: the first all-purpose guide to sex, love and romance, N.York, 1972.

⁴⁴ A editora Piper (Reinhard Piper) surgiu em 1904 e de acordo com T. F. Rippey o editor expressou um espírito crítico perante as transformações da Alemanha para uma sociedade de massas, o crescimento de uma cultura de entretenimento, com a perda da autonomia intelectual, durante a República de Weimar. (in German book history in the Long Nineteenth Century, ed. by Lynne Tatlock, Camdon House, 2010: 274)

⁴⁵ Ludwig Hirschfeld, Das Buch von Wien, 1927 e Eugen Szatmari, Das Buch von Berlin, 1927.

trabalhadores socialistas, reivindicavam o direito a tempo livre, promovendo actividades de lazer. No caso do turismo fomentado pelo governo alemão nazi, mais do que a formação de um “olhar turístico” tratou-se do uso da viagem turística para a consubstanciação da comunidade de “homens novos” e a sua demonstração às outras potências, circulando nas rotas turísticas tradicionais. (R. Koshar⁴⁶, Shelly Baranowski:⁴⁷, Kristin Semmens⁴⁸ e Julia Torrie⁴⁹ para o turismo alemão; Charles Burdett⁵⁰ e Silvana Cassar⁵¹ para o turismo italiano).

O alargamento aos grupos sociais das classes médias urbanas europeias e norte americanas no imediato pós II GG, acompanhando-se de uma maior dispersão de gostos turísticos.

Assinala-se ainda a ruptura de gostos que emergem do movimento de contra cultura *hippy* dos anos 60 e 70 e recupera o interesse iniciático e exploratório da viagem juvenil do GT, na nova figura do “turista de mochila”; e desde então, sempre numa busca diferenciadora — pautada pela quebra de rotina e a procura do exótico, do “outro”, do “autêntico” — a sucessiva entrada de novos estratos sociais e reinvenções de gostos turísticos. No início deste milénio, algumas editoras reeditaram guias turísticos de XIX, incentivando ao revivalismo das antigas viagens turísticas, nomeadamente os Bradshaw guides, em Inglaterra, publicados pela Nabu Press, tendo sido editada a edição de 1900 para Portugal e Espanha (2011), guia distribuído pela Bertrand em Portugal. Este movimento também se encontra presente no país com a reedição do *Selective Traveller in Portugal* de 1949, de A. Bridge e S. Lowndes em 2008, pela Quidnovi.

E o quadro actual, identificado por Urry como turismo *omnívoro*, que inclui para além do grande fluxo turístico, a enorme diversificação de modas em modo real e virtual, favorecido pela internet e aplicações virtuais, chamando a atenção para um novo “grupo turístico” vindo das classes médias asiáticas, para as quais o “ocidentalismo” se tornou um exotismo, “*The Orient Strikes Back, the putting on display of many features of western culture for Asians to view, to wonder at and to exoticise.*” (J. Urry, Winter, Teo and Chang e E Hendry in Urry, 2011: 25)

⁴⁶ R. Koshar, “German Travel Cultures”, Bloomsbury Academic, 2000

⁴⁷ S. Baranowski, “Strength to Joy: consumerism and mass tourism in the Third Reich”, Cambridge University Press, 2004.

⁴⁸ K. Semmens, “Seeing Hitler’s Germany: Tourism in the Third Reich”, Palgrave Macmillan, 2005

⁴⁹ J. Torrie, ‘Our rear area probably lived too well’: tourism and the German occupation of France, 1940–1944” in *Journal of Tourism History*, 3:3, 309-330, 2011

⁵⁰ C. Burdett, “Journeys through fascism: Italian travel writing between the wars, Berghahn Books, N. York, Oxford, 2007

⁵¹ S. Cassar, “Tourism development in Sicily during the fascist period (1922-1945)”, in *Journal of Tourism History*, 1:2, 131-149, 2009.

Em síntese, desde o século XIX ocorreram cinco momentos de mutação nas práticas turísticas. Contudo, como assinalam Koshar e Urry entre outros, esses tempos não corresponderam a sucessões lineares.

3.1.1 – A emergência de modelos de turismo com origem nos estados totalitaristas, o turismo como um reforço do nacionalismo

Considerámos de destacar os momentos de ruptura, nomeadamente a importância dada ao turismo e ao tempo de lazer pelos governos de base totalitarista e partidos e organizações políticas dos trabalhadores. Évelyne Cohen, que analisou a cidade de Paris na conjuntura entre as duas Grandes Guerras, salienta que este período foi um momento de alteração na medida em que os governos se começam a preocupar com as reivindicações por parte dos trabalhadores (enquadrados nas lutas político-partidárias) a menos tempo de trabalho e a tempo férias pagas. (Evelyne Cohen, 1999: 112)

Foram sobretudo as governações dos estados de ideologia totalitária de então que formularam políticas e criaram organismos que visaram directamente as práticas turísticas, tendo como objectivo a criação de actividades de lazer para os trabalhadores, primeiro em Itália (1925⁵²), na Alemanha (1933⁵³), em Portugal (1935⁵⁴), Grécia (1937⁵⁵) e Espanha (1938⁵⁶). Todos estes países criaram nos anos 30 organizações de controlo estatal que visavam estimular a prática turística junto das camadas populares. A FNAT foi um organismo surgido dessa ideologia que permaneceu activa até 1974, reorganizada em novos moldes com a consolidação da democracia.

França e Inglaterra, em 1937, 1938 (Pay Act) respectivamente, mas também a URSS, em 1933, legislaram o direito a férias pagas, aspecto legal que só teve efeito no turismo, da sua

⁵² Em 1925 foi criado o organismo Opera Nazionale Dopolavoro que a partir de 1927 passou a estar mais próxima do partido fascista. Tinha objectivos de recreação para os trabalhadores.

⁵³ Em 1933 foi criada pelo regime nazi a organização KdF (Kraft durch Freude) com objectivos de promoção turística para as classes médias e trabalhadores alemães, a par de várias actividades de lazer. Os ingleses traduzem como Strength through Joy, Força pela Alegria

⁵⁴ A FNAT (Fundação Nacional da Alegria no Trabalho) que se reconverteu em democracia no INATEL (Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores), foi criada numa ideologia próxima das organizações italiana e alemã.

⁵⁵ Em 1937 foi criada a “Ergatixi Estia, Saúde dos Trabalhadores” pela ditadura grega de Metaxas.

⁵⁶ Em 1938 a ditadura franquista criou a organização “Educación y Descanso”.

prática por parte dos trabalhadores operários e segmentos intermédios urbanos nas décadas de 50 e 60, com a redinamização da economia. (S. Cousin et B. Réau 2011, entre outros)

Quisemos destacar o período de turismos produzidos no âmbito das governações totalitárias de base fascista, pois embora tenham sido esporádicas no tempo longo do turismo do século XX, foram uma das primeiras experiências do turismo popular. Mas igualmente porque o seu interesse e uso, justamente pelas ideologias que condenavam o consumo ostentatório das elites capitalistas, permitem destacar o peso da prática turística no plano das simbólicas em sociedade.

As organizações italiana (Dopolavoro) e alemã (KdF) promoveram viagens turísticas para reforçar interna e externamente o novo tipo de sociedade. Estas surgem numa conjuntura internacional em que se questionavam problemas de tempo de trabalho, consumo e lazer, debatendo-se dois modelos, o fordista norte-americano e o socialista colectivista, configurando-se as soluções da ideologia fascista e nazi, uma outra proposta, igualmente totalitária e colectiva, ligada aos partidos dos regimes, e como veículo de propaganda. Sem esquecer que um dos principais “meios” que favoreceu a expansão do turismo — a auto-estrada — foi uma “invenção tecnológica” do movimento fascista italiano. E também porque Lisboa atingiu nos guias estrangeiros editados durante os anos 40, e em memória desse período, o seu máximo de importância á escala mundo, o seu Zenith no século XX⁵⁷. Bem como, também em Portugal se desenvolveu a FNAT que obedecia aos mesmos moldes programáticos, não alcançando a escala de fluxos internacionais. (D. Melo: 2001; Susana Lobo: 2004, Ema Pires 2003; J. C. Valente, 2010)

Os portugueses viajavam pouco, como dizem os guias estrangeiros, contudo teve importância para o desenvolvimento do turismo e lazer interno, junto dos estratos sociais do funcionalismo do estado. E a política turística do governo do Estado Novo procurou favorecer a recepção, com mais qualidade, dos visitantes estrangeiros com o programa das Pousadas⁵⁸, por exemplo.

A configuração das viagens turísticas promovidas pelas organizações totalitaristas deste período detinham fortes objectivos nacionalistas e imperialistas e agiram como um modo

⁵⁷ Aspecto desenvolvido no ponto 8 – A narrativa histórica de Lisboa.

⁵⁸ Tema desenvolvido por Ema Pires, *O Baile do turismo: turismo e propaganda no Estado Novo*, 2003 e Marta Lalanda Prista, *Discursos sobre o Passado: Investimentos Patrimoniais nas Pousadas de Portugal*, tese de doutoramento FCSH-UNL, 2011 e *Entendimentos e usos de lugar na produção social e na construção social das Pousadas*, in *Sociedade e Cultura*, 2013, nomeadamente.

de propaganda dos regimes, mas igualmente, como salienta Baranowski, para integrar as pressões sociais de necessidades de consumo, associando lazer, produtividade e pertença a uma “comunidade superior”. Como sintetiza: “o KdF desenvolveu e usou o turismo, os seus pacotes de viagem, para providenciar uma pausa no tempo laboral, para premiar o bom desempenho dos trabalhadores e estimular a produtividade, evitando a procura de prazeres hedonistas, conciliando a moralidade da viagem da classe média com a promoção de uma comunidade racial.” (Baranowski, 2004: 6)

Ver R. Koshar, Shelly Baranowski, Kristin Semmens e Julia Torrie para o turismo alemão; Charles Burdett e Silvana Cassar para o turismo italiano.

Madeira e Lisboa foram um dos destinos⁵⁹ das viagens promovidas pelo Kdf, no cruzeiro Wilhelm Gustloff. Baranowski no seu livro *Strenght to Joy* cita o depoimento de dois trabalhadores alemães, na sua viagem à Madeira, editado pelo jornal da Krupp em 1936, onde expressaram o seu contentamento e simultaneamente destacaram as condições de pobreza dos habitantes da ilha, reforçando o contraste com o seu mais elevado padrão de vida.

Nos guias do nosso corpus para este período, surge uma narrativa que reporta os comentários dos turistas alemães em viagem KdF, sobre a extrema pobreza e da própria estranheza dos trabalhadores portugueses perante este novo tipo de passageiros. Esta “pequena narrativa” vem repetida em alguns guias. Mas o olhar de desprezo da comunidade inglesa em Lisboa nos anos 40, retratado nos guias, não reflecte apenas a repugnância pelo regime totalitário, mas igualmente um olhar elitista perante a “vulgaridade” dos turistas alemães. “When the *Kraft-durch-freude* ships came in, it was different ... their strange looking passengers had not a penny to spend.... They were odd creatures – red-faced, flaxen-haired, hatless girls and big men; many were in Tyrolean shorts and felt hats with feathers.” (1945 Uk M)

Como já foi dito, o alargamento de práticas recreativas e turismo aos trabalhadores alcançou um momento importante naquele período conjuntural. No caso dos Ingleses, de acordo com Susan Barton, a prática turística “descida por capilaridade” (para usar o termo de Boyer) até aos estratos sociais intermédios e trabalhadores ingleses, vinha já dos fins de

⁵⁹ A escolha do destino turístico da KdF para a Europa do Sul, Espanha, Portugal e Itália, para além da afinidade dos regimes políticos, visava ainda reforçar, através do contraste social, a superioridade do regime nazi.

XIX, nomeadamente as Excursões Cook como já referido, e tendo em conta a tradição inglesa, algumas fábricas e empresas praticavam o pagamento de horas de férias aos seus operários, ainda antes do Pay Act de 1938, permitindo que este estrato social participasse nessa actividade recreativa do turismo. (Susan Barton, 2005: introdução)

Apresentamos o exemplo da configuração de destino turístico que teve Torremolinos comentado por MacCannel, na medida em que reflecte a interferência por um lado das configurações políticas que o turismo incorporou e ao mesmo tempo a definição da vocação de um lugar a partir da procura de gosto estrangeiro.

“Initially a place of work — the beach where small fishing boats were hauled out, nets repaired — was reframed as a potential “work display” for tourists. The original tourists were to be German workers rewarded by Hitler’s “KdF” program. The entire scene was to become an object of touristic consumption, an example of “the picturesque” with a message: traditional work is “natural,” is “beautiful,” is “picturesque.” In the actual course of history, Torremolinos did not become a “Strength through Joy” program destination. Instead, as often happens, some famous people, or “beautiful people,” members of the international elite leisure class, “discovered” “unspoiled” Torremolinos.

During the 1960s and 1970s, Torremolinos overreached as it reproduced itself and the markers of its heritage. Planned for German tourists and now overdeveloped, the place caters to “cheap and cheerful” packaged tours for British working-class vacationers who want the Spanish sand, sun, sea, and tokens of its former culture — without giving up their beer and chips, the enjoyments of home. Torremolinos has become a *mélange* of markers of Spanish fishing village traditions, working-class fantasies of jet set luxury, and Spanish versions of British fish and chips cuisine.” (D. MacCannell, 2000: 24)

Poderíamos sintetizar o período que decorreu entre a viragem do século XIX e fins de XX, no campo do turismo, como uma redefinição constante dos gostos turísticos e lugares de moda, motivados pela necessidade de distinção de classe, bem como do seu uso como reforço simbólico de ideologias políticas (o período dos fascismos).

A ideia generalizada da emergência do turismo de massas como uma manifestação da reconversão económica e desenvolvimento tecnológico do pós-guerra, entre os anos 50 e 60 de XX, contrariada por alguns investigadores que posicionam essa modalidade turística nas viagens de XIX promovidas por Cook, leva-nos a pensar que nesse adjectivo “massas”, não se trata somente de fluxos e volume de circulação turística mas um modo de

desprestigiar a entrada de novos grupos sociais e igualmente a recepção de paisagens turísticas por muitos.

3.2 - Turistas ou viajantes; da procura do *Autêntico* no Outro à *Originalidade* no turista

Rachid Amirou que, com a sua obra *L'Imaginaire Touristique* (1995), procurou ultrapassar o maniqueísmo turista-viajante e reabilitar os turistas do seu lugar passivo de meros consumidores, chama a atenção para o carácter polissémico do valor de autenticidade turística. Para o sociólogo a experiência turística da autenticidade passa-se num espaço transacional⁶⁰, num espaço de jogo, onde noções de verdadeiro e falso são inoperantes, a experiência turística é uma experiência de transição, diz. Aquela junta elementos contraditórios: consumismo e cultura. O turista em viagem encontra-se num entre dois, o seu universo social e cultural e a procura activa de um outro universo social e cultural, com o qual estabelece uma relação hiper-realista, aceita os clichés turísticos que lhe são oferecidos na sociedade em visita, como se fossem verdade e autênticos. “Ce qui compte, c’est l’effet d’ancienneté ou de rusticité, et non l’authenticité des objets anciens et “typiques” exposés.” (R. Amirou 2007: 53) O turista, sobretudo aquele que viaja em “bolha”, suspenso no já conhecido, disponível na divulgação dos folhetos e guias promocionais, procura mais o simulacro do autêntico do que o autêntico real.

Em torno do turismo, nomeadamente do seu desenvolvimento no século XX, tem-se estabelecido um debate que separa viagem e turismo, viajantes e turistas, autêntico e falso. Neste debate tem-se desclassificado o elemento turista, considerando-o um mero consumidor de contrafacções culturais da diversidade do mundo dos “outros”. É de certa forma a posição de Thierry Paquot, citado por Éric Boutouyrie (2005), “le voyageur s’arrange pour être “avec” et “parmi” les populations rencontrées. Le touriste, lui, est incapable d’une telle unité.”

Na visita turística difundida e praticada sob a ideia de pacote turístico “*low cost* para muitos”, que se divulgou sobretudo nos anos 50 e 60 entre os norte americanos, tem-se

⁶⁰ R Amirou retoma o conceito de objecto transacional Winnicott, o objecto onde se joga a ‘presença’ ‘ausência’ [da mãe], constituindo-se espacialmente num ‘fora’ ‘dentro’, fazendo analogia com a experiência e o espaço turístico. (Winnicott, *Jeu et réalité*, 1975, in R. Amirou, 1995).

criticado a perda do “espírito de apreciação da beleza paisagística, da arte, o gosto pelo património e pelas culturas de outros povos”, da sua genuinidade e originalidade. Em sua substituição expandiram-se “ficções de uma ideia de Outro, outras culturas”, uma fantasia turística com a concordância (constrangida) dos povos visitados. Este tem sido um âmbito de reflexão e debate, sobretudo na antropologia. No entanto esta visão que separa viajante, o que descobre e sabe reconhecer *autênticos*, e turistas, que consomem contrafacções culturais, “autenticidade encenada” (E. Cohen, 1988), já existia em XIX, como o demonstram os estudos turísticos sobre o turismo no século XIX.

Em parte, se quisermos aceitar que o que distingue a viagem turística é o privilégio de tempo livre, disponibilidade económica, vontade de conhecer outros lugares, povos e culturas, bem como capital cultural a fim de saber o que ver, então a compreensão, que pauta a presença da diferença viajante ou turista, seria tanto menos uma questão substancial, ligada aos atributos dos lugares em visita e até dos visitantes, mas o motor da diferenciação e fluidez subjacente à prática turística. Na constituição de novos gostos turísticos debatem-se o modo de “olhar o mundo” e as estratégias distintivas entre os grupos / estratos sociais, concentrando nas elites o foco emissor de modas, de marcas distintivas que os farão dizer: ”o turista é o outro”; “The desire to distinguish between tourists and real travelers is a part of tourism — integral to it rather than outside it or beyond it.” (J. Culler, 1990: 3)

Contudo a crítica aponta para o perigo que a expansão do turismo representa pela subsequente mercantilização para fins turísticos, tanto de práticas e culturas locais, como dos territórios que as comportam.

O “olhar turístico” que emergiu no século XIX assentou, sobre a mundividência epocal do Romantismo. Embora não se possa resumir um tempo longo como o século XIX a um pensamento único – o romantismo – uma parte das práticas de viagem no início de XIX foram alimentadas por escritores e artistas, mas também filósofos inspirados pelos valores do movimento romântico, marcando desse modo o olhar turístico que deixaram registado nas suas narrativas de viagem. As impressões de Byron acerca de Lisboa (Sintra) marcaram uma visão que se repetiu nos guias e outras narrativas. Presentes nessa mundividência das viagens a imersão na nostalgia, no subjectivismo das impressões / intuições, o gosto pelo passado, pelo gótico, as ruínas, os exotismos locais, a paisagem, sempre susceptíveis de provocar emoções. Presente, nas reflexões saídas das análises, que tiveram por base a literatura de viagem, destacam-se o aborrecimento, l’ennui, the spleen

... a insatisfação do presente e a vontade de fuga (de si mesmo), materializada nas viagens em busca do “paraíso perdido”, a infância da humanidade... concretizada em destinos como a Grécia (o gosto pela Antiguidade Clássica), o Oriente ou a Espanha, onde imaginam encontrar o “outro” humanamente perdido de uma sociedade industrial e metropolitana, com um *ethos* capitalista. Este aborrecimento temporário, porque correspondia ao momento de juventude, a uma viagem iniciática, antes da entrada na vida activa adulta, foi o cadinho que alimentou uma parte considerável do olhar turístico e dos gostos, durante o século XIX, e se cristalizou nos guias turísticos. O gosto pelas “civilizações mortas”, como fazem referência os primeiros guias do nosso *corpus*.

É interessante reparar que o impacto das transformações radicais provocadas pelo industrialismo, metropolização, colonialismo, pela constituição das sociedades/cidades imperiais do século XIX, estimulou o turismo (as viagens) como prática da nostalgia do passado.

Contudo as viagens turísticas que se fizeram em XIX foram mais prosaicas, nomeadamente as viagens que os ingleses efectuaram ao seu império colonial, mas também as viagens organizadas para ver as Exposições Universais e Coloniais.

A ideia de que o turismo (o viajar) na sua origem transportava um gosto pelo “outro autêntico”, denunciado como adulterado pelas cenarizações (simulacros) das últimas décadas de XX, padece de alguma falta de aprofundamento. O olhar turístico anterior que visitava as outras sociedades, transportava um olhar etnocêntrico, desdobrando o mundo em moderno – pré moderno, colocando-se o turista no lado do moderno em busca nostálgica do passado pré-moderno, mas também desse outro (pré-moderno) que se transformava, em consequência da sua intervenção civilizadora sobre o chapéu de um relacionamento colonial. A viagem turística não possuía a distanciação etnográfica. Os turistas ingleses no continente africano ou na Índia viajam de comboio, no interior da bolha moderna, para confirmar o seu Império. Como refere J. Mackenzie: “In the European empires, travellers pursued an essentially schizophrenic purpose. On the one hand, they appeared to seek other cultures, of both past and present, other climes, other landscapes, other flora and fauna, sometimes other morals; on the other hand, they also charted the comforting extension of what they saw as their own achievements and their own mores. For the British, being imperial was being modern and that was the fundamental value to which all other values referred. (J. Walton, 2005: 20)

De certa forma, na reorganização da compreensão sobre o “Autêntico” durante a segunda metade do século XX, reflectem-se as mudanças de um “espírito imperial colonial” que atravessou XIX e terminou com a II GG. A entrada do autêntico – simulacro na oferta dos pacotes turísticos é também uma consequência da descolonização e da emergência dos pós colonialismos. A crítica de Appadurai (1986), representante do pensamento pós colonial, aponta para o facto da mercantilização de culturas / tradições levar a um esvaziamento de sentido dos produtos culturais e das relações entre as pessoas; as culturas locais foram alteradas pela sua transformação em atracções turísticas. Para o autor, o processo de individualização e a perda de sentido da realidade social, fora do sujeito, processos decorrentes da Modernidade, a inevitabilidade da auto-construção do real social, sem referências externas, leva a que se veja na Autenticidade um caminho para articular esta experiência; no plano antropológico o homem moderno é aquele que procura a Autenticidade. Uma vez que a vida moderna é não autêntica, esta terá que ser procurada noutros lugares, considerados não modernos — o mundo antropológico exótico, nas sociedades ditas tradicionais. Esta busca do Autêntico influenciou bastante o turismo moderno, a partida em busca do que se perdeu (Fuga). Um turismo-espelho para que os indivíduos se possam ver a si próprios, de preferência em temporalidades evolutivas.

A “autenticidade encenada” contraria efectivamente o desejo “genuíno” do turista experimentar o autêntico (MacCannell 1973). Porém, a hipótese de que o autêntico ficou perdido, porque marcado pela civilização ocidental, é reavaliada por Erik Cohen, com a sua perspectiva de um autêntico contaminado (ficcionalizado), mas que no decurso do tempo, numa negociação acordada entre “locais” e visitantes”, acaba por adquirir uma patine de autenticidade; o caso dos símbolos turísticos como o artesanato (o galo de Barcelos *ikon* imagético de Portugal, cristalizado pelo Estado Novo e, no caso de Lisboa, transferido para a sardinha, *ikon* imagético de Portugal no novo milénio), que não é estanque e sofre o impacto das modas e das valorizações ideológicas, acaba por adquirir o valor de nobilitação e é reabsorbido pelas comunidades locais como sendo os seus próprios produtos, a “autenticidade emergente”, como sugere E. Cohen.

“In other words, a cultural product, or a trait thereof, which is at one point generally judged as contrived or inauthentic may, in the course of time, become generally recognized as authentic, even by experts, as Cornet’s (1975). (...) Similarly, craft products initially produced merely for sale to visitors and tourists may eventually become “authentic” products of an ethnic group or region.

One could call this process just as a parallel process in the ethnic realm was termed “emergent ethnicity” (Yancey et al 1976). “Emergent authenticity” stresses one aspect or refers to one manifestation, of the wider phenomenon of “invention of tradition,” whose ubiquitousness has been so impressively documented in Hobsbawm and Ranger’s (1983) volume. (Erik Cohen, 1988: 379-380)

Por exemplo, as marchas de Lisboa, criadas nos anos 30 pelo regime do Estado Novo, em ascensão, acabaram por contribuir para uma certa cultura de bairrismo lisboeta, atravessando as alterações democráticas e metropolitanas da cidade.

A democratização do turismo depois da II GG, dizem Rachid Amirou (1995; 2007) Franck Michel (2000) e Éric Boutouyrie (2005), caracteriza-se “by the search for novelty rather than authenticity.” Na verdade, a insistência em delimitar um “bom” turismo-turista que sabe encontrar “autênticos” acaba por se tornar num exercício de “violência simbólica” (Bourdieu, 1979), como denunciam os críticos de práticas turísticas ditas verdadeiras. Acusar de futilidade (e ignorância) um turista que gastou mais tempo a escolher postais, como acentua Boutouyrie, traz implícita a ideia de julgamentos estéticos de valor universal. “On voit poindre derrière cette acception secrètement enjolivée (le point d’exclamation faisant foi) la défense d’une certaine règle de comportement qui tend à l’universalité.” Éric Boutouyrie (2005: 3)

A. Rauch sintetiza as motivações de viagem para lá da distinção entre autêntico e encenação: “Bref, les premiers touristes voulaient remonter aux sources du monde, retrouver une civilisation non contaminée par la société industrielle, ceux d’aujourd’hui cherchent à découvrir des peuplades, des minorités: bref, non plus l’originel, mais l’original. (...) C’est bien de l’émerveillement narcissique du sujet qu’il est ici question. Si craquer devient l’enjeu essentiel du tourisme des années 2000, c’est que la prospection du sensible relève plus que jamais d’une psychologisation des contradictions entre la culture touristique et les images de soi. Elle tient aussi à l’importance grandissante de la crise démocratique, avec ses effritements individuels, ses dispersions et ses particularismes.” A. Rauch (2011: 11)

A autenticidade deixou de ser uma questão que separa modos diferentes e socialmente hierarquizados de fazer turismo, substituídos pela procura de originalidade do turista e do destino, o gosto turístico deslocou-se para a originalidade do “olhar turístico”. É

interessante que esta questão levantada no fim do século XX, fosse já uma atitude presente nos guias editados no início de 50 pela colecção francesa *Petite Planète*⁶¹ que apelava sobretudo para a originalidade do olhar do guionista (editor) plasmado no guia turístico.

Aliás o Outro encontrado em XIX tinha, como já salientámos, a marca etnocêntrica e colonial. As Exposições Coloniais⁶² ou os *Human Zoos* foram um modo de exotização dos “outros” sobre o olhar colonial e de ideologia etnocêntrica racista. Estas Exposições tornaram-se um lugar de aprendizagem e modo de “olhar” sobre os outros para cujos destinos viajaram em modo de turismo. “Les expositions coloniales ont largement concouru à une industrialisation ou à une massification des valeurs et des symboles attachés à l’exotisme. Elles ont toutes été productrices de stéréotypes sur l’Ailleurs et sur l’Autre.” (Stéphane Courant, 2012: 203)

Como sintetiza M. Boyer: “La Grande-Bretagne victorienne et la France de la III^e République, fières de leurs Empires, étaient convaincues de leur mission civilisatrice; elles apportaient les bienfaits du Progrès, voire de la Religion à des peuples dépourvus de tout, mais les objets notamment rituels pouvaient avoir une valeur esthétique. Le colonisateur montrait ses ‘sauvages’ dans les Expositions coloniales; ainsi des Kanaks en 1931. Les USA, au même moment, invitaient les Indiens des Réserves à « jouer aux Indiens » pour donner de l’intérêt à la visite des touristes. Ce sont les Européens (et Nord-Américains) qui ont inventé cette catégorie de « peuples à voir».” Marc Boyer. (2002, 2011)

Portugal procurou por sua vez reforçar o seu lugar de país imperial, colonizador, nas duas Exposições Coloniais que realizou no Porto, em particular a de 1934, mimetizando a Exposição Colonial de Paris de 1931. A elas também levou os seus “exóticos” e apresentou um novo mapa, uma figuração do Império, elaborado pelo regime do Estado Novo emergente: “Portugal não é um país pequeno”, ‘uma lição de colonialismo’, como se referem Filipa Vicente (2003) e Luísa Marroni (2013).

O turismo que se configurou no século XIX trouxe consigo práticas sociais da ordem da simbólica: usufruto de tempo livre para recreação, vontade de procura do extraordinário (fora do quotidiano), gosto de viagem em busca de autênticos emergentes, ou uma procura de originalidades. Entre os finais do século XIX e o fim de XX, o mundo também se foi

⁶¹ A colecção surgiu em 1954 e foi editada até 1964, o guia Portugal é de 1957, colecção caracterizada mais à frente.

⁶² Houve duas Exposições coloniais em Portugal, ambas decorreram no Porto, respectivamente em 1894, Exposição Insular e Colonial Portuguesa e 1934, Exposição Colonial do Porto.

constituindo como conjunto de regiões turísticas e definições delicadas entre visitantes e visitados.

À entrada do século XX, a criação em 1906 da Sociedade de Propaganda de Portugal pode considerar-se como um indicador das preocupações turísticas, mas do ponto de vista da promoção do país como lugar de destino turístico. Do nosso ponto de vista a definição de regiões turísticas a partir de uma perspectiva mais nacional ocorreu com a criação da colecção de guias de Portugal de Raul Proença a partir de 1924, todavia o interesse estrangeiro, sobretudo inglês, em regiões como a Madeira, a Costa do Sol (Estoril) e o Algarve tiveram um importante papel na sua futura reconfiguração em espaços turísticos pelo Estado Novo.

Como refere a literatura sobre o fenómeno do turismo, produzida nos anos 80 e 90 de XX, até esse período via-se aquele e a sua distribuição geográfica em termos de países produtores de turistas, os países do norte da Europa e da América, e os países receptores daquela procura turística, os países do sul mediterrânico, o Oriente, o norte de África ou a América do Sul (que se pode ler, numa óptica desenvolvimentista, uma polaridade entre países desenvolvidos versus países sub ou em vias de desenvolvimento). “ Il est clair que le tourisme ne se fait pas uniquement de l'Occident vers la périphérie ou selon l'axe Nord-Sud, les mouvements vacanciers les plus importants se font en réalité entre les pays riches. Il me semble néanmoins que c'est dans les voyages vers les pays pauvres qu'apparaissent, plus clairement, la fantasmagorie qui fonde la ruée vers le soleil et la prédilection pour l'exotisme.” (R. Amirou, 1995: 19)

Do ponto de vista dos guias turísticos estrangeiros Lisboa (Portugal) entrou no século XX, enquanto região turística, como um outro etnografado para os países do norte. Embora fosse também ele um país (um império) e cidade colonial, se encontrar no continente europeu, situava-se do lado de lá dos Pirenéus para os turistas do Norte, que então, e na descrição dos guias, representavam a fronteira do Sul, África e o Oriente começavam aí. Este período separou, no plano das representações, o mundo entre os modernos e desenvolvidos e os Outros afastados ainda da Modernidade. “But, of course, English tourists' openness to other cultures evolved in a context of often highly unbalanced power relationships. One could not hide the fact that English tourists' views of Italian or Greek peasants, for example, were based on a dynamic of domination and deference comparable to that existing between the English and 'Third World' inhabitants.” (Rudy Koshar, 1998: 329)

Viajar até Lisboa foi, nos guias estrangeiros editados para o século XX, uma viagem recreativa em busca de autênticos, que atravessando o século assumem diferenças que acompanham as dimensões atrás argumentadas.

3.3 - A constituição do olhar turístico – o tourist gaze — como uma prática semiótica

Por fim, importa destacar na construção do “olhar turístico”, na sua prática, historicamente motivada pela procura do Autêntico, o seu valor semiótico. Como refere J. Culler: “The *authentic* is a usage perceived as a sign of that usage, and tourism is in large measure a quest for such signs.” (J. Culler 1990: 5)

The paradox, the dilemma of authenticity, is that to be experienced as authentic it must be marked as authentic, but when it is marked as authentic it is mediated, a sign of itself, and hence lacks the authenticity of what is truly unspoiled, untouched by mediating cultural codes.” (J. Culler 1990: 8)

MacCannel com o seu livro *The Tourist* (1976) coloca uma questão interessante acerca da experiência turística. Como refere, interessou-se pelo campo do turismo na medida em que “os turistas eram um sujeito importante para o estudo sociológico da modernidade”. Independentemente da saturação de representações do Outro (a região turística), das simplificações e estereotipizações destas ou da busca de capitais simbólicos distintivos, chama a atenção para a constituição do “sightseeing”, como um esforço colectivo para uma hipótese da possibilidade de cativação duma “totalidade moderna”, perante a descontinuidade da Modernidade. Os turistas, afinal, estavam empenhados em ler as cidades, as paisagens e as culturas como sistemas de signos. O turismo (turistas), e o seu olhar turístico, revelou-se, do ponto de vista de MacCannel, como um código de leitura do mundo de amplo consenso, embora, paradoxalmente, essa ampla partilha de valores não gerasse, necessariamente, uma comunidade. Antes, como já atrás referido, pela negativização que o turismo foi recebendo quase desde a sua origem como fenómeno moderno, a prática turística gera hostilidade, o turista é sempre o outro. (MacCannell (2000: 7-15)

Mas o que importa salientar é a sua chamada de atenção para a prática semiótica dos turistas, que MacCannell associa à Modernidade. Como refere: “The Tourism, MacCannell writes, ‘is a ritual performed to the differentiations of society’, an attempt to overcome fragmentation by articulating the world as a series of societies, each with its characteristic monuments, distinctive customs or cultural practices, and native scenery, all of which are

treated as signs of themselves, non-functional displays of codes.” (MacCannell citado por C. Almeida Santos 2006:10)

Aceitamos que a prática turística é uma prática cultural que procura refazer uma “totalidade do mundo” incorporando os fragmentos, marcados como panoramas turísticos, enquanto signos do que são os outros, as outras cidades e as suas culturas. Contudo, as “totalidades de mundo” experienciadas pelos turistas são outros tantos fragmentos, colagens, reciclagens que não reenviam a nenhum conjunto para ganhar um qualquer sentido. Recolhemos aqui a noção de fragmento em W. Benjamin⁶³ e A. Cauquelin. “O valor dos fragmentos [do pensamento] é decisivo”, diz Benjamin no *Préface Épistémocritique* (1928), só podemos apreender o conteúdo de verdade deixando-nos absorver pelos detalhes de um conteúdo material, “a menor parcela da realidade contemplada contrapesa o resto do mundo⁶⁴”, olhando-a na sua individuação, nas tensões sociais nela contida. “L’affirmation de l’œuvre comme fragment, c’est abandonner les explications causales pour entrer dans l’intimité d’une relation au monde dans sa totalité, manifestée dans chacun de ses fragments. La circularité et non la linéarité est exigée par la compréhension du fragment. Une circularité qui n’a ni commencement (cause), ni fin (but visé), et du même mouvement instaure une sorte d’éternité: le temps n’y est plus en accumulation extensive, en succession, mais donné en simultanéité.” (A. Cauquelin, 2010)

Nessa medida, a análise aos guias turísticos torna-se particularmente interessante para perceber a constelação de clichés, das imagens acerca dos outros, uma vez que o guia é um dos documentos em que se cristalizam os signos, da apreensão dos panoramas turísticos através do simulacro semiótico, como os marcadores / signo do todo e em circulação nas práticas turísticas. Aqui procuramos integrar os dois campos problemáticos em que se inscrevem as formas discursivas particulares, como são os estereótipos, os clichés e os lugares comuns, i.e. o seu valor de partilha no pensamento e vida social comum, mas também o seu valor de exercício de dominação e inculcação ideológica⁶⁵.

MacCannell refere que na modernidade os indivíduos nos seus espaços familiares, em casa (para usar a oposição casa-estrangeiro) só experimentam o seu segmento social, o seu mundo de vida e o seu lugar social nele. Contudo, enquanto turista, agarrando-se aos marcadores turísticos, permite-se uma visão de conjunto. Ao visitar Lisboa, vai encontrar

⁶³ W. Benjamin, in *Origine du Baroque Allemand*, Flammarion, 1985.

⁶⁴ A síntese de Adorno acerca do pensamento de W. Benjamin in (W. Benjamin, 1992: 19)

⁶⁵ A desenvolver no ponto 4.1.

nas “sightseeings” uma construção do todo de Lisboa e poder dizer, Lisboa é ..., os portugueses são ..., reunindo em imagens, objectos e memórias uma parcela-totalidade de Lisboa, como lembranças turísticas e, no confronto com a alteridade encontrada em Lisboa, reencontrar uma certa ordem na sua realidade, da sua própria sociedade.

Na mesma perspectiva J. Culler também salienta o comportamento do turista como um semiótico: “The tourist is interested in everything as a sign of itself, an instance of a typical cultural practice: a Frenchman is an example of a Frenchman.” (J. Culler, 1990: 2) No entanto levanta a questão da marcação do que os turistas vêem como tendo valor de signo, constituindo o guia turístico um dos contêntores materiais através do qual é possível ao turista certificar-se de que o que vê possui valor de signo.

But ‘the real thing’ must be marked as real, as sightworthy; if it is not marked or differentiated, it is not a notable sight. The authentic is not something unmarked or undifferentiated; authenticity is a sign relation.” J. Culler (1990: 6) Este aspecto da importância da “autentificação” dos produtos turísticos tem afinidades com a emergência da “cultura de iniciativa” a que se refere M. Strathern. Como salienta, na “cultura de iniciativa” a possibilidade de opção passou a ser a posição de vantagem privilegiada, a partir da qual aferimos as acções e desse modo a cultura passou a ser *enterprised up*, sendo a escolha um processo de valorização pessoal. Na “cultura de iniciativa” os consumidores estão interessados na identidade do produto, na sua identificação e, nessa medida, o trabalho da comercialização do produto adiciona-lhe o conjunto de atributos que o identificam e valorizam, no sentido do que se espera culturalmente que sejam os atributos verdadeiros. Seguindo o seu exemplo, um autêntico turístico tem de ser comercializado enquanto autêntico, i.e. “the authentic has to be authenticated up⁶⁶”. (Marilyn Strathern, 1991: 1015-1018)

Esta questão do interesse no signo permite escapar à crítica antropológica e simultaneamente etnocêntrica de querer projectar no turismo uma prática social etnográfica, de real experimentação da cultura do outro. O olhar turístico não se constituiu como um olhar científico ou etnográfico. Desde o seu início que se encontra marcado pela recreação e procura de emoções. O facto de categorias como o Autêntico e o Outro (o estranho), seja patrimonial ou antropológico, se tenham constituído como a motivação das viagens turísticas e que essa prática tenha tido o seu campo de produção na sociedade

⁶⁶ No artigo Strathern usa o exemplo da comercialização da maçã que tem de ser *appled up* para ser vendida como verdadeira no mercado, identificada com o padrão do que se espera que seja uma maçã verdadeira.

industrial e colonial europeia, tal remete para a partição que a modernidade europeia realizou em XIX, entre um mundo moderno e desenvolvido, o deles, e o “resto”, situado no passado. E que essa partição tenha criado um sentimento de nostalgia de um estado de paraíso, são constructos da cultura ocidental e é nessa categoria que devem ser entendidos. Considerámos pertinente a crítica, desenvolvida já na mundividência pós colonial, que diz que a presença repetida dos mesmos clichés para o turismo, nos países em desenvolvimento, reforça as relações de poder e que, com o incremento nas últimas décadas de XX, se possam ter destruído culturas locais “genuínas”, para dar lugar a falsificações turísticas, como as Casa de Fado do Bairro Alto, por exemplo.

Mas, simultaneamente, partilhamos a posição de R. Amirou, que se afasta da polaridade falso-autêntico, para destacar a justaposição pós moderna dos contrários: “C’est aussi une série de couples d’opposés qui structure l’imaginaire touristique et l’imaginaire de l’authenticité, c’est-à-dire la subtile articulation entre ici et l’ailleurs, entre l’authentique et l’inauthentique, entre le vrai et le faux, entre le dedans et le dehors, entre la fuite et l’enracinement, entre le nomadisme et la sédentarité. (...) L’authenticité (...) c’est un effet de style, une figure de la rhétorique touristique, qui renvoie à un imaginaire plutôt qu’à une authenticité substantielle. C’est ce simulacre d’authenticité hyperréelle, un artefact, qui dessine les linéaments de la postmodernité touristique. Les modèles de comportement touristique évoluent. La “journée ville” (the “24-hour city”) se développe; on “fait” Rome ou Florence en 24 heures, au grand dam des puristes et des esthètes.” (R. Amirou, 2007: 47-49)

À semelhança da arquitectura (a primeira ruptura na sequência de rupturas que se identificam como pós-modernas) o viajante pós-moderno adota um estilo barroco e ornamental de deslocação, fazendo viagens em zig zag entre o antigo e o novo, o banal e o raro, a arte e o funcional, o prosaico e o simbólico, praticando uma cultura de mobilidade, imerso na circulação generalizada de mercadorias, corpos e ideias. Afinal o turismo que se foi estruturando ao longo do século XX “é um fenómeno híbrido, hiperrealista e nostálgico.” (R Amirou, 2007: 53)

O imaginário pós-moderno funciona no entre dois, numa espécie de espaço de ilusão que permite uma experiência de alteridade num espaço de conforto, consumindo híbridos, simulacros, tendo no guia uma espécie de missal, escolhido num vasto leque de ofertas de estilo, ressaltando contudo, como refere E. Boutouyrie, que tal não impede que realmente

os turistas não se encontrem com o “outro” e não estabeleçam um momento de troca, de encontro: “Que le déplacement touristique vise à vérifier l’exactitude des informations fournies par le guide, et si possible à en rapporter la preuve photographique, est tout à fait exact, mais n’empêche, en aucune manière, un face à face avec l’Inconnu, à moins de considérer la condensation du guide comme le signe d’une paralysie de l’espace.” (Éric Boutouyrie, 2005: 3)

No caso de Lisboa, ao longo de XX foram sendo construídos signos turísticos, singularidades da cidade com valor de identificação da nossa identidade: a varina, o fado ... a sardinha ... o Stº. António ... a calçada ... os azulejos ... bairros “self contained ...” A maior parte destes signos surgem destacados nos guias turísticos de edição estrangeira, e também de autoria nacional, desde a viragem de XIX até ao fim do século XX. Contudo como apresentamos na Parte 3 (as narrativas de Lisboa; os clichés turísticos) eles surgem envolvidos em culturas de cidade e de viagem turística diferenciais, articulam-se com as conjunturas sócio-históricas e os lugares de Lisboa (Portugal), Inglaterra e França naquelas, bem como as sucessivas cidades-nostalgia que se colam, em simetria, ao valor urbano da cidade moderna *versus* pós-moderna (ou sobremoderna).

4 - Os guias turísticos: uma fonte documental com pertinência para fazer história urbana.

Os guias de viagem apresentam-se como uma introdução ao território, boa ou má, mas constituem-se como uma mediação com o espaço, afirma M. Roncayolo. Neles expressam-se, numa dupla relação, o real e a sua representação, um modo de pensar e organizar o real, o território e a(s) cidade(s). Desse ponto de vista analisar uma colecção de guias na longa duração, i.e. num arco temporal com pertinência analítica, é possível destacar os estratos das mutações que se operaram na cidade, nos seus modos de a representar: “La collection des guides dans le temps, par exemple, vous permet de voir comment changent les points de vue sur la ville et sur les éléments de la ville, sur les itinéraires à suivre. Autrement dit, la véritable légitimité du guide vient du fait qu’il offre une lecture de la pratique historique de la ville. Le guide est un médiateur de représentations acquises, de représentations des uns et des autres, des observateurs différents, et de représentations en mouvement. C’est-à-dire que cela peut changer.” (M. Roncayolo 2011:14-18)

Os guias impressos destacam dois níveis de construção: textual e espacial, um modo de ler os lugares e os povos. De certa forma, nos guias constroem-se paisagens, lugares e estereótipos de povos. (Cohen Evelyn 2007: 85)

A forma moderna dos guias turísticos situa-se no início do século XIX, aspecto mais ou menos consensual entre os vários investigadores que têm trabalhado com esta fonte documental, P. Saunier (1993), Évelyn Cohen (1999), H.Morlier (2007), Ariane Devanthéry (2011), Stéphane Courant (2012), entre outros. Na segunda metade de XIX foram surgindo guias — Murray, Baedeker Guides e Joannes Bleus — que se tornaram num referencial padrão, um modelo replicado, mas também criticado, das edições de guias editados entre finais do século XIX e a primeira metade de XX. Nesse género textual, que consistia em literatura prática de viagem, o espaço surge representado de uma forma linear e fragmentado, onde as cidades aparecem como um cruzamento de referentes geográficos, epistémicos e estruturantes, oferecidos como auxiliares à leitura do viajante / turista.

Organizado por ordem alfabética, temática, ou através de itinerários, o guia não se constituiu como um livro de leitura simples e linear, dirige-se a um nós, um colectivo, os viajantes, que nas suas deambulações (viagens) podem corrigir (actualizar) entre o que leram e viram. O guia ao procurar informar sobre a realidade dos lugares que sugere, encontra-se sujeito a permanentes actualizações, dado confrontar-se com as sucessivas

mudanças dos lugares de visita, abrindo-se, por isso, a uma relação de interacção entre o guionista e o leitor / viajante. Esta interacção já presente nos guias editados no século XIX, estruturou-se em rede aberta nas edições da última década de XX, baseando-se a actualização dos guias na recomendação mútua, como chama a atenção Stéphane Courant (2012). Este autor sintetiza as três principais características dos guias (que remontam ao Baedeker): racionalizam um espaço desconhecido, optimizam o rácio tempo/consumo cultural, fazendo uma gestão produtiva da viagem e por fim, ao fornecerem um conjunto de “incontornáveis a ver, *musts*”, estandardizam a experiência de viagem, fechando-a num modelo de viagem (ideal), trabalho sustentado num argumento de autoridade que, em muitas circunstâncias, se sobrepõe ao conhecimento local. Em síntese, forma um “Olhar”: “nous permettent de souligner un rôle important du guide comme une trace écrite qui, au-delà des informations fournies, joue un rôle significatif dans la validation ou non des choix.” S. Courant (2012: 210-212; 225)

Ariane Devanthéry nota o papel funcional e formal dos guias, destacando a sua função epistémica, testemunhal, estética e prática. Os diferentes tipos de guias que existem no mercado reforçam mais ou menos uma destas funções. Por exemplo os clássicos Guides Bleus, que se celebrizaram no mercado pela “autoridade científica” da informação transmitida, reforçam a função epistémica; os guias culturais editados pela Autrement, que privilegiam a qualidade textual, escolhendo em muitas circunstâncias escritores ou filósofos (foi o caso das edições Autrement para Lisboa 1988 e 2003), destacam a função estética. Alguns guias do nosso *corpus* identificados como guias monografia, reflectem um olhar testemunho. (Ariane Devanthéry, 2009: 2)

Como sintetiza Sarah Quinlan: “Guidebooks are argued to be significant elements of the tourism infrastructure (Koshar, 1998), influencing the perception of destinations and the travel practices of millions of tourists (Gilbert, 1999). Guidebooks have been depicted as mediators, interpreters, and communicators of place and people.” Sarah Quinlan (2005: 1-2) Vários investigadores têm usado a fonte documental guias turísticos para fazer a história de cidades como Marcel Roncayolo⁶⁷ 1990, Pierre Y. Saunier⁶⁸ 1993 e 1995, Evelyn Cohen⁶⁹

⁶⁷ L’imaginaire de Marseille: Port, ville, pôle, 1990, 2014

⁶⁸ “Lyon Du Fauteuil a La Poche. Le Guide Touristique Au XIX° Siecle, Lyon”, 1995; L’esprit lyonnais XIX°-XX° siècle. Genèse d’une représentation sociale, Paris: Editions du CNRS, 1995.

⁶⁹ Paris dans l’imaginaire national de l’entre-deux-guerres, 1999.

1999 e John Eade⁷⁰ 2000, entre outros. O geógrafo e urbanista M. Roncayolo colocou no centro do estudo sobre Marselha, no fim dos anos 80, a importância do imaginário na sua compreensão histórica, argumentando que o imaginário geográfico é um ponto de vista importante para compreender os processos de formação da(s) identidade(s) urbana, considerando-o não como um constructo isolado, mas que se alimenta dos confrontos, das narrativas, da linguagem, incrusta-se nos signos colectivos, como as formas materiais das cidades, cuja historicidade interessa destacar. Saunier, Evelyn Cohen e Eade, trabalhando sobre recortes temporais diferentes, mas significativos no plano das histórias urbanas das cidades que analisaram, Lyon em XIX, Paris entre as duas GG e Londres na sua passagem de cidade imperial a cidade global, respectivamente, retiveram a importância do estudo das representações sociais das cidades, como o ponto de vista central para as suas análises. As representações que se foram formando acerca dos espaços urbanos constituem-se como materialidades que importa compreender como se fabricam, se modificam, se impõem, se difundem, desaparecem ou se reconfiguram.

As investigações de Roncayolo e Saunier partilham com o historiador R. Chartier a entrada da análise das representações colectivas no trabalho histórico, nos anos 80. Chartier salienta que a focagem naquelas permite ultrapassar a difícil articulação entre as estruturas e as práticas culturais, considerando que “il est pas de pratique ni de structure qui ne soit produite par les représentations contradictoires et affrontées par lesquelles les individus et les groupes donnent sens au monde qui est le leur.” (R. Chartier, 1989 : 1508)

Na base da entrada das “representações sociais” na análise histórica encontra-se a inclusão do corpo textual na sua historicidade, reflexividade e materialidade. Chartier, na sua análise sobre a literatura de cordel, difundida entre os séculos XVI e XIX, procurou dar importância à materialidade da circulação dos textos, à forma através da qual aquele tipo de literatura era distribuída, pois esta não se podia reduzir a um estudo semântico, mas importava, igualmente, ter em conta as formas materiais em que o texto circulava. “D’un côté, la transformation des formes à travers lesquelles un texte est proposé autorise des réceptions inédites, partant crée de nouveaux publics et de nouveaux usages. D’un autre, le partage des mêmes biens culturels par les différents groupes qui composent une société suscite la recherche de distinctions neuves, aptes à marquer les écarts maintenus.” (R. Chartier, 1989 : 1508-1517)

⁷⁰ Placing London: From Imperial capital to Global city. 2000.

Os textos impressos, o seu formato, processos e redes de circulação constituem outros tantos campos que interferem na reconfiguração dos sentidos e significações entre a intenção da escrita, a sua edição e difusão e a recepção pelo público (leitores), conformando uma multiplicidade de práticas culturais de leitura com impacto performativo na própria produção textual.

No caso das cidades, a proliferação de guias e roteiros durante o século XIX encontra-se associada à alteração da compreensão e leitura do espaço, da sua racionalização, e também complexificação, agindo os guias como instrumento de aprendizagem da cidade metropolitana, como salientam Saunier (1995) e F. Vidal (2007). Os guias turísticos partilham a qualidade de objectos textuais nos quais circulam descrições sobre cidades, (entre outros espaços de usufruto turístico), um meio e agente dos processos de percepção e apreensão do espaço, o elemento material catalizador / difusor de imaginários, e razão pela qual são um documento útil para a história das cidades, evidenciando-se a interferência simbólica na fabricação das cidades e do urbano.

4.1 – O estatuto discursivo dos textos guionistas: a fixação de imaginários turísticos, estereótipos e signos

Um dos aspectos associados à prática turística, que M. Boyer não para de insistir, é o estatuto imaginário, recreativo e intangível na origem daquela (fixada em XVIII pelo ethos do Grand Tour), práticas motivadas pela vontade de distinção (Bourdieu), e isto apesar da complexidade e materialidade económica e cultural, nomeadamente, que ocorreu na contemporaneidade do século XX. No turismo conjugam-se dimensões de âmbito substantivo como imaginários, desejos, fantasias, ou seja do campo da simbólica, e por isso tornam difícil o trabalho analítico.

O imaginário é um terreno escorregadio, por um lado há uma ausência de original, e no entanto procura-se atingir o original (o ainda não ocorrido, a produção única, imaginária porque sem referente no real social e histórico presente). Contudo, como chama a atenção Ricoeur, não existe uma categoria de zero (0) anterior, mas no trabalho do imaginário procede-se à recombinação e transformação das categorias existentes, elaborando uma materialidade (realidade) nova. No nosso entendimento do pensamento do autor o imaginário é, simultaneamente, uma função da produção de significados e o produto dessa função.

Os imaginários, de difícil cativação, são socialmente transmitidos em aglomerações de representações que interagem com as imaginações individuais e são usados como produtores de sentidos (significados) e configurações de formas de dispositivos sociais. Como lembra Noel Salazar (2012: 866), os imaginários turísticos tornam-se patentes de cada vez que são encarnados em instituições ou elementos materiais das sociedades como sítios arqueológicos, museus, monumentos, produtos culturais, í(k)cones, publicidade ...

De acordo com N. Salazar o campo do turismo foi particularmente profícuo para a expansão de imaginários no século XIX e em XX. Os guias foram, e são, um veículo para a circulação de meta narrativas, tropos do discurso, da sua cristalização e revivalismos: “Images, discourses, and ideas have certain points of origin—in tourism many of them are marked by distinctly Western genealogies — but are now incessantly moving in global ‘rounds’, not strictly circular, reaching new horizons and periodically feeding back to their places of departure. (...) The circulation of tourism discourses and imaginaries is, in many respects, a translocally negotiated process involving variously situated actors and their glocal engagements with tourism to (re)produce ‘stereotypic images, discredited histories, and romantic fantasies’.” (Bruner, 2005: 76; N Salazar, 2012: 868)

Embora com uma linguagem diferente, S. Courant (2012) destaca o carácter de fixismo da escrita de viagem (de guias turísticos), estabelecendo polaridades em torno de concepções prévias de “autêntico”, de originário ou “tipos puros”, pressupondo uma concepção de cultura de enraizamento profundo nos lugares. “La syntaxe change et n’appuie plus que sur le seul champ de l’authentique. Le guide sous-entend alors: est authentique ce qui est vrai c’est-à-dire de l’ordre de l’origine, du pur et qui n’a pas pu être infecté par une intrusion externe. Il y a comme une volonté de fixer la population à une période donnée (laquelle? on l’ignore), avec des caractéristiques comportementales inchangées et qui doivent demeurer. Nous sommes dans une forme d’idéologie du fixisme qui ne se cantonne pas à fixer et à refuser l’évolution des espèces mais une idéologie qui fixe tout autant l’individu que la culture de celui-ci.” (S. Courant, 2012: 216)

As cidades, por exemplo, eram povoadas por “povos originários” ou então encontravam-se muito mestiçadas. Lisboa surge descrita, sobretudo nos guias editados até às primeiras décadas do século XX, como uma cidade povoada por populações muito misturadas, resultante da história expansionista portuguesa, aspecto conhecido da nossa história e

esperado encontrar *in situ*. Ou, por exemplo, o estilo manuelino que foi, em muitos guias, alvo de dissertações pela sua curiosidade, considerado como uma mistura de estilos ou, pelo contrário, como a prova da falta de estilos “puros” no país, ou ainda, finalmente, como o estilo arquitectónico e artístico próprio (português), opiniões que divergem ao longo do arco temporal, opiniões que dependeram do quadro de situação no campo da história de arte, com origem no pensamento académico dominante em Inglaterra ou França, no momento da redacção dos guias.

A mixofilia⁷¹ (Z. Bauman, 2005), traduzida nos valores positivos de cosmopolitismo e multiculturalidade, só surge como um atributo positivo da cidade nos últimos guias editados no século XX.

Mas, como chama a atenção Ricoeur, a imaginação produtiva se, por um lado, permite a possibilidade de novas realidades (as utopias), por outro também desencadeia patologias, a fuga para fantasias, escapismo, levando a um retorno ao pensamento mágico. O turismo tende a alimentar-se mais do lado da fantasia, justamente porque é motivado pela necessidade de escapismo, de fuga à anomia e monotonia do quotidiano, pela necessidade de acumulação de capitais simbólicos para o enaltecimento do eu, estimulada pela compulsão social distintiva nos indivíduos, numa sociedade pautada pelos ritmos da moda, como ocorreu durante o século XX. É essa a matéria com que lidamos na análise, reforçando que o que se elenca como resultado da análise, corresponde às fantasias turísticas que ingleses e franceses (os do Norte), construíram sobre Lisboa.

Como já fizemos menção anteriormente na escrita guionista os estereótipos e os clichés, são parte integrante (M. Margarito, 2000: 10), constituem-se como um “texto heterogéneo que inclui transmissão de conhecimentos, intertextualidades para as caracterizações geográficas, históricas, políticas e económicas; informações práticas e opiniões para a escolha de lugares e monumentos”. (Sandrine Reboul-Touré in M. Margarito, 2000: 155) E nas formas discursivas dos estereótipos e clichés confluem dois campos problemáticos, o seu valor de partilha no pensamento e vida social comum, mas também o seu valor de exercício de dominação e inculcação ideológica.

Seguindo a reabilitação da *doxa* em A. Cauquelin (a opinião comum do momento que não se opõe necessariamente à razão) a filósofa urbana salienta que aquela devolve o laço

⁷¹ Numa breve síntese, Bauman sugere que na mixofilia existe uma atitude aberta à diversidade social.

social comum, o espaço de partilha quotidiana, independentemente da sua concordância com os discursos de verdade, remete para as palavras quotidianas. O “lugar comum” reenvia a um espaço de comunidade alojada no centro da palavra, como o que a palavra de cada um, e lhe é próprio, lhe vem de todos e como o que na palavra expressa a partilha concordante de um reportório de pequenas verdades aproximativas e susceptíveis de fazer ligação entre os homens, opinião igualmente partilhada por R. Amossay (1991). (a propósito de Cauquelin in Pascal Durand, 2004: 41)

Embora num outro campo de discussão crítica, a noção de intertextualidade em Kristeva levanta a questão da originalidade do escritor e da sua escrita, denunciando o mito de originalidade presente na escrita. Kristeva relembra que os textos se escrevem como um entrelaçamento de outros textos, entre o reportório, mais ou menos designado pelo escritor, e o conjunto de códigos inscritos na memória literária, constituindo-se como uma grande polilogia cultural, na qual cada texto tem (toma) um lugar e pelo qual participa numa textualidade social geral. Como salienta Durand, o contributo da intertextualidade de Kristeva permite reabilitar o estereótipo na medida em que aceitando a inoriginalidade dos textos, que trabalham sobre um fundo comum de fórmulas e formas (a comunidade textual), integra também o saber partilhado com o leitor. O estereótipo encontra-se no processo de intermediação da produção dos textos e do horizonte da sua leitura. Os textos pressupõem o leitor, pelo que terão de colher as palavras comuns, embora o horizonte de leitura no escritor possa não corresponder à sua apropriação pelo leitor, seja pela a intermediação equívoca entre escritor e leitor, seja por desfasamento histórico, por exemplo os guias do *corpus* tiveram um horizonte de leitores conjunturalmente situados pelo que a sua (re)leitura na actualidade, terá de ser historicamente posicionada. (P. Durand, 2004: 47)

Os estereótipos e os clichés, designadamente, que enchem o texto guionista, reportam justamente ao vocabulário da comunicação imprensa do século XIX, o universo dos jornais e da fotografia, como relembra o sócio linguista Pascal Durand (2004), ou dos guias turísticos, i.e. encontram-se associados à difusão comunicacional em massa. A crítica à reproduzibilidade técnica que anulou o valor de único das obras de arte, “o aqui e agora” (W. Benjamin, 1992: 77), instalou o problema da autenticidade, da sua procura pírrica, como já referido acima e simultaneamente, pela circulação, em massa, dos textos escritos, a denúncia do papel de distorção das (informações) opiniões veiculadas pelos jornais, ou dos estereótipos (Lippmann 1922). Apelar à importância do fundo comum dos textos escritos, admitir criticamente a não originalidade / autenticidade exterior à vida social, a

inevitabilidade do recurso aos lugares comuns, não implica anular o papel de exercício de poder que os estereótipos e clichés constituem, como denunciaram Lippmann, Barthes e Bourdieu.

O corpo textual guias turísticos participa da comunidade textual dos lugares comuns e simultaneamente é fonte de cristalização de modos parcelares de olhar o mundo turístico que promove, participando na difusão de estereótipos sobre os outros a visitar, marcado por tensões e relações de poder. Ao trabalhar sobre os guias produzidos ao longo do arco temporal, centexualizando-os sócio-historicamente, localizando autorias e os seus “dizeres” sobre um lugar, a cidade de Lisboa, por um lado destacam-se as opiniões comuns que circularam acerca da cidade e por outro as suas configurações, deslocamentos e destorsões ideológicas.

A circulação e cristalização de fantasias através dos guias turísticos fazem com que estes sejam um bom documento para destacar os “mitos” que o campo do turismo tem vindo a produzir desde o século XIX. N. Salazar cita Echtner Prasad (2003) que identificou três mitos recorrentes no turismo: “o imutável, o “incontrolado” e o “selvagem”, mitos construídos na conjuntura da mundividência colonial imperial de XIX, revisitados nos pós-colonialismos, transferidos para outras nomações e contudo continuando a clivagem anterior.

O imaginário turista, entre outros, tem apelado a uma nostalgia do passado, uma espécie de nostalgia de sofá (Appadurai 2004: 111), uma nostalgia sucedânea, sem memória, uma nostalgia de um algo que nunca se teve, simplesmente estimulado pela publicidade. No destino turístico publicitado enquanto viagem a cidades (sociedades) congeladas no passado não há passado a revisitar, ou pelo menos o turista não quer regressar ao passado, quer suspender por momentos o seu presente, instalando-se na fantasia de um retorno. Isto é evidente para o caso de Portugal / Lisboa em que, no tempo longo de XX, a singularidade da viagem a Portugal foi vista, quase sempre, por ingleses e franceses⁷² como uma experimentação da tradição e do passado. Mesmo nas alterações ocorridas no fim do século, em que o problema do atraso não se coloca, ainda assim ressoam, nas repetições da presença de contrastes e “escala humana”, as clivagens anteriores.

⁷² Essa atitude repete-se também nos guias de edição alemã, como chama a atenção M^a João Cordeiro (2010)

Importa lembrar que os guias são construções sociais e, na síntese do olhar que elaboram, reflectem o contexto da sua produção: “Tourist practices are located within structured social systems and signs, identifying the visual and experiential contrasts between “home” and ‘Other’. Therefore, the tourist gaze is the way we see and experience people and places when we are tourists. This perception is grounded in the idea of social construction, where places are given meaning beyond their physical locations due to our individual social and cultural experiences. Consequently, the tourist gaze varies between social groups and historical periods - there is no one gaze (Urry, 2002). This idea of multiple tourist gazes has been tested in cross-cultural studies.” (Sarah Quinlan, 2005: 26)

Carla A. Santos diz que a escrita de viagem é uma forma particular textual que contribui para as representações da comunicação intercultural, indiciária dos valores da voz narrativa (ingleses e franceses versus portugueses-lisboetas) que enquadram as escolhas feitas pelos autores nas suas escritas de viagem. Nestas reflectem-se as ideologias e as relações de poder entre redactores, o objecto da redacção (países, paisagens turísticas em proposta de visita) e os leitores visados, estabelecendo pares diferenciados entre visitantes e visitados, estrangeiros e nativos. Seguindo Stuart Hall, citado por Carla A. Santos (2006: 625), “due to its representational role, travel writing can be approached as a reflection of dominant ideologies, which provide us with the means of ‘making sense’ of social relations and our place in them.”

A escrita de viagens é um género híbrido que procura fornecer narrativas estéticas agradáveis para satisfazer o desejo de “Outros (otherness)” dos leitores / turistas. Por serem de ampla difusão, assemelhando-se à difusão da imprensa escrita, possuindo um longo tempo de existência, têm essa capacidade para veicular representações e clichés socialmente partilhados e difundidos.

John M. Mackenzie, na análise que fez aos guias editados no período colonial inglês, dá conta da importância que os guias assumiram como mediadores na consolidação, junto dos ingleses, da sociedade imperial. “Analysis of the guides indicates that they were directed at a white imperial ‘imagined community’ which was global in its extent. The central myth of these guides is that there was an anglo-phone supra-nationality which embraced the world through travel and the traveller’s gazetteer. When these works are surveyed and carefully analysed, it becomes apparent that the British Empire was built not only on the sword and

the gun, the Bible and the flag, Christianity and commerce but also the guide and the map.”
(in Walton 2005: 21, 22)

Mackenzie considera que o guia turístico, no seu formato estabilizado no século XIX, deveria entrar no conjunto dos instrumentos / artefactos, ao lado dos censos, mapas e museus que, de acordo com B. Anderson (1991), ajudaram a consolidar as identidades nacionais (imagined communities) que assinalaram a entrada das sociedades modernas.

B. Anderson na reedição em 1991 do seu estudo sobre a emergência dos “nacionalismos” acrescentou a importância que os mapas, os censos e os museus, na sua qualidade de artefactos associados à “era da reprodutibilidade técnica”, introduzidos no período de consolidação dos estados coloniais modernos, tiveram, ainda que de modo inconsciente, na fabricação da gramática dos “nacionalismos” que emergiram para justamente combater o estado colonial.

De acordo com B. Anderson as três instituições contribuíram para o modo como os estados coloniais imaginaram os seus territórios colonizados: a natureza dos seres humanos que governavam (através dos censos), a geografia dos espaços coloniais (os mapas) e a legitimidade do laço colonial (os museus). Ambas as instituições (instrumentos) assentam na sua racionalidade abstracta e reprodutibilidade técnica, i. e. circunscreveram uma gramática de classificação totalitária que poderia ser usada na sua flexibilidade interminável, seriada, para qualquer coisa que o controle do estado pretendesse: pessoas, regiões, religiões, linguagens produtos, monumentos.

Numa breve síntese, a gramática colonial, assente na seriação, na quantificação, na constituição de geografias espaciais e genealogias arqueológicas logotipificadas foi um importante instrumento/emblema difusor, que alimentou simultaneamente a materialização do domínio colonial imperial e a emergência dos nacionalismos nos territórios coloniais. (B. Anderson, 1991: 164-185)

A proposta de Mackenzie de incluir os guias turísticos naquela categoria, considerando a importância que estes tiveram na construção da identidade colonial imperial junto dos ingleses, também se encontra nos guias de edição francesa, Guides Joanne, como refere H. Morlier (2011). Esta investigadora, que tem vindo a desenvolver uma pesquisa sobre o espólio patrimonial dos Guides Joanne-Bleus, destaca num artigo sobre as primeiras edições que a criação da colecção *Itinéraire général de la France* em 1860, pelo editor Adolphe Joanne, teve como objectivo cobrir a totalidade do território francês, traduzindo o desejo de unificação e “normalização” (padronização) da França, usando a língua e a moeda francesa, quando estas ainda não eram utilizadas pela totalidade das regiões

francesas de então. E os territórios coloniais começaram a ser incluídos, como foi o caso da Argélia, inserindo na colecção enquanto uma das regiões “recentemente pacificada”. A outra colecção, *Itinéraire de l’Orient* (1861) igualmente criada nesse período, mais próxima das viagens de expedição, reflectia, como acentua a investigadora, o processo de competição / colonização entre os estados, quando cita o argumento do editor acerca da nova colecção, sugerindo que o novo itinerário actuaria como uma espécie de embaixada cultural por parte das elites no campo de expansão colonial. (H. Morlier, 2011: 8-11)

O caso particular da emergência da reconstituição arqueológica e da musealização das “ruínas”, encontradas nos domínios coloniais, do seu restauro e “assemblage” em monumentos, desde logo com interesse turístico, aspecto que serviu em simultâneo para fabricar uma espessura temporal do laço colonial, para reforçar o poder dos governantes-restauradores e subestimar o valor dos “nativos” do presente colonial, como argumenta Anderson, acompanha a importância do guia turístico, enquanto materiais reprodutíveis de uma paisagem de mundo e para usufruto de ...

Os guias constituíram-se justamente com esse tipo de informação oriunda dos censos, dos mapas e do conjunto arqueológico, serializações de um mundo constituído como um todo articulado – as metrópoles imperiais e os domínios coloniais. Foi essa ideia/imagem de mundo, um todo articulado por partes hierarquicamente relacionadas que alimentou identidades imperiais, identidades colonizadas e os nacionalismos pós-coloniais. (B. Anderson, 1991: 163- 185)

Como acentua B. Anderson, e acrescentou Mackenzie a propósito dos guias turísticos (Murray, Baedeker, Blue Guides, i.e. para as potências colonizadoras de XIX, Inglaterra, Alemanha e França), com a gramática da serialização, da sua difusão permitida pela imprensa, da possibilidade de reprodutibilidade infinita, gerou-se (imaginariamente) a hipótese de que o mundo poderia ser replicável no plural, no qual o particular era o elemento (e a representação) de uma série, uma colonização, uma turistificação por antecipação. Esta última foi a experimentação *in situ* (mesmo que só através da leitura) da materialidade colonial e no mesmo movimento da sua materialidade turística.

De certa forma, considerando a importância da replicação / difusão de logotipos abstractos, que sustentaram os nacionalismos anti-coloniais formatados na paisagem identitária colonial, também as novas práticas turísticas não românticas, emergentes no pós-guerra, críticas da turistificação dos Outros até ao “strike back tourism” da actualidade, foram

forjadas pela “a estufa⁷³” como foram os guias turísticos editados no século XIX, recorrendo à metáfora que Anderson reutiliza para identificar o estado moderno colonial.

Em síntese, como já foi argumentado atrás, a edição guionista estabelece-se como campo de forças que se articulam com os campos políticos, económicos e culturais e que importa desconstruir de acordo com a autoria e o período conjuntural de edição.

4.2 - A Autoria: o poder da autoria guionista (escritores e editores) e os seus públicos

Como já tínhamos estabelecido em sede do mestrado (E. Gonçalves, 2008) considerámos a autoria dos guias o conjunto das casas editoras e coordenadores, bem como os redactores dos guias quando assinados, ou seja a autoria corresponde ao conjunto das casas editoras e dos redactores. No caso da edição portuguesa, uma parte considerável do *corpus* era de origem pública (governo central ou a autarquia), o mercado editorial português revelou-se um espaço fraco no campo da edição de guias turísticos no século XX.

No caso do *corpus* estrangeiro, este é exclusivamente oriundo do campo editorial privado, embora alguns guias tivessem resultado de viagens até Lisboa, com o apoio de organismos oficiais de turismo portugueses (Sociedade Propaganda de Portugal; 1906) e do Secretariado de Propaganda Nacional; 1932-1944), os únicos organismos públicos directamente enunciados nos guias. Aliás, embora não tenha sido alvo do nosso estudo, prevalece, sobretudo nos guias “clássicos”, que no *corpus* representam as edições na viragem do século XIX e o Guide Bleu que atravessa o século XX (1886 – 1989), um apoio dos órgãos diplomáticos e dos serviços de turismo e cultura locais junto do corpo redactorial. Nalguns guias editados durante o regime do Estado Novo ressoa a presença duma vigilância por parte das autoridades oficiais procurando orientar o “olhar” dos guionistas (1957 Fr G, 1960 Uk M, 1971 Uk M e 1972 Uk GM). Contudo neste *corpus* subjaz a autonomia da perspectiva das casas editoras e dos respectivos autores.

É o uso que os autores fazem de modos culturais específicos para interpretar e narrar as suas experiências de viagens no território do “outro” o que fornece às narrativas uma forma cultural particular e que, pelo seu grau de difusionismo, atinge um alcance de formatação de modos de ver os outros e a si na relação comparativa, prevalecendo o cliché e a relação de forças entre turista e nativo, moderno e tradição, progresso e atraso.

⁷³ Anderson cita a metáfora usada pelo romancista indonésio Pramoedya Ananta Toer para identificar o período colonial: the Glass House. (B. Anderson, 1991: 184)

É consensual que o modelo do moderno guia se associa ao Baedeker, publicado na primeira metade de XIX, modelo identificado pelos vários investigadores como associado ao gosto da burguesia em ascensão. Este, diz M^a João Cordeiro, remete para o cânone cultural burguês notando a investigadora que a primeira publicação coincidiu com as alterações históricas ocorridas na Alemanha⁷⁴ naquele período. (M^a João Cordeiro 2010: 99)

Pode dizer-se que, de acordo com J. Steward, os primeiros guias turísticos foram estruturadores das identidades burguesas: “The new breed of travel journalists not only constructed their images of their own social and cultural identities but also contributed to the formation of those available to others. By presenting readers with the world as a set of potential experiences to be chosen and consumed, by constantly asking ‘Where will you go next?’, they presented their readers with a set of choices through which they could express their individual tastes and preferences, and thereby their desires and fantasies, if not in reality, at least in their dreams.” (Jill Steward in Walton, 2005: 52)

Porém, como chamam a atenção D. Gilbert e C. Hancock: “The representations of place in guidebooks are neither the simple invention of their authors nor straightforward expressions of a homogeneous and static popular geographical knowledge. There is a complicated, circular relationship between the information to be found in guidebooks and the changing expectations of their readers.” (D. Gilbert e C. Hancock, 2007: 82)

A nacionalidade dos editores e dos viajantes esperados é um factor importante, aqueles investigadores, na análise que efectuaram aos guias de Nova Iorque, editados entre 1893-1939, dão conta das diferenças entre os guias de edição francesa destinados aos turistas franceses e os de edição inglesa. Os guias de língua inglesa enaltecem os atributos da cidade, espelhando os valores da economia liberal, a herança anglo-saxónica deixada pelos ingleses, elegendo a cidade dos arranha-céus como o símbolo desse valores liberais. Os guias franceses, por sua vez, reforçam a partilha histórica da luta pela liberdade política e o ideário republicano, elegendo a Estátua da Liberdade como o símbolo da partilha histórica comum de americanos e franceses.

No caso do nosso *corpus*, como à frente se apresentará, este aspecto é claramente evidenciado entre franceses e ingleses no modo como nos vêem, embora simultaneamente partilhem “olhares comuns” uma vez que os autores se colocam do lado do “mundo

⁷⁴ Revolução alemã, entre 1848-1849.

moderno e desenvolvido”, lugar também dos alemães. Quer a análise de M^a João Cordeiro (2010), que reporta o olhar dos alemães nas últimas décadas de XX, quer o nosso *corpus*, que reúne a visão de ingleses e franceses, explicitam uma polaridade entre moderno e atrasado, colocando-se a si do lado do moderno e Portugal do lado do atrasado, mesmo na Lisboa metropolitana, onde o que é destacado são sobretudo os bairros antigos.

Embora para Lisboa (Portugal) pareça existir uma continuidade do seu lugar, à escala internacional, no par atrasado-desenvolvido, em grande parte do arco temporal de XX, esse lugar é mutável nas colecções de guias, como por exemplo ocorreu com a imagem de N. York, de acordo com o estudo de Gilbert e Hancock. Se nos guias de fins de XIX existia um certo desprezo e desconfiança pela modernidade urbana Nova-iorquina, dada pelos arranha céus e as luzes de néon, cidade organizada em malha ortogonal, e por isso, no dizer dos guionistas, sem o charme da malha orgânica das cidades europeias, a alteração da importância dos EUA motivou também a alteração do gosto acerca da cidade e, no início do século XX, justamente, os arranha céus e as luzes de néon tornam-se nos principais atributos da cidade moderna.

Saskia Cousin et Bertrand Réau (2011) salientam que os primeiros guias de edição francesa, ainda em XIX, foram escritos por “les érudits provinciaux, petits rentiers, notables, curés ou instituteurs” e, ao mesmo tempo, participando da actividade e promoção de valores turísticos emergentes, “s’investissent dans les comités locaux des Touring Club et dans les sociétés locales de protection de la nature, font des conférences et servent de guides aux visiteurs, créent des musées de folklore ou des syndicats d’initiative.”

No caso do público a que os guias se destinavam, os Baedeker, diz S. Courant (2012), dirigiam-se, sobretudo, as classes sociais superiores, concentradas numa viagem eficaz. No caso do público da Agência Cook, esta dirigia-se mais aos estratos populares: “est réputé se déplacer en hordes, avec cette différence qu’en plus du guide imprimé, il se promène à bon train sous la houlette de l’homme de chez Cook (the man from Cook) qui le guide dans le monde.” (S. Courant, 2012: 19 e 27) Na segunda metade do século XIX aburguesa-se, sem perder o controle rígido das excursões altamente planeadas.

Até à II GG o turismo atingiu maior popularidade, estendendo-se a vários estratos sociais, como afirma Koshar, vulgarizando e expandindo o número de guias turísticos em circulação: “Among the main groups to fuel a more than 60 per cent increase in the total number of tourists in Germany, from the pre-war era to the late 1920^s were lower-and

middle-level white-collar employees (Angestellten) in administration and the retail industry as well as teachers in primary education (Volksschullehrer). Male and female manual labourers may have made up as much as 10 per cent of all German tourists. Employees and workers not only bought cheaper guidebooks but also chose less expensive accommodation, opting for second-and third-class hotels, pensions and hostels.

The TCI (Touring Club Italiano) guides stated that their ideal consumer was the tourist of media culture who 'wanted to get to know his nation not superficially but without specializing'. Like the Baedeker, the Italian guides could hardly avoid the impact of political developments, especially in the interwar era. One 1939 guide introduced the country's autostrada routes by praising the 'great work realized by the Fascist regime.' (Rudy Koshar, 1998: 46-48)

A segunda geração de guias surgida na década de 70 de XX, que alcançou uma popularidade semelhante para esta conjuntura histórica, o Routard e Lonely Planet, destina-se a turistas-viajantes independentes (o turista de mochila / backpacker tourist), acompanhando-se de uma grande diversificação social. (E Courant, 2012: 227)

Numa breve síntese, desde o seu surgimento até à actualidade, os guias turísticos constituíram-se como um importante arquivo documental nos quais se foram inscrevendo gostos e práticas turísticas que contêm clichés sobre as cidades e as sociedades em visita, moldados pela mundividência epocal na qual foram produzidos, definindo clivagens entre o visitante e o visitado.

Parte 2: A apresentação do *corpus* de análise: contextualização e caracterização



5 – Lisboa, o contexto histórico do objecto de discurso dos guias turísticos estrangeiros em análise

Como já sublinhamos, a nossa hipótese é de que, quando a cidade é descrita nos guias para fins turísticos, pré existe no autor a imagem de um todo da cidade, antecipado num molde que o orienta na organização da descrição, bem como na escolha das principais entradas à apresentação da cidade, tarefa que realiza em articulação com os modelos padrão que se definiram no mercado do turismo. Tendo os guias constituído um género textual que descreve cidades para fins específicos⁷⁵, tornados produtos rotineiros das sociedades de hoje, contêm necessariamente representações de cidade oriundas de outros campos, nomeadamente do campo técnico-científico, que são vertidas para a linguagem de senso comum, de lugares comuns, de clichés e estereótipos.

Lisboa, independentemente da sua história particular e da história de Portugal no século XX, foi-se reorganizando em articulação com o que ocorria no resto das cidades do mundo, no processo de urbanização que se desenvolveu nos territórios, reconfigurando cidades antigas, e criando novas. No plano da história da cidade aceitámos as principais sínteses elaboradas em sede de especialistas, salientando os principais ciclos de transformações urbanísticas que ocorreram no século XX, nomeadamente destacando o contributo de Ascher (1998). Este tipificou o processo urbano num plano mais amplo e abstracto e que nos permite contextualizar o processo de urbanização de Lisboa.

Num entendimento geral, muito condensado, o movimento que animou e alterou as cidades no decurso de XX, mas também o turismo, pelo menos no quadro das sociedades euro-americanas⁷⁶, experimentou uma associação forte com o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, nomeadamente com o aumento de meios de transporte por via terrestre e aérea. É essa pelo menos a ideia apreendida das análises de Urbain, Ascher e M. Stock (2005), estes últimos chamam a atenção para a associação entre o processo de urbanização e mobilidade — “fixação-mobilidade”⁷⁷ — como estando implicados na compreensão da cidade da actualidade, herdeira do movimento de modernização.

⁷⁵ Relembramos, o de facilitar a estada do turista na cidade.

⁷⁶ Recorremos a esta identificação, mais presente em investigações de tradição antropológica e de língua anglo-saxónica, dado que tem em conta as clivagens do etnocentrismo presente no universo cultural e científico da civilização de raiz ocidental

⁷⁷ Ascher chama a atenção para este par que remete para a distinção Héstia (deusa do lar) e Hermes (deus da viagem) como um dos fundamentos da cidade grega; casa-cidade; a cidade não como lugar onde o homem se instala, mas como passagem obrigatória, (Ascher, 1998: 87;215-216)

De acordo com Ascher, quando ocorrem crises, redescobre-se a noção de ciclo. Oriunda da economia, repleta de significações, delimitando fronteiras sempre polémicas entre sequências de passagens de ciclo, o recurso àquela noção permite, contudo, visualizar as condensações e principais articulações dos processos sociais, sobre o urbano, as cidades e, neste caso, Lisboa. Ascher diz nomeadamente “periodicamente constituem-se e aprofundam-se coerências de conjunto entre uma série de elementos sociais; coerências que formam o contexto activo das dinâmicas urbanas e das teorias sobre a cidade e o urbanismo.” A sua hipótese é a de que existe, num plano muito geral, uma coerência entre as características principais de um ciclo, o tipo de cidades que aí se desenvolveu e as teses urbanísticas, tendo delimitado, grosso modo, 3 ciclos: o ciclo da cidade “pré-fordista”, o ciclo da cidade “fordista” e, por fim, o ciclo da cidade “sobremoderna”. (F. Ascher 1998: 52)

Considerando que o recurso à noção de ciclo permite agregar a temporalidade em compactações de tempo nas quais se articulam lógicas económicas, sociais, políticas, culturais, científicas e técnicas, que partilham os mesmos paradigmas ou noções vizinhas, pareceu-nos possível controlar melhor a contextualização histórica dos guias. Presumimos então que nos três ciclos se condensam valores sociais de cidade que transitam e se implicam no processo de urbanização que ocorreu em Lisboa, por nós apreendidos através de algumas histórias urbanas da cidade⁷⁸.

Esta foi a temporalidade encontrada em sede de mestrado que mantivemos para o enquadramento do *corpus* de guias de edição estrangeira.

⁷⁸ Concentramo-nos sobretudo sobre as monografias de Lisboa, de Teresa. B. Salgueiro 2001 (1998), Lisboa, coordenado por Irisalva Moita, 1994; V. Matias Ferreira 2004; M^a J. Janeiro (2006); J. A. França (2008); M. Pinheiro (2011) por terem a cidade como objecto das suas investigações, pela relativa actualidade e por cruzarem o olhar geográfico, sociológico e a história, estando igualmente incluída nas investigações uma certa perspectiva urbanista. Mas foram também importantes, apesar de corresponderem a estudos parcelares da cidade, as monografias de Alfama e Bica, respectivamente de Firmino Costa 1999, G. Índias Cordeiro 1998, a monografia sobre “A Lisboa de Ressano Garcia” em 1989, com coordenação científica de Raquel. H. da Silva, a monografia de F. Vidal (2006), T. Saraiva (2005), C Camarinhas (2011) e os numerosos artigos sobre períodos históricos de Lisboa referidos na bibliografia.

5.1 – Os ciclos da cidade e os ciclos histórico-urbanísticos da cidade de Lisboa

O Ciclo da cidade pré-fordista

(início de mobilidades colectivas territoriais: o comboio e o eléctrico; sociedade estratificada a partir do lugar na actividade económica; urbanidade: convivialidade pública, o espaço público burguês)

O urbanismo praticado por Haussmann, quando coordenou o projecto de transformação da cidade de Paris, entre 1853-1870, considerado inaugurador da metrópole moderna, foi como dizem Ascher e Choay, “a combinação do impacto da revolução industrial, do desenvolvimento do transporte ferroviário, das novas fontes energéticas, do afluxo de populações à cidade, dos problemas sociais decorrentes da pressão de um proletariado urbano crescente e da atitude técnico-científica para encontrar soluções no território da cidade, entendida pela primeira vez como conjunto.” (Asher, 1998: 52)

A atitude para com a cidade foi abri-la, atravessar as muralhas, cercas, portas, nas quais tinha estado contida, e ordená-la como conjunto, como uma totalidade abstracta que se deveria organizar numa totalidade sistémica. A partir de Haussmann e Cerdá aquela passou a ser “um espaço isotrópico atravessado por sistemas de redes, assentes no princípio da “justiça distributiva”, pois as redes deveriam distribuir-se equitativamente⁷⁹ no território, garantindo os mesmos serviços e níveis de conforto a todos os bairros” como refere F. Choay, na introdução à edição das “Mémoires” do engenheiro urbanista. Aí a autora sintetiza a novidade das operações urbanas levadas a cabo por Haussmann: a transformação da cidade resultou da conjugação das preocupações políticas e da busca de soluções técnicas para resolver problemas com que Paris se defrontava. **A circulação**, cuja rede antiga se adaptava mal aos novos meios de transporte (o comboio) e ao volume de pessoas que passou a circular na cidade, vindas de comboio das periferias, ou das zonas rurais deprimidas, atraídas pelas possibilidades de trabalho nas fábricas nascentes. **A higiene**, dada a sobreocupação dos velhos bairros e da malha labiríntica, propensa a epidemias. E, por fim, **a paz social**, pois passou a correlacionar-se a densidade populacional na cidade antiga com as tensões sociais provocadas pelas populações pobres, desempregadas e a viver com más condições de habitação, desencadeando motins e criminalidade.

⁷⁹ Esse princípio equitativo não impediu que a cidade haussmaniana fosse já na concepção uma cidade estratificada que empurrou as classes pobres para zonas habitacionais na periferia, onde os terrenos eram mais baratos.

A cidade, analogizada agora a um organismo vivo, assentou sobre a constituição de três sistemas chave a partir dos quais passou a ser construída: **o sistema de circulação**, estruturado numa rede viária (de vias alinhadas, largas, articuladas entre si por praças comutadoras), orientada segundo os pontos cardeais, ligando os vários bairros entre si e os equipamentos nevrálgicos, nomeadamente as estações de caminhos-de-ferro; **o sistema de alimentação e evacuação**, assente nas redes de infra-estruturas de distribuição de águas, gás iluminação e a rede de esgotos; e **por fim o sistema respiratório**, assente numa rede hierarquizada de espaços públicos verdes, disseminados pelos espaços residuais dos bairros e articulados com parques periurbanos, facilitando a respiração na cidade. (F. Choay, 2000: 11-14)

Estes pressupostos que presidiram à construção da cidade de Paris de Haussmann marcaram o modo de construir cidade a partir daí; cidade pensada como um sistema aberto, ligado a redes de circulação para outros lugares e cidades, estruturadas a partir do território; cidade que se organizava internamente também em sistema de redes que colectivizavam e regulamentavam as práticas de viver na cidade.

O Ciclo da cidade fordista

(mobilidades territoriais e aéreas aceleradas e individualizadas: o automóvel e avião; sociedade de massas, de consumo de massas; a urbanidade metropolitana, figurada no *Estrangeiro*⁸⁰, mistura indistinta de indiferença e tolerância)

Ascher expõe o ciclo fordista a partir da conjugação dos princípios fordistas (produção em cadeia e consumo massificado), do princípio taylorista (organização científica do trabalho) e das concepções keynesianas (intervenção dos poderes públicos para limitar as desigualdades sociais e o desemprego provocados pelos efeitos do confronto capital-trabalho, oferta-procura). De acordo com o autor, Le Corbusier sintetizou aqueles pressupostos para as questões da cidade e do urbanismo, igualmente plasmados na Carta de Atenas de 1933: “A Cidade é só uma parte de um conjunto económico, social e político que constitui a região.” Este documento, saído do IV Congresso de Arquitectura, tornou-se uma pauta de conduta⁸¹ para a formação e o exercício da profissão de arquitectura e urbanismo a partir daí, ainda que em campo controverso e de acordo com o contexto sócio histórico de cada um.

⁸⁰ Figura urbana que Simmel encontrou para definir a metrópole moderna.

⁸¹ “As boas práticas” na linguagem actual.

Os problemas da cidade, tais como foram formulados por Le Corbusier, cujas novas teses /soluções técnicas deveriam resolver, de acordo com Ascher (1998: 53-57), podem sintetizar-se em quatro pontos: a desorganização provocada pelo nomadismo caótico das populações operárias através do território da cidade, em virtude da desadequação entre lugares de trabalho e habitação (1); desordem na implantação das actividades económicas (2); desordem e ineficácia na circulação de pessoas e meios de transporte, pela desadequação das redes viárias às novas velocidades permitidas pelo automóvel (3); e por fim a desarticulação na gestão urbanística da cidade (4).

A cidade, para o urbanismo corbusiano, passou a ser olhada como inserida “no território económico, social e político que constitui a região.” Vasto território que deveria organizar-se a partir da racionalidade científica, pensando-o em termos de simplificação e especialização. Desse modo a cidade, tal como formulada pelos urbanistas de então, passou a ser zonada, tendo em conta as quatro funções chave que preenchia: habitar, trabalhar, recrear e circular. Para Ascher “o urbanismo corbusiano decompôs a complexidade da urbe em funções elementares e procurou a eficiência na monofuncionalidade; atribuiu o primado ao movimento e à velocidade; tentou sistematizar as economias de escala ao tipificar o alojamento e industrializar a construção; preconizou a intervenção pública sem pôr em causa as realizações privadas para regular as desigualdades; exigiu uma planificação para controlar a anarquia urbana, regular o mercado fundiário e propor equipamentos sociais de bem-estar.” (Ascher, 1998: 57)

Em suma, é a própria cidade transformada em mercadoria, a cidade a construir habitações em série para serem habitadas em série; cidade onde se produzia, consumia e divertia em massa. Como dizia Le Corbusier, “é necessário criar o estado de espírito da série; o estado de espírito de criar casas em série; de conceber casas em série.” (Le Corbusier, 1937 in Ascher, 1998: 55 e 207)

O Ciclo da cidade sobremoderna

(mobilidades de “alta velocidade” materiais e virtuais: os transportes de alta velocidade, TGV e internet; urbanismo protético, sociedade de estilos de vida; urbanidade metropolitana: casa-cidade-redes globais)

Ascher recorre ao conceito de sobremodernidade para identificar o novo ciclo com que se implicam as cidades da actualidade. Sabemos que a identificação da sociedade decorrente das novas tecnologias industriais e globalização gira em volta das noções de “pós-modernidade” ou “modernização tardia”⁸², campo aberto à discussão teórica que não está no nosso âmbito, e no qual Ascher se posiciona na proximidade de Giddens, “considerando que o projecto de estruturação que caracteriza a modernidade, baseado no uso da razão e da ciência, está mais presente que nunca, tendo mudado apenas os paradigmas científicos quando passaram do universo da complicação para o da complexidade.” (Ascher, 1998: 58) Desse modo considerou que o tipo de cidade associado ao novo ciclo, que se configurou com a globalização, se identifica com a sobremodernidade e resulta do impacto dos novos transportes de alta velocidade e das tecnologias de informação /comunicação, transformações que alteraram a lógica de organização territorial e as anteriores hierarquias urbanas e, embora sem ser condição necessária, todas as actuais metápoles surgiram de grandes metrópoles.

O ciclo fordista provocou alguns problemas na actividade económica, nomeadamente o esgotamento dos meios de crescimento da produtividade e dos modos de organização do trabalho; a saturação da procura, a formação de novos tipos de procura de produtos mais diferenciados a que a rigidez da produção fordista não respondia; a subida das contradições sociais; o desenvolvimento da concorrência internacional; a instabilidade nos sistemas monetários-financeiros.

O ciclo da cidade sobremoderna é marcado, no plano económico, pela globalização, pela procura de novos tipos de produtividade, de flexibilidade, de polivalência, de procura sistemática da velocidade, da experimentação de novos modos de organização industrial, do desenvolvimento dos transportes, das telecomunicações e da logística. (Ascher 1998: 59) E no plano social e cultural pelo “duplo processo da complexificação da sociedade e de individualização, i.e., uma maior interdependência, diferenciação da divisão do trabalho e variedade das estratificações sociais, multiplicidade cultural e simultaneamente a

⁸² Referimos os cientistas que identificaram as noções: Lyotard (pós-modernidade:1979-84); Giddens (modernidade tardia:1991)

diferenciação dos indivíduos, não só em relação a outros grupos sociais, mas também face ao seu próprio grupo de pertença e família.” (Ascher, 1998: 78)

Em síntese, a globalização leva ao reforço dos centros metropolitanos e metapolitanos, concentrando aí as funções estratégicas das empresas multinacionais e os serviços “avançados” de que necessitam, assim como de populações muito heterogéneas, em mobilidades de escala local-global, casa-cidade. As metápoles tomam cada vez mais a forma de centralizações funcionais: centros de negócios, centros comerciais, centros de comunicações avançadas, plataformas logísticas, tecnopólos, parques de actividades científicas e tecnológicas, e também parques de lazer. A cidade, condensada por Ascher, “é hoje aprendida como um sistema complexo, irreduzível à separação em funções elementares e em zonas; a ser concebida como uma realidade flexível, que se pode adaptar e modificar ao longo do tempo, a realizar-se mais a partir de projectos urbanos, a promover nas cidades a miscigenação funcional e a polivalência e a apoiar-se no marketing urbano, numa desmultiplicação de modos de habitar.” (Ascher, 1998: 74-75) A urbanidade metapolitana, no entendimento de Ascher, “estruturou-se como um quadro social e físico que, procurando maximizar a liberdade de cada um, abre a possibilidade a vizinhos de partilharem ou não práticas e opiniões, pois as solidariedades, as práticas colectivas, a consciência de interesses comuns, só muito raramente se estabelecem na base da proximidade.” (1998: 93-100)

Retomando a noção de ciclo, recompusemos conjuntos que articulámos com os ciclos urbanísticos para a cidade de Lisboa propostos por J. M. Fernandes no livro Lisboa, editado em 1994, sequência igualmente presente nas análises para Lisboa efectuadas por T. B. Salgueiro, ambos identificando ciclos que se articulam com os principais quadros sócio históricos de mudança que ocorreram durante o arco temporal delimitado — 1870 - 2010. Esses conjuntos permitem uma apreensão dos momentos histórico-urbanísticos centrais que atravessaram Lisboa, no interior dos quais foi produzido o nosso corpo documental facilitando, por sua vez, a contextualização das representações de cidade que aí se formaram.

5.2 – Os ciclos histórico-urbanísticos de Lisboa

Importa agora articular os grandes ciclos de mudança do tipo de cidade com a realidade histórica de Lisboa.

No quadro da história do processo de urbanização de Lisboa J.M. Fernandes (Lisboa, 1994: 493-522) delimitou 5 ciclos: Ciclo Lisboa em Movimento, que coincide com o período sócio-político da Monarquia Constitucional; Ciclo Republicano que coincide com a 1ª República; Ciclo Imperial, que coincide com o período inicial do Estado Novo; Ciclo da Suburbanização, que abarca o último período do Estado Novo e o período da Democracia até à integração na CEE; e o Ciclo da Reconfiguração de Capitalidade⁸³, que engloba a década de 90 de XX até hoje. Estes podem articular-se, embora com as especificidades sócio históricas de Lisboa, com os três tipos de cidade que Ascher demarcou, reportando-se Lisboa a uma cidade pré fordista nos dois primeiros ciclos, começando a cidade “fordista” a projectar-se no Ciclo Imperial, atravessando o Ciclo da Suburbanização e delineando-se a cidade “sobremoderna” no limiar do último ciclo, sem que subsistam como tipos puros em Lisboa.

Grosso modo, os ciclos retratados por Ascher expressam os processos de modernização que ocorreram nas cidades das sociedades ocidentais no decurso de XIX e se estendem até ao final do século XX.

Em Portugal, como refere Margarida Ribeiro, “onde os movimentos que caracterizavam a modernidade europeia iam dando passos tímidos, ficando sempre aquém dos desejos de uma burguesia e de uma intelectualidade moderna, este movimento era também a expressão política de uma desconfiança face a essa Europa moderna que durante o século XIX foi entrando Portugal adentro, interferindo na política nacional e colonial, determinando grande parte dela e devolvendo perturbantes imagens de periferia”. (M. Ribeiro, 2004: 118) Ou, como diz E. Lourenço, “a queda da Monarquia, a República e o regime de Salazar foram, em grande parte, respostas à desconfiança portuguesa da Europa, nos esforços da governação para manter o Império.” (E. Lourenço, 1988: 48)

Na verdade, quando fomos à procura da história de Lisboa no decurso do seu processo de urbanização, confrontámo-nos com a imagem expressa por M. Ribeiro: “vontade e receio da sua modernização e vontade de adquirir os símbolos sem compreender a sua importância estratégica”.

⁸³ J.M.Fernandes não baliza com clareza o início do novo ciclo, mas considerando que, com a realização do Plano Estratégico de 1991-2, se iniciou uma nova política de cidade, com um alcance mais estrutural, os guias editados a partir de 1992 foram lidos dentro desse novo processo de reconfiguração de Lisboa como capital.

As polémicas e os debates suscitados pelo projecto rissaniano da Avenida da Liberdade⁸⁴, que ocorreram no último quartel de XIX, expressaram duas linhas de pensamento e de atitude para com a cidade e a modernidade. De um lado a atitude pragmática e amplitude estratégica protagonizada por Ressano Garcia, do outro Miguel Pais⁸⁵, cujos projectos, segundo R. H. da Silva, remetiam para “uma utopia de cidade, que desejava um moderno *boulevard* para Lisboa, mas a queria olhando para o rio e plena de projectos irrealizáveis, utopia do sentido ribeirinho da capital que os primeiros republicanos defenderam”. (R. H. Silva, 1989: 24-29)

A cidade foi-se urbanizando durante o século XIX configurando dois momentos de alteração, de acordo com Jorge Gaspar: “um primeiro momento, que vai até ao terceiro quartel, Lisboa ia-se urbanizando muito lentamente, sobretudo com o enchimento dos espaços vazios da cidade construída por Pombal, ou após as demolições, com a construção de prédios mais altos e mais rendosos em áreas particularmente sensíveis⁸⁶. O segundo momento, desencadeado no último quartel de XIX, caracteriza-se por um grande surto urbano, acompanhado e impulsionado pela migração maciça de rurais e do aparecimento de uma série de inovações que vão alterar profundamente os hábitos de vida da cidade. Este decidiu a expansão da cidade para norte, iniciada já por Pombal, com o rasgar da Avenida da Liberdade. Aquela expansão não alterou a localização do centro, mas alterou as suas funções, assim como a diminuição da função residencial com o reforço da actividade terciária”. (J. Gaspar, 1976: 37-51)

No entendimento de R. H. da Silva a alteração do quadro político a partir de 1820, decorrente da ruptura da sociedade do Antigo Regime, não teve o incremento urbano e demográfico, como acontecera em Inglaterra ou França. Mas reconhece que a mudança político-ideológica alterara a imagem e vivência da (na) cidade. A investigadora considera a extinção das ordens religiosas em 1834, um “verdadeiro terreno civilizacional” que mudou o quadro simbólico referencial de Lisboa, e refere, nomeadamente, que “a apropriação sistemática por parte do Estado desse património edificado, neles instalando serviços do estado moderno, mudou a imagética e a espiritualidade da cidade, substituindo a mística do catolicismo pela mística do Estado. De resto, o Estado Liberal valorizou os altos da cidade, que constituíam uma espécie de contraponto orgânico à monotonia estruturante da Baixa Pombalina, como se a atitude romântica, que revalorizava a Idade

⁸⁴ Corresponde ao projecto das Avenidas Novas.

⁸⁵ Miguel Pais foi autor de vários projectos para Lisboa como a ligação aérea entre S. Pedro de Alcântara e a Graça, 1883. (fonte: Ressano Garcia e Lisboa, urbanismo e arquitectura)

⁸⁶ Espaços vazios que se concentravam em torno da Baixa Chiado.

Média, fizesse redescobrir as potencialidades do corpo acidentado da urbe, implantando-lhe sucessivos palcos de ostentação⁸⁷, mas de refúgio também.” (Lisboa, 1994: 406)

Lisboa iniciou o século XX vivendo ainda no limiar da cidade antiga, que se sedimentara junto do rio no decurso dos últimos séculos, mas animada de um movimento expansivo que começava a acolher actividades industriais e populações oriundas dos meios rurais em busca de trabalho, onde emergiam novos grupos sociais nos estratos médios e grupos dirigentes, entre os quais se destaca para as questões da cidade, um grupo de promotores e investidores no mercado imobiliário, aberto pelas possibilidades de urbanização decorrentes do rasgar das Avenidas Novas.

Ciclo Lisboa em Movimento

(inscrição do estrato da cidade moderna e capitalista em Lisboa; a cidade pré-fordista)

Camarinhas (2011) identifica deste modo a cultura urbanística que presidiu à sua transformação durante o governo da Regeneração, no fim do século XIX: “Firstly, we consider an expansionist period at the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth century, characterized by hygienist concerns, park creation and early attempts at regulation. Along with other social theorists in England, Germany, Austria or the USA, French urban practice, namely through the “Hausmannian” experience and long-lasting influence, would engage professionals in ambitious models aimed at reforming society. (C.T.F. Camarinhas, 2011: 12)

O primeiro ciclo, “Lisboa em Movimento”, corresponde grosso modo ao período de implementação da política urbanística do programa “regenerador”⁸⁸, protagonizado por Ressano Garcia. Entre 1864 e 1911, como refere T. B. Salgueiro, “a sua área aumentou 586% e a população de Lisboa teve uma taxa de crescimento na ordem dos 120%, a capital concentrava uma classe burguesa, que prosperou devido ao comércio, à indústria, aos negócios financeiros e imobiliários, e estava desejosa de criar a sua cidade, talhada à sua imagem, instrumento ao serviço do capitalismo e portadora dos novos valores do liberalismo”. A autora sintetiza o conjunto de mudanças efectuadas em quatro pontos-

⁸⁷ R.H.Silva chama a atenção para o centro de animação que foi o jardim S. Pedro de Alcântara em 1880, que recuperava noutro patamar a vista do Passeio Público romântico, na moda em 1840.” *Lisboa*, 1994: 409

⁸⁸ Identificamos genericamente o período regenerador, com “a política fontista que incrementou a rede viária e ferroviária, o desenvolvimento da indústria, o crescimento económico, a modernização do país. (1851-56: 1859-60)” in *História de Portugal*, Vol. V, 1992-1994: 121.

chave: “crescimento da área urbana e formação dos primeiros subúrbios; inflexão da direcção tradicional do crescimento, com afastamento entre a cidade e o rio; início da segregação social dos espaços produzidos; adopção de novos modelos urbanísticos e símbolos de poder no território”. (T.B. Salgueiro, 2001: 42)

Este estrato da cidade corresponde, num plano mais figurativo, à Lisboa de Ressano Garcia⁸⁹, iniciada, ainda em fins de XIX, com um conjunto de operações urbanas no sentido da modernização da cidade, baseado no modelo urbanístico haussmaniano, mas como refere M. Lobo, “não estava em causa a harmonização ou a diversificação tipológica, nem a imposição de uma forma urbana; a opção pela edificação aberta foi deixada ao promotor da construção.” (M. Lobo, 1995: 19) Como chama a atenção R.H. da Silva, “Adiaram-se as questões básicas de civilidade como as redes de infraestruturas de saneamento, água, luz, mercados e matadouros” (R.H. Silva in *Lisboa*, 1994: 409) lembrámos, um dos pilares do urbanismo haussmaniano da cidade pré-fordista.

E de Lisboa dizia-se nos guias:

... de edição portuguesa que “rasgava amplas avenidas, construía bairros quadriláteros, implementava parques urbanos, iluminava-se, introduzia meios de transporte urbano, ligava-se à rede europeia do novo sistema de transportes — o comboio.” (1905 Pt G⁹⁰)

... de edição estrangeira “The new streets near the lower town, and the splendid Avenida sprang into being. Avenues of trees ... decorate the continuous gardens, which separate the three thoroughfares of the boulevard. For a mile and a half these extend constituting a fascinating promenade even in wintertime.

All day and far into the night the electric cars pass swiftly up the left of the three roads, and descend by the right, while the broad central road is chiefly used by carriages and automobiles. Some of the houses of the Avenida are as fine as any in Lisbon, but there is a preponderance of blocks of flats, plain, high buildings, with nothing but their balconies and their setting of clear sunlight to redeem them from sheer ugliness. Right and left of the upper end of the Avenida are new avenues laid out with trees, and showing everywhere the energy of the modern building spirit, which seems to be a strong force not yet duly regulated and controlled in the output of the ambitious projects it set out to accomplish, but giving promise of a splendid future. (1909 Uk G: 38, 39)

Na cidade ficaram marcados alguns dos símbolos da modernidade de então, a arquitectura do Ferro, por exemplo, em edifícios de vocação funcional ou de recepção de espectáculos

⁸⁹ Ressano Garcia coordenou as principais obras da cidade entre 1874 e 1889, mantendo actividade até 1907.

⁹⁰ Guia Ilustrado do Viajante em Portugal, 1905, Almanach Pallhares, Lisboa.

de massas: Gare de Santa Apolónia em 1865; Coliseu dos Recreios em 1890; Mercado da Praça da Figueira em 1882; o Elevador de Santa Justa em 1902. Blaise Cendrars considerava as estações ferroviárias como as catedrais do mundo moderno e Valery Larbaud, poeta que esteve em Lisboa em 1926 e escreveu sobre a cidade e muito citado nos guias franceses, referia-se ao elevador de Santa Justa como uma maquinaria saída dos livros de J. Verne, uma plataforma de acesso à lua, cliché-fantasia muitas vezes repetido nos guias do *corpus*.

Ciclo Republicano

“A Lisboa do ciclo Republicano” foi uma cidade que estagnou, ou melhor, deixou num impasse as linhas de desenvolvimento urbano anterior. De certa forma usando os ritmos fortes e fracos de R.H. Silva, este período foi um tempo fraco no plano do desenvolvimento urbano de Lisboa. É desse modo que se referem, quer J. M. Fernandes, quer R. H. da Silva, às marcas que a conjuntura política da 1ª República deixou na cidade. De acordo com a historiadora “para os modernos, arejados e verdes quarteirões das Avenidas de Ressano Garcia, ritmados pelas linhas de eléctrico, não havia nem suficientes promotores, nem moradores. Eram um *desejo de futuro* que, por razões diversas as gerações seguintes, republicanas, não souberam amar, por considerarem que correspondiam a um esbanjamento aristocrático, característico do espírito ostentatório da corte de D. Carlos”. Reforça que, “embora com terríveis condições de habitabilidade, segundo os padrões que a saúde pública de então impunha, os velhos bairros permaneceram quase intactos gerando um alfobre de formas e figuras que iriam alimentar iconografias e mitogramas específicos”. (R.H. Silva, in Lisboa, 1994: 417- 421)

Nos dois primeiros ciclos os turistas chegavam a Lisboa maioritariamente de barco ou de comboio. Para os viajantes que chegavam de barco (paquetes) os lugares de desembarque situavam-se entre os cais, de Alcântara, Santos, Cais do Sodré e a Praça de Comércio⁹¹. Os paquetes ficavam fundeados no rio e os viajantes eram transportados para terra nos pequenos barcos (fragatas, faluas ...). As melhorias urbanísticas efectuadas na Praça do Duque da Terceira (Cais do Sodré) tiveram como preocupação emprestar um maior conforto à entrada dos passageiros. Para muitos passageiros em trânsito, vindos da

⁹¹ Fonte: 100 anos do Porto de Lisboa, 1987:128

América do Sul, o percurso entre aqueles cais e a estação ferroviária do Rossio, onde apanhavam o Sud-Express para o norte da Europa, era a imagem da cidade que retinham: a actividade portuária e a Baixa Pombalina. No caso dos viajantes que chegavam de comboio, a estação de Santa Apolónia foi de 1865 a 1890 a porta de entrada em Lisboa, sendo esse território a primeira impressão, deslocado para o Rossio depois de 1890, com a inauguração da Estação Central do Rossio, desviado novamente para Santa Apolónia a partir da década de 40 de XX.

Os limites administrativos da cidade fixaram-se em 1885 embora a sua ocupação territorial fosse relativamente dispersa.

A Avenida da Liberdade (no seu troço até à Praça da Alegria), o Boulevard de Lisboa, correspondia ao tecido urbano novo da cidade e as respectivas Avenidas Novas iam-se preenchendo, como os bairros Barata Salgueiro e Camões⁹², respectivamente do lado oeste e este da Avenida.

A marcação simbólica do período republicano na cidade condensou-se na alteração de funções dos edifícios conventuais, aí instalando importantes serviços públicos, e as primeiras ocupações de espaços palacianos e conventuais em habitações operárias. A toponímia de Lisboa também sofreu fortes alterações, alguns equipamentos urbanos como os lactários foram criados em 1925⁹³.

⁹² Malha/edificação urbana situada em torno do eixo do Conde Redondo.

⁹³ Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

Ciclo Imperial

(inscrição do estrato metropolitano em Lisboa; a cidade fordista)

Camarinhas sintetiza este terceiro ciclo (1930 – 1960), no plano da cultura urbanística em Lisboa: “as scientific and legalist, was marked by functionalist ideals, and attempts at structuring access and zoning. This period coincided with a military dictatorship. (...)The dictatorship used town planning to reconstruct the country in the image of its imperial ambitions. Town planning’s totalitarian character, its search for order, its meticulous obsession with regulation, were consistent with the mentality of the Estado Novo regime and helped to frame the ideological establishment of urbanismo as an “applied sociology⁹⁴” (Camarinhas, 2011: 12)

“A Lisboa do ciclo Imperial”, que V. Matias Ferreira, J. M. Fernandes, Camarinha e outros balizam entre 1930 e 1940, foi o resultado da política urbanística do Estado Novo, personalizada em Duarte Pacheco que, com o seu plano procurou dar um ordenamento à expansão urbanística de uma cidade em crescimento populacional desde fins de XIX, com variações crescentes até 1940, na ordem dos 20% entre Censos. Aquele engenheiro-urbanista procurou implementar um “programa de desenvolvimento de grandes infra-estruturas (estradas, pontes, barragens e o ordenamento urbano de cidades e vilas), e em particular, os melhoramentos urbanos necessários à afirmação de Lisboa como capital de um império, dotando-a com um aeroporto, um estádio nacional, o parque de Monsanto, a expansão de Alvalade, e as Gares Marítimas.” (M. Lobo, 1995: 37)

Aqueles melhoramentos traduzem-se, na análise de T. B. Salgueiro, “no prolongamento da mancha de urbanização, iniciada com as Avenidas Novas, pela Avenida Almirante Reis até à Praça do Areeiro. Na tímida oferta de habitação social, por meio de edificação de pequenos bairros, localizados na periferia e isolados da mancha urbana, através do Programa das Casas Económicas. Em intervenções de renovação urbana, na zona da Mouraria, pois o bairro labiríntico e degradado impedia a saída norte oriental da Baixa, a articular mal com a Avenida Almirante Reis. Nesse âmbito procederam-se a demolições na velha malha do bairro, deixando um vazio no tecido antigo, que só veio a ser resolvido em 1997”. A renovação em Belém, a zona escolhida para montar a Exposição do Mundo Português em 1940, estruturando-se então para dar lugar a uma zona monumental e

⁹⁴ Bruant, 2001 in Camarinhas 2011: 12.

recreativa, que E. B. Henriques na sua investigação identificou como uma zona turística consolidada. (E. B. Henriques, 1996: 124) Melhoramentos que incidiram ainda “com o restauro de diversos monumentos históricos, designadamente o Castelo de S. Jorge, no sítio genético da cidade.” (T.B. Salgueiro, 2001: 48)

O início da auto-estrada do Estoril reflecte, por sua vez, a importância da vocação turística dada no ciclo Imperial a esse “arredor” de Lisboa. A valorização da Costa do Sol, projecto estudado em 1933 por Agache⁹⁵, incluía como princípio programático que, “para urbanizar e valorizar a Costa do Sol, esta deveria ser considerada, não apenas no seu desenvolvimento ribeirinho, mas também à escala do desenvolvimento regional, ligando aquela zona aos principais centros funcionais da cidade.” (M. Lobo, 1995: 54)

O mérito de Duarte Pacheco, como refere J.M. Fernandes, foi, “mediante um Plano de Urbanização, gradualmente aperfeiçoado entre 1938 e 1948, ter dado à cidade escala, estrutura e funcionalidade necessárias, dentro de uma lógica de conjunto que ainda hoje subsiste, em parte, e por assim dizer, a última ideia urbanística da cidade”. (J.M. Fernandes in *Lisboa*, 1994: 501) O ciclo Imperial entra em declínio depois da guerra, embora as colónias e o regime político de Salazar sobrevivam até 1974. (T.B. Salgueiro, 2001: 49)

Como refere A. Domingues: “o urbanismo do período 1944-1948 caracterizou-se pelo formalismo do desenho do espaço público sob a influência dos modelos italiano e alemão, com uma versão tardia da cidade-jardim, numa ambiguidade entre a ruralidade prevalecente e a inovação tipológica da moradia isolada ou geminada. O I Congresso Nacional de Arquitectos, em 1948, marca a viragem no urbanismo nacional, iniciando uma vaga de planos de pormenor, planos parciais e alguns planos gerais de urbanização, elaborados sob influência do conceito da ‘cidade-radiosa’ de Le Corbusier.” (A. Domingues, 2006: 18)

A reconstituição do castelo de S. Jorge no imaginário neo-medieval (H. Janeiro, 1993), a construção da praça do Império, a Fonte Luminosa da Alameda ou o estádio do Jamor subescreviam um programa urbano que não se afastava muito do programa presente na Alemanha do regime nazi ou na Itália fascista de Mussolini. Como refere Koshar: “The Nazi dictatorship ... saw the city not as a mass stage but as an altar, whose holy vestments and vessels were the historic places that symbolized an institucionalized national religion. (...) A monumental rebuilding of key urban ensembles was begun in Berlin, Munich,

⁹⁵ Agache foi um urbanista francês, secretário-geral da Société Française d’Urbanistes – 1923, convidado por D. Pacheco em 1933 para estudar a “valorização da Costa do Sol”

Nuremberg and elsewhere. In architecture, Nazism drew on a similarly eclectic mix of influences, including not only the classicist and regionalist traditions of conservative architects, but also modernist models. (Rudy J. Koshar, 1991: 33 e 41)

Ciclo da Suburbanização

Lisboa entra em fins de 50 num processo de suburbanização que se prolonga até ao início da década de 90 do século XX. Aquele período abarca por isso, no plano da cronologia histórico-política do país, o fim do Estado Novo, a ruptura de 1974 até à plena inserção do país na Democracia, que inclui a regularização do sistema político democrático representativo e a integração na Comunidade Europeia em 1986.

O surto de crescimento industrial na década de 60 concentrou-se geograficamente nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto que se traduziu em Lisboa, como explica T. B. Salgueiro, “num afluxo de população à cidade⁹⁶, migração que no caso do país era ainda⁹⁷ rural, no interesse acrescido do solo na cidade (região), quer pelos industriais, quer pelos proprietários fundiários, favorecendo a especulação sobre o seu valor. Esse movimento, que se confrontou com graves problemas de alojamento, incrementou o desenvolvimento de núcleos suburbanos de tipo dormitório. O sector da construção civil, a partir de 60, construía, já não em lotes, mas a partir de grandes conjuntos⁹⁸, a par da proliferação de soluções marginais (construção de bairros de génese ilegal), em paralelo com um défice de equipamentos nestes núcleos dormitório. A rede de transportes colectivos⁹⁹, dimensionados muitas vezes por defeito, favoreceu o desenvolvimento da coroa suburbana.” (T.B. Salgueiro, 2001: 51-66)

De acordo com A Domingues a partir de finais da década de 50 a expansão urbana foi conduzida essencialmente pelos particulares, as Câmaras Municipais apenas tinham um

⁹⁶ Na década de 60 o país perdeu 2% da população residente, embora na região de Lisboa tivesse crescido 21%. Fonte: T. Salgueiro, 2001: 51

⁹⁷ De salientar que neste período as cidades do norte da Europa, em forte expansão metropolitana, nomeadamente a criação das “Villes Neuves”, na região de Paris por exemplo, recebiam imigrantes das suas zonas rurais mas também oriundos do sul da Europa, entre os quais Portugal, bem como dos países dos seus próprios processos de descolonização, decorrentes do pós-guerra. Em Lisboa esse processo só ocorreu após 1974 com a “descolonização” e o pequeno surto migrante intercontinental, no fim do século e já neste milénio.

⁹⁸ ST. António dos Cavaleiros, Portela e Carnaxide. O aumento da escala de construção alterou a configuração das actividades económicas ligadas ao imobiliário e urbanização que complexificaram.

⁹⁹ A rede do metro foi inaugurada em 1959, Entrecampos – Restauradores, atingindo em 1966 os Anjos, Alvalade em 1972, o Colégio Militar e a Cidade Universitária em 1988, a Pontinha em 1997, Cais do Sodré e Estação Oriente 1998 e a coroa suburbana Odivelas – Amadora em 2004, finalmente ST. Apolónia em 2007. A ponte 25 de Abril foi inaugurada em 1966, a auto-estrada do norte em 1961, retomada nos anos 80.

papel de controlo e fiscalização, que contudo não funcionava, permitindo a expansão do mercado ilegal de solos e construções. (A. Domingues, 2006: 19)

Como diz T.B. Salgueiro: “com o aumento da dimensão e da complexidade funcional, Lisboa tornou-se uma metrópole, e o espaço urbano foi-se especializando, definindo áreas homogéneas, quer em termos de ocupação funcional, quer pelo nível social dos habitantes, tornando-se uma cidade segregada, zonada e polarizada por um centro.” (T.B. Salgueiro, 2001: 51-66) No entanto esse centro alterava-se, a instalação em Lisboa da Fundação Gulbenkian em 1965 determinou uma viragem na vida cultural da cidade e nas rotas turísticas, hegemonia que só perdeu na década de 90; a partir de 70 de XX o eixo das Avenidas Novas começou a terciarizar, surgiram os primeiros edifícios “prestígio”¹⁰⁰ associados a empresas, mudanças que contribuíram para a alteração da imagem da cidade.

A ruptura política de 1974 ocorreu numa cidade suburbanizada onde, a par dos bairros de lata, começaram a surgir na periferia edificações clandestinas em betão armado, sem redes de infra-estruturas básicas e equipamentos estruturantes, como refere J. M. Fernandes (Lisboa, 1994). A década de 80 de XX, numa cidade que recebeu sem traumas os “retornados”, os “exilados” e imigrantes das ex-colónias, gerida a partir da governação democrática, num país aberto e membro da CEE, “viu introduzir em Lisboa, através das Amoreiras, o estilo pós-moderno, modificando a imagem da cidade, ao romper o equilíbrio do seu perfil adoçado às colinas e introduzindo a verticalização. Surgiram depois novas paisagens industriais, centros comerciais e hipermercados, novos edifícios de escritórios, sedes de bancos e grandes companhias, hotéis e centros de congresso; edifícios marcantes, pela dimensão e como objectos arquitectónicos, que transformaram a imagem da urbe e a vida social, pois criaram novas polaridades e atracções.” (T. Salgueiro, 2001: 53-61)

A consequência mais visível dos processos de dinâmica territorial neste período foi o da formação de um território urbano-metropolitano que em fins de 80 diversificava as centralidades e iniciava a diferenciação interna, palco de inúmeros fluxos em várias direcções. A Baixa perdeu hegemonia como centro, tendo-se desenvolvido novos pólos de serviços e comércio, quer na cidade, quer na periferia. A par, emergem novas actividades industriais e centros empresariais mistos, originadores de migrações pendulares mais complexas.

¹⁰⁰Os edifícios Philips 1970; Franjinhas 1971, Castil 1972, o edifício Picoas em 1980 e o complexo das Amoreiras em 1982

Ciclo da Reconfiguração de Capitalidade

(inscrição do estrato metropolitano em Lisboa; a cidade sobremoderna e de urbanização extensiva)

The new democratic era of public participation, large housing operations, and transformations in urban legislation, had corresponding implications for spatial representations in Lisbon's metropolitan area. (...) While an absence of regional planning has been blamed for unstructured peri-urbanization and the physical abolition of city limits, planning has also played a more positive, decisive role in shaping Lisbon's metropolitan centres, setting the main areas for growth, and defining infrastructure of significance for further metropolitan expansion.” (CTF Camarinhas, 2011: 12,13)

A partir da década de 90 do século XX Lisboa entra num novo ciclo, que J.M. Fernandes (1994) designa como “recuperação da capitalidade perdida”.

A adesão à União Europeia, o aumento do capital estrangeiro e a organização de programas de apoio ao sistema produtivo contribuíram para a reestruturação e modernização da cidade. Nos últimos anos de 80 de XX inicia-se uma fragmentação social e espacial, “completam-se radiais e circulares e a franja da cidade enche-se de viadutos e nós complexos à americana, enquanto se fazem importantes obras de expansão da rede do metropolitano, permitindo uma maior integração das periferias”, (T. Salgueiro, 2001: 55)

Deu-se uma desconcentração e realocização das actividades económicas, acompanhadas de uma recomposição do sistema produtivo e alterações tecnológicas, que incrementaram a diferenciação na estratificação social das populações, consideravelmente mais escolarizadas. A dinamização do mercado imobiliário, que internacionalizou e passou a oferecer produtos novos, acrescentou uma diversificação e nova significação simbólica aos modos de habitar, ao valor simbólico dos lugares. As facilidades de crédito favoreceram a aquisição de casa própria e outros bens de consumo, nomeadamente o automóvel, incrementando a mobilidade individual das populações e possibilitando outras localizações das novas urbanizações.

O campo dos lazeres tornou-se um investimento e consumo preferenciais na cidade. Lisboa começou a receber imigrantes, geográfica e socialmente mais diversificados. Em paralelo passou a dar-se importância à cidade, iniciando-se “um movimento de recentralização”, como se refere a este processo T. Salgueiro, a valorização da cidade antiga, objecto de diversas operações de reabilitação urbana, em particular nos bairros da área histórica central, mas igualmente de nobilitação e reconversão de áreas desafectadas de actividades

industriais, como aconteceu na zona oriental, com a Expo 1998 como pretexto emblemático e catalisador. A zona portuária foi igualmente campo de modificações, aí se instalaram actividades de lazer para usufruto dos cidadãos.

Segundo a mesma autora, desde 1992, ano em que Lisboa foi sede da presidência das Comunidades Europeias, sucederam-se uma série de acontecimentos capazes de promover a imagem de Lisboa no estrangeiro, útil em termos de reforço de competitividade e motivo para congregar esforços na melhoria de determinadas áreas. (T. Salgueiro, 2001: 64)

A síntese apresentada por T. Salgueiro define os contornos da imagem de Lisboa como se apresentando animada de um movimento de Reconfiguração de Capitalidade em fins do século XX. “A importância da posição de Lisboa pode ser vista tanto a nível nacional como internacional. A nível nacional a sua posição é dominada pela centralidade que cresceu devido à função de capital e de principal porto de contactos com o estrangeiro”. Centralidade que ocorreu numa temporalidade ampla, com rupturas durante a governação castelhana (1580-1640) e no início do século XIX, com a deslocação da capital para o Rio de Janeiro. A posição de Lisboa a nível internacional “tem sido marcada por diferenças ao longo do tempo e Lisboa, ora aparece com uma posição privilegiada e central face às correntes de trocas dominantes, ora se oferece como periférica e marginal em relação a esses fluxos. Nos anos a seguir à independência dos territórios coloniais, Lisboa apresentou-se, especialmente quando vista do exterior, como uma pequena cidade periférica. (T. Salgueiro, 2001: 215)

Num artigo de P Hall (2003) em que se argumenta a configuração das cidades em finais do século XX e se coloca a questão da nova figura de identificação daquelas, as *world cities*, sob o processo de “globalização”, que coloca as cidades em competição entre si e estabelece *rating systems*, o autor cita o The Loughborough group “GaWC” inventory of world cities. Neste *ranking*, que sugere uma escala de importância de cidades, Lisboa encontra-se no grupo das cidades que apresentam alguma evidência¹⁰¹ (Some Evidence of world city formation) na sua reconfiguração em *world city*, muito afastada das principais cidades, identificadas na nova linguagem emprestada à antropologia física, as *Alpha cities*,

¹⁰¹ Lisboa encontra-se neste grupo de cidades: Abu Dhabi, Almaty, Athens, Birmingham, Bogota, Bratislava, Brisbane, Bucharest, Cairo, Cleveland, Cologne, Detroit, Dubai, Ho Chi Minh City, Kiev, Lima, Lisbon, Manchester, Montevideo, Oslo, Rotterdam, Riyadh, Seattle, Stuttgart, The Hague, Vancouver

entre as quais se encontram as que já eram grandes metrópoles à entrada do século XX, como Londres ou Paris.

O artefacto (instrumento) do *rating system*, amplamente usado na economia e em particular na economia urbana e turística, ancora os escalonamentos hierarquizados das cidades e os destinos turísticos a um grupo restrito de variáveis relacionadas com o carácter transnacional do sistema capitalista. Como afirmam F. Carreira e outros (2008: 297-298), persiste uma forte correlação entre o efeito de globalização e cidades globais e nessa medida, o que faz de N. Iorque ou Londres cidades globais, reside no facto de estas serem pontos nodais fortes, plataformas estratégicas de ligações económicas globais. O que as identifica enquanto tais consiste no facto daquelas cidades apresentarem uma elevada concentração de centros de comando orientados para a produção de conhecimentos necessários à gestão de fluxos internacionais de informação, capital e recursos humanos, ou seja, onde se concentram unidades de I&D&I (Inovação, desenvolvimento e investigação) e centros de capital financeiro, entre outros. Deste ponto de vista, as *world cities* são pontos nodais fortes, mas articuladas em rede a outras cidades, de que Lisboa é um ponto nodal mas fraco, equacionando as cidades dentro do sistema económico capitalista no seu tempo de “globalização”.

Na mesma ordem contabilista a Lisboa turística surge, neste novo milénio, como um ponto nodal forte, quando é distinguida num subsistema de *rankings* como é o U.S. News & World Report, um *site* americano de divulgação de vários *rankings*. Para a categoria *Best Vacations in Europe*, Lisboa tem sido divulgada como um dos melhores destinos turísticos para as “melhores férias de Inverno” ou “as férias mais baratas”, onde ocupa a 2ª posição. Para as eleições de destinos turísticos o U.S. News Travel inclui a opinião ponderada de especialistas, entre os quais os guias turísticos e os votos dos públicos consumidores daquele *site*.

Este aspecto de posicionamento e compreensão da cidade serve como termo comparativo e que se altera consoante o ponto de vista com que se perspectiva, no entanto a ampla difusão destes sistemas medidores, com os seus reducionismos, possuem um efeito multiplicador que contribui para as possibilidades fabricadoras da própria cidade.

Em síntese, citando A. Domingues: “Lisboa, à entrada do século XXI, é a cidade-centro (hiper-centro) da Área Metropolitana (AML), em processo de urbanização extensiva, com uma longa história de capitalidade num país macro-céfalo, geradora de mobilidades e injustiças, inserindo-se num território urbanizado, percorrido por uma imensa rede infra-

estrutural que tece uma malha de relações e vivência e conecta diferentes usos e intensidades de urbanização, desde extensas monoculturas residenciais de pobres, ricos e remediados, até verdadeiras mega-estruturas onde se concentram emprego e as funções não residenciais. Aquilo que foi no passado recente a exportação da indústria pesada para a Margem Sul, está agora a ser o desenvolvimento de uma nova economia que toma diferentes fisionomias: logística no eixo Tejo, serviços avançados junto aos nós da auto-estrada da Costa do Estoril, centros comerciais, etc. ... Um pólo fortíssimo de atractividade para *city users* que para aí se deslocam, diariamente ou não, incluindo os turistas.” (A. Domingues, 2011: 86-88)

6 - Os guias turísticos estrangeiros sobre Lisboa no século XX

6.1 – A fonte documental “guias turísticos”: aspectos metodológicos

Subjacente à presente investigação encontra-se a continuação da pesquisa efectuada em sede de mestrado, “A Lisboa dos e nos Guias Turísticos” (E. Gonçalves 2008), i.e. interessou-nos cativar as imagens de Lisboa através do corpo escrito dos guias, seguindo uma análise interpretativa, procurando controlar o contexto histórico das palavras (ideias) que exprimem a cidade em promoção de visita turística. Nessa medida delimitamos o arco temporal do processo de urbanização de Lisboa, sustentado no amplo consenso entre especialistas, balizando-o, como atrás identificámos, nos cinco ciclos histórico-urbanísticos. Balizando simultaneamente os ciclos sócio-políticos que se configuraram no interior da baliza temporal do processo de metropolização de Lisboa, situado entre finais do século XIX e a sua entrada no ciclo metropolitano, da cidade sobremoderna, na última década de XX.

Tornou-se evidente, no caso dos guias de edição portuguesa, que existiu uma forte correlação entre os ciclos políticos do país e as imagens promocionais para fins turísticos aí traçadas. No caso dos guias de edição estrangeira o controle metodológico foi exercido sobre a autoria dos guias e a configuração dos ciclos do turismo internacional, no nicho em que cabia Lisboa, apresentados na Parte 1, ponto 3. Os ciclos políticos do país e os ciclos da cidade, embora se tenham reflectido nas “visões” da cidade plasmadas nos guias, não revelaram o mesmo grau de correlação.

Por sua vez, como já defendemos, tivemos em consideração o estatuto particular da linguagem guionista. O corpo textual possui um estatuto muito miscigenado, algures entre o dicionário, lista telefónica, roteiro de ruas, pequena monografia histórica, etnográfica, sociológica ..., que se refere a um território, cidade, como refere M. Margarito (2000: 7). Na sua leitura imediata dão-nos informação de cidades turísticas. Nós procurámos imagens de cidade que, sabemos, não surgem imediatamente nos textos, antes se encontram lá de modo latente e transversal à lógica textual dos guias em análise.

Afastámo-nos da análise textual quantitativa, por um lado por querermos reter ideias síntese sobre cidades e por outro, porque tal nos obrigaria a um domínio das línguas, às suas mudanças ao longo do arco temporal. Tratou-se, como em sede de mestrado, de um trabalho hermenêutico sobre o corpo textual, considerando que a abordagem

fenomenológica possibilita o mergulho nas significações subjacentes às modalidades e modas turísticas presentes nos guias acerca de Lisboa (e em parte de um turismo de cidades). Seguindo a mesma leitura de T. Pernecky e T. Jamal sobre Heidegger, entendemos que o trabalho interpretativo permite destacar a mundividência urbana e turística dos guionistas, e dos guias, em cada ciclo, apesar do risco da subjectividade e anacronismo decorrentes da própria mundividência projectada no trabalho analítico: “Understanding occurs through our culturally and historically mediated interpretations and relationships with objects and things, and through the social meanings contained in language.” (T. Pernecky, T. Jamal, 2010: 1064)

Mantivemos algumas das categorias analíticas¹⁰² delimitadas em sede de mestrado, que nos permitiram interrogar o corpo textual do *corpus* seleccionado, tendo-as ajustado à relevância da nova fonte documental, tratando-se agora dos guias de edição inglesa e francesa. Nestes destacaram-se aspectos ligados aos “gostos turísticos” que levaram a incluir Lisboa nas recomendações de visita, os lugares da cidade procurada (os lugares turísticos de Lisboa), as representações acerca dos lisboetas (que convocam a maioria das vezes representações acerca dos portugueses) e por fim as singularidades urbanas encontradas em Lisboa.

De uma forma geral, todos começam por apresentar Lisboa, contam a sua história bem como o seu lugar na “história-mundo”, apresentam as principais qualidades da cidade, as suas inovações urbanas, anotam razões para que seja visitada, enumeram um conjunto de lugares e ou património artístico a visitar / usufruir, falam dos seus habitantes e tipos populares e, por fim, fornecem informações práticas, estas últimas particularmente dependentes das mutações económicas, técnicas, sociais e culturais associadas aos modos de viajar e práticas / gostos de consumo, mas igualmente na organização e deslocações da e na cidade, mutações consideráveis no arco temporal em análise.

A compreensão síntese sobre as representações de Lisboa corresponde à reunião da memória da cidade reactivada na narrativa histórica (1; ponto 7), os lugares da cidade recomendados (2; ponto 8), os lisboetas (3; ponto 9), a configuração de gostos turísticos encontrados para Lisboa (4; ponto 10), e, por fim, as singularidades explicitadas, a sistematização do que faz de Lisboa uma cidade única (5; ponto 11).

¹⁰² Em sede de mestrado foram delimitadas seis indetificadores/perguntas: a imagem inaugural, a narrativa histórica, a imagem da cidade coetânea; os bairros, os lisboetas e as singularidades turísticas de Lisboa.

Tivemos como objectivo cumprir o arco temporal do século XX que acompanhasse os ciclos urbanísticos de Lisboa, temporalização histórica que pontuou a investigação e no âmbito dos ciclos da cidade a análise aos guias confirma esses “cortes”. Contudo a importância turística de Lisboa retratada no *corpus* definiu uma temporalidade diferente. De certa forma, com base na fonte guias turísticos de “autoria” estrangeira, os ciclos de interesse turístico da cidade (do país) definiram uma nova temporalidade, enquanto na análise aos guias de edição portuguesa os ciclos sócio históricos, os ciclos urbanísticos e as mudanças dos clichés turísticos coincidiam, como já foi avançado.

No âmbito do trabalho de mestrado, a edição de guias turísticos e monografias de cidade de autoria portuguesa não se revelou um campo particularmente consistente. Predominou até ao ciclo sócio-histórico da Democracia uma “autoria” de origem pública, do Estado (órgãos oficiais de turismo) ou do Município e, com excepção dos Guias de Portugal da autoria de Raul Proença (1924 – 1981¹⁰³) e da Editora Presença (1984-1993), não houve um programa editorial consistente para a produção de Guias e monografias com objectivos de divulgação turística de Lisboa (e Portugal). Na última década de 90 de XX algumas casas editoriais portuguesas passaram a publicar, em parceria, guias de grande difusão internacional, como a casa editora Estampa que em 1998 publicou um guia de Lisboa (Guias Ir & Voltar), em parceria com a editora Gallimard (Aller & Retour) e o Touring Club Italiano.

Do ponto de vista estrangeiro os momentos fortes e de fractura acompanham as mudanças histórico-políticas europeias, assinalando-se algumas mudanças no *corpus* nos anos trinta (1), no período imediatamente anterior à II GG, período em que se expressam algumas diferenças em relação ao modelo e gostos turísticos cristalizados em finais do século XIX. Os anos da segunda guerra mundial (2), nomeadamente 1940, ficaram marcados, indelevelmente, nas narrativas sobre a cidade de Lisboa — a cidade “gateway from ... the war”. Os anos que se seguiram à II GG até à ruptura democrática (3) expressam as alterações e gostos turísticos do pós-guerra, mas também a alteração no relacionamento com a ditadura (e espaço colonial) do regime político do Estado Novo, depois da queda do nazismo alemão e fascismo italiano, e a sua inalterabilidade no seio de uma Europa

¹⁰³ O Guia de Portugal foi concebido por Raul Proença, tendo sido publicada a 1ª edição em 1924, o guia para a Região de Lisboa, Lisboa e Arredores, os restantes volumes foram organizados por Sant’Anna Dionísio entre 1941 e 1969, e publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian a partir de 1981.

(Inglaterra, França) democrática. E ainda o reajuste no gosto da viagem até cidades, sob a influência das mutações urbanas em processo nas cidades europeias, Paris e Londres nomeadamente.

A “Revolução dos Cravos” (4) foi o quarto momento forte que suscitou curiosidade turística e alteração na configuração do olhar estrangeiro sobre Portugal-Lisboa, culminando com a entrada do país para a CEE, em 1986. E, por fim, após o ano de 1998 (5), — Exposição Mundial de Lisboa — coincidindo com as mutações nas práticas turísticas, Lisboa tornou-se um destino turístico regular das principais editoras de guias turísticos internacionais.

Esta cadência não é linear nem homogénea, pelo que se procuraram definir padrões de gostos que extravasam as balizas das mudanças atrás enunciadas. A heterogeneidade dos guias no plano do seu programa editorial deixa ver que algumas colecções tendem a repetir, num tempo relativamente longo, um mesmo programa turístico, como foi o caso da colecção *Guide Bleus*, ou destacarem-se na sua singularidade, como ocorreu com a colecção *Petite Planète*, ou ainda na sua singularidade circunstancial, como ocorreu com alguns guias monografia.

Com o fim de apresentar a mutação de valores no tempo sob o chapéu do mesmo programa guionista, destacamos, sempre que possível e no pareceu pertinente, as imagens plasmadas na colecção dos *Guides Bleus*, uma vez que esta acompanha o arco temporal 1900-1904-1984.

O trabalho analítico e principais configurações encontradas resultam do processo desconstrutivo do corpo textual e da reconstrução narrativa a partir das principais padronizações encontradas. Não se tratou da reposição de uma verdade factual acerca de Lisboa ou dos lisboetas, ou até sobre o processo turístico, mas das constelações de significações que se encontraram nos guias, que falaram sobre Lisboa e das cidades, ao longo do século XX. Como referem T. Pernecky, T. Jamal: “There are different pre-judgements (prejudices) and meaning, which both the researcher and the participant (tourist/ host/tour guide[and guide books]) bring to their interpretation of experience. The task of the hermeneutic phenomenology researcher is to put together the pieces in someone’s understanding of an experience, to interpret and communicate the diverse relationships, meanings and prejudices.” (T. Pernecky, T. Jamal, 2010: 1070)

Foram consultados 131 títulos de guias e monografias dedicadas a descrever Portugal / Lisboa, entre a segunda metade de XIX e o fim do século XX, existentes no depósito da Biblioteca Nacional Portuguesa (BNP) que podem ser consideradas narrativas de viagem e guias turísticos, incluindo algumas edições que foram publicadas já neste século.

Para efeitos de controlo metodológico foi feita uma comparação, em pesquisa *on line*, com as bases de informação, na categoria “guias turísticos e guias de viagem”, nas duas bibliotecas nacionais, de França e Inglaterra, para aferir o grau de representatividade da “amostra”, em depósito na BNP. Considerou-se que o conjunto colectado poderia ser encarado como relativamente pertinente para prosseguir o objectivo da investigação. De ressaltar, contudo, que as edições de guias turísticos, integradas no *corpus*, da última década de 90 do século XX, encontram-se muito afastadas da realidade do universo de edições turísticas. Neste período existe um grande número de edições que não se encontram no depósito BNP. Selecionamos um pequeno grupo, que inclui algumas colecções significativas no panorama da edição de guias turísticos, só para aferir as alterações nas representações e imagens da cidade de Lisboa, uma vez que nos encontrávamos a trabalhar o arco longo de XX. Depois de 1998 até à actualidade as grandes editoras de guias turísticos internacionais têm vindo, cada vez mais, a incluir Lisboa nos seus destinos.

Dos 131 títulos com números de edição que replicam o número de edições até 147 só considerámos para análise 80 guias turísticos e narrativas de viagem e se constituíram como o *corpus* de análise da presente investigação, que inclui edições desde 1865 a 2010, selecção baseada na pertinência do conteúdo que permitisse aferir, a partir do texto escrito nos guias, representações sobre a cidade de Lisboa. (Lista apresentada no início)

De salientar que uma parte dos guias e narrativas de estrangeiros sobre Portugal faziam parte do espólio de George West¹⁰⁴ (1909-1987), cidadão inglês especializado na língua e cultura portuguesas, residente em Coimbra e depois em Lisboa, entre 1932 e 1952. Aquele foi leitor de Português na Universidade de Coimbra (1934) e, em Lisboa, director do Instituto Britânico em 1941 e do departamento de estudantes no Consulado Britânico em 1952.

¹⁰⁴ Sidney George West slide collection, 1934-1937; http://www.aim25.ac.uk/cgi-bin/vcdf/detail?coll_id=7996&inst_id=6.

No plano de trabalho foi estabelecido um protocolo, dado que alguns guias tiveram várias edições no arco temporal delimitado, embora o conteúdo permanecesse constante. Nessa situação foi trabalhada a última edição, depois de verificados os conteúdos e a permanência do mesmo texto em ambas as edições, esta abordagem ocorreu com os Guides Joanne, Baedeker, Bradshaw e Fodor.

6.1.1 - Apresentação da amostra – *corpus* de análise.

Tínhamos retido como hipótese inicial trabalhar três nacionalidades, espanhola, francesa e inglesa, consideradas com pertinência para a apreensão de representações acerca da cidade. No entanto a edição de guias em língua espanhola foi reduzida, tendo por isso fixado as duas nacionalidades, os guias de autoria inglesa e francesa.

Em primeiro lugar os ingleses, visto que foram os inventores da prática turística, de acordo com os estudos e histórias do Turismo. Por seu lado, a longa ligação daqueles à cidade de Lisboa, sendo esta, e sobretudo Sintra e as praias da “Linha”, um destino de recreação e turismo, que recua até ao século XVIII. Contribuiu para aquele facto a longa aliança entre Inglaterra e Portugal, de que resultou a presença de uma comunidade inglesa (the british colony) em Lisboa, com um considerável enraizamento. Esta, possuindo desde muito cedo o “habitus” recreativo, que inclui a migração sazonal durante o inverno inglês, encontrou em Lisboa, para além das qualidades climáticas, os atributos paisagísticos que respondiam às exigências da modalidade do turismo praticado no decurso do século XIX, sendo ainda pertinente o facto de Lisboa ser um importante porto para as rotas marítimas inglesas, nomeadamente de pendor turístico. De salientar que a Madeira foi (é) um dos destinos recreativos de eleição para a elite inglesa desde XIX, ilha que vinha nos principais guias turísticos de língua inglesa.

Por aquele conjunto de razões, a cidade consolidou-se como de interesse turístico para as elites inglesas desde o início da prática de turismo em moldes modernos no século XIX, prolongando-se no século XX, com particular destaque nas décadas de 60 e 70.

Os franceses foram igualmente grandes produtores de guias turísticos e também, desde o século XIX, se tornou uma sociedade na qual as elites praticavam turismo, pelo que foi a segunda escolha. Contudo, pelo menos de acordo com as edições de guias colectados, o destino turístico de Lisboa ganhou pertinência sobretudo depois de 1974. Para os guias de edição francesa Portugal e Lisboa surgiam na viragem do século XIX como um complemento de uma visita a Espanha, só em 1931 a colecção Guide Bleu dedicou um

guia autónomo para o nosso país. O guia dedicado a Portugal pela colecção Petite Planète, em 1957, guia que representa uma outra atitude perante o turismo e modelo de guia (de que falaremos mais à frente), inicia a descrição sobre o país justamente pela dificuldade de um francês chegar até nós, de tal modo se impunha a barreira geográfica Espanha, barreira que se poderia igualmente identificar como histórica, política e cultural, e qualquer que fosse o olhar francês sobre Espanha. E, se não fosse o advento do avião, escreve o guionista, a experiência de atravessamento quase levaria o viajante a ver no país uma extensão enfraquecida da Espanha. (1957 Fr G: 5)

Não considerando esta nota a tradução do estado de situação e história do interesse turístico francês por Lisboa, é indiciário contudo e revela um certo quadro mental nas trocas turísticas entre franceses e o destino Lisboa. E simultaneamente a singularidade do interesse turístico de Lisboa destacada pelos ingleses, a amenidade do clima, encontrava-se mais desenvolvida no território mediterrânico francês. A zona turística da Costa do Sol foi muitas vezes comparada com a “original” Côte d’Azur (Riviera) celebrizada na segunda metade de XIX.

O interesse por Lisboa como destino de viagem foi no caso dos franceses, sobretudo até aos anos 60, e o incremento turístico que a partir daí se desenvolveu, mais estimulado pelo interesse na cultura portuguesa. Valery Larbaud, que viajou ainda no modo Grand Tour, citado pelos guias franceses, cristalizou uma imagem literária e mítica da cidade, na sua *Lettre de Lisbonne* (1926)¹⁰⁵, sendo interessante destacar que a viagem através de Lisboa de Larbaud, vertida no texto literário, foi guiada pelo então recente guia de Raul Proença, *Lisboa e Arredores* (1924). (A. Montandon, 2006: 69)

A criação do Liceu Francês em Lisboa, desde o início do século XX, mas sobretudo a partir de 1952, reflecte a presença de uma comunidade de residentes franceses relativamente expressiva e que contribuiu com um núcleo de redactores de guias sobre Lisboa, a partir dos anos 80, como se verificou a propósito da caracterização dos guias de edição francesa para aquele período.

No século XIX, tempo de consolidação da prática turística, as duas grandes línguas de edição de guias foram o inglês e francês e mesmo a colecção Baedeker de origem alemã, produziu edições em língua inglesa.

¹⁰⁵ Este texto editado na revista *Navire d’Argent*, foi integrado na obra *Jaune Bleu Blanc* em 1927, fonte: http://www.ilcml.com/index.php?lang=fr&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=17.

Do conjunto do *corpus* 39 guias foram editados em língua e de autoria inglesa, 24 de língua e autoria francesa, os restantes 9 foram editados em língua inglesa ou francesa mas correspondem a autorias internacionais, isto é casas editoras que editaram em parceria.

No nosso *corpus* encontramos um Blue Guide (1929 Uk Fr G) que foi uma edição conjunta da Casa Hachette da Casa Macmillan, dois exemplares da colecção inglesa Insight City Guides¹⁰⁶, editada pela Gallimard¹⁰⁷ (1990 e 1991 Fr Uk G), a Lonely Planet (2001 Fr Uk G) editou também nas duas línguas.

Esta particularidade de associação e compra do espólio e saber-fazer de casas editoras europeias de guias de viagem constituiu-se já como prática no início de XX, período em que as casas editoras e as respectivas famílias foram permanecendo ligadas a esta actividade, fixando, no tempo longo, nomes associados ao turismo como T. Cook, Baedeker e os Guides Bleus.

6.1.2 - Género textual do *corpus* - tipos de guias

O *corpus* apresenta-se, do ponto de vista do género, com alguma heterogeneidade. As edições colectadas não correspondem ao tipo “puro” do género de literatura de viagem guia turístico, a que pertencem por exemplo as colecções Baedeker ou os Guides Bleus, que se tornaram um cânone do género e formaram práticas turísticas durante o século XIX e primeira metade de XX, ou os Guides Routard e Lonely Planet para a segunda metade de XX.

Por outro lado, uma parte considerável dos guias colectados não se debruçou exclusivamente sobre Lisboa, o objectivo da investigação, mas sobre o país. Na verdade o destaque da cidade para as editoras estrangeiras de Guias Turísticos surgiu sobretudo nos últimos anos do século XX, um dado importante para aferir o lugar que Lisboa ocupou como destino turístico para franceses e ingleses durante o século XX, pressupondo que as editoras respondem e criam um público consumidor. No entanto, como Lisboa foi desde sempre a cidade de maior importância, predominantemente o local de chegada, foi possível cumprir os objectivos da investigação.

¹⁰⁶ Não sabemos em que momento se deu a parceria, mas data de início de edição de guias de viagem das duas colecções terá ocorrido nos anos 90 de XX; a Gallimard inicia publicação de guias em 1989 e a Insight Guides em 1970. Fonte: http://www.gallimard-loisirs.fr/GuidesGallimardLoisirs/qui_sommes_nous.jsp e http://en.wikipedia.org/wiki/Insight_Guides.

¹⁰⁷ Casa editora que iniciou a publicação de guias de viagem apenas em 1989.

Mais de metade do *corpus* foi editada por colecções europeias de guias, com várias edições para vários países, com temas como regiões turísticas e cidades, colecções com diferentes graus de importância no campo editorial. Os que não se incluem nessa categoria, alguns correspondem a monografias-memória da cidade de Lisboa e outros encontram-se mais próximos do género narrativo de literatura de viagem.

De acordo com a literatura que tem feito a história dos guias turísticos e do turismo, identificam-se filiações entre os relatos de viagem e os guias turísticos. Deste modo, integraram-se no *corpus* narrativas com substrato literário, monografias de conhecimento geográfico e etnográfico e os guias que se propõem agregar informação útil acerca do destino, o modo de viajar, hospedagem, o que fazer e o que ver.

Pelo conteúdo do conjunto, percebemos que desde finais de XIX, prolongando-se até ao período que antecede a II GG, nas sociedades inglesa e francesa, foi-se constituindo um campo de edição com “narrativas” de regiões e lugares de Portugal (Lisboa) com possibilidade de usufruto turístico.

No conjunto encontrado não se tratou de deslindar sobre os géneros narrativos de viagem, mas cobrir um século de edição e, por isso, incluímos vários géneros que identificámos no corpo documental por uma questão de caracterização, embora o estilo narrativo e compilação da informação do “olhar turístico” não interfiram com as representações da cidade de Lisboa encontradas ao longo do arco temporal. Esta separação corresponde só a um trabalho de identificação para clarificar o estatuto da base documental.

No plano da sua caracterização geral, do ponto de vista da autoria — considerando que a “autoria” inclui as Casas Editoras e os autores dos “guias” — do modelo narrativo e o modo de organização da informação, agregámos o *corpus* em quatro padrões¹⁰⁸.

As memórias de viagem e sobretudo da cidade (**M**); os guias padronizados que, embora com diferenças, utilizam o tipo de apresentação clássica da cidade com enquadramento geográfico, administrativo e história local, conjunto de aspectos e monumentos a visitar, assim como informações gerais (**G**); os que combinam uma espécie de narrativa de viagem de substrato literário e diarístico, mas apresentando algumas características de guia turístico, tendo sido sobretudo esse o motivo da publicação (**GM**); e por fim os guias muito abreviados, guias folheto distribuídos pelas empresas de excursões turísticas ou

¹⁰⁸ Para uma rápida identificação do tipo de guias acrescentámos na identificação abreviada dos guias o ano da edição, a língua e o tipo de guia — M, G, GM ou F, ex: 1957 Fr G.

companhias transportadoras. Não têm grande conteúdo mas funcionam como baliza para verificar o grau de difusão dos clichés (GF).

Uma vez que o objectivo da investigação procurou cobrir o processo de urbanização de Lisboa que consideramos ter ocorrido, em 5 ciclos histórico-políticos durante o século XX, o *corpus* encontrado apresenta uma considerável heterogeneidade. Desse modo os géneros textuais diferem, definindo-se contudo duas linhas: os que seguem o padrão clássico e os que seguem um padrão próximo das monografias de lugar, depoimentos da experimentação de estada na cidade.

Em síntese, o nosso conjunto de fontes corresponde actualmente a uma base de 80 guias, 49 (G) dos quais seguem o parâmetro clássico de guia, que neste conjunto tomámos como padrão — os Guides Bleus e Baedeker; 16 (GM) guias que apresentam uma mistura entre a memória de viagem, a monografia de sítio e o modelo de guia turístico mais fragmentado e concentrado em compósitos de cliché turístico massificado; considerámos igualmente interessantes as 12 (M) monografias, relatos de viagem e estada na cidade e país. Por fim, temos ainda três folhetos 3 (F), associados à empresa Buisson e Agência Cook.

Só 27 guias se dedicam exclusivamente a Lisboa e tendem a concentrar-se no ciclo da Democracia, havendo mais edições após a adesão europeia, em 1986. Perante este quadro existe uma certa coincidência entre por um lado a democratização do país a partir de 1974, a integração na Comunidade Europeia (1986) mas também a grande diversificação da edição de guias turísticos, impulsionado pelo fluxo turístico, com o início do interesse turístico em visitas, de curta duração, às cidades, nos anos 90 de XX.

6.2 – A autoria; editores e autores.

6.2.1 - As Casas Editoras

A literatura de viagem no século XIX teve um grande desenvolvimento, tendo sido criadas casas editoras especializadas na elaboração de guias de viagem, acompanhando-se também de artigos na imprensa escrita com “recomendações turísticas”, gerando por isso um campo de profissionais e um público interessado nesse género. Como refere Jill Steward: “Nineteenth-century travel literature took a number of forms ranging from the well-established formats of the conventional travelogue, diaries and letters and articles in the periodical press and the daily papers, to the memoirs of ‘special’ or ‘foreign

correspondents' who often wrote about their travels. In addition, there were more specialised works such as hand-books and spa guides, reviews of new travel books and, from the 1880s onwards, self-conscious literary essays and directive articles of the 'where and how to go' variety. Editors began to find travel features were useful not just as 'fillers' but as a means of articulating and representing the interests, experiences and aspirations of their particular readers." (Jill Steward in J. Walton, 2005: 41-42)

Herdeiros dos princípios da viagem educativa do GT, os guias tornam-se um manual portátil, em substituição dos antigos preceptores da juventude aristocrática, como salienta A. Devanthéry (2011:31-32). Mas existiam diferenças significativas, como destaca J. Steward (in J. Walton, 2005:39), uma vez que este novo grupo social consumidor de turismo detinha uma cultura em que o tempo para despender em viagens era mais curto e deveria ser justificado, obrigando-se a uma maior organização quer das deslocações, quer do que deveria ser visto. No fim o turista deveria sentir que aproveitou bem a viagem e interiorizou bem as impressões desejadas/recomendadas. Aliás, o tempo de viagem despendido vai separar uma divisão que atravessará o século XX entre o autêntico viajante e o turista apressado, consumidor de simulacros. Este primeiro surto separava os que viajavam de acordo com as recomendações dos Baedeker, Murray, ou Guide Joanne-Bleus, dos que viajavam apoiados nos guias Bradshaw ou nas excursões organizadas por T. Cook, turistas de tempo curto.

Elaborados por redactores relativamente anonimizados, porque se sobrepunha o nome da casa editora, convencionaram um certo gosto turístico pela cultura artística e histórica clássicas, interessando-se igualmente pelas manifestações de progresso e modernidade. Os Baedeker foram considerados como o padrão do novo gosto burguês de XIX e sintetizavam "[the] ideal of national heritage [and] was a mix of cultural tourism and pride in industrial success. (Rudy Koshar; 1998: 338).

Os guias Murray, destinados predominantemente aos ingleses, os guias Joanne-Bleu destinados aos franceses e os guias Baedeker de influência internacional, pois para além da clientela alemã, pelo menos desde meados de XIX, criaram edições em língua inglesa e francesa, foram redigidos por professores universitários, especialistas de história, de arte, de literatura e definiram um certo padrão de "olhar turístico" em XIX, que foi permanecendo no século XX. Cumprindo um mesmo objectivo que os Baedeker, os Guides Joanne preocupavam-se sobretudo em garantir o mercado nacional, as elites francesas: "Il fait jouer la fibre patriotique pour dissuader les Français d'acheter les

traductions d'un éditeur dont le pays est l'ennemi héréditaire. Joanne se limitant aux pays les plus fréquentés par les Français.” (Goulven Guilcher, 2011: 6)

S. Courant (2012: 212-213) explicita, do nosso ponto de vista, o modo como se cristalizou o gosto turístico “fossilizado” pelas grandes colecções de guias. Embora o autor fale a propósito do Baedeker, consideramos que as outras duas colecções seguiam o mesmo modelo, e nestes formulou-se a ideia de que a cultura (a arte e os costumes, o património histórico monumental) era gerada *in situ*. De acordo com o autor o destaque dos elementos patrimoniais que mereciam interesse e atribuição de estrelas nos guias, assentavam numa visão de que a arte (a cultura) possuía um *locus*, encontrava-se enraizada no solo, e estava delimitada dentro de fronteiras. Acabando por estabelecer uma equação simples entre património, *locus* e *autêntico*, naturalizando o *autêntico* ao lugar onde qualquer mudança ou novidade era considerada como uma adulteração. Este processo foi também estabelecido em relação à população, procurando identificar tipos “puros”, agregada hierarquicamente num todo nacional. (S. Courant, 2012: 309)

A procura da arte e do património “autênticos” ou do tipo popular “puro” enraizados no *locus*, difundidos nos guias do século XIX (Baedeker), fez destes um veículo importante para a circulação e consolidação de estereótipos nacionais. “Le guide participe à son tour à unifier différents groupes ethniques sous un même étendard national. Ce qui signifie qu’il enferme cette population dans un déterminisme social, culturel, comportemental, etc.” (S. Courant, 2012: 213-214)

Em síntese, as grandes colecções de guias turísticos criados em meados do século XIX, e que na sua maioria continuaram a ser editados, sem grande alteração, no princípio do século XX, definiram um certo padrão de “olhar turístico”, confinado a uma visão nacionalista, contribuindo para reforçar as identidades nacionais, mas simultaneamente operando um corte entre o grupo de países da Europa dos Impérios Coloniais (Inglaterra, França e Alemanha), o pólo moderno e urbano, e os outros, que gradativamente iam incorporando o pólo oposto, catalogados como rurais, tradicionais, atrasados. E neste processo fixando o património (a arte) como “autêntico”, as populações como “tipos puros”, localmente enraizados, sob a figura dos exotismos (localismos), de onde derivava o interesse da visita turística.

a) As grandes colecções europeias de guias turísticos de XIX e início de XX As colecções clássicas que editaram guias sobre Portugal

No *corpus* 31 guias foram editados pelas grandes colecções de guias turísticos repartindo-se por gerações diferentes de tipos de guias e modalidades de práticas turísticas (difundindo um certo gosto turístico).

Em primeiro lugar identificamos as casas editoras de guias turísticos que surgiram no século XIX¹⁰⁹: o Handbook for Travellers de Karl Baedeker (1832-) Murray's Handbooks (1836 - 1917), Bradshaw's guides (1847-1899)¹¹⁰, os Thomas Cook Guides (1840-), os Guides Joanne (1841-1919) e Guides Bleus (1919-), os Blue Guides em associação com a Casa Hachette desde 1917 a 1933 e como colecção autónoma a partir daí.

Estas colecções marcaram um padrão de escrita e organização de guias de viagem, definiram um tipo de “olhar turístico” uma certa cultura de viagem, de prática turística, tendo tido como público-alvo alguns estratos sociais.

Os guias Baedeker, Murray e Joanne-Bleus foram livros de consulta das elites burguesas emergentes em XIX, enquanto os guias Bradshaw e T. Cook serviram um conjunto de turistas de estratos sociais mais populares.

A série Murray's Handbooks for Travellers iniciou a publicação de guias de viagem em 1836, associando-se em 1917 à casa editora dos Guides Bleus (Hachette), com o nome Blue Guides¹¹¹ até 1933. Os Murray's Handbooks publicaram 5 edições com o destino “Portugal,”¹¹² em 1855, 1864, 1875 e 1887, *A Handbook for travellers in Portugal*. Esta foi a primeira colecção a dedicar um guia de viagem a Portugal. O guia aqui trabalhado foi o de 1887 U.K.

A casa Hachette, Guides Joanne-Diamant-Bleu, foi a editora que desde 1859, com o “Itinéraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et du Portugal, Guides-Joanne, Paris: L. Hachette, 1859¹¹³” até à actualidade manteve a mesma identidade, tendo

¹⁰⁹ Fonte: Didier Urbain, (2002:337-345)

¹¹⁰ Fonte: Goulven Guilcher, (2011:44)

¹¹¹ Esta parceria ocorreu em 1917, com a primeira publicação associada em 1918. Fonte: <http://blueguides.com/>

¹¹² <http://www.nls.uk/info/readingrooms/north/index.html>

¹¹³ Fonte: Biblioteca Nacional Francesa, catálogo geral

publicado pela primeira vez um guia destacado sobre Portugal em 1931¹¹⁴ (1931 Fr G) e sobre Lisboa em 1989¹¹⁵.

De acordo com H. Morlier (2011) encontra-se no espólio Hachette uma monografia datada de 1912 sobre Lisboa, edição encomendada pela Livraria Ferreira de Lisboa¹¹⁶, interessada em vender guias com a “marca” Joanne. Este foi um dos primeiros trabalhos dos Guides Bleus que, a par da sua edição padrão, começaram a elaborar destacáveis a propósito de comemorações especiais, como as Exposições Universais, ou a pedido, como foi o caso da livraria Ferreira.

Os guias da colecção Joanne-Bleu do *corpus* são 1886 Fr G, 1904 Fr G, 1916 Fr G que incluíam a região Espanha e Portugal; 1931 Fr G, 1953 Fr G, 1957 Fr G e 1984 Fr G dedicados a Portugal e Ilhas; e 1989 Fr G dedicado a Lisboa.

Os guias editados pela casa Bradshaw¹¹⁷ tiveram poucas edições no século XX, contudo na reconfiguração dos “novos” destinos turísticos já neste século, surgiu um revivalismo pelos velhos itinerários ferroviários, tendo sido reeditados os guias de XIX. A colecção Bradshaw guides surgiu associada ao transporte ferroviário em 1839, tendo começado por ser sobretudo um guia com os horários e a rede de comboios disponível, primeiro em Inglaterra e depois através do continente europeu. O crescimento das viagens turísticas estimulou a alteração do guia no sentido do formato dos guias turísticos, tanto mais quanto o comboio era o meio de deslocação privilegiado das viagens turísticas de XIX.

Esta colecção também circunscreveu Portugal (Lisboa) à região “Spain and Portugal”, tendo sido encontrados na BNP 3 edições, respectivamente 1865, 1883, 1897 e, ainda, uma

¹¹⁴ A série de guias consultados nesta colecção manteve uma grande estabilidade nos seus conteúdos ao longo do século XX. De assinalar, para já, que a edição de 1931, foi remodelada e teve a colaboração de vários autores portugueses, sendo o maior contributo de Raul Proença, que elaborara o Guia de Portugal – Lisboa e Arredores em 1924 e tinha em calha a elaboração dos restantes guias de Portugal, editados pela Gulbenkian em 1979. Em 1989 houve uma nova actualização importante, mas com menos colaboradores portugueses.

¹¹⁵ No catálogo da BNF_fr só se encontram duas edições do guia dedicado a Lisboa, em 1989 e 1993. Os Guides Bleus continuaram contudo a fazer reedições de Portugal, sendo a data mais actualizada a de 2008.

¹¹⁶ Não encontramos esse exemplar na BNP.

¹¹⁷ De salientar que em 2011 num movimento revivalista foi reeditada pela Nabu Press uma nova edição, “Bradshaw’s illustrated handbook to Spain and Portugal” datado de 1900, com uma sugestão de percurso rememorando o percurso ferroviário sugerido pelos guias Bradshaw, distribuído em Portugal pela Bertrand. Este foi considerado o “companheiro de viagem no período vitoriano”; <http://bradshawsguides.com/history.html#sthash.rfrUv0gw.dpuf>

reedição de 1923, mantendo sempre o mesmo conteúdo; a edição de 1865 integra o *corpus* (1865 Uk G)¹¹⁸.

A colecção Baedeker editou um guia dedicado à região turística “Espanha – Portugal”, desde 1897 até 1972 em língua alemã, entre 1898 e 1913 em língua inglesa, e entre 1900 e 1958 em língua francesa. Editou para a região turística “Madeira, Ilhas Canárias e Açores”¹¹⁹ em 1934, em língua alemã e em 1939 em língua inglesa. Não encontramos nas bases consultadas nenhum guia desta colecção dedicado só à região turística Portugal e a Lisboa. Os guias da colecção Baedeker do *corpus* são 1898-1908 UK G e 1913 Uk G.

A Agência Thomas Cook & Son foi uma importante agência de promoção de viagens e hospedagem, de acordo com as investigações sobre o turismo, considerada a primeira agência de turismo moderna. Embora não fosse a sua principal actividade, também editou uma colecção de guias de viagem, “Cook’s Traveller’s Handbook”. No caso de Portugal foram editados dois guias “Cook’s Traveller’s handbook to Spain and Portugal”¹²⁰, em 1924 e 1930, respectivamente¹²¹.

A colecção Blue Guides, como já referido, foi criada em consequência da sociedade estabelecida entre a editora Murray’s Handbooks e a editora Guide Bleus-Hachette; esta associação perdurou de 1918 a 1933. Embora a sociedade tenha desaparecido, a colecção Blue Guides¹²², mantendo o mesmo formato adquirido na parceria com os Guides Bleus, permaneceu associada a outras casas editoras, como a Muirhead Russel até 1963 e posteriormente com o editor Stuart Rossiter¹²³.

No *corpus* foi analisado o “Blue Guide, Southern Spain and Portugal,” de 1929, 1929 Uk G, e “Portugal: Blue Guide” de 1982 (1984); 1984 Uk G.

A colecção de guias com a assinatura Michelin, Guides Verts Michelin, que surgiu associada ao desenvolvimento do automóvel. Criados no início de XX, fornecendo

¹¹⁸ Foi trabalhada a 1ª edição visto que está disponível na biblioteca digital o que facilitou o trabalho de análise

¹¹⁹ fonte: <http://www.baskes.com/baedeker.htm>.

¹²⁰ Fonte: <http://explore.bl.uk>

¹²¹ Não foi encontrado nenhum exemplar na BNP. Os únicos exemplares relacionados com a firma T. Cook são guias com horários de barcos e vapores em 1910 e 1912.

¹²² Fonte: <http://www.blueguides.com/our-titles/blue-guides/history-of-the-blue-guides/>

¹²³ Os Blue Guides publicaram em 1971 (e reeditado em 1993) um guia dedicado a Portugal, com a coordenação de Ian Robertson, este guia não faz parte do *corpus* pois não o encontramos em depósito na BNP.

itinerários e mapas de estradas, a partir de 1926 o *atelier* de A. Michelin edita o primeiro Guide Régional Michelin, surgindo igualmente uma edição inglesa e por fim os Guides Verts Michelin em 1950. Foram editados vários guias com destino Portugal ao longo de XX, mas praticamente sem texto, o primeiro Guide Vert Michelin com um formato próximo dos guias turísticos de viagem foi editado em 1992. (1998 Fr Ep G E)

Em parte podemos associar os Guias Michelin aos guias Bradshaw, pois ambos se encontram ligados a um meio de transporte, a um modo de deslocação turística. Usando o adjectivo aplicado por Mackenzie aos turistas de XIX como *railhead people*, formatados pela visão do mundo a partir das redes ferroviárias, os guias Michelin, associados ao automóvel, terão constituído, sobretudo a partir dos anos 50, *turistas highway*, uma vez que a sua deslocação recreativa se concentra nas redes de estradas e auto-estradas que tiveram um incremento grande no pós-guerra. Enquanto a deslocação ferroviária era pontuada por lugares de destino, a deslocação automóvel, individualiza e inscreve a percepção das “regiões”, por onde se desloca, como o mapa mental dos turistas. “Les Guides Verts, qui accompagnent le tourisme de masse de l’après-guerre, s’inscrivent par certains aspects dans la continuité des Guides Bleus; mais ils s’en distinguent en valorisant de plus en plus la perception et la représentation régionale, dans un temps où le déplacement routier est devenu majeur.” (Marie-Vic Ozouf-Marignier, 2014:19)

Foram editados ainda uns folhetos de promoção turística assinados por Raoul Buisson, um nome que ficou ligado ao turismo e cicloturismo em Portugal. Aquele foi um corredor francês que se deslcou a Lisboa para participar numa corrida de bicicletas em Lisboa em 1898, uma actividade de âmbito turístico que se desenvolveu com algum sucesso tanto em França como em Inglaterra. Aliás, associado ao surto do turismo foram criados clubes de ciclismo entre finais de XIX e início de XX. A. C. Matos (2010) reporta a criação do Club Velocipedista de Portugal de Lisboa 1891 e os Velo Club de Porto e Lisboa em 1893 e 1894 respectivamente, e por fim União Velocipédica de Portugal em 1899, associações semelhantes às que surgiam, então, na Europa. Nos guias clássicos como o Baedeker e Guide Joanne-Bleu a bicicleta era um dos meios de transporte turístico sugeridos, mas no caso de Portugal ou Espanha o guia chamava a atenção para a fraca condição das estradas, o que dificultava a utilização da bicicleta em circuitos turísticos.

R. Buisson acabou por residir em Lisboa, promovendo nomeadamente o gosto pela bicicleta e o cicloturismo; criou igualmente uma empresa que organizava excursões turísticas na cidade e no país.

Os folhetos editados por Buisson, apesar de não possuírem valor analítico, foram relevantes por expressarem o contributo de estrangeiros no desenvolvimento do turismo em Lisboa (Portugal), tendo sido editado em 1900 um folheto de um circuito turístico em Lisboa e, posteriormente, em 1949 e 1954 novos folhetos de um roteiro turístico de visita a Portugal (1949 Uk Fr F).

As colecções de guias produzidas em meados de século XIX, cujo “olhar turístico” reflectido nos guias, de certa forma, orientou o modo de olhar os respectivos destinos turísticos, incluíram desde cedo Portugal (Lisboa) nas suas edições, contudo o país e a cidade vinham inseridos para quase todas as colecções no interior da região turística “Espanha-Portugal”, com excepção dos guias da Casa Murray, que desde o início destacou Portugal numa edição autónoma, em 1855. Salientamos este aspecto na medida em que cidades como Paris, Londres ou Berlim mereceram guias destacados na colecção Baedeker, por exemplo, com edições respectivamente em 1855, 1868 e 1887. Lisboa, para estas colecções clássicas europeias de guias, não se constituiu como um destino particularizado, só em 1989 os Guide Bleus dedicaram um guia exclusivamente para a cidade.

Pareceu-nos de destacar o interesse na Madeira pela colecção Baedeker, em 1934 e 1939, dado que foi um dos destinos escolhidos pela organização KdF criada pelo regime nazi alemão como já referido, com o objectivo de promover um turismo de base popular. A Madeira era considerado no início do século como um destino para o turismo de elites inglesas.

b) As mudanças no período entre as Duas Grandes Guerras

“The fixity and certitude of knowledge in the nineteenth century had given way to the relativity and uncertainty of the twentieth. The detached and autonomous observer no longer reigned over the object; in his place was the observer who was implicated in the act of observation. Had a prewar traveler, intent on a journey south, been able to read the words of the postwar Baedeker, he might well have been shocked enough to stay home. It would never have occurred to him that the people in the countries he planned to visit might observe him as he observed them - much less that they might be qualified to judge whether he was worthy of two stars. Or one.” Edward Mendelson in *Yale Review of Books* (1985¹²⁴)

Como anteriormente mencionado, as grandes coleções de guias de XIX permaneceram em XX mantendo uma certa continuidade no seu padrão de gosto turístico. Contudo esse facto não significou que o campo do turismo se tenha mantido imutável. Houve mutações nos padrões de gosto e surgiram novos tipos de guias que alteravam o olhar e a procura de aspectos com interesse turístico nas cidades em visita.

No período entre as duas Grandes Guerras surgiu uma nova literatura guionista que rompia com o gosto clássico “Baedeker”, procurando salientar outros aspectos da vida na cidade, nomeadamente os seus lugares de diversão. Como refere Koshar: “From the late nineteenth century to the interwar era in Europe the guidebook literature was extremely varied. Guides existed for nature hikers in the Black Forest; mainly female shoppers in London and Paris; Catholic priests; visitors to the first world war battlefields (Michelin published a massive and detailed multi-volume guide to the battlefields that is as informative as it is moving and filled with anti-German sentiment); the German aristocracy; and workers (the Dietz-Verlag of Berlin published in 1932 what it claimed was the first tourists' guidebook devoted chiefly to the interests of ordinary workers).” (Rudy Koshar; 1998: 338)

Aquele investigador considera que a mudança reflecte a alteração das formas de consumo de base fordista a que associa os Baedeker, mas também os Guide Bleus, onde se encontra um elevado grau de padronização do “olhar turístico”, para dar lugar ao consumo turístico pós fordista, centrado nos consumidores. “Alternative guidebooks were breezy, conversational and ironic — a perfect expression of a 1920s consumerism associated with interwar modernity. In this sense, at least, the alternative guides revived the more personal, hybrid, and unsystematic approach to tourism that the pre-Murray and pre-Baedeker ... a hedonistic consumerism associated with twentieth-century mass democracy rather than

¹²⁴ (http://www.ctrarebooks.com/?page=shop/disp&pid=faq&CLSN_1597)

with the more austere and puritanical liberalism of the nineteenth century.” (Rudy Koshar; 1998: 335)

O guia *Afoot in Portugal* de 1931 de John Gibbons traduz essa alteração de gosto turístico, o autor procurou em Lisboa os sítios de diversão: “Practically all the English travel books deal exhaustively with ancient castles and cathedrals and with next to nothing else. When castle is closed at dusk, the regular traveller apparently goes to bed to recuperate for next day’s castle. You never red of him amusing himself. I try to amuse myself with a Lisbon evening.” (1931 Uk GM: 140)

G.K. Chesterton¹²⁵ que prefacia o guia chama a atenção para a estandardização presente nos guias turísticos que pouco falam sobre a cidade real, mas sobre si mesmos: “Even at the best the books are rather bookish; and in many cases they are obviously only books about books, or even books about books about books.

I will take only one example from this book to indicate Mr. John Gibbons’s own way of doing the trick. In any one of 20 books of southern travel we may find, what I fear we shall expect to find, a piece of artistic and perhaps even sympathetic writing about some venerable cathedral or convent, drowsy with the sleep of ages, droning its way through litanies and masses; laying on the soul a spell of silence by its untouched antiquity and its intangible mysticism; sleepy and almost legendary; ‘a haunt of ancient peace’. I say it will have the same effect; and the effect will be (on me at least) that the man might very well have written the book without ever seeing the cathedral.” (1931 Uk GM: Foreward)

c) As novas colecções de guias surgidos na década de 50 de XX

Na compilação dos guias com destino turístico Lisboa (Portugal) surgiram duas colecções com particular pertinência que apresentam uma nova configuração de modo de viajar e “olhar” sobre os destinos turísticos e cujas propostas irão marcar as grandes mudanças sugeridas pelos investigadores neste campo, lançadas na década de 70 de XX – estamos a falar dos *Fodor’s Modern Guides*¹²⁶ (1963 Fr G; 1970 Uk fo G) e os guias *Petite Planète* (1957 Fr G).

¹²⁵ G.K. Chesterton (1874-1936) escritor, poeta e filósofo.

¹²⁶ Foi editado sobre o nome Fodor, o guia *Fodor’s Lisbon* em 1984, que não encontramos no depósito da BNP, a sua publicação em 1984 e de Portugal em 1974, confirma a importância que teve a democratização do país para o destaque de Lisboa nos destinos turísticos das editoras de grandes guias europeus (euro-americanos). Este guia teve uma produção continuada desde 1951 até 1986, fonte: Amazon.com Eugene Fodor.

No caso dos guias Fodor, fundados por Eugene Fodor¹²⁷ (1905-1991) em 1949, existe a explicitação do interesse das sociedades vivas, das populações e culturas locais, para além dos vestígios monumentais das “civilizações mortas”, reforçando que em Roma não existiam só monumentos mas também italianos. No editorial da colecção de guias Fodor’s Modern dos cinco factores essenciais que deveriam estar presentes nos guias são de salientar o 3º ” – place primary emphasis on the human values of travelling in a foreign country (...) a deeper insight into the country, its way of life, and the character of the people”.

A vontade de olhar para as sociedades vivas, e não as “civilizações mortas”, é um tema que começa a surgir na década de 30, mas também no nosso *corpus* já no guia 1931 Uk GM se chama a atenção para a questão dos guias turísticos tradicionais serem “livros que falam de livros” e não propriamente da realidade que se vê enquanto se viaja.

A especialização e diferenciação de estilos de turismo esteve presente no programa dos Fodor’s, salientando a edição em 1953¹²⁸ *Woman’s guide to europe*¹²⁹, *Fodor’s feature series*, que tinha como público-alvo as jovens norte americanas, mas também para as mulheres jovens a viajar sozinhas, na década de 50 de XX. Como novidade neste guia surge para além do interesse dos lugares na moda, das compras, a entrada do *flirt* como uma diversão nas viagens. No conjunto dos 21 países europeus, Portugal foi um destino apontado neste guia e que, acerca de Lisboa diz:” Few women would visit Lisbon in order to shop, as they go to Paris to replenish their wardrobes and to pick up hints about the latest fashions, but even so every visitor to a foreign country likes to buy a few things, especially those objects which cannot be found elsewhere. (1953, *Woman’s guide to europe*: 394).

Aliás o país esteve sempre incluído na programação Fodor’s, entre 1951 e 1967 sobre a região Spain and Portugal, e depois autonomizado como Portugal com uma edição sobre Lisboa em 1985.

A colecção *Petite Planète* foi outra colecção que surgiu na década de 50 de XX com carácter único e em ruptura com o universo dos guias turísticos e do entendimento do

¹²⁷ E Fodor nasceu na Hungria, estudou em Praga (1924), em Grenoble e Hamburgo, correspondente de viagens em Praga e Londres entre 1930 e 1936, juntou-se ao exército americano durante a II GG, voltou à Europa após a guerra e regressou aos Estados Unidos nos anos 60. Fonte: <http://www.fodors.com/about-us/eugene-fodor/>

¹²⁸ Com uma 4ª edição em 1956.

¹²⁹ Em 1955 foi editado *The Men’s Guide to Europe*.

turismo. A edição sobre Portugal 1957 Fr G foi proibida, em Portugal, pela censura salazarista.

A colecção foi criada em 1954 por Chris Marker (1921-2012), editada pela Seuil, e terminou em 1964¹³⁰. Aquele autor, conhecido pelo seu trabalho no cinema documental e na fotografia “Écrivain, cinéaste, photographe, infographiste¹³¹”, é identificado por Susana Martins (2011) como integrando a “família artística” no Groupe Rive Gauche – o colectivo de realizadores que, juntamente com Marker, integrava artistas como Agnès Varda, Alain Resnais ou Jacques Demy, numa vocação mais afectiva do que artisticamente programática.”¹³² No editorial com que inaugura a nova colecção define a nova atitude:” “Nous avons passé le cap du XIXe siècle. On ne s'évade plus si facilement d'un monde désormais conquis, et un nouveau tourisme apparaît, qui exorcise le pittoresque. Cet engouement du lecteur pour la connaissance du monde, ce n'est pas le signe qu'il s'est brusquement découvert pour les autres nations une curiosité longtemps sommeillante: c'est plutôt qu'il a compris que leur connaissance était une étape, une composante indispensable de la connaissance de soi-même. Ce n'est pas le Français qui a changé: c'est la géographie. Cependant, refuser les discours empesés ne signifie aucunement nier la gravité de l'Histoire, et notamment la plus récente: des questions de mémoire (guerres, massacres de masse, exils) croisent des intentions de reportage qui suggèrent que chaque livre est temporaire, comme ‘à compléter’ prochainement. La liste des pays choisis ne saurait, en l'espèce, être anodine.”¹³³

No seu conjunto o que sintetiza esta nova atitude é a impossibilidade de escapar ao olhar subjectivo sobre os outros, as outras culturas, uma discordância entre texto e imagem, a presença do comentário político e social e a constituição do guia como uma peça artística que segue o estilo experimental de C. Marker, desenvolvido em obras cinematográficas posteriores. Na apresentação de Lisboa legenda imagens da cidade como “petit cinema des rues”, uma justaposição de imagens em contraste, uma outra narrativa, onde se pressente a interrogação sobre a impossibilidade de cativação de imagens síntese acerca do mundo e da multiplicidade de culturas¹³⁴.

¹³⁰ Foram editados 34 guias, fonte: http://www.fabula.org/atelier.php?La_collection_Petite_Planete

¹³¹ François Lecoine; “Tombeau pour Chris Marker”; Revue Esprit, Outubro 2012; <http://www.esprit.presse.fr/news/frontpage/news.php?code=232>

¹³² Susana S. Martins in: Os mistérios de Chris Marker em Portugal”, Público *on line* 06.08.2012; S.S. Martins fez uma tese de doutoramento justamente com o tema “Portugal as Seen Through Foreign Eyes: Photography and Visual Culture in the 1950s”, Faculty of Arts, Katholieke Universiteit Leuven, 2011.

¹³³ Nicolas Geneix, in http://www.fabula.org/atelier.php?La_collection_Petite_Planete

¹³⁴ O trabalho de Chris Marker materializado na colecção Petite Planète e no trabalho filmico documental posterior, do nosso ponto de vista, possui afinidades com o trabalho do gabinete de Charles and Ray Eames.

Assim se anuncia a colecção de guias: “Si les paysages et les monuments vous attirent, *Petite Planète* n’est pas pour vous. Le but est de ‘renseigner dès l’abord ses lecteurs sur les problèmes humains qui se posent dans les pays’ considérés.” A Lisboa, o guia *Petite Planète* chama ‘condessa de pés descalços’¹³⁵ e mostra nas fotografias uma cidade fora do cliché turístico de gosto patrimonial-monumental, é inconveniente até ao apresentar fotografias da Torre de Belém e Jerónimos num enquadramento desleixado, monumentos rodeados de ervas daninhas, reforçando ao longo do texto a natureza totalitarista do regime político de Salazar.

A prática turística com este guia tornou-se uma deriva pelos lugares do mundo, dentro da consciência epocal da Terra como *Petite Planète* – aldeia global. Mesmo no lugar mais “pitoresco” quem viaja está a ver-se a si próprio, principalmente.

Considerando a singularidade da colecção *Petite Planète*, cujo conteúdo para Portugal permanece preso a uma pauta de supremacia cultural, opinião partilhada por Susana Martins, a colecção deixou explícitas as contradições do confronto entre o olhar do estrangeiro e do nativo, na diversidade dos olhares “especializados”, junto de quem se informou acerca do país¹³⁶, e coloca à disposição do leitor viajante.

Assim, sem se esquivar ao subjectivismo do olhar, faz a ruptura mais acentuada na elaboração de guias de viagem do século XX. Aqui não se define uma procura das imagens atraentes, mas o confronto com o imprevisível: “the surrealist procedure of *dépayement*, the dislocation of things and people from their expected spatial or narrative context in order to release hidden poetic force.” (Galassi 1987 in S. Martins, 2010: 98)

d) A última geração de guias turísticos escritos no século XX.

Incluimos neste último grupo os guias editados por colecções fundadas a partir da década de 70 de XX, que têm sido referidas como as colecções que expressam o *turning point* da “atitude” turística, em reacção ao incremento do consumo turístico a uma escala extensa,

Em 1968 este gabinete elaborou um filme *Powers of Ten*, reequacionando a macro e micro escala em que vivemos, mas foi o documentário “*Glimpses of U. S. A.*”, apresentado na American National Exhibition em Moscovo, em 1959, pretendendo mostrar uma síntese da sociedade norte americana, que coloca a justaposição de imagens e o quotidiano cidadão como o discurso síntese passível de ser feito, expressando a problemática de Lyotard sobre o fim da modernidade, ou o fim das grandes narrativas. Os Eames escolheram como solução colectar um conjunto de imagens (frames), filmadas ao longo de um dia, o único fio condutor, de algumas cidades americanas, procurando reportar os vários grupos sociais, imagens que passavam em simultâneo numa TV Wall, a possibilidade tecnológica de então, pretendendo desse modo reportar a vida americana pela multiplicidade. <https://www.youtube.com/watch?v=Ob0aSyDUK4A>

¹³⁵ De acordo com S. Martins trata-se de uma referência filmica, Mankiewicz, 1954.

¹³⁶ Gilberto Freire foi um dos teóricos que o guionista estudou e cita para caracterizar o país.

normalmente associada ao “consumo de massas”, enunciados no programa editorial da coleção Routard, Lonely Planet, Petit Futé ou Rough Guides.

Os guias Routard (1993 Fr Rou G) e Lonely Planet (2001 Fr Uk G) foram criados no início da década e 70 de XX. “Le Routard ou Lonely Planet s’adressent aux voyageurs peu fortunés comme l’avait fait quelques années auparavant le guide d’Arthur Frommer avec *Europe on five dollars a day*. De ce fait, l’utilisation de la notion de ‘petit’ devient un élément commun avec les lecteurs-voyageurs à petit budget, créant ainsi une accroche empathique, un élément participant à un entre-soi communautaire.” (S Courant, 2012: 233) O Routard, esclarecem os editores no seu *site*: “Né de la mouvance ‘soixante-huitarde’ les créateurs du guide du routard, Philippe Gloaguen et son ami Michel Duval, ont créé le guide du routard en s’inspirant des ‘backpackers guide’ américains destinés aux voyageurs désargentés. Il tient avant tout à des valeurs, partagées par le lectorat qu’il reflète: melting pot d’humanisme, d’écologie, de respect des peuples, d’autodérision, d’humour bon enfant, de quête d’authenticité, de nostalgie des paradis perdus et de clins d’œil à Tintin.”¹³⁷

O Lonely Planet foi criado pelo casal australiano Tony et Maureen Wheeler e, de acordo com S. Courant (2012), “le Lonely Planet (1973) soumet un itinéraire général et fournit quelques informations sur des espaces non encore exploités par le tourisme de masse.” O mesmo ocorre com a coleção Petit Futé (1995 Fr G; 2010 Fr G), criada em 1976, embora a origem social do seu autor, D. Auzias¹³⁸, difira da origem mais urbana e classe média das outras duas coleções.

J. Mackenzie, que fez uma história sobre os principais guias turísticos no período imperial inglês, considera que esses dois tipos de guias permanecem, em parte, presos à ética imperial: “Some of the imperial sentiments are toned down but the approach is essentially the same. It is hard to escape the implication that the imperial world view, at least to a certain extent, survived decolonisation. The cultural mapping of the globe remained a prerogative of the wealthier West, at least until the tiger economies of the Pacific rim extended the pool of tourists. Yet, even then, it may be that the Lonely Planet and Rough Guides represent not so much a revolution but a neo-colonial continuity.” (J. Walton, 2005: 36).

A casa editora Autrement, publicou uma primeira edição dedicada a Lisboa, 1988 Fr GM, edição “Hors de série”, com reedição actualizada em 2003, 2003 Fr GM. O motivo da

¹³⁷ Ver (<http://www.ffaq.ca/voyage/lhistoire-du-guide-du-routard.html>)

¹³⁸ De uma família tradicional vinhateira do Sul de França

primeira edição associa-se à entrada de Portugal na Comunidade Europeia. A reedição, faz já parte da colecção *Guides Culturels* da casa editorial Autrement, que incluiu no seu programa editorial a edição de guias de cidade, já nos finais dos anos 90 de XX. A editora, fundada em 1975, começou por publicar uma revista de Antropologia Social, tendo na sua linha editorial uma preocupação etnográfica, só nos anos 90 passou a incluir um olhar implicado na actividade e campo do turismo.

Embora em alguns pontos haja semelhanças entre a edição de 1988 e 1999-2003, o carácter literário da edição de 1988 desaparece para formar uma composição mais próxima dos guias turísticos, no campo diferenciado ‘guias culturais’.

Os guias da Gallimard (Insight Guides) da colecção *Bibliothèque du voyageur* (1990 Fr Uk G e 1991 Fr Uk G) e da colecção *Cartoville* (2004 Fr G) correspondem a colecções criadas por casas livresiras que, dado o incremento do interesse turístico nas últimas décadas de XX, incluíram este tipo de programa editorial, conferindo o seu prestígio e qualidade editorial à elaboração de guias.

Ariane Devanthery (2009) refere que nestas colecções se expressa um subjectivismo e diversidade de sugestão de leitura das cidades e lugares. Os guias *Cartovilles* são guias de cidades. A primeira colecção (*encyclopédie du voyageur*) é exclusivamente elaborada por académicos, especialistas universitários e pretende estabelecer-se como um “saber” complementar à experimentação dos sítios em viagem, continua o projecto de erudição dos guias elaborados em XIX. Nos *Cartoville* sugerem-se ambiências a partir de espaços-bairro, modos múltiplos de usufruir as cidades. Esta investigadora faz referência a um aspecto de movimento cíclico entre o subjectivismo das narrativas de viagem associadas ao tempo do *Grand Tour* em XVIII, a tendência para a neutralidade em XIX e primeira metade de XX e a explosão dos subjectivismos na última década. Os narradores de XVIII eram oriundos das elites aristocráticas, os narradores de XIX oriundos da burguesia e os novos narradores do último quartel de XX oriundos das classes médias urbanas, universitários impregnados dos movimentos de contra cultura decorrentes do “Maio de 68” e do movimento “Hippy”.

As colecções Gallimard dirigem-se a um público que procura a erudição enquanto usufruto turístico, enquanto as outras colecções surgidas neste período apelam mais à experimentação pessoalizada e com soluções de viagem mais económicas.

Este último grupo de colecção de guias reflecte a mudança das práticas turísticas a partir da década de 70 de XX, i.e. multiplicaram-se as colecções de guias turísticos que apelam ao olhar de autoria, e diversificaram não só os lugares de destino turísticos, mas também o modo de os usufruir. Na década de 70 e 80 havia uma certa preferência pelos destinos distantes e *exóticos*, como a Índia, em busca de sentidos e espiritualidades não ocidentais; já nos finais de XX e entrada em XXI, a par daqueles, constituiu-se um interesse acrescido pelo turismo de cidades, nas quais se procuram ambiências e “movidas”, em visitas curtas. Em parte considerámos que as colecções deste último ciclo reflectem menos uma ruptura com a procura turística no sentido de uma nova atitude para com o turismo, e mais uma procura distintiva (P Bourdieu), que na sugestão de novos modelos, pretende assim afastar-se do consumo turístico (e da dicotomia turista-viajante) que no decurso do século XX se definiu como um consumo desclassificado de massas.

Os restantes guias (64) foram editados por colecções¹³⁹ que se limitaram a reproduzir os modelos dos guias de referência, ou correspondem a monografias, mais próximas do género das narrativas de viagem, publicadas em colecções dedicadas a cidades, países e regiões.

De salientar que três guias resultaram de um convite efectuado pelos serviços de turismo português. *Portugal, its land and people*, by W.H. Koebel, London, Archibald Constable and Co. LTD, em 1909 (1909 Uk GM) e *Progressive Portugal*, by Ethel C. Hargrove London, T. Werner Laurie, LTD em 1914, tiveram o apoio da Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP-1906). *L'enchantement du Portugal*, de Gabrielle Réval, Fasquelle éditeurs, col voyageuses de lettres, 1934 (1934 Fr GM), foi apoiado pelo Secretariado Nacional de Propaganda (SPN-1933).

Numa breve síntese, só 27 guias neste conjunto colectado foram dedicados à cidade de Lisboa, dos quais metade foram editados a partir de 1980, no entanto Lisboa e a Costa do

¹³⁹ *Peeps at many lands*, 1909 London: Adam and Charles Black, Collins Holiday Guides, 1966; *Letts Holiday Guides*, London: Charles Letts & Company Limited, 1969; *Gateway Guide to*; Great Britain: Butler and Tanner Ltd, 1971; *The Observer's "Time Off" Guides to Resorts and Hotels*, 1965; *Dollar Wise Guide to*; N. York: The Frommer/Pasmantier publishing Corporation, 1970; *Let's visit*; Ontario, London: Burke, 1976.

Sol começam a destacar-se como destinos autónomos de interesse turístico, nos anos 70 de XX, um período de crescimento de consumo turístico naquela zona e no país.

Lisboa (Portugal) surge nas colecções de guias entre finais de XIX e anos 30 de XX integrada na região da Península Ibérica (Espanha-Portugal). A edição de 1931 dos Guide Bleus dedicada exclusivamente a Portugal inaugura o destaque dado ao país com destino turístico. A partir dos anos 30 Portugal é um destino turístico autónomo e Lisboa a sua capital incontrornável.

Mas é curioso que essa tradição da “Região Ibérica” tenha sido reproduzida na colecção Fodor que, como dissemos, surge no fim da II GG, à entrada dos anos 50 de XX. Apesar do interesse crescente por parte das editoras guionistas, prevaleceu uma persistência em olhar o país a partir da sua integração na região ibérica, aspecto que talvez se ligue ao facto de os guias Fodor terem origem nos Estados Unidos, agregando o destino europeu em grandes famílias de “regiões”.

Alguns autores escreveram monografias sobre Portugal e Lisboa porque durante os anos 1939-1945 (II GG) passaram por Lisboa. Este foi um período marcante da história da cidade, do ponto de vista dos europeus, a cidade neutral que se constituiu, durante esse período, como uma possibilidade de liberdade, a porta aberta, *Gateway to*, no limiar do continente europeu, em guerra, para a viagem até aos Estados Unidos.

O interesse por Lisboa por parte das editoras tornou-se grande com a instauração da democracia em 1974, período em que se fez um outro tipo de turismo, “a utopia das revoluções”, que trouxe até Lisboa muitos dos intelectuais dos movimentos estudantis de “Maio de 68”, como Sartre e Beauvoir, por exemplo. As edições Autrement e Gallimard correspondem a essa atitude, sem esquecer que a entrada de Portugal na Comunidade Europeia teve um grande impacto nas práticas quotidianas das sociedades do “norte da Europa”, dado que nos guias deste período se justifica a publicação devido à entrada de Lisboa na comunidade das cidades europeias, uma espécie de “bem-vindo ao clube”.

A Expo 1998 contribuiu para uma maior divulgação de Lisboa e sobretudo neste novo século é evidente o tratamento de Lisboa como uma cidade com interesse entre as cidades do mundo, exemplo da abordagem do guia “Lisbonne Cartoville 2004”.

Em muitos dos guias do corpo documental consultado refere-se o desconhecimento do país e da cidade por parte dos turistas habituais, argumentando existirem, no entanto, os mesmos atributos em Portugal, como noutras estâncias turísticas conhecidas - *A cidade no extremo ocidental da Europa*. No decurso do século XX as razões para o desconhecimento

vão variando e mudam as descrições da cidade, mas o “desconhecimento” só desaparece como introdução à cidade e ao país na década de 90 do século XX.

6.2.2 – Os Autores

Embora as grandes colecções tenham definido padrões cumprindo objectivos, tem particular interesse destacar a autoria directa, i.e. quem coordenou e escreveu os guias, aspecto mais evidente nas Monografias e, também, nas personalidades que foram coordenando as edições para Portugal (Lisboa).

a) As casas editoras dos guias clássicos, o perfil dos seus fundadores e redactores

A organização, o conteúdo narrativo, em síntese, o modelo de olhar turístico dos guias clássicos de XIX, os Bradshaw's guides (1847-1899), os Baedeker (1832-1940) e os Murray (1836 - 1917) esteve ligado às propostas dos seus fundadores.

Para S. Courant os três principais autores de XIX que marcam a padronização dos guias de viagem, foram K Baedeker (1801-1859), J Murray (1808-1892) e Thomas Cook (1808-1892). Este último instaura de modo industrial¹⁴⁰ as excursões a Itália e Egipto, sendo considerado por S. Courant (e outros) o primeiro operador turístico, pois reunia agência de viagens, transporte, hospedagem e guias de viagem sob a mesma organização empresarial. (Stéphane Courant, 2012: 205)

As primeiras colecções de guias eram conhecidas pelo nome do editor, vindo a sua autoria muitas vezes sobre a forma de pseudónimo. A não identificação dava uma garantia de uniformidade e também, em parte, ocultava a produção de uma literatura menor por parte de autores consagrados. Goulven Guilcher (2012) refere que Baedeker e os filhos redigiram uma parte importante dos guias entre 1832 e 1925, o mesmo acontecendo com Murray. Apesar desse facto as editoras recorriam igualmente a peritos. “Des gens aisés, cultivés, exerçant leur activité dans des domaines très variés, ingénieurs, artistes, diplomates, militaires, linguistes, botanistes, juristes, archéologues et hommes d’église. La plupart ont en commun, évidemment, de voyager beaucoup ou d’avoir occupé des postes à l’étranger. Ces auteurs décrivent ce qui les intéresse pour un public appartenant à leur milieu social.” Goulven Guilcher (2012:15-27).

¹⁴⁰ Balizado em 1855.

Desde cedo se formou uma pequena rede de profissionais de escrita guionista “des auteurs qui écrivent des guides pour des raisons alimentaires, mais ne tiennent pas à voir leur nom mêlé à une littérature qu’ils jugent inférieure à celle qu’ils publient d’habitude. Cela déprécierait leur plume et nuirait à leur réputation.” Goulven Guilcher (2012:15-27).

No caso do guia Baedeker — 1908 Uk G — a assinatura vem no capítulo sobre a Arte Espanhola, capítulo realizado por Karl N. H. Justi¹⁴¹ (1832-1912) reconhecido historiador de arte alemão, com obra de relevo na área do Renascimento, dedicou-se, nomeadamente ao estudo da arte espanhola e portuguesa. Para a parte dedicada a Portugal, a introdução histórica apresenta no fim uma base bibliográfica de apoio, tendo sido citados: H. Morse Stephens (1857-1919), com o seu livro sobre Portugal editado em 1891; Martin Hume (1847-1910), historiador inglês que escreveu “Through Portugal”, em 1907; Oswald Crawford (1834-1909), jornalista e Consul Honorário no Porto entre 1867 e 1891, que escreveu, entre outros, o livro citado no Baedeker, “Round the calendar in Portugal”, em 1890; W. A. Salisbury escreveu “Portugal and its People”, em 1893; e ainda Eugène E. Street, que escreveu “A philosopher in Portugal”, em 1903 e “Portuguese Life in town and country”, em 1902. Este último auto intitulava-se *philosopher*, em oposição ao turista e os livros que escreveu são narrativas de viagem em Espanha e Portugal. Pretendia com as suas publicações, afastar-se da gente comum, os turistas e os seu guias, pois o seu olhar sobre o país, Lisboa e Porto, onde tinha família e amigos, a importante “british colony in Porto e Lisboa”, permitia-lhe sugerir um conhecimento mais íntimo e menos formatado, distanciando-se, com a sua *philosopher attitude*, dos turistas banais.

O guia Bradshaw (1865 Uk G) vem assinado com uma autoria, Dr. Richard Stephen Charnock (1820-1904), responsável pelas edições de 1865 a 1899. Este autor possui 17 publicações na BL_Uk entre 1857 e 1889, tendo contribuído para a redacção de vários guias de viagem nesse período. No guia analisada do *corpus* a referência bibliográfica acerca de Portugal assenta na leitura da Enciclopédia de Edimburgo (1808-1830), the Penny Cyclopaedia (1833-1843), The History of Portuguese Discoveries and Conquests, Portugal Illustrated e os guias Murphy, entre outros guias citados.

¹⁴¹ Publicou uma biografia de Velazquez e, em 1888, um livro dedicado à pintura portuguesa do século XVI, in Lucília Santos, 2010: 153.

O apoio à elaboração do guia encontrava-se bastante actualizado no caso do Baedeker, as edições dos livros de história e até os livros de viagem, como atrás mencionámos eram de datação contemporânea do guia. O Bradshaw tem menos preocupação de apoio bibliográfico, como dissemos, destinava-se a uma clientela menos exigente. No entanto é de salientar que a leitura complementar sugerida é de origem inglesa. Nestes guias o conhecimento do país pelos portugueses não foi incluído.

No caso do Murray (1887 Uk G) há uma lista longa de recomendações de leitura, a propósito de Portugal, que ocupa cinco páginas do guia e encontra-se tematizada. No caso da história de Portugal cita um conjunto vasto de histórias elaboradas por portugueses, entre os mais recentes encontrava-se Alexandre Herculano. Sobre informação geográfica e estatística refere o Dicionário Geográfico¹⁴² de 1853, mas a informação estatística e comercial é de origem inglesa, o mesmo ocorrendo no capítulo da história militar, também de origem inglesa. Em relação à história natural citam-se autores alemães e no caso da história de arte¹⁴³ a referência é o livro de Raczynski sobre “Les Arts au Portugal”, datado de 1846. Finalmente, no capítulo das narrativas de viagem, menciona livros de viagem de origem inglesa, alemã e um guia Reichard¹⁴⁴ “Guides des Voyageurs”, uma reedição de 1820.

A inclusão de um autor português na elaboração do guia Murray sobre Portugal, A. Herculano, altera a visão unilateral dos outros guias de origem inglesa e destaca o país na região ibérica.

A Casa Hachette – Guides Joanne-Bleus – recorreu a coordenadores gerais, que ao longo dos diversos períodos de edição geriram a equipa de redactores, nos quais se incluíam especialistas, eruditos e correspondentes locais. Como identifica Goulven Guilcher: “les éditeurs Guides Bleus confient à un auteur de leur connaissance le recours à une large équipe de correspondants, d’érudits locaux, ainsi que la dette contractée auprès de nombreux auteurs précédents. Des gens de lettres, historiens, archéologues, géographes, linguistes, économistes, érudits locaux, montagnards, etc.” (Goulven Guilcher, 2011 :15-27)

¹⁴² Este dicionário, publicado em 1853, foi redigido por Pedro José Marques.

¹⁴³ Este campo era escasso em Portugal neste período.

¹⁴⁴ De acordo com D. Urbain, G. Guilcher, C. Paulino e outros, os guias Reichard foram os primeiros guias de formato moderno. O seu autor, Hans Ottokar Reichard (1751-1828) alemão, editor de jornais literários e artística, publicou em 1793 o “Guide des voyageurs en Europe”, com edições posteriores em 1805, 1817. Neste encontrava-se incluído Portugal. De acordo com a base de informação da BNF.fr foram reeditados em países e regiões europeias, nomeadamente Portugal e Espanha, em 1971. <http://catalogue.bnf.fr/servlet>

Os guias editados no último quartel de XX têm já a colaboração de franceses que residiram ou trabalharam temporariamente em Portugal e cuja formação académica inclui o conhecimento da língua e da literatura portuguesas.

As edições de 1900_1904_1909 foram coordenadas por Paul Joanne (1847 – 1922), filho de Adolphe Joanne, guionista ligado ao mundo da edição de guias, era o seu saber-fazer.

O guia de 1909 teve a colaboração de Mendonça e Costa (1849-1922) que, em conjunto com outras personalidades da vida portuguesa, criou em 1906 a Sociedade de Propaganda de Portugal, com objectivos de promoção turística do país. Mendonça e Costa foi “autor” do guia de 1911-1913, *Manual do Viajante em Portugal*. O apoio científico ao guia foi dado por Jacques Mesnil (1872-1940), personalidade cosmopolita, com formação em medicina e estudos clássicos, foi escritor, jornalista, historiador de arte, tendo igualmente manifestado publicamente interesse pelas ideias políticas do anarquista e comunismo libertário.

As edições de 1916, 1921 e 1931 tiveram a coordenação de Marcel Monmarché, pseudónimo de Prosper Ricard (1874-1952), este autor viveu durante muito tempo em Marrocos, onde foi inspecteur des *Arts Indigènes*, em Fez, e promotor da arte marroquina, dentro da prática imperial colonial do seu tempo.

A edição de 1931 teve a colaboração de Raul Proença (1888 – 1941), ele próprio autor da colecção Guia de Portugal, 1924 – 1979, bem como Reynaldo dos Santos (1880-1970), conhecido especialista de arte portuguesa, também importante colaborador do Guia de Portugal, de R. Proença.

A edição de 1953 (56 e 57) teve a coordenação de Francis Ambrière (1907-1998; escritor) e Magdelaine Parisot (1909-) e a colaboração de Christian de Caters, (1900 -1981), autor do capítulo sobre a cultura tradicional portuguesa “Aperçu Folklorique”. Caters conhecia a língua portuguesa, foi tradutor de Júlio Dinis e escreveu sobre Portugal, S. Tomé e Moçambique; editou igualmente um livro sobre o Japão, em 1936.

A edição de 1984 teve a coordenação de Adelaide Barbey, tendo colaborado nesta edição José Rebelo (jornalista), José Augusto França (historiador) e o Jean-François Labourdette, especialista na história de Portugal.

Em síntese, as quatro editoras de guias turísticos que definiram um padrão em XIX que perdurou no século XX, embora reconfigurado, assumiram diferentes atitudes.

O Baedeker produziu uma informação centrada na comunidade anglo-saxónica. Os “eruditos” a que os redactores recorreram eram ingleses, especialistas das culturas

portuguesas e da Península Ibérica, preocupando-se em consultar estudos actualizados (à época), pelo menos na edição em consulta.

As edições Murphy tiveram maior preocupação de compilação na leitura complementar, sobretudo nos historiadores do país de origem, mas para o conhecimento geográfico, económico e artístico, o recurso foi igualmente de origem anglo-saxónica, alemão e francês.

Os Guides Bleus, cuja política editorial incluiu sempre um autor coordenador de edição, procurou desde cedo incluir na redacção personalidades e peritos portugueses.

b) As mulheres guionistas

No conjunto do *corpus*, nove guias foram redigidos por mulheres, uma profissão que no norte da Europa possui alguma evidência ainda no fim de XIX e que nos parece de destaque, pela particularidade do comentário que o lugar das mulheres na sociedade lisboeta (portuguesa) mereceu ao olhar turístico estrangeiro. Aquele foi alvo constante de comentário crítico (negativo), um choque cultural, associado à singularidade portuguesa (católica, conservadora e marcada pela influência árabe), com a excepção dos guias editados na última década de XX. Até aos guias editados em Democracia, o aspecto de contraste cultural que mais se evidenciou foi justamente a ausência das mulheres do espaço público da cidade. Esse aspecto ainda foi mais salientado pelas mulheres guionistas.

1907 Uk G by Mrs. A. Cunnick Inchbold (1860-1920); 1909 Uk G Agnes M. Goodall (1888-1966?); 1914 Uk GM Ethel C. Hargrove (1866-1932); 1934 Fr GM Gabrielle Réval (1870-1938); 1945 Uk GM ; Alice Fullerton¹⁴⁵; 1949 Uk GM Susan Lowndes (1907-1993) e Ann Bridge (1889-1974); 1966 Uk Pt G Sarah Bradford (1938 -), 1971 Uk GM, Carol Wright

As Inglesas

Mrs. A. Cunnick Inchbold (1860-1920) e o marido Edouard Stanley Inchbold (1851-1921) foram responsáveis pelo guia 1907 Uk G e podem considerar-se um casal tipo de ingleses, que praticou um modo de turismo na segunda metade de XIX e início de XX, tendo viajado pelo Líbano, Síria, Palestina e Portugal. A. Cunnick era novelista tendo escrito livros de viagem em resultado das viagens que realizaram, livros ilustrados pelo

¹⁴⁵ Sobre esta autora não foi possível fazer uma caracterização mínima, na BL_Uk tem um outro livro publicado *Flowers from Pérsia*, editado em 1940, presumimos que siga o perfil das escritoras anteriores.

marido, pintor aguarelista; a escolha de Sintra não terá sido indiferente ao gosto pelas paisagens pitorescas.

Este guia apresenta um quadro de Lisboa que reflecte uma leitura actualizada (à época) acerca dos novos projectos de modernização da cidade, como por exemplo a proposta de uma ponte que ligaria Lisboa a Almada, ou a intenção de construir na margem sul um pólo de actividades industriais. A fonte terá sido o artigo de Fialho de Almeida, *Lisboa Monumental*, publicado em 1906, onde, entre outras, se encontrava a ideia de transferir as fábricas e manufacturas para a margem sul. Tem uma posição de preservação do interesse pitoresco de Alfama e Mouraria. Onde se percebe mais a escrita feminina é quando descreve a população que vê nas ruas, acrescentado pormenores minuciosos sobre os modos de vestir dos “populares lisboetas”.

Agnes M. Goodall (1888-1966?) foi a autora do guia 1909 Uk G. Não conseguimos obter informação sobre esta *travel writer*, contudo parece de destacar o interesse da autora pelo sistema educativo e a cultura popular do país visitado, aspectos que os guias desse período davam menos atenção.

Ethel C. Hargrove (1866-1932), autora do guia 1914 Uk GM foi ilustradora e membro do Committee of the British International Association of Journalists, veio a Portugal a convite da Sociedade de Propaganda (SPP). Escrevia para jornais e revista inglesas, orientadas para um público feminino: *Ladies' field*, *Great Thoughts*, *Our Home*, *Young Woman*, and *Baby*. Como A. Goodall, preocupou-se em colectar material etnográfico, contos e músicas (modinhas) populares, para o que contou com o apoio de José Leite Vasconcellos. No texto surgem ainda informações acerca de obras e medidas de apoio e solidariedade social.

Estas duas autoras representam um modelo de “profissionais” do *travel writing* inglês no início de XX, nas quais se encontra presente o “espírito colonial / imperial”, mas em que a escrita tendia a ser pessoal, mais paternalisticamente humanitária; a descrever os povos na proximidade das pessoas que encontravam e menos numa perspectiva holista de “tipos” e “raças”, repetidos com frequência nos guias clássicos como o Baedeker.

Susan Lowndes (1907-1993) e Ann Bridge (1889-1974) Estas duas autoras do guia 1949 Uk GM talvez sejam as últimas desta geração de “women travel writers”. Contudo, diferenciam-se das anteriores dado que tinham uma maior ligação à sociedade portuguesa

de então. Susan Lowndes era casada com um jornalista português¹⁴⁶ e Ann Bridge era a mulher de um diplomata britânico¹⁴⁷, que entre 1945-1947 foi embaixador em Lisboa. Ambas pertenciam a uma elite inglesa que desde cedo se familiarizou com a viagem, a prática turística na busca do pitoresco e da arte (o padrão Baedeker), bem como com a escrita, como é o caso de Susan Lowndes que, de acordo com nota biográfica do filho¹⁴⁸, vinha de uma família com longa tradição de mulheres escritoras.

De salientar que viveram em Lisboa e viajaram pelo país numa conjuntura política europeia e portuguesa muito particular, a Lisboa dos anos 40, *o gateway da Europa* de então, e como membros da comunidade inglesa, do lado dos Aliados, numa cidade e num país onde, ao abrigo da “neutralidade”, conviveram muitas personalidades ligadas tanto aos Aliados, como ao Eixo: corpo diplomático, militares, partidos políticos, espões, jornalistas, correspondentes, refugiados oriundos do norte da Europa em guerra e ... turistas, entre os quais alemães vindos através da organização KdF.

Sarah Bradford (1938 -) e **Carol Wright**, redactoras dos guias 1966 Uk Pt G e 1971 Uk G Lisbon respectivamente, são duas inglesas que continuam no pós-guerra a vocação profissional de escrita de viagem e guias turísticos, ajustando aos gostos turísticos herdados, um novo gosto da prática turística, emergente nos guias editados no pós II GG, como o interesse gastronómico.

As Francesas

Gabrielle Réval (1870-1938), responsável pelo guia 1934 Fr GM, foi uma escritora francesa que pode considerar-se uma proto-feminista.

Corresponde a outro modelo de *travel writer*, tendo escrito sobre Lisboa e o país numa situação circunstancial, a escrita sobre a cidade foi um complemento ao seu trabalho como escritora. G. Réval já era uma escritora consagrada e conhecia o país, interessada na história e cultura portuguesas, quando da viagem que resultou na monografia em análise. Esta viagem decorreu numa conjuntura política portuguesa específica, em plena afirmação do salazarismo e da execução da “Política do Espírito” do Estado Novo. Na sua estada em

¹⁴⁶ Luiz Marques, editor do Anglo-Portuguese News e o correspondente em Lisboa do the Daily Telegraph, the Sunday Times and the New York Times.

¹⁴⁷ Sir Owen St Clair O'Malley,

¹⁴⁸ “Guardian of the memory of her mother, the diarist and novelist Marie Belloc Lowndes, and her grandmother Bessie Parkes Belloc, the champion of women's suffrage.” In Paulo Lowndes Marques <http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-susan-lowndes-marques-1475160.html>

Lisboa foi acompanhada pelo grupo de A. Ferro, circunstância que condicionou o olhar sobre a cidade, na medida em que aquele teve um papel activo na reconfiguração da Lisboa do Estado Novo (capital imperial). Faz parte de um grupo de intelectuais e jornalistas que, neste período histórico, demonstraram simpatia ideológica e política pelo regime de Oliveira Salazar, que adjectiva como ditador “bon enfant”, recebeu várias condecorações do país.

Visitou Lisboa e Coimbra em 1923, 1924 e 1932, em viagens de apoio e promoção do livro *A Fonte dos Amores* (inspirado nos *Amores de Pedro e Inês*) e do filme baseado no romance.

O perfil social desta escritora difere das “inglesas”, no sentido de uma outra consciência do seu lugar enquanto mulher a exercer uma profissão na nova sociedade do século XX. Conquanto aquelas fossem, de certa forma, profissionais da escrita de viagem, foi nesse âmbito que permaneceram, mas também parece de destaque, e as afaste de Réval, o facto de esta ter tido formação académica na escola pública, enquanto as “inglesas” estudaram em colégios ingleses. G. Réval foi uma das primeiras mulheres formada pela *École Normale Supérieure* para mulheres, fundada em Sèvres em 1882, com o objectivo de preparar as futuras professoras que iriam ensinar a nova geração da sociedade da Belle Époque.

Na antologia sobre os feminismos na Belle Époque, publicada em 1994 por Jennifer Waelti and Steven C. Hause¹⁴⁹, entre outras escritoras destacam G Réval pelo seu romance *Les Sevriennes*, publicado em 1900, justamente por colocar o dilema aberto pelo exercício da profissão pública de professora, no início do século XX, que as afastava da concretização de uma vida emocional publicamente assumida. A consciencialização deste paradoxo no exercício da profissão, obrigando as professoras ao celibato, fez de G. Réval uma pioneira, de acordo com as autoras, nos confrontos que sustentaram os feminismos que se desenvolveram durante o XX.

A escrita das “inglesas” não se afasta do gosto de época para a elite burguesa de então, enquanto Réval tem mais consciência desta situação e que se reflecte no seu “olhar narrativo” sobre a cidade que visitou.

Suzanne Chantal, autora do guia 1963 Fr Pt pertence a uma nova geração. Foi casada com um jornalista português, escrevendo literatura de viagem entre 1944 e 1986, reportou uma

¹⁴⁹ In “Feminisms of the Belle Époque a historical and literary anthology, edited by Jennifer Waelti and Steven C. Hause, University of Nebraska USA, 1994

cidade e um país da década de 60 de XX. S Chantal escreveu em revistas de cinema, Marianne¹⁵⁰ (1932-1940) e Cinemonde¹⁵¹ (1928-1971), revistas nas quais participou um “grupo” de intelectuais e escritores que marcou a paisagem cultural e política francesa (e do mundo) na primeira metade do século XX.

c) Exploradores, diplomatas, espões e jornalistas

Destacamos no *corpus* um conjunto de autores, que na viragem do século XIX, viajaram por vários lugares do mundo, nomeadamente durante o período “imperial” em missões de exploração geográfica e de reconhecimento do estado de situação político-militar das “colónias”.

No decurso da II GG alguns autores trabalharam como jornalistas, tendo sido correspondentes em Lisboa de jornais europeus (franceses, ingleses e suíços) e como eram personalidades cosmopolitas, dominando várias línguas colaboraram com os serviços secretos dos Aliados. A estada em Lisboa por razões de trabalho permitiu-lhes escrever monografias sobre o país e a cidade que publicaram na imprensa e em revistas de especialidade.

G Jules Leclerq (1848-1928) foi um explorador francês que escreveu artigos resultantes das suas viagens para uma revista de geografia francesa bianual, *Le Tour du Monde*¹⁵², fundada em 1860 por E. Charton, na Hachette. Aquela revista publicou artigos dos grandes exploradores da época, entre os quais Livingstone. O artigo sobre Lisboa, publicado no *Tour du Monde*, resultou de uma das viagens de Leclerq a Portugal.

W.H. Koebel (1872-1923) foi, como refere J. M. Mackenzie, um jornalista e escritor, que se especializou em assuntos da América do Sul, e também cumpriu algumas missões para o governo britânico (1919), reportagens que interessavam aos “homens de negócios”, turistas e o governo britânico. O estado de situação das colónias africanas, como Moçambique, era um tema destes guionistas britânicos do período imperial. “This work was designed primarily for businessmen, tourists and the framers of government policy. It specifically

¹⁵⁰ Parmi les contributeurs de l'hebdomadaire: Antoine de Saint-Exupéry, Georges Auric, Julien Benda, Pierre Mac Orlan, Jean Rostand, Henri Troyat, Herbert George Wells, Marlène Dietrich, Marie Bonaparte, Suzanne Chantal, Marcel Aymé...”

¹⁵¹ Parmi ses collaborateurs, notamment Charles Ford, Marcel Carné, Blaise Cendrars, Pierre Mac Orlan, Joseph Kessel.

¹⁵² <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34414b.image.langEN>:

warned off speculative English-speaking settlers, although it described the very considerable opportunities for business and for people with capital.” (in J. Walton, 2005: 32)

Durante a II GG cruzaram-se em Lisboa muitos jornalistas e homens em missão para os governos de ambos os lados, Aliados e Eixo. **Herbert Van Leisen**, **Eugene Fodor** (1905-1991)¹⁵³ e **Ronald Seth** (1911-1985) encontravam-se em Lisboa durante esse período. Van Leisen foi um jornalista suíço que esteve em Lisboa, entre 1936 e 1942, como correspondente do jornal *Courrier de Genève* (de feição católica). A monografia em análise, que editou em conjunto com Claire Szilard, uma pintora de origem húngara, refugiada em Lisboa nesse período, surgiu dessa estada. (Reto Monico 2011: 165-166)

E. Fodor e R. Seth foram identificados como personalidades cosmopolitas, fizeram estudos políticos e económicos. Durante a II GG Fodor, justamente por dominar um conjunto vasto de línguas, integrou os serviços de espionagem militar americanos. Quanto a R. Seth¹⁵⁴, este encontrava-se a dar aulas na universidade da Estónia onde, no início da guerra, colaborou na constituição do *BBC Monitoring Service*, tendo desempenhado serviços especiais — Special Operations Executive (SOE). Capturado pelos nazis, construiu uma vida dupla, cuja lealdade permaneceu nebulosa. No pós-guerra tornou-se um conhecido autor de livros de espionagem.

1881 Fr G Jules Leclerq (1848-1928); 1909 Uk GM W.H. Koebel (1872-1923), 1947 Fr Ch M Herbert Van Leisen; 1963 Fr G e 1970 Uk Fo G, Eugene Fodor (1905-1991) e William Curtis (editor 1907-); 1976 Uk G Ronald Seth (1911-1985).

d) Os escritores e artistas

Quisemos salientar do conjunto de guionistas os que produziram, sobretudo, uma obra literária ou artística. Destacámo-los como viajantes pelo mundo que incluíram na sua obra livros sobre os países e as cidades onde estiveram, espelhando um olhar singular.

Douglas Goldring (1887–1960) foi um escritor e jornalista que “cultivated a circle of aesthete friends, most notably Somerset Maugham, who introduced him to the poetry of

¹⁵³ Autor dos Guias Fodor.

¹⁵⁴ in <https://www.headline.co.uk/authors>

Baudelaire and Verlaine among others. The war, along with the injustices Goldring witnessed while in Ireland in 1916–18, radically politicized him; thereafter he referred to himself as a ‘propaganda novelist’ (Goldring, *Odd Man Out*: 142)¹⁵⁵.

G Sacheverell Sitwell (1897-1988)¹⁵⁶, aristocrata britânico, juntou o gosto pela poesia, a escrita, a pintura, arquitectura, tendo viajado pelo sul da Europa em consequência também do seu gosto pelas artes, nomeadamente o “Barroco”, escreveu, a par da monografia sobre Portugal em análise, um outro especializado no barroco português¹⁵⁷.

Oswell Blakeston (1907-1985), pseudónimo de Henry Joseph Hasslacher, foi um artista que explorou vários domínios das artes plásticas, desde a pintura, à fotografia e cinema. Companheiro de **Max Chapman** (1911-1999)¹⁵⁸, outro pintor inglês, ambos os “guionistas” foram marcantes no cenário artístico inglês do século XX. A viagem a Lisboa foi feita em conjunto, e uma das suas curiosidades era saber como se encontrava a vida artística no país governado por Salazar.

“I wanted to experience what I would find in Portugal today and discover if they make sound films in modern Portugal, if they have a live theatre, if the British colony is still flourishing, how people live under the regime of Salazar. I felt that with the stimulus of a new land it might be possible to be more alive to everything than in, say, the more familiar territory of a French holiday.

Chapman wanted to refresh his eye with new scenes and fill the gaps of information about a country of which one hears comparatively little. “I wonder what pictures they’re painting out there, what music is being composed, whether Lisbon looks like Madrid, if we agree with Jan and Gora Gordon who wrote about Portugal in the early thirties.” (1955 *Uk G*: 10)

A monografia sobre Portugal assinada por **Giraudoux** (1882-1944), edição póstuma, reflecte a importância de Lisboa nos anos 40. Giraudoux viajou até Lisboa à procura do seu filho, exilado voluntariamente por causa da ocupação francesa em 1940. Este escritor foi um dos mais importantes dramaturgos franceses no período entre as duas guerras. Como diplomata viajou entre os anos 20 e 40 do século XX pelo mundo inteiro. Esteve em Lisboa em 1916 tendo publicado *La Journée Portugaise* (1920). A síntese da Lisboa vista nesse livro, de acordo com Otilia Martins (2012: 176-180), pitoresca e exótica, inaugurou um olhar francês *lusofilico* revisitado ao longo do século XX.

¹⁵⁵ in <http://www.oxforddnb.com/view/article/56883>

¹⁵⁶ <http://www.dictionarofarthistorians.org/sitwells.htm>

¹⁵⁷ *The Southern Baroque*, 1924.

¹⁵⁸ In <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/obituary-max-chapman-1129749.html>

Chris Marker (1921-2012), pseudónimo de Christian Bouche-Villeneuve, como já foi referido, autor da colecção *Petite Planète*, foi um artista da sociedade francesa sobretudo na área do cinema experimental e documental, vanguardista e singular na sua área. Trabalhou na UNESCO e esteve ligado a diferentes grupos intelectuais da sociedade francesa. Foi co fundador, durante o governo de Vichy, da *Revue française Cahiers de la Table Ronde* (1944-2014), foi director de uma colecção da revista *Esprit* (1932-2014) *Peuple et Culture*, conviveu e trabalhou com cineastas como Agnès Varda e Alain Resnais.

Marker não fez todas as viagens sugeridas na colecção mas como afirma Susana Martins o toque daquele artista encontra-se muito presente nas fotografias do guia dedicado a Portugal. O autor referido no guia, Franz Villier (Franz Thomassin), escreveu para a revista *Esprit* e conviveu com o núcleo de artistas como Cocteau e Matisse. (S. Martins, 2010: 94)

1934 Uk M Douglas Goldring (1887–1960); 1954 Uk G Sacheverell Sitwell (1897-1988); 1955 Uk G Oswald Blakeston (1907–1985); 1957 Fr G Chris Marker (1921–2012); 1958 Fr M; Jean Giraudoux (1882-1944)

e) Fascinados por Lisboa

Agregamos neste grupo autores (coordenadores) dos guias, editados já depois de 1974, com excepção da monografia de D. Wright e Swift (1971). O que liga estes autores é o facto de terem vivido em Lisboa por um tempo mais prolongado e, no caso dos editores dos dois guias *Autrement* (1988 e 2003) o facto de terem trabalhado no Liceu Francês e convivido com intelectuais portugueses que viveram em França, como Eduardo Lourenço ou E. Prado Coelho. O gosto por Portugal e Lisboa é menos marcado pelas características “de cidade do Sul”, uma parte das razões de viagem da primeira geração de guionistas escritores, nomeadamente ingleses, mas sobretudo pelo gosto da cultura lusófona. Estes guias tiveram por isso uma participação grande de escritores, filósofos e jornalistas portugueses.

David Wright (1920-1994) e **Swift** (1927-1983) estiveram em Lisboa nos anos 60 e este último, pintor, viveu no Algarve até à sua morte. Between 1942 and 1947 D. Wrigh was on the staff of the *Sunday Times*, after which he became a freelance writer. With the painter

Patrick Swift, he founded and edited X, a highly regarded review of literature and the arts, which appeared from 1959 to 1962, and co-edited An Anthology from X (1988)¹⁵⁹.

Swift estava particularmente interessado na arte cerâmica e na azulejaria, tendo contribuído para a preservação dessa arte no Algarve. O pintor Lima de Freitas, que fundou o IADE no tempo de visita destes dois ingleses, foi um dos seus anfitriões lisboetas.

Um outro autor, **P. Kyria** (1938 -) é um escritor francês, que estudou nos Estados Unidos nos anos 50, sendo actualmente crítico literário do *Le Monde* e do *Magazine Littéraire*¹⁶⁰. Viveu em Lisboa durante um tempo, cidade que serviu de inspiração a um dos seus romances. A monografia, editada em 1985, é uma revisitação à cidade, que vivia então em democracia, e que Kyria quis testemunhar.

“Je dois à Lisbonne des coups de cœur, un roman, de longs moments de fièvre, de recueillement, de nostalgie et de doux ennui aussi. Je lui dois d’apprendre à savoir se contenter de soi, art bien difficile et si vite remis en question, à la première occasion. Seul. J’y ai vécu le plus souvent at ease, dans une sorte de semi-retrait moral, curieux de tout, surpris de rien, sans rien forcer, détaché mais avec une agréable disponibilité d’être un peu mélancolique, ce qui ne jure pas au pays du saudade. Peut-être, à Lisbonne, ai-je été plus moi-même qu’ailleurs?” (1985 Fr M: 113, 114)

Michel Chandeigne (1957 -), como diz em entrevista: “Par hasard. J’ai été envoyé en tant que coopérant à Lisbonne en 1982, où j’ai enseigné la biologie dans un lycée. Et là, j’ai avant tout découvert une ville selon mon goût et une langue qui m’a fascinée, d’abord parce que je la trouve un peu incompréhensible et que j’ai toujours eu du mal à la parler – je me débrouille mieux avec le portugais du Brésil. Et puis Pessoa. Un grand choc à la lecture, un des derniers que j’ai éprouvés.¹⁶¹”

Aquele coordenador do guia *Autrement*, criou a editora Chandeigne em 1991, dedicada, entre outras, à edição de livros de autores de língua portuguesa (no âmbito da lusofonia) e edições de livros de viagem, editora associada à *Librairie Portugaise et Brésilienne* em Paris, criada em 1986. **Pierre Léglieste-Costa**, historiador de arte e linguista, é especialista

¹⁵⁹ [http://www.jrank.org/literature/pages/6273/David-Wright-\(David-John-Murray-Wright\).html](http://www.jrank.org/literature/pages/6273/David-Wright-(David-John-Murray-Wright).html)

¹⁶⁰ <http://www.babelio.com/auteur/Pierre-Kyria/45058>

¹⁶¹ <http://www.librairie-portugaise.com/ShowArticle.aspx?ID=231;>

de literatura de países de língua portuguesa. É o responsável pela colecção *Bibliothèque Portugaise*, des éditions Métailié, criada em 1979.

No guia *Lisbonne, Nostalgie du Futur*, aqueles coordenadores reuniram um conjunto de intelectuais portugueses que falaram sobre Lisboa: Eduardo Lourenço, Teolinda Gersão, José Rebelo, José Vitor Adragão, José Augusto França, M^a Judite Carvalho, Almeida Faria, António Ramos Rosa, António Tabucchi, E Prado Coelho, José Gil Maria José Lencastre, Nelson Venturini, a par de intelectuais franceses igualmente ligados à cultura portuguesa: Robert Bréchon, Dominique de Roux, Patrick Quiller, Jacques Damade e Andre Siganos.

A edição de 2003, coordenada por **Jean-Pierre Leger**, professor na Universidade Nova, reuniu novamente o mesmo conjunto de intelectuais portugueses, tendo acrescentado uma monografia de Lisboa de Pierre-Jakez Hélias (1914-1995), escritor e folclorista defensor da língua da Bretanha, que encontrava em Lisboa uma afinidade com a sua região natal.

Neste grupo, é ainda de salientar a monografia de **Péroncel-Hugoz** (1940 -), jornalista e escritor especialista do mundo muçulmano, que foi correspondente no Magreb e no Médio Oriente, tendo-se interessado pela francofonia, e nessa linha, pela lusofonia e por Lisboa, uma cidade do Sul.

1971 Uk M David John Murray Wright (1920-1994) e Patrick Swift (1927-1983); 1985 Fr M Pierre Kyria (1938 -); 1988 Fr GM Michel Chandeigne (1957 -); 2002 Fr GM Sobre Péroncel –Hugoz (1940 -); 2003 Fr GM Jean-Pierre Leger

Os restantes autores, embora estejam identificados, não se destacam do perfil dos escritores de guias turísticos, que seguem a direcção definido pelas casas editoras, sobretudo os que foram editados nas últimas décadas de XX.

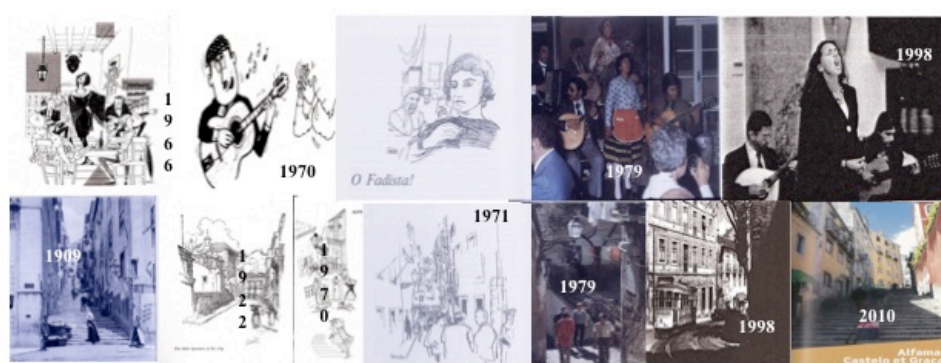
Como acabámos de mencionar, os autores dos guias estrangeiros que escreveram sobre o país e Lisboa correspondem a um grupo relativamente heterogéneo e que mudou substancialmente na segunda metade de XX. Mas ao mesmo tempo, transversalmente ao século XX destaca-se uma diferença entre a autoria francesa e inglesa. Os ingleses permaneceram mais prisioneiros do seu conhecimento histórico sobre o país e a cidade, presos ao seu ponto de vista, uma atitude que muda com o guia de 1971 Uk M David John Murray Wright e Patrick Swift. Os guias franceses, desde cedo, procuraram incluir o ponto de vista e o conhecimento dos especialistas portugueses. Nos guias publicados no ciclo da

Democracia, o recurso a residentes e especialistas em história e cultura portuguesas é mais evidente.

Contudo constatámos uma predominância da interferência do ponto de vista da nacionalidade francesa, dos “gostos turísticos” que os guias veiculam e o olhar valorativo sobre a cidade e a sociedade portuguesa. Por exemplo, no caso da edição do guide Bleu de 1931, que teve o contributo de Raul Proença, intelectual politicamente crítico do regime do Estado Novo emergente, o fim da Narrativa Histórica introduz a visão salazarista, que justifica a sua implantação contra o tempo atribulado republicano: “Depuis elle a été le théâtre de nombreuses agitations politiques, jusqu’aux révolutions qui ont bouleversé la vie de la république (oct. 1910, mai 1915, déc. 1917, févr. 1927) (1931 Fr G). Aspecto reforçado no guia de 1953, ”depuis l’avènement à la présidence du Conseil, en 1928, du Dr° Oliveira Salazar, Lisbonne connaît une ère de paix et de prospérité, se développant sans cesse. En mai 1952, elle à été le siège de la réunion du Conseil du Pacte de l’Atlantique [20 de fev]” (1953 Fr G). Ou o caso do guia de 1988 da Autrement, onde transparece uma visão dos portugueses a partir da experiência dos portugueses emigrados em França.

Grosso modo prevalece um maior apreço pela cultura portuguesa nas edições de guias de “autoria” francesa enquanto as edições ingleses expressam mais o gosto turístico precoce pelo *resort* Lisboa-Costa do Estoril.

Parte 3: As narrativas de Lisboa; Os clichés turísticos



7 - A prática e gostos turísticos expressos nos guias entre 1870 e 2010

7.1 - A síntese de XVIII-XIX

Clara Paulino investigou, no âmbito da história de arte, o olhar dos viajantes estrangeiros acerca de Portugal (Lisboa) através de guias e narrativas de viagem, editados entre 1758 e 1853, incluindo ingleses, alemães, franceses e norte americanos. Como refere, a partir da segunda metade do séc. XVIII “os livros de viagens em Portugal passaram a constituir uma espécie de departamento da literatura itinerante europeia, cultivada por homens de grandíssimo mérito. É também a partir de então que começam a ser publicados guias de viagem sobre Espanha e Portugal como o de Hans Ottokar Reichard, publicado em 1793.” (Clara Paulino, 2009) Aliás, o ano de 1755 constituiu um marco cronológico importante, pela atenção de que Lisboa (Portugal) foi alvo por causa do terramoto e pelas consequências políticas e urbanísticas decorrentes daquele desastre.

Portugal não fazia parte do roteiro do Grand Tour — Itália, França e o Egipto. Roma era a cidade mito, o primeiro sítio de destino para uma experiência cultural e artística, seguida de Paris e Londres, em que a primeira cidade era olhada como “modelo de progresso decorrente da Revolução Francesa” e Londres como “capital do mundo”. Espanha e a Grécia são os destinos do Grand Tour que surgem já no período Romântico, no qual Lisboa se incluía, agregada à região ibérica Espanha, considerado um lugar de interesse a visitar, sobretudo depois da publicação dos dois cantos dedicados a Sintra (Lisboa) de Byron em 1812. (Clara Paulino 2009: 93 pII).

A visita de estrangeiros que deixou um testemunho neste período foi menos por razões de recreação (turísticas) mas por razões de saúde, por razões de missão diplomática ou militar, ou por razões comerciais. Como refere C. Paulino, Portugal entre XVIII e XIX não fazia parte das “famílias europeias”, situação que continuará até 1974, com a exceção dos anos 40 de XX, em que a posição neutral e geoestratégica foram vitais, durante a II GG.

A ideia de que os portugueses viajavam pouco, bem como a sua ignorância sobre o resto do mundo, incluindo a geografia, os povos e seus idiomas, era frequentemente referida pelos viajantes de XIX, lado a lado com a inércia da produção literária e do comércio livreiro no país, bem como a ausência de obras em tradução, não só de textos de viagem, mas de literatura *tout-court*.

É deste modo que C. Paulino sintetiza a passagem de um modo de viajar até Portugal entre os séculos XVIII e XIX. “A figura do viajante da “peregrinari”, o “viajante patriótico” de

Berchtold¹⁶², cuja missão era conhecer o país da forma mais exaustiva possível, dando particular atenção à informação respeitante aos sistemas educativo e judicial, à manufactura e ao comércio, aos arquivos e às bibliotecas, aos usos e costumes e às figuras nacionais, dá lugar ao viajante romântico, como Goethe, que regista impressões pessoais. Gradualmente, a informação factual vai cedendo à predilecção romântica pelo momento irrepetível, pela impressão pessoal e pela divagação, exemplificadas nas obras alemãs como a *Italienische Reise*, de Goethe, publicada nos anos de 1816 e 1817, e *Reisebilder*, de Heinrich Heine, publicada entre 1826 e 1831. O foco de atenção deixa de ser o objecto observado e passa a ser a sensibilidade de quem observa, definindo o gosto turístico que se expande em XIX.

O adjectivo “pitoresco” surge em títulos como *Voyage pittoresque em Espagne et Portugal* de A. Émile Bégin (1852), e a mudança do “olhar” faz-se sentir nas descrições. C. Paulino salienta a diferença de registo entre Thompson (1758) que olha para as ruínas de Lisboa, depois do terramoto de 1755 sob o ângulo dos prejuízos e da insalubridade que representam, uma perspectiva pragmática associada ao olhar viajante de XVIII, enquanto Hahn-Hahn (1841) as considerava nobres e pitorescas e Baxter (1850) via nelas um testemunho aterrorizador da “instabilidade de todas as coisas”. (C Paulino, 2009: 29 pI)

Numa breve síntese com base nos resultados da investigação de C Paulino entre fins de XVIII e o século XIX Portugal é considerado um país “desconhecido”, na medida em que para os viajantes escritores o mundo se apresentava dividido entre nações iluminadas pela razão — como a França e os Estados Unidos da América — e nações subjugadas pela ignorância e a superstição, que incluíam África, a Ásia e alguns países da Europa, lugar que Portugal ocupava. (C Paulino, 2009: 43 pI)

Brito Henriques trabalhou um grupo de guias do último quartel de XIX e um outro de início da década de 90 de XX, a actualidade da investigação (1996). A Lisboa representada nos guias turísticos editados em XIX incidia com atenção particular às instituições científicas e de solidariedade social, aos valores de modernidade, enquanto na década de 90 do século XX atribuía-se mais importância aos equipamentos museológicos e outros equipamentos culturais, com particular ênfase no património. E. Henriques explica esta mudança situando os guias no seu contexto histórico de produção. As sociedades de XIX colocavam o ênfase em valores de racionalidade, cientismo e progresso; ao passo que os

¹⁶² Frederich Berchtold (1781-1876), médico e botânico, viajou que pela Europa e Brasil tendo descrito a flora das regiões visitadas, mas também a vida económica e cultura local.

valores dominantes das sociedades actuais dão ênfase ao aspecto estético-patrimonial e rememorativo do passado. O gosto pelo valor monumental foi a constante mais sólida encontrada, que E. Henriques refere como um critério fundamental na definição de interesse turístico, pois nele congrega-se a obra edificada (ou outra) de qualidade superior e permite, citando Cazes, “a vision euphorisante das coisas, uma das características fundamentais da forma turística de ver o mundo e imaginar os lugares.” (E. Henriques, 1996: 93)

Tendo por base o conteúdo dos guias Baedeker, editados no início de XX, o que interessava ver nas cidades agrupava hierarquicamente em primeiro lugar a categoria “monumentos e história”, que ocupava perto de 30% das descrições do guia, seguido da “indústria e comércio”, enquanto “os museus e as artes” tinham pouco peso. (Rudy Koshar, 1998: 323-340) O património e as inovações industriais ocupavam um interesse considerável nos itens a visitar na cidade.

Este olhar que estabeleceu a bipolaridade do mundo, dividido entre uma parte moderna e desenvolvida e uma parte atrasada, passadista, ou entre o interesse sobre o progresso e o desenvolvimento e o interesse pelo valor estético-patrimonial, é uma partição que ocorre com frequência durante o século XX nas descrições dos guias.

Como já foi salientado, no decurso de XIX foram-se definindo práticas turísticas que cristalizaram alguns gostos. Se o destaque em XVIII (através de Paulino) era dado à introdução do progresso, ao conhecimento “factual” dos países visitados, o século XIX fixa o gosto nas impressões emocionais suscitadas pelas paisagens, monumentos, pelas “as civilizações mortas”, como sintetiza o escritor inglês G. K. Chesterton na introdução ao guia de 1931 Uk M. No entanto o gosto pelas inovações tecnológicas e sociais, como a presença de fábricas, hospitais ou penitenciárias¹⁶³ permaneceu igualmente em destaque nos guias de fins de XIX e início de XX. O período entre as duas GG, nos anos 20 e 30 de XX, foi um novo momento de mudança, tendo crescido em importância o gosto pelos lugares de diversão na cidade. As práticas turísticas que se desenvolveram nos anos 50 assinalam uma maior diversificação dos gostos mas também uma atitude crítica do próprio turismo (Petite Planète). Na década de 70 surge, com os projectos do Routard e Lonely

¹⁶³ Os hospitais e as prisões foram dois edifícios – instituições que tiveram uma alteração profunda no século XIX e representaram a atitude moderna de gestão racional (técnico-científica) quer da doença, quer da criminalidade, como aponta Foucault.

Planet, uma nova ruptura de gostos e no fim do século XX configuram-se novos gostos turísticos.

Podemos identificar dois tipos de turistas (guionistas, que escreveram sobre as viagens que fizeram) do início de XX em Lisboa.

Valery Larbaud (1881-1957) poeta e escritor francês¹⁶⁴, muito citado pelos guias franceses por ter escrito acerca de Portugal e Lisboa, onde esteve em 1926. Este pode considerar-se como um viajante (turista) ainda sobre “o espírito do Grand Tour”, referia-se ao Expresso Oriente, nomeadamente, como a sua segunda casa. Instalou-se em Lisboa no Avenida Palace Hotel e no Estoril, cirandando, como refere Otilia Martins, pela zona *chic* da cidade, entre o Rossio, o Carmo, a Avenida da Liberdade e a Praça do Comércio.” (Utopies, 2012: 176-180), definindo um gosto poético sobre a cidade “il y a des souvenirs de villes comme on a des souvenirs d’amours” a sua frase mais citada a propósito justamente das cidades que visitou. Considerava o Elevador de Santa Justa, para além do símbolo da modernidade em Lisboa, uma máquina que viajava até à lua, imagem muitas vezes repetida nos guias. Seduzido pela beleza dos monumentos e mulheres, destaca a vocação cosmopolita e sensual de Lisboa, a que a língua acrescenta a ambiência exótica. Este turismo com o recurso ao Expresso Oriente, plasmado em poemas, na literatura e no cinema acolheu já na geração de 70 de XX a “nostalgie des wagons-lits”, experimentado na viagem de comboio (Inter-rail) que os jovens universitários pós Maio de 68 realizaram com os seus Routard.

John Gibbons (1882-1949) autor do guia 1931 Uk GM, escreveu sobretudo guias¹⁶⁵ e identifica-se a si próprio no guia como um “tipo normal do subúrbio londrino” que conseguiu viajar por várias cidades e sítios do mundo com pouco dinheiro, esperando que, ao escrever acerca das cidades onde passeia, com recurso ao transporte e hospedagem barata, viesse a ser publicado por alguma editora.” Neste guia define-se um outro tipo de gosto turístico que pretende deixar marcado nos guias que redige: as impressões da cidade viva, do seu movimento, dos seus locais de diversão. A cidade que Gibbons fala é a da noite no Cais do Sodré, ou os lugares de diversão das Portas de Santo Antão e Praça da

¹⁶⁴ <http://www.alalettre.com/larbaud-bio.php> (Inès Coville)

¹⁶⁵ Escreveu para uma série “Afoot in ...” editado em Inglaterra, com várias edições sobre o país e estrangeiro como Portugal, Itália, Irlanda ... Lurdes

Alegria e também a cidade dos turistas ingleses. A Lisboa vista deste ponto de vista era, nos anos trinta, calma e sóbria.

Na entrada do século XX o gosto pela “fossilização patrimonial” divulgada pelos guias turísticos clássicos ou o interesse pelos símbolos da modernidade deslocam-se para um maior interesse pela vida quotidiana, a sociedade contemporânea. O “Autêntico” turístico já não se encontraria tanto nos “tipos puros” artísticos ou tradições e culturas dos povos petrificados das regiões e cidades, e mais na quotidianidade da experiência turística, que se desdobra numa diversidade de interesses, como lembra Koshar (1998).

O encurtamento do tempo de visita, a diminuição dos custos, o alargamento de vários grupos sociais à recreação turística trouxeram uma diversificação no “Gosto turístico”, menos “ditado por uma elite e um “missal”, deslocando-se para as vontades dos consumidores, estimuladas pela prática turística. (Koshar, 1998: 335) A publicação do guia Michelin em 1933, vocacionado para a visita aos lugares da Primeira Guerra Mundial, o guia para trabalhadores, o Dietz-Verlag of Berlin, em 1932, o guia editado pelo partido nazi aos seus lugares “simbólicos”, os guias de compras de Londres ou Paris para mulheres, os guias a satirizar e propor olhares alternativos aos Baedeker, ou ainda guias com um carácter mais hedonista e de procura explicitamente sexual, como os guias de Eugen Szatmari, Das Buch von Berlin e de Ludwig Hirschfeld, Das Buch von Wien, publicados em 1927, são indicador da diversificação de gostos turísticos. (Koshar, 1998: 338)

A colecção *Petite Planète*, criada por Chris Marker no início de 50, como já fizemos referência, altera o olhar turístico, instaurando um outro modo de viajar, movendo a escrita turística da repetição do cânone ou até seguindo os interesses dos turistas-consumidores para a pluralidade de sentidos e significados do olhar do guionista. Viajar com os guias *Petite Planète* era acompanhar as interrogações e incongruências levantadas pelos guionistas perante os destinos propostos. “If they were supposed to captivate readers, it was rather for their capacity to incite puzzlement and to offer less known narratives or unforeseen comments on the countries in question and its visual dimension.” (Susana S. Martins, 2010: 93)

Este novo gosto turístico encontra-se marcado pela atitude surrealista, um gosto pelo confronto com o não familiar, o imprevisível, o contraditório ou desconfortável, desconstruindo a paisagem turística herdada, os clichés. “The desire to travel to Lisbon, on the basis of another kind of experience. It is an experience that puts the stress on chance

encounters, on a certain idea of veracity that might be found in ordinary views and that fundamentally opposes the uplifting and unnatural pictures circulating in touristic circuits. We find in Chris Marker's photo-editing a refusal of the characteristic tourist role and a proposal of its replacement by another sort of traveller, probably equally romanticized." (S. Martins 2010: 102)

F. Hugget no guia *South of Lisbon* (1960 Uk M) coloca uma categorização interessante acerca da prática turística, delimitando três figuras, três modos de viajar associados a três meios de transporte.

A primeira figura, o turista que chega de avião a Lisboa, *the business man* — **o homem de negócios** — faz a deslocação do conhecido (o seu lugar, a sua cidade, a sua civilização e modernidade) para uma estranheza, sem grande perturbação. Nas cidades (sítios) em visita procurará mover-se por entre os pontos conhecidos (o aeroporto, as auto estradas, os hotéis de cadeias internacionais, as refeições *standart*). Os modelos de cidade já se encontram pré definidos, ordenados numa escala hierárquica, tendo como base de aferição a sua pertença, de homem de negócios, ao mundo moderno. Desembarca no aeroporto da Portela, viaja de táxi através das novas avenidas Areeiro-Roma e instala-se num hotel novo da Avenida da Liberdade. Durante a visita avaliará os pontos de semelhança e de afastamento, como Alfama, o povo nas ruas ou a ausência de mulheres nos cafés. Como refere F. Huggett, existe neste modo de fazer turismo uma transferência do que se conhece para a sua imitação, a cidade em visita será sempre uma imitação, melhor ou pior, do seu território familiar. Estabelece-se, através da figura do "homem de negócios", um destino turístico como a procura de um desconhecido, que se espera, seja a imitação do conhecido, num tempo rápido.

A segunda figura, "the historian or travel writer" — **o historiador / escritor de viagens** — chega de barco, "a lazy approach", a mais lenta e tradicional entrada em Lisboa. Esta figura turística detém já um olhar formatado sobre o que irá ver, pré formatou-se com as descrições da cidade que outros antes de si já tinham feito. Na sua visita irá à procura da cidade descrita registando com a máquina fotográfica o seu próprio testemunho. Aqui estabelece-se o destino turístico como a procura de um desconhecido, que se espera, seja a confirmação do que já sabe, a erudição acerca dos lugares e do seu património que estudou previamente, numa aproximação em tempo lento, suspenso de outras interferências. Vindo do mar, o não lugar, viajando de barco faz a travessia lenta, para experimentar a impressão de Lisboa tantas vezes descrita pelos guias e livros de viagem, dos séculos passados — a Lisboa Bleu, Blanc, Jaune.

A terceira figura, o próprio guionista, “the less fortunate”, — **o errante** — faz a viagem de comboio, uma outra viagem lenta mas que, ao contrário do barco, vai atravessando outros lugares, outras realidades sociais, momentaneamente pontos de passagem. Chamando a esta viagem de “moral progression”, o destino turístico vai-se delimitando por comparação com o que acabou de deixar. O destino turístico do desconhecido é um processo de descoberta sobre o outro estranho de quem se aproxima e sobre o estranho em si mesmo num tempo lento imerso na realidade vivida que se vai atravessando. Chega a Santa Apolónia depois de ter atravessado cidades, países, lugares, o subúrbio industrial de Lisboa.

À crítica ao gosto turístico difundido pelos guias clássicos, que ganha corpo nas décadas de 20 e 30 de XX, acrescenta-se um novo gosto (olhar turístico) após a II GG.

No plano da cristalização de gostos foi possível verificar que nas décadas de 60 e 70 de XX embora permanecesse o gosto “clássico” patrimonial, pelo menos no *corpus* em análise, nas razões de escolha de Lisboa (Portugal) expressa-se um certo mal-estar perante a “americanização” das grandes cidades europeias, uma sensação de repetição do mesmo; “the american pattern ... the MacDonald way”. O interesse turístico por Lisboa assume um certo gosto nostálgico de viagem ao “passado” para alguns guias, a par dos novos e alargados gostos de turismo-férias-sol-mar, evidenciando-se Lisboa como um destino de interesse por ser cidade-capital, mas também plataforma de acesso ao Turismo de Sol e Praia.

Com a queda do regime político do Estado Novo, o fim da guerra colonial, a democratização da sociedade portuguesa e a integração do país na Comunidade Europeia, de certa forma, termina a exotividade de Lisboa como destino turístico distante, que se repetiu nos guias desde o século XIX, com os argumentos conhecidos, como o facto de se encontrar geograficamente no limiar da Europa, afastada das “grandes famílias europeias”, durante o período dos impérios coloniais, ou a persistência de um regime totalitário e colonial depois de 1949. Embora os primeiros guias, publicados depois de 1986, ainda assinalem Lisboa como a menos conhecida das capitais europeias, da Comunidade Europeia.

Ao longo das últimas duas décadas Lisboa passou a constituir-se como um destino das cidades europeias com as suas singularidades, como a “escala humana” da cidade, a persistência de um tecido urbano antigo vivo, a vida em bairro e ao mesmo tempo a modernidade, presente na nova arquitectura, na cidade nova emergida da Expo 98.

7.2 - Os gostos turísticos expressos nos guias estrangeiros, dedicados ao território turístico Portugal-Espanha, Portugal e Lisboa, entre 1870 e 2010

Na análise ao *corpus* foi possível tipificar quatro gostos turísticos, i.e., um certo modo e razão para viajar, para praticar turismo. Em termos de comportamento no tempo o gosto turístico expresso tende a definir um certo padrão de alteração ao longo do século XX. No ciclo da Regeneração e no ciclo Imperial do Estado Novo o gosto turístico expresso tende a reproduzir o Gosto Recreativo, mas também o Gosto da Fuga (tendencialmente fuga à monotonia e às agruras sazonais nos países de origem). Após a II GG, durante o ciclo da Suburbanização da cidade, ainda sob o regime político do Estado Novo, tende a ser expressivo o gosto da fuga ao crescimento e estandardização urbana metropolitana, ou a fuga do presente, com a escolha de Lisboa, para experimentar, turisticamente, uma cidade fossilizada no passado histórico urbano.

Contudo, como já enunciado, na década de 30 de XX formula-se uma outra atitude turística que altera o gosto da viagem mais centrada na exploração e procura de diferenças, que no pós-guerra atinge um limiar crítico (Chris Marker), onde o gosto pela viagem serve para se conhecer a si mesmo, é a procura de uma outra compreensão de si, do lugar no mundo do turista e do mundo de que é originário.

O gosto pelas “artes de viver” coincide com o último ciclo urbanístico de Lisboa, a sua reconfiguração de capitalidade, no fim do século.

The spirit of recreation; a prática turística recreativa

Este foi o “gosto” mais vezes explicitado nos prefácios e introdução aos guias e talvez aquele que se aproxima mais da ideia de turismo praticado no século XIX e associado ao tempo disponibilizado para viajar com o objectivo de admirar paisagens, testemunhar a historicidade dos sítios, apreciar as suas colecções de arte, arquitectura ou marcas do progresso e desenvolvimento. Uma viagem que se faz dentro dos “beaten tracks of tourists”, ou seja dentro de rotas já definidas como tendo qualidade turística. No caso de Lisboa (Portugal), considerado pelos guias como um destino ainda pouco conhecido, possuindo contudo os atributos de valor turístico já consagrados como as qualidades atrás referidas. Esta particularidade aliás vai ser repetida quase até ao fim do século XX. A maior parte das vezes esta atitude usa a comparação com outros lugares consagrados, como por exemplo “the river scenery of Portugal recalls the far-famed Rhin, its mountains have the Alpine grandeur; its harbours vie in richness of beauty with those of Naples and Constantinopla.” (1912 Uk GM: 9 appendix)

No guia-monografia “Winter holiday in Portugal”, editado em 1912, o autor¹⁶⁶, que se auto-intitula um “simple but whole-hearted holiday-maker”, diz que fazer férias, o “Holiday-making“, mais do que ser um lazer, é um estado de espírito, uma arte. Uma arte que exige a presença de um “espírito recreativo” que faz desejar ver coisas belas, de as saber apreciar e da capacidade para aceitar os outros (outras nacionalidades, comunidades antropológicas) omitindo-se de os olhar / julgar a partir dos seus próprios padrões.

“Holiday-making is an art, not only a recreation — an art, albeit, which exists only by virtue of the spirit of recreation, of the desire to see beautiful things and endeavour to appreciate them, of the capacity for entering into the feelings of one's fellow-men, not judging them by one's own standard. The prospective pleasure of a Holiday — that delicious sense of having plenty of time on hand, and no more serious task than that of thorough enjoyment at great leisure.” (1912 Uk GM: 13; 20)

Encontramos essa atitude na totalidade do *corpus*, embora se tivesse reajustado às sucessivas conjunturas sócio-históricas que ocorreram durante o século XX e às mudanças da cidade, da sua urbanização, às mutações urbanísticas e mesmo aos consumos turísticos. Até à II GG a paisagem pitoresca e os valores de monumentalidade encontram-se mais presentes. A partir dos anos 50 de XX “o sol e praia” possuem um valor de presença mais forte. Nas duas últimas décadas de XX existe uma maior concentração nas actividades lúdicas, como exposições itinerantes, festivais e lugares de diversão disponíveis na cidade, como as “Docas” de Alcântara, lugar de consumo cidadão criado nos anos 90. Conquanto não se possa fazer uma correlação directa, este “espírito recreativo” tende a estar presente nos guias que no plano formal se encontram no padrão clássico de guias, como os Guides Bleus ou Baedeker por exemplo. Existe uma certa tendência para se referirem à singularidade de Lisboa como uma “cidade de panoramas e a beleza do rio Tejo.

Podemos associar o gosto recreativo à figura do “O historiador / escritor de viagens”, descrito por F. Huggett (1960 Uk M). Neste gosto turístico o “outro” visitado já se conhece de partida, o guia orienta o olhar do que vê, o viajante acrescenta-se como testemunha desse sightseeing.

Nesta formulação de gosto só se visita o conhecido, o que se encontra divulgado nos guias turísticos. Aqui não há lugar para a descoberta mas para a confirmação e comparação de menos e mais numa hierarquia de lugares com interesse para alimentar o “espírito recreativo”.

¹⁶⁶ Capitain Granville Baker (1870-1957), um militar britânico que se dedicou a viajar, escrevendo e ilustrando as suas impressões.

Por exemplo, no caso de Lisboa, o empenho por parte dos turistas no “consumo” de “monumentos”, devido à ausência exemplares de relevo, ausência que responde ao corpo das expectativas de observação de estilos de arte e arquitectura conhecidos a partir do quadro mental dos valores estéticos veiculados no guia, é deslocado para outras motivações, a beleza das vistas panorâmicas da cidade ou a tipicidade poética dos bairros antigos.

O viajante, motivado pelo “espírito recreativo”, é um turista sensível à procura de impressões da história, da arte e da natureza, de diferentes regiões e civilizações, como a árabe, encontrando em Lisboa muitos testemunhos árabes (1922 USA UK M), uma refrescante autenticidade (1929 UK G), um exotismo ibérico, um agradável clima subtropical (1930 Uk G) e qualidades de cidade mediterrânica, na proximidade de estâncias balneares.

Lisbon is also a city of broad avenues, flowerbeds and fountains, a city offering a succession of superb viewpoints and impressive historic monuments. (1969 UK: 57-58)

“To the visitor from Britain, Portugal is perhaps the friendliest country in Europe. There is no place quite like Portugal, yet the country strikes familiar chords. There are echoes of Spain in some of the long, dark faces, yet the Portuguese smile more and have a readier wit.” (1965 Uk G: Introduction)

In many ways, Lisbon resembles Paris: the 18th century façades, the giant boulevards *ou avenidas*, the bistros, the girls. Paris has Monmartre and St Germain, two Latin quarters, now overgrowing with affluent tourists, weeds and boutiques. Lisbon’s Latin Quarter is more genuinely a Latin quarter and spreads wider and deeper. (1972 Uk G: 27, 28)

“Lisbonne a parfaitement su conjuguer ses multiples vocations : grand centre industriel et agricole, port actif, elle ménage avec grand soin sa vocation culturelle et sa mémoire historique. Il est rare qu’une grande ville européenne offre une telle qualité de vie.” (1988, 1991 Fr Uk G)

“On dénombre peu de curiosités architecturales à Lisbonne. En revanche c’est une des grands cités de l’Europe les plus agréables à visiter. Lisbonne a véritablement les qualités d’une ville méditerranéenne : façades aux toitures de tuiles orangées ton pastel, luminosité du ciel, hivers doux et étés chauds.” (1990 Uk-Fr G: 79)

A Fuga, prática turística escapatória

A fuga às durezas do clima nativo, à monotonia, ao presente ou de um mundo, que em nome do progresso “está a ser passado a ferro pela standardização” pareceu-nos o segundo gosto turístico presente no *corpus*. Este gosto centra-se numa atitude de viagem à procura do que não se possui ou que se imagina ter perdido. A prática turística assume uma forma escapatória.

As razões escapatórias são substancialmente diferentes, mas nesta atitude de viagem evidencia-se mais a separação entre o mundo do turista e o do visitado, atitude que associamos à figura do “homem de negócios”, que viaja em “bolha do e com seu mundo moderno” para lugares menos modernos.

A viagem escapatória mais antiga é a prática migratória de lazer em busca de reparação termal, de veraneio balnear ou do “sol de inverno”, prática emergente, identificada como salutar no início de XX e que o ingleses já praticavam no século anterior. Uma parte dos guias associa Lisboa (Portugal) a essa viagem sazonal, nomeadamente os ingleses, que consideravam Lisboa, Sintra e a Madeira, e nos meados de XX o Algarve, como lugares de “winter resort”.

O guia editado em 1891 destaca a importância de Lisboa como “winter resort” para os ingleses: “Portugal used to be an English *sabatorium* long before the Riviera became fashionable, and Lisbon, once the Felicitas Julia, was then the Felicitas Anglicana”. But beautiful as are Lisbon and its environs, they are both healthier and fairer spots for a winter *séjour* in Portugal, and civilization has made life there both reasonable and resourceful. (1891 Uk GM :Iv)

As estâncias de vilegiatura em Carcavelos, Estoril, Cascais ou Sintra foram particularmente procuradas por turistas ingleses para a sua fuga ao “grey unfriendly London morning [that] sharpened the desire for a glimpse of blue skies and blue seas of the ... south.” (1912 Uk: 20) E como alguns investigadores colocaram, o turismo dos ingleses, fá-los viajar e instalar o seu modo de vida, os seus hábitos no território do outro.

A segunda razão escapatória remete para o destaque da presença do passado nos lugares visitados. Trata-se de um saudosismo, de nostalgia de sociedades / cidades tradicionais, categoria definida de partida pelos guias oriundos da “arrogância” dos países do 1º mundo e alimentou a construção de um exótico, de um autêntico na busca turística, que colocaram fora do mundo moderno ao qual pertenciam. Este tem sido um modo mais ou menos

persistente de gosto turístico. Lisboa (Portugal) constituiu-se já em XIX, mas sobretudo durante quase todo o século XX como um destino onde a expectativa de fruição turística era justamente esse mergulho no passado.

“Ce qui faisait l’enchantement du Portugal c’était la survivance du passé, des traditions pittoresques, de ses usages et ses mœurs d’un autre âge. Il avait en lui l’Europe, mariée à l’Asie et à l’Afrique.” (1934 Fr GM: 23)

“This means that time in Portugal is time, as it existed in Europe before the Age of the Machine. It is sometimes feudal, sometimes Augustan, the life of the European man before the erection of the factory chimney and the arrival of the adding machine. That is one reason why we went back. We wanted to feel, to try to understand, what life was like in the Middle Ages and in the centuries of baroque.” 1956 Uk GM:14)

A Coleção Fodor acentua a visita ao passado: “Sans doute l’attrait principal de l’Espagne et du Portugal réside-t-il dans l’omniprésence du folklore et du style national ibérique. Les vestiges du passé prestigieux de ces deux nations et les manifestations d’une vie moderne qui a gardé toute la couleur des traditions se rencontrent à chaque pas. Dans la plupart des pays d’Europe occidentale, le voyageur doit se livrer à une petite exploration pour découvrir le folklore authentique. En Espagne et au Portugal, ce folklore vient à lui de lui-même.” (1963 Fr G: 2-3)

“Everyday Portuguese life contains a nostalgic grace that has been lost sight of elsewhere, a picturesqueness stemming from the immediate authenticity of the moment, a kind of rustic and virile poesy in the performance of the most routine gestures.”(1970 Uk G: 44)

Uma última razão sublinhada nos guias editados no pós-guerra foca-se sobre uma crítica à estandardização das cidades europeias, reconstruídas seguindo o modelo “american urban way of living” que as torna iguais. Esta atitude tem no corpus um tempo restrito situado entre os anos 60 e 70, um período de crescimento urbano intenso, de acordo com o modelo corbusiano, das “cidades novas”, cidades satélite suburbanas e a expansão do modelo comercial americano, a *macdonaldização* ... em Londres ou Paris.

“What I look for, when I go abroad, is not a change of locality and climate. I want a change of environment, customs, language, cuisine, habits of living — in a word a change of culture. It’s becoming harder to find; an ineluctable result of gearing of civilisation to mass-production and the mass-media. Thus one comes across the same patten of wallpaper, the same formica-topped tables in the class café — anonymous hygienic, and interchangeable — that infests N. York, Wolverhampton, Lyons, Tarragona, Athens, Accra

and Padua. If one travels, as I do, for change, to revisit the past rather than look at its corpse earnestly embalmed in museums and galleries, or in scrubbed-down and cellophane wrapped ruins and excavated sites, there are not many places left to go. Perhaps one should be more interested in the future than the past. Yet it is the past that has scarcity-value. It is disappearing every day while the future is coming at us like a jumbo jet. ... Lisbon it was completely foreign, itself and not yet another segment of the western world's *ville tentaculaire*. Not only was it foreign in geography and culture, architecture, people and customs, but in time. For Lisbon in 1962 still belonged, materially as well as spiritually to the nineteenth century.” (1971 Uk M; 9)

“Cette ville a le pouvoir de me couper de tout, je n’y cherche rien d’autre que ce qu’elle m’offre. Ce soir je me perds dans l’anonymat cosmopolite ; je « clique » comme disait Albertine Sarrazin¹⁶⁷. On resterait là pendant des heures, dans une sorte de semi léthargie, en ayant l’impression d’être venu d’en autre âge. C’est le provincialisme nocturne de Lisbonne que je préfère à la vie active d’autres cités de la nuit ; je m’y sens hors d’atteinte et tiens mon rôle muet dans un tableau de genre qui, malgré la modernité du thème, semble baigner dans l’éclairage de temps anciens.” (1985 Fr M : 60-62)

A “Revolução dos Cravos” de 1974, como refere Diogo P Cerezales, foi a última da série de revoluções e movimentos políticos e sociais na Europa iniciada com a Revolução Francesa ou a primeira de uma nova era de mudanças políticas como a Queda do Muro de Berlim, em 1989. (Cerezales, 2003: 19)

A “Revolução dos Cravos”, e a atmosfera revolucionária que se instalou no ano seguinte, marcaram um outro tipo de viagem imersa numa nostalgia de acção política, tornando Lisboa particularmente atractiva para uma viagem rememorativa da acção revolucionária no continente europeu, depois do Maio de 68, como escreveu E. Lourenço no guia *Nostalgie du Futur*: “Toute la jeunesse européenne en mal de révolution se donnait rendez-vous sur ses places tout à coup grouillantes de vie et d’espairs insensés, sans savoir que cette dernière fête se jouait dans l’espace même du simulacre.” (1988 Fr GM : 14). Alguns intelectuais franceses, Sartre e Simone Beauvoir citados nesse guia, deslocaram-se a Lisboa para sentir e partilhar esse novo momento político.

¹⁶⁷ Escritora francesa (1937-1967)

Aquela viagem nostálgica encontra-se presente no guia *Lisbonne Nostalgie du Futur*, editado pela Autrement (1988 Fr M). Caracterizando-se como uma monografia de cidade, literária e laudatória, o guia reflecte a afinidade cultural entre um estrato intelectual de franceses e portugueses, num momento político de ruptura, o fim da ditadura do Estado Novo. Convocaram a multiplicidade de olhares entre intelectuais portugueses, alguns exilados em França durante a ditadura como Eduardo Lourenço, e de franceses, recém-residentes em Lisboa. O guia *Lisbonne* da Gallimard (1989 Fr G) reflecte igualmente esse momento revolucionário da cidade.

“Des slogans et des affiches remplissent les murs auparavant immaculés. Des drapeaux rouges pendent aux fenêtres et décorent les arbres. Des familles modestes occupent de belles demeures désertées par leurs propriétaires en fuite. La place du Rossio devient le grand hall de toute l’extrême gauche européenne : maoïstes, trotskistes, anarchistes s’y croisent. Sartre, Simone Beauvoir et tant d’autres représentantes de la culture mondiale débarquent à Lisbonne pour voir cette «révolution des œillets», passionnante et inquiétante à la fois.” (1988 Fr M: 18-19)

“On se passionne dans les capitales pour ces militaires qui mettent des œillets dans le canon de leurs armes et militants de gauche et journalistes de toute l’Europe viennent observer cette révolution à portée de voiture. Le Portugal c’est le Chili au bout de l’autoroute, dit-on en France.” (1989 Fr G: 56)

Em busca do diferente, ou de si mesmo através dos outros; a prática turística exploratória

Em busca do Diferente

O terceiro gosto turístico, que configura um certo padrão, encontra-se associado à fruição turística como procura do “diferente”, do que não se conhece, o que ainda não se encontra assinalado com a etiqueta turística. Existe nesta prática uma certa atitude turística exploratória; “to poke about in the city” como aconselha D. Gouldring 1934 Uk M¹⁶⁸.

Aqui existe uma necessidade de procurar para lá do que já foi divulgado nos guias turísticos, que servem justamente para rejeitar, procurando a vivência mais próxima do

¹⁶⁸ Embora a expressão seja usada neste guia, o gosto turístico aí expresso remete para uma atitude escapatória ao “mundo do progresso”.

quotidiano de vida dos “nativos”, a realidade que experimentam. É a viagem em modo lento a que se associa a figura do “errante”.

Esta atitude de procurar um real para além das camadas de fantasia turística, criada justamente pelos guias, no nosso *corpus* é inaugurada pelo guia inglês de 1931 Afoot... Este na introdução, assinada por G.K. Chesterton (1874-1936), crítica a facto de os guias ou narrativas de viagem falarem sobre si próprios e não do que realmente vêem. Seja quando falam de veneráveis e antigos monumentos ou se referem às mais modernas inovações técnicas erigidas na cidade. Pelo contrário, o que importaria e lhe interessava ler era, “the immediate sense of something seen; and the certainty that one particular man really saw it. ... It is for those glimpses of the real complexities of history and of modern society, as distinct from the solemn simplifications of the rhetoricians, that books of travel are really valuable.” Como diz Gibbons: “for practically all the English travel books ... deal exhaustively with ancient castles and cathedrals and with next to nothing else. When castle ... is closed at dusk, the regular traveller apparently goes to bed to recuperate for next day’s castle.” Aquele guionista queria divertir-se, acompanhando o interesse hedonista da época e o guia traçou o itinerário da diversão nocturna possível nos anos 30 em Lisboa: “I try to amuse myself with a Lisbon evening. Belem, Cintra and Jardim Botânico, and in fact practically all of the stock sights, I absolutely missed. I made a tour of my own invention, never seen recorded in any of the usual books of English travel I saw everything there was to see, except drunkenness, because in a whole night of the wickedest slums of the sailor’s quarters, there wasn’t any. To British ideas, all was extraordinarily quiet on the Lisbon Front.” (1931 Uk GM: 139-140)

“We were travelling light – for I think that is always the best way to travel – and we had not loaded ourselves down with statistics. We knew that Portugal is still mainly an agricultural country; and we had some notion of the landscape from photographs in books in former travellers. But on the whole, everything was to be discovered, for our reactions would be new and we were starting our holidays without preconceived ideas.

Moreover I wanted to do all the things I’d never read about – explore the nightlife of the cities and get merry on the national wine. Chapman (the painter) wanted to refresh his eye with new scenes and fill the gaps of information about a country of which one hears comparatively little.” (1955 Uk G: 9-11)

“ Nous avons cultivé notre passion pour le ton personnel, voire singulier, qui font aussi l’intérêt d’un guide de voyage. Que vous soyez un touriste prévoyant ou un vagabond chevronné, un étudiant ou un retraité, en voyageant de manière indépendante, en famille ou entre copains, en couple ou en solitaire, vous avez choisi la meilleure manière d’aller vers les autres. Et parce que vous êtes à recherche du paradis, vous voulez des tuyaux précis, motivés, sélectifs pour éviter les pièges à touristes et ne pas passer à côté de l’essentiel. Nous savons qu’un voyageur informé en vaut deux. Pour le reste, c’est « dis-moi comment tu voyages, et je te dirai qui tu es. » (1995 Fr G : 5)

À procura de si mesmo (através dos outros)

Como já foi amplamente referido a coleção Petite Planète inaugura um novo gosto de viagem colocando uma das questões chave no âmbito das práticas turísticas: não há “outros”, os autênticos, o mundo não se encontra separado entre a modernidade ocidental e os “outros” ainda a explorar, somos todos vizinhos: “On ne s’évade plus si facilement d’un monde désormais conquis.”

A prática turística explicitada nesta coleção não sugere a “descoberta” de novos territórios turísticos, nem no contributo do novo olhar / testemunho de viajantes guionistas com mais atenção etnográfica, mas a abertura para a consciência de que as viagens turísticas são uma viagem à procura de si mesmo.

In every life we would find continents, islands, deserts, swamps, overpopulated territories and *terrae incognitae*. We could draw the map of such a memory and extract images from it. From every country visited I’ve brought back postcards, newspaper clippings, catalogues, sometimes posters torn off the walls. My idea was to immerse myself in this maelstrom of images to establish its Geography [and] to present the “guided tour” of a memory (or immemory), while at the same time offering the visitor a chance for haphazard navigation.” (Chris Marker 1997, Immemory)

“ Un nouveau tourisme apparaît, qui exorcise le pittoresque (...) qu’il a compris que leur connaissance était une étape, une composante indispensable de la connaissance de soi-même.” (1957 Fr G)

“I did not want to write about what I found, but how I came to find it; not the exterior, what I see there? But the interior what did I think there? Viewed in this way travel itself is changed from the competitive viewing, into a mental voyage of discovery about the people’s attitude to life, the attitude of other writers and visitors to them, and one’s own

attitude to both. It is transformed from a going outwards to a delving deep within.” (1960 Uk M: 23)

À procura de “Artes de Viver”

No fim do século XX o turismo e as viagens distenderam para muitas modalidades. O segmento de turismo de negócios, congressos, os *short comings*, os *city break ... week-end*, explicita um gosto que incide muito no desejo de originalidade do lado do turista, como já dissemos; gosto expresso nos guias que surge em forma de oferta de ambiências singulares, que a cidade disponibiliza e realça e incluem uma multiplicidade de práticas: reuniões de negócios, de cientistas, de movimentos / grupos artísticos, (as bienais de..., festivais ... revivalismos ...). A viagem pertence já à grande mobilidade de alguns segmentos sociais dos vários pontos do globo e faz parte do seu estilo de vida ... procurando outras artes de viver.

Na arte de viver procuram-se as “ambiências construídas”, sem e com a nostalgia do passado, com e sem as modernidades tecnológicas, com ou sem “movida”; com ou sem “pitoresco” ... em atitude etnográfica ou em bolha ... desde que no conjunto reunido se instale uma experimentação de bem-estar, de usufruir de possibilidades inéditas e de mobilidade num mundo “à escala de Petite Planète”, *la flannerie global, world wide*.

“Lisbonne n’en finit pas de surprendre Lisbonne est depuis quinze ans en pleine métamorphose, plus que jamais tournée vers le futur. Pourtant c’est un sentiment de profonde nostalgie qui vous envahit au premier regard. La lumière venue caresser les rives du Tage, la douceur de ses sept collines et les multiples échappées au détour de ses ruelles, font de Lisbonne l’une des capitales les plus romantiques qui soit.” (2001 Fr Uk : 3)

“Lisbonne est ainsi une invitation pour le voyageur sensible et solitaire, à se perdre dans le labyrinthe bariolé et mouvementé de ses rues, de ses escaliers, de ses passages dérobés. (...) C’est le plaisir de retrouver le temps perdu, celui des artisans, des commerçants de rien et de tout, lorsque mille petits métiers faisaient vivre une cité, comme autrefois Londres ou Paris.” (2003 Fr GM: 21-22)

“Destination idéale pour un long week-end, longez le Tage, grimpez sur les miradouros, faite-vous une frayeur dans les tramways mythiques et découvrez une cité résolument secrète, colorée et cosmopolite.” (2010 Fr G)

A nossa memória não é nenhum cofre de marfim num museu cheio de pó. É um bicho que vive, come, digere. Consume-se a si própria como a Fénix das lendas, para que a vida possa continuar sem que ela nos destrua.
Uma Noite em Lisboa, Erich Maria Remarque (a condição de refugiado)

8 - A narrativa histórica de Lisboa

8.1 - A conduta metodológica

Partimos da hipótese, em sede de mestrado que, para compreender as imagens da cidade de Lisboa, adquiriria particular importância a narrativa histórica (NH) da cidade descrita nos guias, a memória que a cidade transporta consigo. O uso das narrativas históricas é um auxiliar qualificador da cidade em visita, nobilita a experiência da visita, acrescenta prestígio à prática social do turista, informação transmitida que actuará no olhar e na experimentação da cidade em visita.

“Lisboa é uma cidade muito antiga” foi uma imagem, muitas vezes repetida, anexada como qualificativo turístico, não sendo, porém, a razão central pela qual aquela se tornou um destino turístico no século XIX. Nessa medida a cidade possui uma longa história, que se vai reactualizando no tempo, com base nos vestígios que permanecem nos estratos arqueológicos, nas edificações monumentais e nos textos escritos. No caso de Lisboa, a raridade de vestígios com mérito turístico, para os padrões¹⁶⁹ da altura, impedia a sua experimentação pelo turista. No plano urbanístico, aliás, Lisboa era considerada uma cidade relativamente nova no fim do século XIX, como referem os guias.

Os guias de edição portuguesa reforçaram a imagem de antiguidade, com o *slogan* “**Lisboa, a sua origem perde-se na noite da eternidade**”, que atravessou quase a totalidade do *corpus*¹⁷⁰. As NH portuguesas aludiram com frequência à Monumentalidade

¹⁶⁹ O património arqueológico, monumental e artístico.

¹⁷⁰ Imagem presente nos guias 1905GI *Guia Ilustrado do Viajante em Portugal*, 1905, editor Almanach Palhares Lisboa, autor Santos Junior (Santonillo) e A Morgado, 1905RL *Roteiro de Lisboa*, 1905; edições S. Paulo Brasil, autor Joaquim Gil Pinheiro, 1906 *Lisbonne*, 1906; edição Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP), 1913 *Manual do viajante em Portugal* 1913; edição Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP), autor Mendonça e Costa; tipografia Gazeta Caminhos de Ferro, 1941 *Guia Turística de Lisboa*, 1941; edição Câmara Municipal de Lisboa, (coord) A. Vieira da Silva, 1943 *Guia de Lisboa*, 1943; edição Livraria Portugália; autores Norberto Araújo e António Soares, 1952 *Lisbon*, 1952, edição Secretariado Nacional de Informação, 1982 *Lisboa, guia da cidade*, 1982, edição Câmara Municipal de Lisboa, 1985G *Lisboa e Costa de Lisboa, guia laranja*, 1985, Edições Convergência, Secretaria Estado Turismo L, 1985NG *Lisboa (novos guias de Portugal)*, 1985, Editorial Presença; autores José Vítor Adragão, Natália Pinto e Rui Rasquilho, 1988 *Atlas Turístico de Lisboa*, 1988, edição Câmara Municipal de Lisboa, 1989 *Goldenbook of Lisbon*,

perdida da cidade e tenderam a organizar-se em torno das razões (os “traumas”) que levaram à perda de “monumentalidade” de (em) Lisboa, rememorando nas histórias os seus períodos de “Glória”.

Por outro lado nas edições portuguesas constatou-se uma interessante correlação entre a NH e a conjuntura política. Os guias editados durante o Estado Novo reforçaram o momento inaugural da “Reconquista”, da passagem da **“Lisboa, cidade cristã e portuguesa, conquistada pela força indomável de Afonso Henriques aos sarracenos”** (1958, 1963), enquanto os guias editados logo após 1974, procuraram iluminar o período da presença árabe, afirmando, pelo contrário, que no período cristão Lisboa “ensimesmara”¹⁷¹. O período pombalino, um estrato com menor distância histórica no arco temporal de XX, foi elencado nos guias como o antecedente natural da cidade nova a fazer-se durante o ciclo da Regeneração, pouco apreciado no guia de Raul Proença, rememorando com nostalgia “o autoritarismo iluminado” com que foi conduzido, reforçando por isso a crítica ao urbanismo seguido pelo regime político antecedente e contra quem se instaurou a República.

Durante o Estado Novo, os guias de autoria portuguesa, apresentavam uma narrativa próxima do modelo das “Narrativas de Salvação” de que fala J. Gil, a propósito da retórica dos discursos de Salazar: “a forma das narrativas canónicas dos discursos nacionalistas que retomam a ligação às grandes sagas mitológicas de etapas bem definidas: vulnerabilidade e desordem, em primeiro lugar, caos e morte depois, com um “momento de viragem; enfim, renascimento e salvação.” (J. Gil, 1995: 22) Naqueles Lisboa que emerge de novo com as obras promovidas pelo regime, metaforizadas enquanto “renascimento”, depois de toda a “desordem” e desastres que ocorreram desde o século XIX até 1926.

Persiste nas narrativas históricas dos guias, no arco temporal em análise, a veiculação de uma imagem histórico-política, conduzindo as narrativas a uma imagem de favorecimento do regime político coetâneo à edição do guia, anulando o anterior contra o qual se instaurou e reorganizando os heróis sequenciais fundadores.

No caso das NH de origem estrangeira o que nos pareceu de destacar seguiu um outro alinhamento. De uma forma geral, encontrámos um considerável desenvolvimento

1989, edição Henrique Cerqueira/Interpropo,Lda, 1992 *Guia de Lisboa*, 1992, colaboração Câmara Municipal de Lisboa no âmbito da União das Cidades Iberoamericanas (UCCI), coor Clara Pimentel, 1998IV *Lisboa, Portugal, ir e voltar: Guias ir & Voltar*, 1998, edição Estampa, Galimard, coord. Annegret Rangel, 2002 *How to visit Lisbon*, City Guide 2002, edição InfoPortugal, 2004 *Your Guide: Lisboa*, 2004, edição ANA Portugal, autoria texto histórico Centro Nacional da Cultura, guias de autoria portuguesa.

¹⁷¹ Guia de 1980, *Lisbonne et ses environs*, 1980 edição Colibri; autor Pedro Vasconcelos e 1985G.

narrativo em que se misturam a história do País e da cidade. Com estes ressaltou muito a história política da cidade, à qual se justapôs a história do país, dada a sua capitalidade e o lugar preponderante face às restantes cidades do país (macrocefalia é um adjectivo usado para classificar a condição de Lisboa nos guias do pós-guerra). A história urbana é muito reduzida, sendo a reconstrução pombalina o apontamento mais evidenciado.

Ambos os guias, de edição portuguesa e estrangeira, seguem um mesmo padrão narrativo histórico: os povoamentos sucessivos da cidade conhecidos na história e nas tradições literárias, o momento de fundação da “nacionalidade portuguesa”, os sucessivos factos históricos que lhe deram preponderância até ao presente próximo e inaugura o tempo de visita do turista. Contudo, nos guias de edição estrangeira existe uma preocupação maior em remeter os factos históricos para os vestígios presentes e testemunhados pelo visitante. Nos acontecimentos narrados o leitor é conduzido para a cidade do presente. O fim narrativo abre a cidade para a perspectiva de um presente mais harmonioso e um tempo futuro mais promissor, exceptuando alguns guias, editados entre finais de 50 e antes de 1974.

Ao longo do arco temporal percebe-se uma mudança no modelo narrativo. No ciclo da Regeneração até à década de 70, do século XX, a narrativa sustenta-se numa sequência cronológica de factos. Os guias editados na segunda metade de XX começam a arrumar a narração de acordo com pontos temáticos, onde os acontecimentos passaram a ser entendidos mais enquanto processos sociais. Ponderamos que esta diferença se ligue ao impacto da própria mudança de paradigma na disciplina teórica da história e que passou para o campo de redacção dos guias, elaborados por profissionais formados com novos modos de fazer história.

A informação factual apoia-se em fontes da história séria de ambos os países, recorrendo a especialistas nacionais e nos guias do clássicos, oriundos de XIX, a história tende a ser politicamente diplomática. São exemplo os Guide Bleu, que de 1886 a 1989 apresentam uma NH pouco variável, com actualizações periódicas. Espelham o grau máximo de invariância na apresentação da história da cidade para consumo turístico.

A compressão histórica das narrativas de 1886 e 1904 é muito grande. O momento histórico mais desenvolvido foi o dia do terramoto de 1755, reforçando o grande espanto do mundo (ocidental euro-americano) de então, pelo desaparecimento, em segundos, da que fora uma das grandes capitais do mundo, e alvo de admiração de estrangeiros.

Em 1931 é feita uma nova edição na qual colaborou Raul Proença, este acrescentou a espessura narrativa que continuou, com algumas alterações e aumentos de factos históricos, até 1989. R. Proença reforçou o estrato da Lisboa Romana, introduziu a presença dos Visigodos, acrescentou o papel dos Cruzados europeus na “reconquista da cidade”, o realce da capitalidade de Lisboa muito antiga, deu importância ao património das “cercas”¹⁷², desenvolveu o período de apogeu de Lisboa no século XVI, adjectivando a cidade como tendo passado de “capitale d’un petit pays à l’O de la Péninsule, mais la métropole d’un grand empire, le point privilégié, comme une intersection merveilleuse de la géographie et de l’histoire, d’où partent et où viennent aboutir toutes les routes de l’océan.” (1931 Fr G: 410-413) Destacou igualmente a importância da racionalidade urbanística presente na reconstrução da cidade por Pombal.

Em 1953¹⁷³, foi acrescentada a entrada de Oliveira Salazar na vida política nacional, como parte da história da cidade e do país e o seu lugar de destaque por ter sido palco da cimeira da Nato em 1952¹⁷⁴, um facto de importância para o novo sistema defensivo europeu no pós-guerra, mas também de aceitação do regime político do Estado Novo no plano internacional¹⁷⁵: “Depuis l’avènement à la présidence du Conseil, en 1928, du Dr^o Oliveira Salazar, Lisbonne connaît une ère de paix et de prospérité, se développant sans cesse. En mai 1952, elle a été le siège de la réunion du Conseil du Pacte de l’Atlantique.” (1953 Fr G: 62-63)

Em 1984¹⁷⁶ foi feita uma nova revisão, com a colaboração de A. França, e a narrativa histórica ganha espessura, apresentando capítulos temáticos: Rade délicieuse ; Conquise par les Croisées; Résidence royale; Reine du Tage; Lisbonne manuéline; Six secondes suffirent... ; Sebastião de Carvalho e Melo, le rationaliste; De Junot à Spinola. Destaca-se a inovação do modelo pombalino no contexto internacional, para o qual A. França teve um importante papel, que teve maior espaço de afirmação no guia publicado em 1989 : “le premier grand plan d’urbanisme néoclassique d’Europe.” (1989 Fr G: 325-327)

¹⁷² Leiam-se as Cercas Moura e Nova (Fernandina) em torno do castelo, aspecto patrimonial de relevo, de interesse na visita às cidades históricas e, relembramos, o castelo de S. Jorge e as muralhas foram consideradas património nacional em 1910, fonte: SIPA, Monumentos de Portugal.

¹⁷³ Nesta edição Reynaldo dos Santos foi consultor mas introduziu sobretudo aspectos históricos ligados à história da arquitectura monumental de Lisboa, a pequena narrativa da história da cidade baseia-se no texto anterior de Raul Proença.

¹⁷⁴ Em 20 de Fevereiro de 1952.

¹⁷⁵ Em artigo de Daniel Marcos (2010) este refere que para o diplomata americano, Dean Acheson, o ditador Salazar era um ditador-gestor contratado e mantido pelas Forças Armadas para governar o país segundo o interesse das classes médias, (...) que Platão aprovaria, minimizando desse modo a falta de democracia, aceitando o regime de Salazar no quadro do Ocidente democrático. (D. Marcos, 2010: 77).

¹⁷⁶ No guia de Lisboa publicado em 1989 repete-se o mesmo conteúdo.

Por fim, foi retirada a presença de paz e prosperidade de Lisboa, associadas à chegada ao poder por Salazar em 1928, com que terminava a NH de 1953, terminando a história com a ruptura democrática de 1974: “Le 25 avril 1974 le MFA (mouvement des Forces Armées) prend le pouvoir dans l’enthousiasme populaire et Lisbonne se déchaîne; en septembre 1975 elle refuse le retour du général de Spínola et voit s’affronter les forces politiques de gauche : le bariolage des murs demeure longtemps le vivant témoignage d’une République qui cherche toujours la voie d’une démocratie véritable.” (1984 Fr G: 148-150)

Os guias turísticos de outras editoras, seguem esta linha recorrendo também a anedotas históricas¹⁷⁷ e, sobretudo, encaminhando os turistas nos pontos de interesse a visitar na cidade. A narração acompanha o turista na cidade que experiencia, face aos monumentos e lugares urbanos, como a Praça do Comércio ou o mosteiro dos Jerónimos.

A ressaltar ainda que os guionistas ingleses chamam mais atenção para os tratados comerciais e alianças entre Portugal e Inglaterra, enquanto os guias de edição francesa tendem a preferir o campo da cultura.

Embora não façam parte da história da cidade, mas sim do país, nos anos a seguir à II GG, em finais de 50 até à Democracia, as narrativas históricas do país em alguns guias tecem comentários críticos sobre a ditadura de Salazar e a sua política que, nos anos da guerra, surge de maneira moderada, reforçando o sucesso do não envolvimento que aquele conseguiu, reflectindo as clivagens políticas e ideológicas de então. Os guias editados entre os anos 30 e 50 expressam até uma simpatia pela figura política de Salazar, separando-o das ditaduras do período conjuntural.

Como avançámos atrás, a participação de especialistas e o apoio em fontes documentais sérias encontra-se presente na redacção dos guias turísticos e as NH, a par das histórias de arte locais — spanish art, portuguese art — foram um dos itens em que o recurso ao trabalho dos historiadores foi um facto. Este item era uma componente importante nos guias editados no fim de XIX e inícios do século XX, ocupando uma parte menor nos guias editados no fim do século, acompanhando a deslocação dos interesses turísticos.

¹⁷⁷ Em alguns guias surgiram curiosidades e João V foi alvo de muitos comentários anedóticos, como afirmar que gostava de oferecer retratos de si cobertos de diamantes:”The king’s gift of a big sum of money in bar gold to a Princess of the House of Asturias had a propaganda value in scotching rumours that Portugal was bankrupt – likewise the remuneration of his personal representative in Rome and his habit of giving away portraits of himself studded with diamonds; 1950 UK M

Não se tratando aqui de refazer a história de Lisboa no caso das edições estrangeiras o que adquiriu mais relevância foi a configuração de um padrão de contar histórias de cidades nos guias turísticos que se cristaliza no século XIX. Como estamos a olhar a cidade do ponto de vista do “Outro”, pareceu-nos interessante olhá-la comparativamente no período inaugural das metrópoles modernas. Primeiro momento em desenvolvimento

Por outro lado destacou-se a interferência / cruzamento da história do país visitado com a do país da nacionalidade do guionista (turista visitante). Segundo momento em desenvolvimento.

Consideramos importante, para questões de enquadramento mais geral, analisar os guias de Lisboa tendo como quadro de referência os guias de outras cidades europeias. Tratou-se da inserção dos guias turísticos de Lisboa no conjunto documental maior a que pertencem, de controlar melhor o conteúdo discursivo e modos de organização para analisar o caso de Lisboa.

Como partimos da hipótese que, justamente, o século XIX e início de XX é o período histórico de surgimento quer das metrópoles modernas de cariz ocidental (euro-americano), quer do turismo como uma prática social, destacámos um subgrupo de guias publicados nesse período para algumas cidades europeias.

No plano metodológico procurou controlar-se a interferência da autoria a fim de poder aferir a configuração de padrões de narrativas históricas nos guias turísticos das cidades europeias de que são originárias as nacionalidades escolhidas: Paris, Londres. Usamos algumas publicações padronizadas do género, Guias Baedeker, nas quais foram editados guias para as cidades de Paris, Londres, Roma, Madrid e Lisboa num mesmo período temporal: 1900 - 1911. No plano da interferência da conjuntura histórica, política e económica, com impacto sobre as cidades de configuração europeia – em processo de metropolização –, afigura-se-nos que se pode pressupor alguma estabilidade¹⁷⁸.

Incluimos igualmente Roma por ter sido uma cidade precursora no interesse pelas viagens de cidades, como programa do Grand Tour¹⁷⁹, ainda no século XVIII e por esta transportar,

¹⁷⁸ Parece-me que no plano da temporalidade de edição turística é um tempo comparável: decorre antes de I Grande Guerra, tempo forte dos Imperialismos e das Grandes Exposições Universais e o turismo era então uma prática para alguns segmentos sociais, de elevado estatuto.

¹⁷⁹ Os investigadores sobre a história do turismo não são unânimes em considerar esta prática social de elite, predominantemente britânica segundo Boyer 2011, como precursora da prática turística, um momento ainda prototurístico. Mas o hábito da viagem e o gosto pela Antiguidade permaneceu como “pacote turístico” no século XX.

desde o tempo de fundação na Antiguidade Clássica, uma simbólica de cidade muito forte para a cultura de cidades e modelos urbanos da civilização ocidental, sobretudo a sua figuração de capital do Império Romano. E Madrid por ser a capital da vizinha Espanha, país da região turística agregada nos guias de então, Espanha-Portugal.

Ao mesmo tempo o número de edições acaba por ser um bom indicador do lugar que Lisboa ocupava no mercado turístico europeu e, em parte, do próprio lugar da cidade no mundo europeu naquele segmento temporal escolhido, início do século XX, que é também o arranque da metrópole moderna de que Londres se apresenta como a materialização máxima.

Das quatro publicações consultadas¹⁸⁰ só Paris e Londres possuíam guias autonomizados, sendo Paris a cidade com maior número de publicações, seguida de Londres, 20 e 14 respectivamente. Neste período nem Roma nem Lisboa e Madrid foram alvo de edição de guias autónomos. Contudo Itália já se apresentava como uma região turística desagregada, tendo sido publicadas 7 edições para a “Central Italy”, enquanto Lisboa e Madrid encontravam-se reunidas no único guia editado, Spain and Portugal, expressando o interesse mais periférico para o turismo da Península Ibérica.

Porém o peso da história das cidades é diferente, ocupando Roma o primeiro lugar, dedicando os guias 15 páginas para a sua narrativa histórica, seguindo-se Paris (6pg) e Londres (5pg), Madrid e Lisboa ocupavam apenas 4 e 3 páginas, respectivamente. Os guias citam as fontes a partir das quais elaboraram as narrativas, Londres (52) e Roma (44) apresentam uma bibliografia grande, consideravelmente actualizada à data da edição dos guias, expressando a importância que era dada às duas cidades no plano do conhecimento histórico.

No caso de Lisboa foram citadas 8 obras de referência histórica, só uma é de autoria portuguesa, Monumentos de Portugal de Ignacio Vilhena Barbosa¹⁸¹ (1811-1889), editada em 1886. Das restantes obras¹⁸² só o trabalho de A. Haupt foi traduzido para português, em 1910 e depois em 1986. Este autor alemão, de referência para o reconhecimento da

¹⁸⁰ Ver quadro 2 em anexo.

¹⁸¹ I. V. Barbosa foi membro da Academia de Ciências, em 1875, e inspetor da Biblioteca tendo editado, em conjunto com Possidónio da Silva, obras de arqueologia.

¹⁸² Round the Calendar in Portugal, Oswald Crawford (1834 – 1909), London: Chapman and Hall, 1890; The Early Portuguese School of Painting, Sir J. C. Robinson, London, 1866; Die Baukunst der Renaissance, Albrecht Haupt (1852 – 1932), Frankfort, 1890-1895); Edição portuguesa Lisboa, J. Rodrigues, 1910 e Presença, 1986; Portugal and its People, W. A. Salisbury, London, T. Nelson and Sons, 1893; Portuguese Life in Town and Country, Eugene Street, London, George Newnes, 1902; A Philosopher in Portugal, Eugene . E. Street., London, T. Fisher Unwin, 1903; Through Portugal, Martin Hume, London: 1907

importância da arquitectura Manuelina, como um estilo autónomo no panorama da história da arquitectura internacional, é algumas vezes referido nos guias¹⁸³, a propósito justamente do expoente máximo da monumentalidade em Lisboa: os Jerónimos. Estas obras irão ser referidas, consultadas para algumas edições, nomeadamente o guia de 1924 Pt G e 1931 Fr G, histórias com redacção de Raul Proença. A fonte bibliográfica de apoio às NH desapareceu na segunda metade do século XX, apesar do recurso a especialistas da área, como já referido.

¹⁸³ No guia Lisboa e Arredores, editado por Raul Proença em 1924 é uma das fontes bibliográficas citadas (405p), a propósito do Mosteiro dos Jerónimos.

8.2 – As narrativas históricas das cidades nos guias turísticos – um modo de contar

No plano do conteúdo as narrativas históricas de Londres, Paris, Roma, Madrid e Lisboa nos, entre 1900 – 1911, revelam um modo de narrar a história das cidades nos guias. Esta adquire um movimento ascendente a partir de uma origem, mais ou menos imprecisa, numa sequência de acontecimentos históricos, na qual a cidade adquire um prestígio, um ponto culminante – o seu *Zénite* – que pode coincidir com o presente do guia ou, se encontra numa temporalidade passada, e a partir do qual entra em declínio, procurando ressurgir até ao momento presente. O fim da narrativa expressa-se como uma *promessa de futuro* de um novo e maior *Zénite*. Corresponde ao momento em que a cidade foi (é) a cidade mais importante do “mundo”, das mais importantes na rede de cidades – mundo. Com a análise deste pequeno grupo de guias percebemos que o atributo de *Zénite* pode adquirir várias medidas, mas o que importa reter é que esses atributos tenham adquirido um lugar na “História Universal”, no quadro da civilização ocidental.

No início da narrativa, a origem da cidade, enumera-se a sequência de povoamentos anteriores, até ao momento em que a cidade passou a pertencer ao “povo” e poder político “autóctone”, ascendente da actualidade histórica presente; sequência em que a presença do Império Romano é um ponto de origem forte. Esta narrativa é sustentada nas “fontes escritas” citadas e nos vestígios arqueológicos, já musealizados no início de XX, e que os turistas podem visitar. Aquelas origens acompanham-se de uma pequena apresentação das origens etimológicas do nome da cidade, item que se confunde com domínios da ordem do mito. No caso de Lisboa o seu momento de origem mitológica é associado ao herói grego Ulisses. Corresponde ao período de construção dos nacionalismos e dos povos (os tipos puros) que constituíam o conjunto da nação.

Nas NH das cinco cidades, escritas no início do século XX¹⁸⁴, o *Zénite* de cada uma encontra-se em temporalidades históricas diferentes.

O *Zénite* de Londres ocorre na actualidade da edição do guia, em 1911 Londres é a maior metrópole do mundo. Toda a narrativa histórica conduz até ao expoente máximo do presente, apresentando quantidades, comparativamente às outras cidades, esmagadoras: 4 Milhões de habitantes, número de residentes estrangeiros [mais do que Paris], de nº de ruas, de edifícios públicos, de km de redes urbanas (iluminação, transportes ferroviários, embarcações no porto, diversidade de mercadorias, de museus, de restaurantes, de hotéis,

¹⁸⁴ Sem esquecer que o modo(a) de escrita se encontra impregnado(a) da tradição de escrita de viagens que se desenvolveu no século XIX.

de ... ; sem esquecer os edifícios públicos, os museus e obras de arte acumuladas. O valor de Zénite aqui é a quantidade, o grau de desenvolvimento tecnológico, o ponto de atracção máximo para mercadorias, dinheiro e pessoas.

Paris, a cidade imediatamente identificada com a nação francesa, “*Paris é França*”, surge na NH como o “palco central da política”. Embora não se fale em declínio, como acontece nas NH de Roma e Lisboa, o Zénite de Paris encontra-se no período de Louis XIV. É a concepção do modelo político do “Absolutismo”, materializado nas edificações realizadas por aquele monarca. O valor de Zénite em Paris, reúne uma prática política, uma arte e arquitectura, a literatura francesa e a filosofia. Na continuação da narrativa de Paris, sequência cronológica de acontecimentos em que se misturam factos como a Comuna de Paris e as Exposições Universais, não se fala em declínio, contudo a metrópole de Paris e os sistemas urbanos modernos não atingem os quantitativos de Londres. Estas rivalizam-se, no guia de Londres de 1900 diz-se, para destacar a sua importância, que esta tem mais cidadãos estrangeiros do que Paris.

Roma, sintetizada como a *Cidade Eterna*, é a cidade capital do Império Romano. O Zénite de Roma ocorreu no tempo de Trajano e Adriano, entre o ano 98 d. C. e o ano de 138 d. C. O valor de Zénite da cidade de Roma assenta na Antiguidade, no valor de Monumento Histórico das “ruínas romanas”, testemunhos de grandeza, estética e prestígio que uma cidade (capital de Império) aspira atingir. Como refere F. Choay: “No *quattrocento* a Antiguidade toma o valor de perfeição e de modelo, Roma foi a primeira cidade a distanciar-se da sua herança histórica e a situar-se num espaço histórico.” (F.Choays; 2000:37-39) Foi durante a governação de Sistus V (1585-1590) que se publicou *Mirabilia Urbis Romae*, em 1588, o primeiro guia de Roma com a descrição dos principais monumentos, cristalizando a Roma Antiga com o valor de Monumento Histórico.

Lisboa, a antiga Ulisipo, teve o seu Zenith no século XV: “The great discoveries made by the Portuguese at the end of the 15th cent, and (later) the conquest of India by Francisco d’Almeida (d. 1510) and Affonso de Albuquerque, becoming the richest town in Europe, capable of rapidly recovering even from the effects of the earthquakes of 1531 and 1575.” (1908 Uk G). O valor de Zénite reside na riqueza acumulada, no facto de Lisboa durante esse período se encontrar no centro da maior rota comercial de então. A imagem de riqueza e o fascínio do ouro foram muitas vezes o atributo associado a Lisboa. E reforçam a imagem da capacidade económica extraordinária que nem os terramotos impediam o seu ressurgimento, aspecto traumático que a partir de 1755 vai justificar o declínio.

Por fim, Madrid “A única Corte”, a cidade política de Filipe II, tem o seu Zénite “in the beginning of the 17th cent. Madrid remained a badly-built, dirty, and unhealthy place, inhabited by a shifting and unstable population. In spite of all, however, it was in this period that Spanish art and letters attained their zenith.” (1908 Uk G). O valor de Zénite aqui remete para a geração de artistas que criaram “the Spanish Art” (Cervantes, Velásquez, Calderon de la Barca, Lope de Vega ...).

Todos aqueles Zénites correspondem a valores da cultura urbana da Europa Ocidental no início do século XX que se materializavam nas cidades e estímulo para as viagens turísticas: a acumulação de inovações e sistemas urbanos, o cosmopolitismo, a monumentalidade arqueológica e artística, o palco político, a acumulação de riqueza. A figura do tempo histórico na cidade com valor de Zénite pareceu-nos uma perspectiva interessante para aferir a leitura das NH de Lisboa no *corpus* de análise.

Ressaltou outro aspecto na leitura comparativa das NH das cinco cidades no mesmo tipo de guia e no mesmo tempo histórico. Embora cada uma das cidades tenha uma história própria para lá do país (estado-nação) de que são capitais, quer Paris, Lisboa ou Madrid adquirem um grau de importância grande por serem as capitais políticas, o lugar de residência real na época. Londres é a cidade que na NH se destaque como com uma certa autonomia em relação ao lugar de assento dos poderes políticos.

Em síntese, no início do século XX nas narrativas históricas destacam-se valorizações das cidades a partir de diferentes pontos de vista. A história de Paris é sobretudo a história política da França nos séculos XVIII e XIX e das marcas arquitectónicas e artísticas materializadas na cidade. No início do século XX a factualidade histórica dos acontecimentos políticos, de que Paris foi o centro, eram considerados fundamentais para apresentar em guia. A presença do passado da Antiguidade Clássica no presente era a principal relevância histórica dada a Roma. O progresso urbanístico de Londres e informação demográfica foram considerados de relevância histórica. Madrid é uma cidade que não agrada os redactores dos guias Baedeker, mas a arte espanhola (pintura e literatura) são um dos aspectos mais relevantes e destacados para a cidade e a sua história. Por fim a narrativa histórica de Lisboa, acompanha Roma na importância do seu passado, mas em Lisboa o passado subsiste sobretudo enquanto espaço de memória do “Glorioso período dos Descobrimentos”, o “Domínio dos mares e do comércio”, e reforço da sua importância apesar da ausência de vestígios, em consequência do Terramoto de 1755.

Este modelo narrativo em que predominavam os seus momentos de apogeu, acentuando a importância das cidades à escala mundo (ocidental), sofreu alterações na segunda metade do século XX. A importância etimológica do nome perdeu-se, a espessura temporal e uma outra leitura histórica conjugaram-se para uma apresentação tematizada em estratos temporais mais longos¹⁸⁵.

Nos guias, editados em fins de XIX até ao conjunto de guias editados em 1930, os protagonistas são as Casas Dinásticas, Pombal é uma das poucas personalidades políticas nomeadas a propósito de Lisboa. A partir do guia “Portugal, Gateway to Greatness” (1950 Uk M) e, sobretudo, nos guias editados no último ciclo, encontramos uma mudança no modelo narrativo histórico, introduzindo uma compreensão mais processual nos tempos e acontecimentos históricos da cidade como, por exemplo, a diferenciação na cidade entre os factos da vida política e a vida quotidiana do povo, da população comum, *the ordinary people in the streets*, “In sixteen succeeding years, Lisbon knew 8 eight presidents, forty-four 44 ministries, witnessed 24 uprisings, 1058 strikes, and bomb outrages and assassinations by the score. Yet the ordinary people went about their business fairly quietly, helping to load and unload the ships of all kind that came into the river.” (1950 Uk M)

“L’émérgence des classes moyennes fut le fait le plus significatif du XIX siècle. Ces classes, déjà favorisées par le gouvernement du marquis de Pombal, représentaient en 1820 seulement 8% de la population portugaise. En 1867, ce chiffre avait doublé. Fonctionnaires, étudiants commerçants, industriels, banquiers firent perdre à la grande noblesse de son importance.” (1991 Fr Uk G)

A conjuntura histórica da “Reconquista” de Lisboa, na qual o Cerco é descrito como um embate entre Cristãos – Mouros (*infiéis* na narrativa histórica dos guias de edição portuguesa durante o Estado Novo), ao longo do século XX, vai-se alterando, para o par Ocidente – Oriente, ou, já nos guias da última década de XX, como Norte-Sul, expressando as categorias de entendimento dos acontecimentos históricos passados a partir de categorias de significação do presente da narração.

¹⁸⁵ Outra geração de guias, os DK Eyewitness guides, de origem inglesa e criado em 1974, apresentam as histórias de Londres e Lisboa em estratos temporais, destacando na proximidade do presente da edição dos guias as novas realizações arquitectónicas, a arquitectura pós-moderna ou, no caso de Lisboa, a autoria da reabilitação do Chiado por Siza Vieira. Esta colecção não foi analisada, sabemos que publicou guias para Portugal, Madeira Algarve e Lisboa, nomeadamente, em 1997 para a cidade.

No guia *Le Grand Guide de Lisbonne*, 1991, introduzem-se os grupos sociais e as explicações para a causa do declínio: "S'il fallait ne retenir qu'une seule cause à la dépression économique qui toucha le Portugal (et l'ensemble de l'Europe) au XV siècle, il faudrait se pencher sur les effets de la peste dans l'organisation du travail." (1991 Fr Uk G)

Alguns guias elaboraram as suas narrativas históricas agregando um conjunto de intelectuais que falaram sobre Lisboa. Essa situação ocorreu com o guia *Petite Planète* (1957) que para falar de Lisboa (Portugal) citou Byron (1728-1824), Tomás Ribeiro¹⁸⁶ (1831-1901), Unamuno (1864-1936), Keyserling, (1880-1946), Valéry Larbaud (1881-1957), Eugénio d'Ors (1882-1954) e Gilberto Freyre (1900-1987). A compreensão do país neste guia apoiou-se na teoria do luso-tropicalismo de G. Freyre.

O Guia *Autrement* (2003) recorreu igualmente a intelectuais para dar espessura temporal a Lisboa; "Au fil du temps": Tirso de Molina (1583-1648), Voltaire 1694-1778), Byron (1788-1824), Eça de Queirós (1845-1900), Cesário Verde (1855-1886), Fernando Pessoa (1888-1935), Julien Green (1900-1998), Simone Beauvoir (1908-1986), Fernando Namora (1919-1989) e Sophia de Mello Breyner (1919- 2004). Cada um destes escritores pontua um momento político chave de Lisboa. A oitava maravilha do mundo no século XV, descrita por Molina: "Lisbonne a une rue nommée Rua Nova, où l'Orient tout entier présente ces richesses et sa magnificence." O terramoto de 1755 de Voltaire, as impressões românticas de Byron, a "melancolia e o provincianismo" de Lisboa, descritas por Cesário Verde e Eça de Queirós, no fim do século XIX. O tempo sombrio da ditadura com Fernando Namora. A "Revolução dos Cravos" com as memórias de Simone Beauvoir em Lisboa : "Sartre avait envie de connaître de plus près cet événement singulier (...) ce qu'on a appelé la « révolution des œillets ». Au départ il s'inquiétait : est-ce que je verrai Lisbonne ? » Mais il a tout de suite oublié ce souci. (...) Il fit une conférence devant des étudiants qui le déçurent par leur manque de réaction à ses questions. Ils subissaient la révolution plus qu'ils ne la faisaient, lui a-t-il semblé." (2003 Fr GM)

¹⁸⁶ O autor considerou um "mauvais poète".

8.3 – A interferência da nacionalidade do guionista

O segundo aspecto que mereceu destaque refere-se à orientação da narrativa no espaço de cruzamento entre as histórias de visitantes e visitados, tendendo a salientar os momentos históricos comuns e o protagonismo de ingleses e franceses na história de Lisboa. Cada nacionalidade orienta a narrativa da história de Lisboa a partir do ponto de vista da sua própria história nacional. Não nos podemos esquecer que as informações publicadas visavam ser úteis a turistas da sua “língua e história” o que faz com que necessitem de apelar ao conhecimento histórico do leitor-visitante.

“Portugal of all countries in Europe is the one towards which English people should feel most intimately drawn. For nearly 8 centuries the two countries have been linked together in interests, which have at critical junctures compelled the interchange of military aid to resist encroachment upon freedom and the rights of nations. These relations date themselves from the first days of the monarchy. There are not many acres of the rich soil of Lusitania that have not been tramped over by British soldiers, many of whose descendants still live in the country.” (1907 Uk G)

Existem diferenças entre os guias de edição inglesa e francesa, quer no plano do recurso a fontes sérias, recorrendo, com mais frequência, os últimos a historiadores e especialistas portugueses, quer no plano do conteúdo, expressando as NH o antagonismo histórico entre as duas nacionalidades. A sua rivalidade estendeu-se até Lisboa no período das “Invasões francesas”, fazendo com que, por exemplo, os ingleses acusem os franceses de “pilhagens” do ainda considerável património artístico de Lisboa, ou, ao invés, os franceses considerem que Lisboa perdeu a sua independência nesse período a favor dos ingleses.

“For all its mature, serene beauty, however, the Jerónimos has some tragic facets, namely, the empty niches on the lovely columns, due to the vandalism of Napoleon’s troops, under Junot, who stole the statues.” (1939 Uk G)

“Ce deux campagnes [1808, 1810] se soldèrent par d’inombrables ravages, pillages et actes de vandalisme dans les musées, les monuments, les archives (...) se soldèrent également par l’installation dans le royaume des Britanniques, qui se comportèrent en occupants plutôt qu’en libérateurs.” (1991 Fr Uk G)

Lembram, por exemplo, que a “Geração” que impulsionou Lisboa para o seu *Zénite*, foi educada pela sua “mãe inglesa”: “Philippa of Lancaster, the daughter of John of Gaunt, who gave a new note of austerity to the Court so that her son, Prince Henry the Navigator,

was able to spurn indulgence and devote himself to training and fostering the sea captains who were to open the world's oyster for the Portuguese and bring the overlord the pearls at the end of the rainbows of visionary planning.” 1955 Uk G

Mas também esquecimentos, o *Ultimatum* inglês de 1890 só foi enunciado por um guia editado em 1991 Fr Uk G, esquecimento que se contrapõem à insistência da longa aliança e cooperação da nação britânica nos guias editados na proximidade do acontecimento histórico, como o guia de 1909: “In any case, the associations of Portugal, the oldest and most constantly ally of England, cannot fail to be of interest in themselves. The two countries, whatever their vicissitudes, have marched side by side for centuries. Historically, the southern land's era of power came as the herald of our own Elizabethan age. Then, the astonishing crop of great men that either nation sent proudly forth was all but contemporaneous. A generation alone – with the Portuguese in the senior status – divided Vasco da Gama, Diaz and Albuquerque from Raleigh, Drake and Frobisher; while Shakespeare was already in his boyhood when Camões gave his *Lusíadas* to the world. I have endeavoured to show in this small book that, even at the end of unbroken centuries of later trouble, the stamina of the Portuguese yet remains, and the inherent possibilities, too, of those feats that distinguished them in the past.” (1909 Uk GM)

Os guias de lingua francesa também apelam a uma genealogia comum: “Sous le joug arabe, Lisbonne devint une ville riche, ornée de palais et de jardins clos, peuplée de riches marchands. C'est un prince de Bourgogne, fils de croisé, qui conçut l'idée de chasser les mécréants de ce lieu.” (1963 Fr G)

Ou o guia Baedeker, acentuando a influência positiva de um monarca de origem alemã: “Since the end of the period of revolutions, which lasted till about the middle of the century, Lisbon has again risen to be a great and handsome city. Not a little of this regeneration is due to the initiative of the German Prince Ferdinand of Saxe-Coburg-Kohary, consort of Queen Maria II, and to his sons. Peter V. and Louis I.” (1913 Uk G)

8.4 – Tempos históricos fortes de Lisboa, os seus Zénites

Os tempos históricos fortes de Lisboa ao longo do arco temporal foram o Cerco de Lisboa (a Reconquista), os Descobrimentos, o Terramoto de 1755 e a reconstrução Pombalina, as Invasões Francesas, os anos 40 do século XX e após 1974, a “Revolução pacífica dos Cravos”.

O expoente máximo de Lisboa, o período dos Descobrimentos, eleva Lisboa à praça comercial mais rica do mundo. Mesmo que se coloque numa perspectiva crítica sobre as consequências desse período histórico como o guia *Petite Planète*. Desse período realçam a abertura de rotas marítimas para o comércio, a entrada de novas especiarias no consumo europeu e o estilo artístico manuelino.

“Sur cette fameuse grandeur portugaise de jadis, il y aurait beaucoup à dire. Il semble bien que l’empire n’ait été qu’un fardeau ruineux pour un petit pays de 1.500.000 habitants dont les meilleurs éléments masculins s’expatriaient chaque année. (...) Le Portugal n’était nullement fait pour l’empire. Il avait eu la chance de sa situation géographique, combinée avec l’esprit d’entreprise de l’infant Henri puis des souverains. Mais s’il a eu très tôt des bourgeois, le pays n’a pas de banquiers, et pour avoir un empire plus colossal encore... Manuel s’est privé des Juifs. Du coup se seront les banquiers italiens et allemands qui profiteront des découvertes et de l’empire du Portugal.

Sans doute les portugais ont-ils amené les premiers, d’orient en Europe, l’éventail, la canne, le thé (...) le portugais est aussi l’inventeur de la traite des noirs d’Afrique. (...) Cette traite des noirs permit aussi de réaliser au Brésil la première colonie agricole de type moderne. Enfin, n’oublions pas (mais ici le Portugal ne fait que reprendre sa place dans le concert des nations civilisatrices) qu’en japonais le mot *mankabassam*, qui désigne la syphilis, veut dire : « la maladie du portugais ».” (1957 Fr G)

“La vraie splendeur du Portugal remonte à cette extraordinaire période aventureuse au XV^e siècle, qui vit la petite nation lancer ses marins à la recherche de nouvelles routes, de nouvelles mers et de mondes nouveaux. Leurs navires revenaient chargés d’or, d’esclaves, de soieries et d’épices. Lisbonne devint grand marché européen et surpassa Venise et Gênes, ses rivales. L’on y échangeait les lainages écossais la dentelle flamande, les tapisseries allemandes, les émaux de Tolède, les cristaux de Bohême, les bijoux et le poivre des Iles. La rue Neuve des Marchands où se traitaient les affaires ressemblait à des souks grouillants de monde.” (1963 Fr G)

“Lisbon attained the zenith of her glory after the Discoveries, in the time of King Manuel I. Her naval triumphs were cast in stone – in the Manueline style of twisted ropes and anchors, themes of the sea, which carried back the wealth of the Indies and Americas. Lisbon was then the wealthy aristocrat of Europe, rich and elegant, her hills peppered with churches and palaces, porticoes and promenades. Her river carried caravels bustling back and forth for more gold, more spices, more silks.” (1971 Uk G)

La ville connut son heure de gloire au XVe siècle, en grande partie grâce au prince Henrique. Les épices de l’orient vinrent s’ajouter aux trésors de l’Afrique, et Lisbonne devint la capitale prospère d’un vaste empire pourvoyeur d’infinies richesses pour ses dirigeants et sa noblesse. La ville attirait des marchands venus échanger or, épices, soies et pierres précieuses. Sous D. Manuel 1^{er} se développa l’extravagant style architectural baptisé plus tard style manuélín reflet de la prospérité de la ville, place commerciale la plus riche du monde à l’époque. (2001 Fr Uk G)

O interesse destacado por dois acontecimentos históricos de Lisboa - O Cerco de Lisboa e o Terramoto de 1755 - foi relativamente recorrente até à primeira metade do século XX e o Terramoto de 1755 (acontecimento que durou “*Six secondes*”¹⁸⁷ ; 1904 Fr G: 430-431) é uma “marca” da história de Lisboa incontornável. Independentemente de ambos os factos terem uma grande importância para a história da cidade, a sua recorrência nos guias, ressaltando que a importância do Cerco diminuiu nos guias publicados a partir da década de 70 de XX, é nossa hipótese que ambos os acontecimentos também fazem parte da história comum das duas nacionalidades, em lugares de importância e relação de poder diferentes, e talvez não seja estranha a existência de um texto original inglês do Cerco de Lisboa - A Crónica de Osberno – bem como, no caso do Terramoto de 1755, este ter sido alvo de um grande debate público em França, de que o *Candide* ou *l’optimisme* (1759) de Voltaire é um exemplo.

Consideramos que, em parte, essas fontes escritas divulgadas em ambos os países, Inglaterra e França, o primeiro no século XIX e o segundo no século XVIII e XIX, se tornaram conhecimento relativamente corrente, e de referência identificável para leitores ingênuos estrangeiros, os turistas.

¹⁸⁷ Imagem que perdurou na descrição do terramoto ao longo do *corpus*.

No guia editado em 1950 Portugal, *Gateway to Greatness* de W.J. Barnes (1950 Uk M) para além da longa citação do texto clássico inglês, o guionista coloca-se como um “moderno Osberno”, uma nova testemunha a descrever, por sua vez, a Lisboa visitada.

A Crónica de Osberno é um dos poucos textos escritos sobre o Cerco de Lisboa, de autoria dum Cruzado inglês, que participou no acontecimento, um testemunho, um ponto de vista inglês. Este texto foi descoberto na Biblioteca do Colégio do Corpo de Cristo, na Universidade de Cambridge, fazendo parte do arquivo histórico inglês e foi divulgada (publicada) em Inglaterra em 1856, tendo sido Alexandre Herculano o consultor português. Constituiu-se a partir de então num dos textos fonte para a história da cidade de Lisboa. Publicado em Portugal, em latim, primeiro no *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptorum*, em 1856, com notas de A. Herculano e em fins de XIX por Júlio Castilho (1884). Em 1935¹⁸⁸ em Portugal, e em 1936¹⁸⁹ em Inglaterra, foram publicadas traduções para português e inglês respectivamente, tornando-a acessível aos curiosos da história.

Aquele documento foi considerado como uma fonte importante para o conhecimento histórico da Segunda Cruzada (1145-1149) europeia, que colocou a “Reconquista” de Lisboa, como um interesse estratégico para uma nova rota atlântica de acesso a Jerusalém, na expansão do Cristianismo; argumento de Jonathan Philips, *The Second Crusade*, 2007¹⁹⁰. Vieira da Silva, responsável pela sua publicação em 1935, reforçou a importância desse facto para a história de Lisboa, num tempo histórico de reconfiguração simbólica de Lisboa como capital imperial: “a ampla difusão desse facto, porque Lisboa era considerada uma praça marítima importante, cuja conquista serviu para travar o avanço ou o progresso da civilização moura na Península Ibérica, que constituía uma ameaça para esses outros países de outra civilização.” (V. Silva, 1935: 12, 18)

A Lisboa do Cerco era uma Lisboa de interesse europeu, integrada nas redes de cidades da época, um lugar de intersecção de diferentes rotas de pessoas, culturas e comércios.

No caso do Terramoto de 1755, este ocorreu num momento em que Lisboa era a 4ª cidade maior da Europa; Londres, Paris e Nápoles eram as cidades rivais. Como refere Gregory Quenet: “Lisboa já não se encontrava no centro do espaço europeu, nem como força militar, nem como potência política, ou apresentava algum incremento industrial, mas

¹⁸⁸ A tradução foi de José Augusto de Oliveira.

¹⁸⁹ A tradução foi de C. Wendell David.

¹⁹⁰ Jonathan Philips, *The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom*, Yale University Press, 2007.

continuava a ser uma praça comercial de primeira instância e amplamente dominada por estrangeiros. É esta a mesma ideia que é dada nos guias ingleses editados na primeira metade do século XX. Lisboa era o 3º porto europeu, depois de Londres e Amesterdão, e uma das principais metrópoles da Catolicidade, todos os estados europeus detinham um embaixador em Lisboa. Esta cidade era, até ao dia anterior ao do Terramoto de 1755, uma capital de prestígio, revestida de uma certa imagem de império colonial.” (in Braun and Randner, 2005:127)

Por outro lado, a Europa do Norte, em 1755, encontrava-se em pleno movimento Iluminista, em que, entre outras dimensões, se debatia a importância do espírito científico em detrimento da Providência (divina). O *Candide ou l’optimisme*, de Voltaire, editado em 1759, a narrativa de uma viagem a Lisboa, durante o terramoto, debate essa dimensão. O acontecimento tornou-se marcante justamente porque foi analisado por um *Enciclopedista*. É neste período que se define a clivagem *Spain and Portugal*, Lisboa e Madrid, (Norte – Sul) lugares onde ocorria a Inquisição, os autos-de-fé. Imagem recorrente de Lisboa, e sobretudo dos portugueses, nos guias, desde o século XIX e que de certa forma só desaparece nas edições do último período-ciclo, na década de 90 do século XX. Mas simultaneamente o binómio Espanha-Portugal correspondia também a um modo de visão sobre os dois países do sul, da Península Ibérica, formulado nos meios cultos franceses durante o século XVIII. Como refere Lydia Velásquez: “En effet depuis Mme d’Aulnoy jusqu’à l’Encyclopédie méthodique (et son entrée polémique Espagne) ou le Voyage de Figaro en Espagne de Fleuriot de Langle, en passant par Montesquieu et Voltaire et tout une littérature de fiction et de voyages du dernier tiers du siècle [XVIII], les philosophes et les écrivains semblent d’accord pour donner une image globalisante de l’espagnol et du portugais. (...) Portugais et espagnoles sont des représentants de nations opposées par tradition aux Lumières, comme le montrent les nombreux et atroces *auto de fe* qui ont lieu en terres péninsulaires. Ce n’est pas pour rien qu’ils ont été appelés les « cafres » de l’Europe.” (in M. Delon, 1997: 424-426)

Como referem Theodore E D. Braun and John B. Radner Lisboa foi “a watershed event, separating modern from older ways of reacting to disasters and interpreting natural events from a scientific rather than a theological viewpoint.” (Braun and Randner 2005:3). O dinamismo racionalista autoritário de Pombal na reconstrução de Lisboa foi amplamente realçado nas NH de todos os guias. Lisboa, Terramoto de 1755, o primeiro desastre moderno, como enuncia Russell R. Dynes: “o primeiro a evocar a necessidade de uma

resposta coordenada de intervenção urgente do Estado, ao mesmo tempo numa perspectiva de projecção futura; mudou a escala para pensar a cidade e um esforço reconstrutivo que incluía tentativas para reduzir o impacto de futuros desastres¹⁹¹. (Braun and Randner, 2005: 34-39).

E, ao mesmo tempo que era tema de debate nos círculos da *Encyclopedie*, foi também um desastre amplamente divulgado na imprensa pública da altura, de divulgação mais ampla, até se desenvolver como um género narrativo. As múltiplas descrições do Terramoto de Lisboa, fenómeno que proliferou na vizinha Espanha e na Europa do Norte, mais ou menos fantasistas, resultaram da procura dessa literatura. O assunto do Terramoto de Lisboa acompanhou o incremento da informação jornalística, da curiosidade pelo relato do testemunho vivencial, em detrimento dos modelos narrativos da Antiguidade ou de retórica religiosa, relatos de acontecimentos surgidos nas Gazetas e nas Correspondências. (Braun and Randner 2005: 131-135) O Terramoto de Lisboa de 1755 foi um acontecimento internacional pela sua escala de divulgação, usado como metáfora-baliza da racionalidade moderna que irrompia na viragem do século XVIII e por fim facto inaugurador de um novo género literário, participando na cristalização de uma imagem de Lisboa.

Como referimos, a cadência narrativa das histórias das cidades nos guias turísticos padrão (Baedeker, Guides Bleus) na viragem do século XIX foi marcada por períodos de auge, em que a cidade atingia um expoente máximo à escala mundo (da história ocidental), estabelecendo no caso da cidade de Lisboa (ou Roma) períodos de declínio e abertura de um horizonte de possibilidades futuras.

Lisboa, de acordo com as diversas narrativas, após 1580 declinou o seu lugar central na rede de cidades. Estabelecem-se causas e protagonistas para explicar o declínio. No *corpus* de análise para a cidade de Lisboa o fim da narrativa, seja nos guias de fins de XIX ou os guias do fim do século XX, acompanha-se da promessa de um futuro novo Zenith. Este foi uma constante, com diferenças, de acordo com as conjunturas sócio-históricas e a acumulação de passado que Lisboa foi tendo até aos guias editados em 90 de XX. Ou seja, depois do Zenith de Lisboa nos séculos XV e XVI espera-se que Lisboa ressurgisse novamente.

¹⁹¹ Embora não tenha argumentos sólidos, julgo que C. Wren na reconstrução de Londres se preocupou igualmente com um novo modelo construtivo que prevenisse desastres como o Incêndio em Londres 1666, nomeadamente o uso do tijolo na construção.

Ao longo do *corpus*, depois do *Zénite* de Lisboa no reinado de D. Manuel I, da Lisboa de D. João V, da Lisboa moderna e racional surgida da Reconstrução Pombalina, ressurgem os novos apogeu na Lisboa em 1940 e por fim a Lisboa da Exposição Mundial de 1998, embora aqui o tempo de apogeu se reduzisse aos meses em que decorreu a Exposição, porém foi um acontecimento (espectáculo) que a catapultou como cidade de interesse turístico.

A Lisboa de D. João V foi narrada por muitos guias como um período de novo relevo da cidade, este momento zenital de Lisboa acumula o valor do “fascínio do ouro”.

Mas nessa Lisboa pré Terramoto são introduzidas as clivagens do Norte Anglicano, protestante e de racionalidade comercial e o Sul da Contra-Reforma, da Inquisição. Embora nas NH dos guias a fantasia e o anacronismo tendam a infiltrar-se, o que importa reter é o facto de narrarem esse período zenital de Lisboa com uma atitude crítica, pois existiam aspectos da cidade que não deveriam subsistir nos tempos “esclarecidos” de então. Esta clivagem já se encontrava presente nos guias de edição portuguesa. “Lisbon under the reign of D. João V, a city of oriental beauty and indescribable squalor, marble-panelled buildings, churches and convents, gold and jewelled ornaments, friars and priests, negro slaves, wayside shrines¹⁹² and crucifixes, phenomenal wealth, abject poverty, crime, disease, dark superstition, and intense piety. He spent recklessly but not always unwisely. His weaknesses were brought out by “the grandiose taste of the time and by an unwise imitation of the Roi Soleil. He wished to be the Portuguese Louis XIV. He acted generally with a magnificence befitting a lord of all Europe, or at least of all the possessions in the East that had once been Portugal’s. His whims were devotional as well as personal, and their effect was not only to immobilise capital that should have been expended in other directions but to establish within the State a non-productive industry which placed the Crown almost entirely in the power of the Church.” (1950 Uk M)

“1707 : Jean V, le roi du diamant. Il couvra ses maitresses et les couvents de ses maitresses de diamants brésiliens, et fera construire Mafra pour égaler l’Escorial.” (1957 Fr G)

O novo momento de *Zénite*, corresponde à reconversão de Lisboa no pós-terramoto e à racionalidade e princípios liberais com que Pombal planificou e dirigiu a reconstrução da

¹⁹² Lugares de culto.

cidade. O valor de zénite que as NH nos guias salientam deve-se, até aos guias editados nos anos 80, aos princípios de racionalidade presentes na planificação e à construção seriada, após o que se salienta a antecipação desse modo de ordenamento urbano no plano europeu, a exemplaridade do modelo pombalino.

É um momento menos vezes referido porque a escala da reconstrução pombalina, a Baixa, foi muito pequena, quer em relação à escala da própria cidade de Lisboa, no decurso do seu crescimento e metropolitização durante o século XX, quer, comparativamente, com a escala das novas urbanizações nas metrópoles como a Paris de Haussmann, em meados de XIX.

“Lisbon owes her rebirth after the great catastrophe, not only structurally, but in political, commercial, social and religious issues, to the great statesman Marquez de Pombal. There are those who state that the man was useful to his country as the earthquake was for Lisbon, inasmuch as the violent methods of both were productive of happy results.” (1907 Uk G)

“Pombal, l’un des responsables des révolutions liberales du début du XIX siècle, abolit l’esclavage, reforma les règles du commerce international et reconstruisit le systeme éducatif en s’inspirant du rationalisme des Lumières. Mais son légat le plus important reste sans doute la reconstruction de Lisbonne. Les plus grands architectes de l’époque se virent confier la tache de dessiner les plans d’une cité à la fois rationnelle et esthétique.” (1991 Fr Uk G Gallimard)

O terceiro momento de *Zénite*, a Lisboa dos Refugiados e da Exposição do Mundo Português, 1940.

Este *Zénite* assinalado pelo pequeno grupo de guias, com carácter de monografia, editados entre 40 e 60 de XX, possui o valor de um brilho estranho na Europa escura em guerra. Foi um momento zenital para os refugiados europeus, que conseguiram chegar a Lisboa para dela sair, onde por momentos permaneceram alguns intelectuais europeus que marcaram, com os seus testemunhos escritos, este período da cidade. E ironicamente¹⁹³, terá sido, eventualmente, o tempo de reconhecimento estrangeiro da “capital do Império” com que o Estado Novo quis configurar em obra e acontecimentos mediáticos, como a Exposição de 1940, Lisboa, a cidade metáfora da nova ordem política.

¹⁹³ Ironicamente, na medida em que a imagem da cidade nestes guias reflecte a pobreza e o atraso, mais do que a admiração. Só o Estoril representava uma abertura de modernidade.

“In 1940 another Duke of Kent was in Portugal, representing Great Britain at an exhibition held to commemorate the foundation of Portugal (...) Germany, France, Italy and other nations were also represented. Business in the capital was brisk if not as usual. Fewer boats were putting into the river, but some business was being done. But, paradoxically, while the rest of Europe was being plunged into darkness, and the lights of its cities were being put out one by one, the Portuguese people were giving themselves up to pageantry. Lisbon, for the second time¹⁹⁴ in its history, became a gateway to occupied Europe and a way out of it.” (1950 Uk M)

“La place [Rossio] est pleine. Ça et là vous apercevez des têtes que vous connaissez à Paris, Vienne Berlin, dont les unes vous sourient sans s’approcher et les autres vous dévisagent impassibles comme si elles croyaient à votre sosie, comme si elles préféraient croire en ce monde de déception aux sosies d’amis, des ennemis, des indifférents plutôt qu’aux amis ou aux ennemis eux-mêmes. Tous ceux qui administraient l’Europe, qui dirigeaient ses usines, ou qui écrivaient ses tragédies, des peintres, se donnent à cette passion qui est maintenant leur seul métier, retrouver dans la ville tous les menus trésors de la vie disparue : une pelote de soie, un ouvrage de Proust, du papier glacé, du carbone pour les dents... et tout se trouve ici. Une générosité sans bornes anime les magasins.” (1958 Fr M)

“La guerre en fit l’un des carrefours du monde. Pays neutre, situé à l’extrême limite d’une Europe agitée, le Portugal devint le refuge et le lieu de rencontres de tous les pays. Les deux mondes en guerre y trouvèrent un point de contact. Comme au glorieux XVe siècle, Lisbonne vit arriver une foule d’étrangers et devint un centre mondial du commerce. Elle sortit alors du lourd sommeil dans lequel elle était longtemps restée plongée.” (1963 Fr G)

8.5 - O fim das narrativas, uma promessa de futuro Zénite

Como já foi dito, o fim das narrativas aponta para uma melhoria da cidade, a promessa de um *Zénite* futuro. Os guias turísticos não se limitaram só a apresentar a Lisboa do Passado (a narrativa histórica da cidade), a Lisboa presente a visitar, mas igualmente as ideias em projecto para a cidade, a cidade futura.

A cidade do “milhão de habitantes” foi a síntese dos guias de autoria portuguesa editados no período que identificámos como o ciclo de suburbanização da cidade (1950-1991). Essa

¹⁹⁴ O guionista considerou que o papel de Lisboa durante as Invasões Napoleónicas foi fundamental para a derrota do desejo imperial de Napoleão.

imagem repete-se nos guias estrangeiros a partir do mesmo período. Poderia dizer-se que a cidade de “*n* milhões de habitantes” serve como metáfora para a identificação da Metrópole, lembrando que Londres era apresentada nos guias do início de XX como a metrópole com 4 milhões de habitantes.

A promessa de futuro com que terminam as NH após 1974 foi com frequência o desejo da entrada da cidade e do país depois de 1974 na democracia “*veritable*”.

Os Guides Bleus, na edição de 1890, fala da cidade futura numa pequena entrada, Les travaux de Lisbonne, anunciando as “obras” que iriam “modernizar” a cidade, parte delas presente no artigo de referência acerca das intenções da cidade (republicana) de Fialho de Almeida, Lisboa Monumental, publicado em 1906. Na cidade futura de Lisboa enumeram-se as obras do porto de Lisboa, a nova estação ferroviária do Rossio, inaugurada justamente nesse ano, a ponte sobre o Tejo que ligaria Alcântara a Almada, mas também projectos nunca concretizados como a passagem aérea de ligação entre o jardim (miradouro) de S. Pedro de Alcântara e o jardim do Campo Mártires da Pátria (Campo Santana).

O guia Lisbon and Cintra (1907 Uk G), elaborado pelo casal Inchbold, alude igualmente essa ideia de cidade futura, citando directamente o artigo de Fialho de Almeida: “At the end of Avenida [Liberdade] is the Praça Marquês de Pombal, “ made for the heart of new Lisboa, the Lisbon of the co-operative and collectivist period in which those associations aspired, though lacking the power, to establish a prerogative of justice. This Praça ought to be the socialistic Terreiro do Paço of a socialist Lisbon”, daringly writes Fialho d’Almeida, “ the appropriate heart of the new civic life as the other was of the bureaucratic” (1907 Uk G : 39)

“Since the end of the period of revolutions, which lasted till about the middle of the century, Lisbon has again risen to be a great and handsome city.” (1913 Uk G)

G. Reval, no guia monografia de 1934, fala igualmente na cidade futura, a nova cidade em construção pela governação de Duarte Pacheco, a “cidade imperial”, do regime do Estado Novo, para a qual apresenta um testemunho do sentido de mudança: “la prodigieuse activité de la ville et du pays qui offre partout l’image du travail et du progrès. L’introduction et le développement des sports prépare une jeunesse nouvelle; la mise en valeur des trésors artistiques permet juger le Portugal; un réseau de routes neuves, larges, goudronnées, remplaçant les fondrières d’autrefois, en six ans a parcouru plus de chemin dans la voie du progrès que en un siècle.” (1934 Fr GM: 76)

“Portugal has played a great and useful part in the world war, and her centuries-old friendship for England has been of great value to us. Her many friends look forward and hope that her future will be as great as her past. Long may she be the land of beauty, promise and pleasure to the tired citizens of less happy countries.” (1945 Uk GM)

Mas também do futuro do país e da cidade através de um olhar crítico perante a ditadura, como escreveu F. Villier (Chris Marker) no guia de 1957 Fr G: “Le danger pour toute dictature, même sans portrait sur les murs, c’est qu’un homme vieillisse sans contradiction, en s’habituant à être obéi passivement, sans former à l’intérieur d’un système qui est un retour au régime patriarcal, la seule sauvegarde de la continuité patriarcale : un héritier, ou même des successeurs. Le plus grand génie, même s’il est quelque peu providentiel atteint rarement cent ans. Dans un discours officiel [Craveiro Lopes] on lit: après l’ère de Salazar qui est prudence et prévision, viendra une époque de grandeur qui ... Terminons la phrase: qui permettra au Portugal par exemple de ne plus avoir des chômeurs, de payer ses ouvriers et ses professeurs, d’exploiter ses richesses naturelles, et de ne pas gâcher jusqu’à ses malchances.” (1957 Fr GM: 178)

“Then in 1974 the armed forces overthrew the dictatorship in the dramatic “red carnation” revolution. Portugal disengaged from its seething African possessions and turned to healing its wounds and learning again how to live in a democracy.” (1979 Uk G)

“L’Expo 98, sur le thème des océans, a confirmé le retour de la ville sur la scène internationale et a donné le ton pour le nouveau millénaire. A nouveau fière de son passé, jouissant d’une vie urbaine redynamisée et animée, porteuse d’importants projets d’infrastructures (notamment avec un nouveau aéroport qui devrait ouvrir en 2010), Lisbonne regarde avec confiance son avenir fermement ancré dans l’Europe.” (2001 Fr G)

Em síntese, a memória histórica transmitida nos guias turísticos empresta à cidade um valor salvífico. Rememora o(s) auge(s) passado(s), para que o turista possa experienciar a “nobreza” de um lugar como Belém, por exemplo, apela ao passado histórico comum para que o visitante se possa orientar, posicionando-se num lugar de preeminência, mas também de gratidão, a Lisboa neutral dos anos 40 foi lembrada como lugar de acolhimento.

As narrativas reforçam, por fim, os valores que definem a cidade moderna — concentração de poder económico, poder político, poder económico; concentração de património artístico antigo e contemporâneo (a importância de edifícios de arquitectos consagrados ou *skyscrapers*); centralidade de inovação tecnológica e artística, cosmopolitismo e ocorrência de espectáculos mediáticos.

Ao longo do arco temporal Lisboa mereceu uma possibilidade de revitalização futura, acentuando ingenuamente a sua menorização presente ou o seu olhar crítico, durante o regime salazarista.

We carry around with us a *musée imaginaire* in our minds, drawn from experience (often touristic) of other places, and knowledge culled from films, television, exhibitions, travel brochures, popular magazines, etc. It is inevitable ... that all these get run together (Harvey 1990, 87;cf Jencks 1984)¹⁹⁵

9 - A cidade visitada, o território turístico de Lisboa

Entre fins de XIX e a actualidade a cidade de Lisboa cresceu no plano da ocupação territorial. Os limites fixados em 1885 (corrigidos em 1895) definiram o território da cidade nos seus limites concelhios actuais. Contudo, à entrada do século XX a densidade de ocupação era pequena, não ultrapassava a antiga Estrada da Circunvalação¹⁹⁶ a Norte, estendendo-se a Sul, entre a zona do convento Madre Deus e Belém, uma faixa de ocupação relativamente densa, nomeadamente com bairros operários e unidades fabris, a Este, entre o Beato–Xabregas, e a Oeste, na proximidade de Alcântara-Belém. O eixo de crescimento urbano para Norte do plano de Ressano Garcia — avenidas da Liberdade, Fontes Pereira e Melo e da República — pouco mais tinha desenvolvido que os dois bairros situados a oeste (Bº Barata Salgueiro) e a este (Bº Camões) da avenida da Liberdade.

A reforma administrativa de 1959, que alterou os limites e a composição das freguesias, é um indicador do crescimento urbano que entretanto ocorreu na cidade, nesse decénio nos limites concelhios residiam 801.155 (INE 1960), o máximo de efectivo populacional da cidade no século XX, exceptuando a década de 80 que por razões extraordinárias, o regresso dos portugueses das ex-colónias, teve um efectivo superior, 809.665 residentes recenseados (INE 1981). A nova reforma de 2012, que incluiu a nova zona urbana do Parque das Nações na cidade, sintetiza o quadro territorial actual de Lisboa, tendo-se definido um contínuo de ocupação metropolitana a norte e a sul do rio Tejo.

Até fins de 40 do século XX os visitantes e turistas, viajando em vapores e paquetes, desembarcavam no porto de Lisboa, nas docas marítimas de Alcântara, Santos, Cais do Sodré e Alfândega¹⁹⁷. Desembarcavam, vindos de comboio, em St. Apolónia entre 1865 e

¹⁹⁵ Citado em A. Fletchall, C. Lukinbeal, K. McHugh, Place Television and the Real Orange County, 2012, http://www.beck-shop.de/fachbuch/leseprobe/9783515101189_Excerpt_001.pdf

¹⁹⁶ Esta Estrada correspondia aos actuais troços da Rua Maria Pia, Avenida Duque d'Ávila e Rua Morais Soares, uma área que no Plano Estratégico de 1992 (e PDM 1994) correspondia à Área Histórica Central de Lisboa.

¹⁹⁷ O porto de Lisboa foi objecto de obras de requaificação entre 1887 e 1942, ano em que foi inaugurada a gare marítima de Alcântara, Fontes: Guia de Lisboa e Arredores, BN Raul Proença, 1924; 4ª ed. 2006 e A. Barata, 2009.

1890, ano em que a estação central passou a ser o Rossio, até aos finais da década de 40 de XX. Em 1942 surgiram os dois aeroportos, da Portela e de Cabo Ruivo¹⁹⁸, este último desactivado em fins dos anos 50 de XX. Nos anos 50 de XX a chegada a Lisboa faz-se a partir do aeroporto da Portela, da estação de Santa Apolónia e pela rede de estradas. A ponte Salazar / 25 de Abril sobre o Tejo, inaugurada em 1966, favoreceu as visitas aos “Arredores”, na margem sul. No fim do século muitos turistas começam a sua visita em Lisboa a partir da estação do Oriente, ou atravessavam a ponte Vasco da Gama.

A “porta de entrada” em Lisboa marcou as primeiras impressões da cidade. A chegada ao Rossio, ou o desembarque na Praça do Comércio foram a experiência marcante dos turistas no século XIX e se prolongou até à primeira metade de XX, entrando não pela “porta das traseiras” (1901 Uk GM), mas no centro nevrálgico da cidade. Durante os anos 50, 60 e 70 de XX uma parte considerável de turistas ainda chegava de comboio, com o terminal em Santa Apolónia. Algumas descrições de guias desse período dão conta de uma imagem negativa dessa “porta de entrada” (1960 Uk M). No entanto, apesar de se ter tornado menos frequente a entrada pelo rio, é esta que mais vezes é repetida no *corpus*, ela permaneceu como um dos principais clichés na literatura turística sobre Lisboa, replicada através das viagens nos cacilheiros e posteriores ofertas turísticas sugeridas pela cidade.

Os guias editados, sobretudo nos dois primeiros ciclos histórico-urbanísticos, descreviam Lisboa como uma cidade grande em extensão, mas pouco ocupada: “Bien que Lisbonne soit une des plus grandes villes de l’Europe par son étendue, elle est loin d’avoir une population proportionnée à l’espace qu’elle occupe. Elle compte à peine 300 000 âmes. (...) Quand on sort des quartiers animés du Rocio et du Chiado, on est frappé de l’aspect désert de Lisbonne. A la ville haute, l’herbe croit dans les rues.” (1881 Fr G : 186)

“The plan of the town is for the most part irregular and hilly (...) for the purposes of the visitor Lisbon may be said to occupy two groups of hills and the broad valley, running N. to S. which separates them. In this valley lies the regularly planned Cidade Baixa, with most of the chief hotels and cafés, the government offices, and many good shops; on the E. are the steep and tortuous alleys of the old town, with the Cathedral and the slums of Mouraria and Alfama; while to the W. are the fashionable shopping streets, with newer residential quarters beyond to the N. and W. (Chiado - Príncipe Real). A long line of quays

¹⁹⁸ É interessante ver o desembarque de passageiros em 1943 no Aeroporto de Caibo Ruivo, http://resources.ushmm.org/film/display/main.php?file_num=1803

descending the shore of the Tagus leads to the commercial harbour and the suburbs of Alcantara and Belém.” (1929 Uk G: 197)

O seu crescimento pouco alterou os limites da cidade recomendada no decurso do século. Pode dizer-se que, entre os fins de XIX e o fim do século XX, a cidade de Lisboa turística, que emerge dos guias de edição estrangeira, corresponde um pouco à mesma cidade. No decurso de um século, apesar da alteração profunda da paisagem urbana de Lisboa, os lugares nomeados nos guias turísticos concentram-se entre o centro histórico, especificamente a Baixa-Chiado, os bairros históricos da Colina do Castelo, Alfama em primeiro lugar, a Avenida da Liberdade, Belém-Ajuda e *The street of the Tagus*, a zona ribeirinha de Lisboa. A cidade nova referida, que inclui a área territorial das Avenidas Novas, estacou junto do Museu da Fundação Gulbenkian. A cidade nova promovida pelo Estado Novo, o eixo Roma-Areeiro, pontuada pela Alameda e a sua fonte monumental não fixou referências particulares, nem no plano das “compras” (o shopping), uma categoria turística assinalada nos guias a partir dos anos sessenta, como aconteceu com o Centro Comercial das Amoreiras, nos anos 80, incluído na categoria de arquitectura espectáculo e lugar de compras.

E. Brito Henriques (1996) concluiu, no seu estudo, que os padrões geográficos de interesse turístico definidos no século XIX e os da década de 90 de XX, o arco temporal¹⁹⁹ por ele analisado, mostram em traços gerais grandes semelhanças. (E.B. Henriques, 1996:107)

Numa breve síntese enunciando os principais pontos recomendados pelos guias, podemos avançar que o ciclo da Regeneração acrescentou a Avenida da Liberdade, o *boulevard* de Lisboa, o Aquário Vasco da Gama, o Jardim Zoológico, o Museu Nacional de Arte Antiga, o sistema de ascensores e a rede de eléctricos, que serviram desde cedo os principais elementos monumentais de Lisboa, do convento Madre de Deus a Belém, tendo o eléctrico 28 e o elevador de Santa Justa chegado ao fim do século XX como *ikones* turísticos da cidade.

O ciclo Republicano classificou como “monumento nacional” os principais elementos patrimoniais de visita, como a Torre de Belém, os Jerónimos, o Aqueduto, o castelo de S. Jorge, o Panteão Nacional ou as igrejas de S. Roque e Madre Deus, entre outros, acrescentou o Museu Nacional de Arte Contemporânea, o Museu da Cidade, criou a Estufa Fria e promoveu os melhoramentos da praça do Cais do Sodré e respectiva estação ferroviária.

¹⁹⁹ E. Henriques analisou guias turísticos, portugueses e estrangeiros, editados no período de 1863 a 1895 e de 1989 a 1993.

O Estado Novo escolheu Belém, Alfama e o Castelo de S.Jorge como os territórios privilegiados aos quais acrescentou novos símbolos de usufruto turístico, consolidou o Museu dos Coches, criou o Museu de Arte Popular, o Museu da Marinha e o Padrão dos Descobrimentos, o Planetário, em Belém, consagrou Alfama como o bairro símbolo de Lisboa, reinventou o castelo de S. Jorge e edificou a moderna Igreja de N. S. Fátima.

No ciclo democrático, ainda durante o ciclo de suburbanização de Lisboa, voltou a ser Belém o lugar escolhido para aí instalar a nova imagem símbolo da Democracia, o Centro Cultural de Belém, a consolidação do Museu Nacional dos Azulejos, e já nos anos 90, no ciclo da Reconfiguração de Capitalidade, para além da reabilitação urbana de Castelo-Alfama, deu-se uma reconversão urbanística da zona ribeirinha, tornando uma parte dela (Docas de Alcântara, por exemplo) uma nova zona de lazer e, motivado pela realização da Exposição Internacional de 1998, junto da zona oriental, introduziu um novo território de usufruto turístico dentro da cidade, o Parque das Nações e o Oceanário.

9.1 - Organização da apresentação cidade nos guias turísticos

P. Saunier chama a atenção para o facto de que “nos guias turísticos se encontram dois imperativos que dizem respeito à cidade na sua história e materialidade: a vontade de descrição da cidade e a necessidade de apresentar uma imagem organizada daquela, de modo a que, tendo em conta um determinado tempo (um fim de semana, uma semana,), o visitante possa contemplar tudo o que é digno de ser visto”, as “curiosidades”, os principais atractivos”, um todo da cidade.” (P. Saunier; 1993:1)

Em termos gerais, no arco temporal do *corpus* em análise a apresentação da cidade desdobra-se em Lisboa e Belém (associada à Ajuda, nos guias editados em fins de XIX e início de XX) e os seus “arredores”, que se estendem entre a margem norte e a margem sul do Tejo, os sítios pitoresco que se ajustavam aos gostos turísticos daquele período.

Os guias Bradshaw e Murray organizaram a apresentação da cidade a partir de um conjunto de itens de interesse turístico. Como dissemos, em sede dos gostos turísticos, destacavam âmbitos de interesse histórico patrimonial — museus, igrejas e palácios — âmbitos de modernização e “avanço tecnológico” — hospitais, outras instituições assistenciais, academias científicas, a nova Penitenciária e cemitérios — e de paisagem e vivência urbana — praças, *public squares*, jardins, passeios públicos, teatros e cafés.

Este modo de apresentação é repetido para muitas edições do *corpus*²⁰⁰, tendo desaparecido os itens associados aos aspectos de modernização e desenvolvimento industrial e técnico-científico a partir do guia 1936 Uk GM.

Os Guides Bleus e Baedeker organizavam a apresentação de Lisboa a partir da sua divisão em áreas urbanas.

No conjunto dos Guides Bleus entre 1886 e 1989 a apresentação da cidade de Lisboa estabeleceu-se em três momentos. Nos guias mais antigos (1886-1890) a descrição da cidade é curta e surge em texto sequencial, salientando os principais interesses turísticos de carácter histórico patrimonial, como os acima citados. Essa mesma descrição é mais aprofundada a partir do guia de 1900, mas neste e nos seguintes, a cidade é dividida em bairros, identificados geograficamente, tendo como centro geográfico a Baixa Pombalina (*Quartier du Centre*), seguindo-se os *Quartier Nord*, *Quartier Nord-Ouest*, *Quartier Est*, e

²⁰⁰ Nomeadamente os guias de 1871 Ep G P, 1905 Uk G, 1906 Ep G, 1924 Ep G, 1936 Uk GM, 1949 Uk GM, 1955 Uk, 1956 Uk GM, 1965 TO Uk G, 1965 YG Uk G, 1966 Uk GM, 1971 USA G, 1972 Uk GM, 1972 Uk G, 1995 Fr G.

por fim *Belém-Ajuda*, descrito como um *faubourg*²⁰¹ de Lisboa. Na mesma medida do crescimento de Lisboa aquelas unidades territoriais vão aumentando, mas geograficamente identificadas a partir dos pontos cardeais. A edição de 1984 desagrega a cidade a partir de uma estratificação temporal — *La ville contemporaine* ou *Lisbonne pombaline et la ville ancienne*); em 1989 Lisboa é apresentada como uma sequência de pontos turístico fortes como os museus Gulbenkian e de Arte Antiga e igualmente de bairros, já consagrados turisticamente, como Alfama, Estrela e Bairro Alto.

Esta evolução acompanha o crescimento urbano da cidade e a passagem dos tecidos sócio-urbanos mais antigos a uma nomeação em estrato temporal, mas também ao destaque de bairros que conquistaram um nome simbólico e turístico na cidade. Por outro lado, esta identificação terá resultado igualmente da colaboração de Augusto França nestes últimos guias, dando-lhe a sua compreensão histórica de Lisboa à data, nomeadamente a importância que aquele historiador deu ao lugar do tecido urbano pombalino na história (ocidental) do urbanismo e de Lisboa²⁰².

Os Baedeker consultados (1898, 1908, 1915_1920) mantêm a mesma organização da cidade nas quatro edições, identificado as áreas de Lisboa a partir dos nomes com que as zonas urbanas são conhecidas na cidade. Como os Guides Bleus, a Baixa é o primeiro ponto de visita. Contudo importa realçar que esta colecção autonomiza a zona urbana Estrela-Lapa sob o nome de Buenos Ayres, uma área da cidade que só surge com mais destaque nos guias turísticos editados nos anos 90 de XX. Aquela área urbana, entendida como um “bairro”, reflecte o interesse turístico dos ingleses, dado ter sido um território de Lisboa onde, desde cedo, residiu a comunidade inglesa e aí se situar um lugar de interesse turístico para os ingleses (o cemitério Inglês na Estrela).

Um outro modelo de apresentação da cidade foi a sugestão de itinerários que no início de XX acompanhavam mais ou menos as rotas dos eléctricos e os ascensores. 1870 Ep G, 1965 Uk GG G, 1966 Uk Pt G, 1991 Fr Uk G.

²⁰¹ De acordo com Topolov o « Faus-bourg correspondia na identificação territorial francesa à « Habitation de peuple attenante les portes d'une ville. » (C. Topolov e J. Depaule, 1996 : 7/13)

²⁰² De acordo com A. Tostões, a valia urbanística do Plano Pombalino (1758) ganhou finalmente importância histórica com J. A. França a partir do seu estudo sobre Lisboa, *Une Ville des Lumières*, 1963, (A. Tostões 2008 :171)

A organização da cidade em bairros, seja a partir da sua desagregação geográfica, seja a partir dos seus estratos temporais ou, por fim, destacando bairros que foram ganhando nomação turística, como é o caso de Alfama, a Baixa, o Chiado e o Bairro Alto, foi o modo mais frequente de identificação de Lisboa, e também um movimento que acompanhou o interesse turístico da cidade (crescente no século). Relembramos que o realce dado a Alfama, como um bairro de interesse turístico, um bairro típico/pitoresco, e simultaneamente símbolo de Lisboa, foi uma aposta do programa turístico do Estado Novo, surge nos guias de 1941, *Guia Turística de Lisboa*, editado pelo município de Lisboa e de 1943, *Guia de Lisboa*, publicado pela Livraria Portugália, e desde então sempre presentes nas edições de guias portuguesas.

Importa ainda referir o modo de apresentação de Lisboa nos guias 1934 Fr GM, 1957 Fr G, 1971 Uk M, 1988 Fr M. Estes são quatro guias que expressam o olhar estrangeiro sobre Lisboa (Portugal) em três conjunturas políticas importantes: a ascensão do regime político do Estado Novo, num contexto europeu de crescimento das ideologias totalitaristas como o fascismo italiano, o nazismo alemão e o estalinismo; o período do pós-guerra e a permanência da ditadura portuguesa na Europa democrática; e, finalmente, a conjuntura democrática depois da queda do regime do Estado Novo, em 1974. Os guias de Réval (1934) e Autrement (1988) possuem uma redacção de estilo mais literário e emprestam uma velatura poética na descrição da cidade.

Enquanto Reval (1934 Fr GM) descreve uma Lisboa renovada pela obra do ditador *bon enfant*, referindo nomeadamente a considerável juventude dos governantes e as suas boas intenções, os outros dois guias (1957 Fr G e 1971 Uk M), reflectem a desconfiança e reprovação de um país e cidade em ambiente de ditadura, num ciclo de envelhecimento da elite governante, o ditador *vieillard glorieux*, realçando que o equilíbrio orçamental, factor de empatia pelo regime de Salazar nos guias editados nos anos 30 e 40, não resolveu o empobrecimento e a forte assimetria social. O guia do ciclo democrático (1988) reflecte o período de convulsão do tempo imediatamente a seguir a 1974 e as derivas da cidade, que considera ainda presa ao passado, mas a procurar um novo caminho na Europa.

L'Enchantement du Portugal de G. Réval (1934 Fr GM), cujo título já enuncia a velatura poética, fala de “la ville du regret et de la saudade ou de la vieille ville africaine”; da “la Cité du souvenir”; e “la Cité du Désir, la ville vivante” para se referir respectivamente a Alfama, ao conjunto patrimonial monumental de Lisboa, como as Igrejas e museus, que se

estendem entre o Rossio a Belém, e por fim à nova cidade em construção, desde o parque de Monsanto, à zona Alameda-Roma-Areeiro, os novos bairros operários (o Programa das Casas Económicas), as intenções urbanísticas de Duarte Pacheco que o regime se propunha implementar, configurando Lisboa como a capital do Império. Diz de Alfama:” C’est un lieu si passionné, si plein de souvenir d’héroïsme, d’exaltation, de prières, d’incantations magiques, que j’éprouvent ici quelque chose mystérieuse et d’indéfinissable, comme un poignant regret. ” (1934 Fr GM: 53-54)

Existe neste guia uma clara reificação da cidade que se ajusta ao programa promocional turístico criado pelo grupo de A. Ferro, seguindo a pauta ideológica da “Política do Espírito”, que procurou promover uma cultura de cidade anti-cidade, ao cristalizar o valor de aldeia e sociabilidades de vizinhança nos novos bairros, nomeadamente nos bairros do programa das Casas Económicas, situados nas zonas limítrofes de Lisboa.

O guia da colecção Petite Planète, **Portugal**, dedica um capítulo a Lisboa, intitulado *La comtesse aux pieds nus*²⁰³, a metáfora com que apresenta a cidade de Lisboa, acentuando o contraste entre a reputação da sua beleza paisagística e a degradação e pobreza que a atravessa. “Reine du Tage, dit-on fièrement de Lisbonne. On peut discuter du titre, duchesse, marquise ou seulement comtesse, aux pieds nus en tout cas, bien que la beauté de toutes les lisboètes réunies n’égale pas l’ombre d’Ava Gardner. Mais Lisbonne est sans doute la seule capitale du monde, maintenant que la Chine et les Indes sont chaussées, à avoir tant de pieds nus dans les rues. Cela frappe et choque même les espagnoles de passage (qui pourtant ...²⁰⁴).” (1957 Fr GM: 47-48)

A cidade turística que aí apresenta não diverge da rota turística habitual, entre o castelo de S. Jorge, Alfama, o Rossio e Belém. São sobretudo os comentários e a série de fotografias que rompem com a linguagem habitual.

O guia, **Lisbon, a portrait and a guide**, de P Swift e D. Wright, editado em 1971, apresenta a cidade a partir das impressões de estada de cada um dos autores e dos seus passeios mais espontâneas na cidade. Embora, como o guia de 1957, não se afaste muito dos itinerários turísticos, introduz novos olhares e também lugares, uma vez que viveram algum tempo na cidade, nomeadamente o capítulo *A Lisbon diary* de D. Wright. Por exemplo descrevem os

²⁰³ Título do filme de Mankiewicz, de 1954 com a actriz Ava Gardner

²⁰⁴ Escrito deste modo com as reticências, deixando-nos pensar que Espanha era igualmente pobre.

contrastes na cidade entre os novos prédios urbanos e os bairros de lata, que na década de 70 de XX se propagavam em Lisboa, nomeadamente na zona do Beato.

“Looking for Igreja Madre de Deus we found ourselves in an area occupied by recently built tower block flats. It was a desolate and depressing quarter, as all such engineered pigeonholing of communities seem to be, whether in London, Leeds or Lisbon. A dense congregation of vegetable-allotments — a rookery of tumble down wooden shacks surrounded by cabbages, maize, vines, creepers, and roses, divided one from the other by rickety fencing. We stumbled on one of the shantytowns of Lisbon.” (1971 Uk M: 52)

O guia editado pela Casa Autrement, em 1988, *Lisbonne; La Nostalgie du Futur* (1988 Fr GM) espelha um olhar poético sobre Lisboa. A cidade, apresentada sob os olhares das pessoas convidadas, condensa-se na imagem de uma cidade sonhadora, ensimesmada num passado glorioso fantasmático que projecta para um futuro glorioso, igualmente imaginário. Reflecte, repete a ideia base de E. Lourenço sobre Portugal nesse período, “a excessiva presença do passado mitificado e a incapacidade para olhar o presente e projectar o futuro, comparando-se, em diminuição, com a igualmente mítica Europa²⁰⁵”.

“Lisbonne est cette ville au passé mythique, au futur imaginaire, qui, pour retrouver sa gloire d’antan, se prend encore parfois à rêver le retour d’un roi mort il y a plus de 400 ans: la nostalgie du futur, c’est se sentiment constant d’une chronologie fantasque et bouleversée, dans la vie sociale, la politique, l’urbanisme, et bien d’autres choses encore.” (1988 Fr G; M. Chandeigne) O guia apresenta Lisboa em capítulos, entre os quais apontamentos do quotidiano da cidade, *L’inventaire quotidien* (Christian Ausher), onde fragmentos da cidade surgem numa deriva poética: Fenêtres de Lisbonne; Hiver; Carnaval; Jardins; Bestiaire; Saint Vincent, patron de Lisbonne; Le cachelot qui penetra dans le tage; Morue; Devantures; Enseignes; Café (magasins de café); Bananes; Parapluies; Escargots; Basilic; Dentifrice; Cimetières; Docteur Sousa Martins; Ascenseurs; Dona Branca, banquière du peuple; CEE.

Este guia, editado na proximidade da entrada de Portugal na Comunidade Europeia, celebra a entrada de Lisboa no grupo das cidades europeias, descrevendo-a em muitas camadas e derivas quotidianas como caso da burla bancária da Dona Branca, nos anos 80 ou a presença visual da pasta dentrífica Couto nas luzes de néon do Rossio.

²⁰⁵ Ideias presentes nos livros de E. Lourenço, *Heterodoxias I e II* (1949 e 1967), *Labirinto da Saudade* (1978) e *Nós e a Europa ou as duas Razões* (1988).

Em síntese, na organização da descrição da cidade de Lisboa os guias que começaram por descrevê-la organizando-a geograficamente, tendo como ponto central a Baixa Pombalina, incluindo em cada bairro os pontos de interesse turístico e ao longo do século passaram a destacar os lugares e bairros da cidade considerados no seu valor turístico intrínseco.

9.2 - As metáforas de cidade

Para falar de cidades, de Lisboa, a escrita guionista (turística) recorre a metáforas, faz analogias. No *corpus* encontramos algumas metáforas que nos parecem também um modo de cristalizar imagens da cidade que, através da figuração encontrada, permitem a visualização do Todo, irrepresentável, que constitui a complexidade do espaço urbano, metáforas que incluem a espessura histórica, a densidade do espaço vivido, o lugar na hierarquia das cidades do mundo e as particularidades específicas de cada uma.

A antropomorfização foi uma das imagens encontrada associando Lisboa a uma figura de mulher. Este dispositivo foi usado, nomeadamente, num guia sobre Viena, nos anos 20: "the Austrian metropolis was a 'coquettish older gentleman' who, upon meeting an attractive younger woman, tells her — 'yes, if only you could have met me 15 or 20 years ago'." (R. Koshar, 1998: 338).

Lisboa, a rainha do Tejo, uma das imagens mais vezes repetidas para sintetizar a cidade, é uma imagem oriunda dos guias editados em XIX. No *corpus* para o século XX a figura de feminização revelou Lisboa como uma mulher madura que contudo soube envelhecer bem. "Definitive impressions of Lisbon, like definitive impressions of all large cities, only settle slowly and usually in distorted retrospect. Lisbon [impressions] comes back; she lingers like a beautifully human woman ...²⁰⁶ she's been around, ... becomes more attractive with age²⁰⁷. Even the plastic changes, the attempts at rejuvenation, make her more interesting." (1972 Uk G: 31)

A sexualização da cidade, fazendo de Lisboa uma mulher madura ou "condessa de pés descalços", reenvia à ideia das cidades como organismos vivos, submetidas ao imperativo do tempo, do declínio ou da capacidade de reatualização. Lisboa foi adjectivada com

²⁰⁶ As reticências são do texto.

²⁰⁷ Em 1965 a Cityrama, empresa de turismo que fazia visitas guiadas em Lisboa, publicou um folheto guia de um circuito turístico cujo texto de introdução, de autoria de Francisco Mata, apresenta esta descrição; Cityrama Apresenta, Lisboa 1965 (HG 32041 P)

títulos aristocráticos, associados à sua importância passada que no presente do guia de 1957 se encontrava marcada pela pobreza e degradação ou rejuvenescida, graças às operações urbanísticas, em 1972.

A cidade sistema foi uma segunda figura encontrada, nesta são as vias e sistemas de circulação, analogizadas igualmente a organismos vivos, que marcam a principal impressão da cidade.

“La grande artère de Lisbonne apparaît comme l’arbre de Jessé²⁰⁸. Il s’enracine dans les eaux du Tage, s’élançant d’un triple jet par les rues pombalines. Vers la Praça do Rossio se gonfle comme un cœur tumultueux qui rythme l’ardente vie du port et de la capitale et se prolonge en un tronc magnifique par l’avenue de la Liberté pour s’épanouir en une masse énorme, lointaine, des branches innombrables, de rameaux multiformes, de jeunes pousses que le temps n’a pas encore épanouies.” (1934 Fr GM)

“A capital city, like London or Paris, is large enough to be parochial; it is a collection of villages. It is big enough to offer choice. But a provincial city like Lisbon has only one heart, whose rhythm pulses through all the large and capillary streets, with the blood becoming more and more impure at the periphery. If you don’t like the centre, you will find the circumference worse. Such cities prohibit all exploration. They offer no choice or diversity and strike the visitor with the blunt instrument of their own restricted standards.” (1960 Uk M: 30)

A cidade labirinto foi uma terceira metáfora usada para Lisboa. Esta imagem labirinto foi aplicada com predominância aos bairros de Alfama, Mouraria, mas também ao Bairro Alto, estendendo-se até à cidade. O guia monografia *Lisbonne, nostalgie du futur* (1988 Fr) foi o que mais desenvolveu essa metáfora, talvez pelo contributo de escritores. A ideia da errância na cidade, que associamos à figura do *flâneur* de Baudelaire, como a experimentação da cidade moderna, estão presentes na Lisboa cidade-labirinto. E como explica U. Eco, a metáfora do labirinto grego não é um espaço onde nos podemos perder, pois o fio de Ariadne lá está de partida para nos conduzir à saída. Em Lisboa ele vem sobre a forma da linha do rio Tejo ou a linha dos eléctricos.

“Ulysse est, dit-on, le fondateur mythique de cette ville qui veut être décrite, dès lors, comme l’espace labyrinthique des errances et des errements de l’intelligence. Lisbonne se

²⁰⁸ Refere-se às Olaias ou árvores-de-judas, frequente na ornamentação das ruas de Lisboa.

devait de faire une place importante au labyrinthe maniériste, qu'elle étale partout en ses *azulejos* et ses trottoirs. La ville-labyrinthe-alambic créé des noyaux, des centres, qui sont des points de densité où toute une vie se concentre. Ces microcosmes, elle les garde jalousement [comme la] Gare du Rossio : un de ces points denses où la ville se résume elle-même." (1988 Fr M: 121-126)

O "efeito matrioska", "a series of ever-receding levels", é a última metáfora usada nos guias para falar de Lisboa. Aqui a cidade nunca se constitui como uma entidade imediatamente dizível e contudo procura-se destacar o mínimo indivisível, a peça de lego que permite reconstruir o conjunto. A grande escala da metrópole inclui a diversidade, do mesmo modo que a sua longa existência no tempo histórico deixa acumular sedimentos, estratos. A cidade de bairros, hoje uma ideia chave para Lisboa da planificação estratégica, ou a Lisboa dos bairros-aldeia, imagem veiculada durante o Estado Novo, surgem com recorrência para a metaforizar turisticamente Lisboa. O bairro seria o mínimo indivisível de que se compõem a cidade de Lisboa, pelo menos.

"Trois villes (l'ancienne cité maure, le centre et l'antique Baixa et le quartier de Cascais, la ville moderne) dont la population, toujours plus dense, déborde sur la campagne, non pas en banlieue, mais en agglomérations villageoises, en oasis d'habitations, créées en rase campagne dans les creux d'un vallon ou sur le flanc d'une colline." (1947 Sz M)

"C'est que Lisbonne plutôt qu'une ville est faite d'une réunion de bourgades, de villages, de quartiers." (1957 Fr GM: 38)

"It was a layered city, too, with many different levels of existence. In the central parts, around Rossio, I was never lost, but above, around, behind, were other heights of being, with roads and terraces frequently running among the roofs of the houses below. The city was not divided horizontally, but vertically; there were many heights and depths of existence." (1960 Uk M)

"Lisbon exists on a series of ever-receding levels. Apparently accessible, and small as capital cities go, it appears to offer itself unselfishly to the casual visitor. As one goes deeper, as one knows it longer, it proves ever more elusive and mysterious." (1971 Uk M: 87)

"Alors certains, perturbés par la multiplicité de la ville, décrivent Lisbonne comme un puzzle de villages. Dans la ville polymorphe, les villages sont univoques, élémentaires, indivisibles. Ainsi Lisbonne serait condamnée à n'être qu'une cité de province, sans mission plus haute que la commémoration de son passé glorieux. Et chacun peut élire un

mince territoire qui devient le seul à se voir investir d'une valeur réelle; hors de ce lieu unique, point de salut, on ne se consent plus à sortir.” (2003 Fr GM: 47)

9.3 - Os lugares turísticos

Pode dizer-se que ao longo do século os principais lugares turísticos de Lisboa, promovidos nos guias, se concentram nos bairros da colina do Castelo, com predominância para Alfama, em Belém, na Baixa Pombalina, a Avenida da Liberdade, a margem ribeirinha (*The street of the Tagus*), os “arredores pitorescos” como Sintra, a zona balnear de Estoril-Cascais a norte, e a “outra banda”, mais divulgada como zona balnear depois da construção da ponte em 1966. A cidade nova começa quase invariavelmente no Marques de Pombal para terminar na Fundação Gulbenkian, identificando esta zona da cidade como as Avenidas Novas, um plano e ocupação urbanística do início de XX. Foram também permanentes ao longo do século XX a visita ao sítio das “quintas de recreio” do Paço do Lumiar (o parque Monteiro Môr) e Benfica (o palácio Marquês de Fronteira). Durante o ciclo sócio-histórico do Estado Novo, os guias editados entre 40 e 50 de XX, a visita ao Jamor também foi recomendada. No fim do século o Parque das Nações passou a entrar nos itinerários turísticos.

Não sendo de modo algum exclusivos, mas condensámos os lugares de visita turística a seis áreas territoriais por serem as mais significativas e oferecerem uma visão das representações desses lugares de Lisboa, configurando igualmente a particularidade turística de Lisboa: a Colina do Castelo — Castelo, Alfama e Mouraria; Belém; a Baixa Pombalina; *The streets of the Tagus* - a Lisboa Ribeirinha; os lugares da moda, a movida lisboeta — Chiado, Avenida da Liberdade e Bairro Alto; e por fim a cidade nova — a Gulbenkian e Parque das Nações.

A visita aos “arredores” teve particular importância e, *vir a Lisboa e não visitar Sintra* ou o Estoril, foi uma constante nos guias, contudo extravasam o interesse da investigação, concentrado nas representações da cidade.

9.3.1 - Colina do Castelo: Castelo, Alfama e Mouraria

Uma vez que no *corpus* existe um guia com edições continuadas entre 1886 e 1989, os Guides Bleus, tal permite aferir a constituição, no tempo, da importância turística do território da Colina do Castelo. No fim do século XIX (1886 Fr G) Alfama ainda não possui nome, sendo contudo um território, junto da Sé catedral, destacado como um dos sítios considerados com interesse, que o guia identifica como muito antigo e ainda com vestígios do terramoto, e no entanto de gosto pitoresco, apesar da pobreza.

À entrada do século XX (1900_ 1904 Fr G) o nome de Alfama já surge autonomizado, encontrando-se integrado no “quartier du centre” de Lisboa. No guia de 1916 Fr G Alfama passa a estar integrado no “quartier Est”. A imagem negativa da pobreza é reforçada em 1931²⁰⁹, “les murs se rapprochent et suintent d’une humidité verdâtre.” (1931 Fr G : 29)

No guia de 1953 acrescentou-se à descrição de Alfama a imagem dos residentes, uma imagem de postal, folclorizada pelos guias e promoção turística dos organismos de turismo do Estado Novo: “Alfama au nom inquiétant et aux mœurs pacifiques, et qui vit, vibre, chante, joue, sur ses escaliers et dans les ruelles trop étroites [la] complainte aiguë des *varinas*, des *peixeiras* portant la charge de poisson comme une couronne sur leur tête altière, appel monotone du marchand de marrons campé au coin d’une impasse. Ou encore sinistre truanderie sans péril de la Mouraria légendaire qu’effondre la pioche des démolisseurs, ou bien dix autres quartiers dont chacun a une âme personnelle.” (1953 Fr G: 69)

Lembrámos que durante os dois ciclos da cidade sob o regime político do Estado Novo, Alfama e a Varina foram identificadas como o símbolo (e identidade) de Lisboa.

Os dois guias editados no ciclo sócio histórico da Democracia — 1984 Fr G e 1989 Fr G) — enquadram Alfama no tecido urbano histórico de Lisboa, afirmando a sua presença imutável desde o século XVI, um bairro testemunho desse tempo histórico. Denunciam, contudo, a perda do seu carácter pitoresco: “Malheureusement, ... l’Alfama a perdu ces dernières années beaucoup de son caractère; ses ruelles et ses largos minuscules sont encombrés d’autos; le marché dans la rue s’y tient dans la fumée et la puanteur des diesels, le ferraillement des trams. Dans les petits jardins où éclatent les fleurs rouges, si étroits parfois qu’il n’y pousse qu’en seul arbre, dorment les clochard parmi les immondices.” (1984 Fr G: 167)

²⁰⁹ Lembrámos que Raul Proença foi colaborador desta edição e a imagem que dá no seu guia de 1924 não se afasta muito, considerando que Alfama oferecia sobretudo um interesse de vistas panorâmicas.

A imagem plasmada nos Guides Bleus, cujo interesse turístico incidia no seu carácter pitoresco, possui um desenvolvimento relativamente semelhante na totalidade do *corpus*.

Lisboa nas narrativas históricas e na pequena caracterização de introdução à cidade é apresentada nos guias como uma cidade que teve um antes (do terramoto de 1755), de que restaram poucos vestígios para além da memória histórica, e a cidade que ressurgiu depois, a cidade que os turistas podem ver. Contudo parece existir uma procura dessa outra cidade desaparecida e Alfama corresponde à experimentação do passado, do tempo da cidade antes do terramoto. Afinal Lisboa tinha sido a cidade onde o ouro e as especiarias abundaram, valores de raridade na Europa dos séculos XV e XVI. “On peut juger par ce spécimen du vieux Lisbonne de ce qu’était cette ville avant le tremblement de terre.” (1881 Fr G)

“Here a step cul de sac, there a narrow alley, a broad calçada of curious steps, or little open spaces with lanes and stairways leading from them at grotesque or picturesque angles reveal glimpses of projecting terraces, overhanging balconies, varandas, all forlornly dilapidated, with touches of greenery, a palm crest, or a neglected patio glimpsed through a grilled doorway – suggestions of houses once important but now dwelt in by the poorest of the capital’s populace.” (1907 Uk G: 29)

As figuras de tipologias urbanas como o *slum*, o *kasbah*, ou o *souk* foram repetidamente associadas a Alfama (e Mouraria) e razão da particularidade turística dos bairros, quase até ao fim do século, figuras que agregam dois gostos turísticos, a autenticidade das classes populares urbanas (*o slum*) e o exotismo oriental (*kasbah árabe*). De salientar que aspectos de perigosidade, muitas vezes associados aos bairros populares, nunca foram convocados nos guias, garantindo a amabilidade do povo português, à excepção do guia da Lonely Planet 2001 Fr Uk, no qual se aconselha que os turistas evitem percorrer sozinhos, à noite, lugares como Alfama, Bairro Alto ou Cais do Sodré e Parque Eduardo VII, em especial se forem mulheres a viajar sozinhas.

Alfama (a que podemos sempre acrescentar o bairro do Castelo inserido no interior das muralhas e a Mouraria do lado norte da Colina do Castelo) foi apreciada enquanto vestígio da cidade antiga antes do terramoto, tendo sido vestida com o atributo de pitoresco turístico, de *autêntico*: “There are no touts and no sham-ancient refreshment rooms with faked signboards in old Portuguese. [Castelo, Alfama Mouraria] everything is genuinely old, and the inhabitants are not out to exploit foreigners. If they pay attention at all to

visitors who wander amongst their streets, it is only to marvel at the said visitors' peculiar form of madness, and to ask themselves why in the name of wonder should strangers, who are well dressed and at liberty to do what they like, poke about Lisbon old city instead of strolling up the Avenida da Liberdade or lounging about the Rossio." (1939 Uk G); "An unspoilt Portuguese country village in the heart of a capital city." (1956 Uk GM)

É interessante realçar que no guia de 1907 Uk G se reflectem os debates que dominavam a opinião pública lisboeta na época. Aliás, como já mencionámos atrás, os redactores leram o artigo de Fialho de Almeida, "Lisboa Monumental", e conheciam as posições divergentes entre a "demolição", em prole dos valores da higienização ou a sua "preservação", em prole do seu interesse patrimonial.

"Both of these old quarters contain historical records, which those who desire to imitate other great cities in the preservation of ancient buildings are trying to rescue from the zeal of another party whose one idea of the embellishment of Lisbon consists in pulling down all that is old." (1907 Uk G: 32)

O seu interesse turístico, no princípio do século, concentra-se em volta da malha labiríntica — "un inextricable dédale de rues et de ruelles" — da ambiência da velha Lisboa medieval ou árabe, as figuras do *Kasbah*, ou do *gueto* de XVI, são usadas para identificar Alfama. Salientavam-se as particularidades do revestimento em azulejos das fachadas dos edifícios e o facto dos telhados — "s'y recourbent en volute, à la chinoise" (1881 Fr G) —, imagens de Lisboa muitas vezes enunciadas para descrever o seu exotismo e sincretismo arquitectónico, resultante das múltiplas influências em consequência do seu lugar histórico no período dos "Descobrimentos".

E por outro lado, dão conta do bairro na sua condição e vivência dos residentes. É um "slum", como também existiam nas grandes metrópoles europeias, bairros onde residem operários, classes populares urbanas, classes marginais e se exala pobreza. "There is a miserable side of Lisbon to be seen in these districts, a shadowy, sad side, where as in some of the slums of Paris and London, policemen only enter in bands and fully armed. (...) Order is wonderfully maintained by the well-organized service of Lisbon police. Regular battues made in the familiar haunts, in the taverns, coffee shops and doss houses²¹⁰, by picked officials, well acquainted with every inch of their ground, guarantee an almost absolute tranquillity to the security of the city." (1907 Uk G: 33)

²¹⁰ Casebres.

A extrema pobreza do bairro, que nos guias anteriores ao guia de G. Reval (1934) se expressa com perplexidade, apesar da qualidade de *pitoresco e autêntico* do sítio, naquele guia assume uma condenação, embora considere também o lugar evocativo, e sugere a necessidade de novas habitações mais condignas: “Cette misérable enfance qui naît croît et meurt dans ces rues sans air, ces maisons sans soleil, ces gîtes sans propreté, multiplient les candidats à la tuberculose. Les mères, les pères vont travailler dans le port, ... dans les usines. Ils respirent! Mais les gosses restent parqués dans ce quartier malsain, qu’il faudrait éventrer, démolir et purifier, pour donner au peuple une cité claire et ensoleillé. Au lieu de ces ruelles puantes, vrai bouillon de culture de toutes les épidémies qui peuvent ravager Lisbonne. Il faudrait faire comme à Paris dans le quartier Maubert²¹¹, bâtir des maisons saines où la lumière entre partout.” (1934 Fr GM: 60)

No mesmo período, o guia inglês considera, contudo, que o sol do Sul ameniza a pobreza: “Thousands of swarming infants. Only while the infants may be ragged and indeed almost naked they also look happy: there is none of that sodden misery of the slums of northern climates.” (1936 Uk GM)

No início dos anos 60 (1960-62) o município promoveu um plano de valorização²¹² de Alfama, onde a par da introdução de melhores condições de habitabilidade, se procurava reforçar o seu atractivo turístico que, de acordo com relatório prévio (1959) possuía um interesse muito particular: “pelo pitoresco, pelo inesperado, pelo ambiente vivo e dinâmico da vida da população.” Interesse igualmente demonstrado pela DGEMN sugerindo a declaração do bairro como uma “zona demarcada”²¹³. Foram efectuadas algumas intervenções para melhoria da imagem do bairro nesse período, nomeadamente a qualificação dos miradouros, dos acessos em escada e um acentuar das fachadas dos edifícios anteriores ao terramoto, aspectos que acabaram por visar mais a sua imagem turística e menos a qualidade de vida dos habitantes. A produção de novas condições de habitabilidade concentrou-se na criação de balneários e lavadouros, tendo o bairro permanecido até aos anos 90 num elevado estado de degradação. Os programas de

²¹¹ O quartier Maubert faz parte do Quartier Latin e foi alvo da renovação urbanística haussmanniana, que demoliu o casco antigo.

²¹² Fonte: Relatório da Comissão Executiva da Valorização e Conservação do carácter tradicional e secular do bairro de Alfama, 1960-1962; DGEMN e CML.

²¹³ A “zona demarcada” foi, em 1960, o equivalente à declaração de Área Crítica Reabilitação Urbana, em 1986, delimitação jurídica que facilitava a reabilitação urbana do bairro, protecção legal que possibilitou até ao fim do século a revitalização de Alfama e dos restantes “Bairros típicos-históricos” de Lisboa, Castelo, Mouraria, Bairro Alto, Madragoa.

reabilitação urbana surgidos com o executivo municipal em 1991 procuraram colmatar novamente o problema.

Na monografia *South of Lisbon*, de 1960 o autor repete muitas vezes o logro causado pela literatura fantasista dos folhetos turísticos que “vendiam imagens paradisíacos do Sul “: in “Portugal, and in the south generally, this sense of disappointment is deepened by the special praise accorded to these countries by the professional travel-piece, and even more significant, writers. The south calls out their worst romantic excesses; everything is described in soft, glowing terms and even if, by some mischance, the general excrement should be mentioned, they cunningly imply that it is at least still warm.” (1960 Uk M: 22)

A constatação da pobreza e degradação, particularmente denunciadas por aquela monografia, foi um dos aspectos que os guias integraram como sendo uma singularidade mediterrânica e lisboeta. “I felt imprisoned. Crooked houses were thrust into the hills. Years before they might have been painted; but now they were all decrepit and decaying with the soiled plaster flaking off in huge scabrous patches. It was like being at the centre of a decaying tooth with the walls of what had once been ivory, black and crumbling now above the rotten crown.” (1960 Uk M: 21)

“Une adresse ne signifie rien à Lisbonne, car la misère et la richesse y vivent côté à côté en parfaite harmonie.” (1963 Fr G: 52) “There are expensive fado restaurants and night clubs inches away from squalid rooms in which huddle ruined colonial-war relics and others of the forgotten poor.” (1972 UK G: 37) “C’est à Alfama, le plus vieux quartier de la ville, que vivent les gens les plus modestes. C’est une casbah qui ne serait pas misérable mais attrayante jusque dans le dénuement. Tout y paraît fragile et confus, mais reste pourtant étrangement concerté, malgré l’enchevêtrement des maisons, des voies et des jardins. Aujourd’hui ce quartier exhibe des façades lépreuses et barbouillées. Et cependant Alfama n’a rien perdu de son charme.” (1985 Fr M: 56)

O interesse turístico do bairro de Alfama, destacado no início do século por ser um fragmento da cidade antiga de Lisboa, antes do terramoto de 1755, que as várias operações urbanísticas de modernização da cidade, mesmo as de índole mais “higienista”, como na década de 40, com a governação de Duarte Pacheco, deixaram que vivesse na sua organicidade, permaneceu até ao fim do século, destacando-se como um dos *ikons* turísticos da cidade.

Porém a introdução de qualificativos para potenciar o seu interesse turístico e o dinamismo interno estimulado pela procura turística, a sua turistização, foi alvo de crítica pelos guias que consideravam a busca de “autênticos” o seu objectivo. “Alfama is a warren of little pubs at almost any of which you can get a dish of food of some sort; the problem is to find one that is able to produce something really out of the way, in the shape of a meal yet has not at the same time prostituted itself to the tourist image.” (1971 Uk M: 23)

O traçado labiríntico de Alfama, “a cartographer’s nightmare” (1979 UK G; 1998 Uk Pt G), que à entrada da década de 90 ainda deixava ver “une forêt d’antennes de télévision” (1990 Uk-Fr G), definiu-se como uma singularidade na experimentação turística na cidade, sobre a forma da errância, do gosto “em se deixar perder”, agarrado ao fio de Ariadne-Tejo, que recolocará o turista na cidade formal, a cidade estandardizada, igual à sua. Esses fragmentos orgânicos foram desaparecendo nas metrópoles europeias com as reformas urbanas do século XIX e depois com as destruições ocasionadas pelas duas guerras mundiais e as respectivas reformas urbanas nos anos 50. Os labirintos “vivos” dos bairros da Colina do Castelo permitiram a experimentação turística da estranheza, do exotismo, da fuga à cidade moderna.

“Le vieux quartier inextricable de Alfama, labyrinthe à égarer Dédale lui-même, enchevêtrement de ruelles étroites pavoisées de lessives domestiques et qui vous déboussolent à travers d’étranges courbes de niveau. Boutiques obscures ouvrant sur la rue, faux couloirs d’entrée qui sont des vraies impasses, circulation imperturbable de riverains pour qui les voies publiques sont des allées privées. Là, le passage précautionneux d’une automobile est une impolitesse, pour ne pas dire une provocation.” (2002 Fr GM: 16)

9.3.2 - Belém

A zona de Belém, nos guias turísticos, surge como um território autónomo e separado da cidade na primeira metade do século XX, o *faubourg* de Belém, o *fairy land* dos monumentos e museus, pois aí se encontram os *ikons* mais importantes da Lisboa monumental: os Jerónimos e a Torre de Belém, em primeiro lugar, e, no decurso do século, a sucessiva inserção dos novos símbolos criados pelo regimes políticos do Estado Novo e pela Democracia.

O faubourg de Belém, quase sempre nos guias associado à Ajuda e ao seu conjunto de interesse patrimonial, que inclui o Palácio da Ajuda, o Jardim Botânico e a capela de S. Jerónimo, foi o lugar de Lisboa mais nomeado quanto à rememoração da história da cidade e do país no seu máximo de importância à escala da história do mundo, o seu Zenith (o século XV-XVI), como referimos a propósito das Narrativas Históricas da cidade. Belém representa o lugar simbólico mais forte da posição que ocupam os “Descobrimentos” na história da civilização ocidental e se encontra materializado nos monumentos dos Jerónimos e da Torre de Belém.

Para os viajantes dos finais de XIX a imagem e descrições daqueles monumentos eram anteriores à sua chegada a Lisboa. Depois, dependendo dos gostos turísticos e da cultura patrimonial de quem elaborou os guias, as descrições / opiniões vão variando com as conjunturas históricas durante o século XX, nomeadamente acerca do seu estilo arquitectónico e artístico. Por exemplo, alguns guionistas ficaram surpreendidos com a pequena escala da Torre de Belém que, de acordo com o lido, imaginaram maior. “Torre de Belém, which is one of Lisbon’s most famous landmarks and is known photographically throughout the world. Now it is only a picturesque relic of the past that delight visitors to this lovely city.” (1965 YG Uk G); “it’s wonderfully graceful and imaginative. The details are probably familiar from the pictures, but the tower is much smaller than you may have imagined; it’s just a jewel.” (1979 UK G: 44)

Considerámos que a circulação no século XIX da imagem daqueles dois monumentos, pelo menos no campo das práticas turísticas, designadamente dos Jerónimos, se associa à escolha de uma réplica do portal sul para o Pavilhão Português na Exposição Universal de Paris em 1878, “l’ancien monastère des *Jerónimos* du *Belem* formait la *façade portugaise* dans l’avenue des Nations à l’exposition de Paris. » (1881 Fr G: 181). De acordo com I. Anjinho “o responsável pelo risco das fachadas da secção portuguesa, o arquitecto Jean Louis Pascal, resolveu desenhá-lo *à l’identique*, procurando reproduzir o portal sul dos Jerónimos, com uma cuidada relação interior-exterior, citando internamente os claustros de Belém e da Batalha. Curiosamente, os observadores franceses entenderam os Jerónimos como “a expressão arquitectural do Portugal agitado, em progresso, colonizado”, enquanto que a Batalha era associada ao “Portugal independente sob um regime estável tranquilo”. I. Anjinho (2006 :10-11)

Aquela opinião, que balizava a qualidade, originalidade e pureza do “Manuelino”²¹⁴, entre os Jerónimos e a Batalha, é muitas vezes repetido nos guias. Realmente, como já atrás referimos, as Exposições Universais de XIX tiveram um papel muito importante na formação dos gostos “turísticos” desse século e se prolongaram quase até à primeira metade do século XX, sobretudo nos guias de natureza mais clássica.

“It is built in a style peculiar to Portugal called “Manuelino”, a kind of gothic architecture, very elaborately carved with figures, flowers and foliage and endless other devices.” (1909 Uk G: 16)

“Mosteiro dos Jerónimos is by far the most beautiful and interesting of the ancient monuments of Lisbon, and is the most easily accessible example of the exuberant Manuelino style of architecture, the artistic reflection of Portugal’s era of greatness and the famous Torre de Belem, whose distinctive outline has become familiar as a national emblem.” (1929 UK G: 215)

“Belem it is on the Tagus just where the river widens out into estuary, and half the things in Portuguese history have happened at Belem. There is the huge church of Jerónimos that you ought to see, a sort of Westminster Abbey of Portugal, a cathedral of vast monuments and dignities. A Manuelino architecture (...) a kind of mixture of Gothic and Moorish and even Indian styles.” (1936 Uk GM: 29)

Até à operação de requalificação urbana, para montar a Exposição de 1940, o outro elemento visitado aqui era o Museu dos Coches (1905), considerado como uma curiosidade muito portuguesa, bem como o Museu Arqueológico L. Vasconcelos (1893, 1903). Durante os meses em que a Exposição esteve aberta, como refere A. Barata, “espécie de cidade encenada, esta zona da cidade recebeu milhares de visitantes. Posteriormente, foram destruídos quase todos esses equipamentos, projectados para serem efémeros, com materiais como o estuque e o papelão. A fábrica de gás, junto à Torre de Belém, só em 1944 veio a ser definitivamente desmantelada e limpa toda a área envolvente.” (Barata, 2009: 7/9). A presença da fábrica de Gás (1873-1944), foi um aspecto muito criticado nos guias: “The views are sufficiently attractive to make one forget

²¹⁴ A designação do Manuelino como um estilo artístico próprio remonta até à segunda metade de XIX, identificado enquanto tal, em 1842, por Francisco Adolfo Varnhagen, de acordo com o espírito romântico, procurando associar estilos arquitectónicos que definissem uma nação, que exprimissem um *volksgeist*. A. Garrett e A. Herculano reiteraram essa ideia e, no plano internacional, K. A. Haupt (foi professor de Raul Lino), arquitecto que viajou por Portugal em 1880 e 1890, redigiu um “ensaio” histórico sobre os Jerónimos no qual a identificação do estilo se encontrava presente, este autor foi muitas vezes citado pelos guias turísticos. (Lucília Belchior 2010 e Paulo Pereira 2006)

the hideous gas works on the north. Belching forth smoke all day, these are doing their utmost to blacken the lovely tower and to cause more damage in a few years than centuries of weathering have effected. No persons are more scathing about the gas works than the Portuguese, who execrate the vandals responsible for the uglification of the locality.” (1939 Uk G: 18)

Depois da Exposição instalou-se definitivamente o Museu de Arte Popular (1948), em cujo recinto se foram organizando feiras de carácter regional e serviram para animação deste sítio turístico, durante os anos seguintes até ao seu fecho intermitente, nos anos 90. Foi um lugar de visita turística recomendado nos guias editados nos anos 50 a 70 de XX. “The fair is a kind of provincial showing off to encourage tourists to visit Lisbon in spring. Halls around the museum de Arte Popular are filled with stalls and workshops of various arts and crafts.” (1971 UK GM: 27) “Full of stalls selling the products of the various districts ... and Kodak and Kool²¹⁵ from Terra de Colombo USA.” 1972 UK)

O Padrão dos Descobrimentos (1960), o Museu da Marinha (1962) e o Planetário da Gulbenkian (1965) foram os novos elementos patrimoniais aí instalados durante o período do regime do Estado Novo. Foi igualmente neste período, e justamente por causa da Exposição, que passou a circular na cidade uma frota de autocarros “à imperial”, como designam os guias turísticos, por serem de fabrico e modelo inglês, e marcou a imagem de Lisboa, juntamente com os eléctricos, fazendo crer a alguns guionistas que Lisboa seguia as mesmas práticas londrinas, nomeadamente as regras de condução à esquerda.

Urbanisticamente, a zona só viria a ser alvo de uma intervenção mais profunda, no fim dos anos 80, com a construção do Centro Cultural de Belém (1988-92) e serviu para receber a primeira reunião, em Lisboa, da Comunidade Europeia, após a adesão em 1986.

A imagem acerca deste lugar muda entre anos 50 e os anos 80, alguns guias reforçam o exotismo do estilo Manuelino e em particular frisam o carácter de *museumland*, de *fairyland*, ou seja, de lugar turístico na sua maior vulgarização. Embora a identificação como *faubourg* fosse menos frequente, a imagem de Belém afastada da cidade é uma constante.

“Without an ancestry, unless in an opium dream of India, this double cloister at Belem is one of the most original works of architecture in the world ... Manuelino was an Art Nouveau more extreme than anything that came later in the age of Baroque. Belem lies at

²¹⁵ Era uma máquina fotográfica inventada em 1963.

the extremity of Europe, far from Rome, such a building would never ever been allowed in 16th century Italy. But it is natural, near to the landing stage of the first voyagers to travel round Africa to India and back again.” (1954 Uk G: 91)

“The strikingly modern monument to Prince Henry (o Navegador²¹⁶). Near, the beautiful Torre de Belém, its delicate carving giving an impression of fragility. The huge, decorative monastery and church of Jerónimos miraculously survived the earthquake. Museu Nacional dos Coches, most of them carved and gilded and built more for show than for comfort.” (1965 TO Uk G: 21)

Mas também foi referida uma imagem mais crítica, nomeadamente o relativo abandono depois das celebrações em 1940: “Belém, faubourg au bord du Tage, réserve d’autres surprises : palais du président de la République, protégé bien sûr par des casernes, abrite aussi le musée des carrosses. (Toujours pratiques, les portugais firent défiler Élisabeth II dans un le moins croulants). La place de l’Empire, le monastère des hyéronymites... L’œil cherche la Tour de Belém, cette fameuse tour Manuelina qui rappelle les constructions de l’Islam. (...) La tour est au milieu d’herbes pelées et de poussières de charbons (vraiment, avec le produit de l’entrée on pourrait peut-être ²¹⁷...) et elle est si basse. Déception d’abord, come à Londres, mais elle est belle pourtant, cette forteresse inspirée par l’Afrique. (...) Quand au monastère, c’est sans doute le plus beau monument du Portugal, malgré un abord désolé. La beauté de la pierre rosée, l’harmonie des proportions, la richesse du décor font admirer sans contrainte.” (1957 Fr G : 44)

A cerimónia da adesão de Portugal à Comunidade Europeia marcou a nova leitura do monumento e da zona: “Dans un quartier spacieux et vert de Lisbonne, Belém, plusieurs monuments témoignent du passé colonial et maritime du Portugal. Le monument le plus glorieux de Lisbonne est sans aucun doute Mosterio dos Jerónimos, cadre à la cérémonie de 1 jan 1986 qui marqua l’entrée du Portugal dans CEE.” (1990 Uk Fr G: 107)

²¹⁶ Assim no original.

²¹⁷ As reticências são do próprio guia.

9.3.3 - Baixa Pombalina

À entrada do século XX a “Baixa Pombalina” era referida nos guias turísticos como a cidade moderna, aliás dizia-se que Lisboa era, predominantemente, uma cidade nova, visto que a maioria da cidade antiga desaparecera com o terramoto. As obras de reconstrução do plano da Baixa de Pombal terão decorrido entre 1758 e 1807 aproximadamente, tendo-se seguido depois o incremento “ressaniano” que irrompeu entre fins de XIX e início de XX, o Plano das Avenidas Novas, cujo primeiro troço, o Boulevard Avenida da Liberdade (1886) e as urbanizações adjacentes, marcaram a nova cidade de Lisboa, na proximidade e continuação do tecido pombalino.

A Baixa Pombalina” era identificada deste modo no guia de 1881: “Par extension, les lisbonnais appliquent le nom Rossio à tout le quartier nouveau qui s’étend entre la place de Comércio et la place D. Pedro IV. C’est la ville moderne. Les rues y sont tirées au cordeau et se croisent à angle droit comme dans les cités américaines; les plus belles sont la rue do Ouro e Prata ... ce sont les rues Vivienne.” (1881 Fr G)

O tecido urbano pombalino, considerado hoje um modelo precursor da cidade racional moderna, não era então ainda um conjunto urbano patrimonial, só a Praça do Comércio fora classificada em 1910. De certa forma, como afirmam R. H. da Silva e A. Tostões, a Lisboa do período liberal romântico, e também republicano, rejeitou o modelo pombalino, “demasiado estandardizado, desornamentado e pouco monumental”. Ana Tostões salienta que o reconhecimento da importância patrimonial do modelo pombalino surge numa conferência dada por Pardal Monteiro, em 1948, na cidade de Madrid, enquanto representante do município de Lisboa, na qual falou sobre “Eugénio dos Santos, o precursor do urbanismo e da arquitectura moderna”. Diz a autora que aí, pela primeira vez, era concretizada formal, pública e internacionalmente uma chamada de atenção sobre a relevância cultural internacional e a actualidade do Plano da Baixa de 1758. O. (A. Tostões, 2008: 25). J. Augusto França volta a reforçar a importância deste estrato da cidade de Lisboa com a sua tese em 1963.

A “cidade Baixa” nos guias turísticos estrangeiros foi sobretudo destacada pela sua centralidade, esta é apresentada como o “centro” de Lisboa, com a importância urbana (urbanística) que este deteve nas metrópoles modernas até ao ciclo fordista; *the main shopping and business centre*. Sendo de acrescentar que as referências ao modelo e à autoria política de Pombal e dos projectistas (Eugénio dos Santos e Carlos Mardel) esteve sempre presente.

Pode dizer-se que o tecido urbano pombalino nos guias divide-se em três aspectos: o lugar histórico patrimonial da Praça do Comércio, o pequeno tabuleiro das ruas e edifícios da Baixa e a Praça D. Pedro IV (Rossio), o centro da vida urbana da cidade.

O modelo pombalino

O “Plano Americano” é uma das referências usada para descrever o “bairro” lisboeta, existindo uma associação clara deste modelo às cidades edificadas no “Novo Mundo”, de que Nova Iorque era o paradigma. É a imagem da cidade ordenada num plano ortogonal, simples e eficaz.

“Lower Town with American like speed and efficiency ... all was executed with New World hustle.” (1939 Uk G: 59)

“Streets are parallel in New World neatness. Though narrow now, they were the marvel of modern Europe in the eighteenth century. Today they lend themselves to an easy one-way system and are the easiest part of Lisbon for the unescorted visitor to navigate.” (1971 UK GM)

A segunda associação é a do “Modelo Romano”, referido nos guias editados no ciclo da Democracia. O ordenamento ortogonal em tabuleiro é associado ao modelo de ocupação territorial do Império Romano, reiterando a particularidade do recurso ao pré-fabricado e repetição do desenho das fachadas. A deslocação do modelo americano para o modelo romano deve-se em parte ao menor impacto do modelo de ordenamento das cidades do “Novo Mundo”, mais presente no início do século.

“Un damier romain au Siècle des Lumières. Pombal eut à faire face à un problème comparable à celui des urbanistes français qui allaient être, 200 ans plus tard, amenés à reconstruire les villes détruites par les bombardements. On à comparer son œuvre à celle, toutes proportions gardées, les auteurs de la restauration de Tours ou de Saint-Malo.

En fait, l’idée de base est simple — la technique de construction en damier (Romains l’appliquaient partout). On emploiera beaucoup d’articles préfabriqués, du Brésil arriveront les poutres toutes équarries aux mêmes dimensions, de l’Hollande des milliers de clous tous semblables. S’ensuit que les façades présentent une inlassable répétition tout identique Mais le quartier est devenu si animé et lorsqu’on y passe en voiture, on y est à ce point préoccupé par la circulation et ses bouchons qu’on ne s’en rend pas très bien compte.

Il est vrai que là, malgré l'usure du temps qui a sali les façades, l'enduit vert (en bien mauvais état !) adoucissait il y a 100 ans la rigueur néoclassique de l'ensemble." (1984 Fr G: 163)

Existe ainda uma associação à presença de sincretismo no modelo pombalino, denunciando influência do urbanismo inglês de XVII-XVIII, o modelo da *Place Royal* e a influência oriental, detectada no remate dos telhados que os guias identificam como "à chinesa".

"Pombal trace le plan de la capitale nouvelle qu'il veut magnifique digne de son maitre et de l'avenir (...) La ville sera géométrique, rien que des lignes droites, des artères larges, lumineuses aérés. Pombal devance les modernes. La place royale sera bâtie dans le style italien, dont la pompe triomphe à Rome, Vienne et Versailles. (...) Les maisons des nouveaux quartiers auront la simplicité et la commodité des maisons anglaises: façades plates, fenêtres rectilignes, sans volets, et ce style portera le nom de « pombalino." (1934 Fr GM: 28,29)

"It is remarkable that the general feature of Pombalino architecture is its simplicity. The colour washed façades are broken only by regular lines of plane stone-framed windows, reminiscent of Adam's London, where Pombal had been. But there is a subtle difference in the proportions and the eaves of the tiled roofs turn up in an amusing Chinese manner. In some ways this part of Lisbon looks like a tiny scale model of New York!" (1949 Uk GM)

No entanto a imagem de uniformidade da Baixa, enquanto cliché turístico, não foi repetido por todos os guias. Estes vão acompanhando as intervenções que foram ocorrendo nesta zona de Lisboa e alteraram o desenho urbano pombalino. A constituição das duas praças como plataformas logísticas da rede de eléctricos, a primeira grande rede de transportes públicos de Lisboa no início de XX, que modificou consideravelmente a imagem de ambas, é reportada em alguns guias. As linhas dos carris e os cabos aéreos, bem como os ascensores para resolver o acesso às colinas, ajudaram a alimentar uma imagem muito própria da praça D. Pedro IV.

"Here (lower town) it is that Lisbon may be compared at every turns with San Francisco of other days. Just as the famous cable cars skimmed gaily up and down Nob Hill, and other famous hill of the Californian Paris, so the electric cars of Lisbon bring parts of the city into touch with the centre and one another. The elaborate system of lines and wires spreading Web-like in all directions seems to control the capital. How the Lisbon citizen contrived to exist before it was organized one is puzzled to imagine." (1907 Uk GM: 15)

Na segunda metade de XX, o guia de 1957 assinala a desarmonia do lugar. “Leur architecture rappelle assez celle de Lyon, celle des grandes façades napoléoniennes de Bellecour, guère plus joyeuses, architecture de pauvre malgré les beaux noms, (Ouro, Augusta e Prata). Mais ce qui frappe surtout péniblement c’est une absence d’unité de style. Le Rossio, les Restauradores, n’ont pas deux maisons, deux toits pareils.” (1957 Fr GM: 34-36)

“Tall commercial buildings were ominously grey. Another square, dull and dark, with shuttered shops and the black hills rising beyond. There was nothing else except ramshackle buildings, rising up with each storey meaner and darker than the one bellow, until the highest was suffused by the reddish glow of advertising signs, floating high above the square, like evening clouds.” (1960 Uk M: 27)

“The centre elegant 18th century square Praça do Comércio is one of the few extravagant touches in a city of modest people and places. Nowadays the square is such a beehive of cars, buses and trams, that the regal effect is diminished.” (1979 UK G)

A ideia de desajuste do modelo urbano pombalino à tradição urbanística de Lisboa é referida pelo pintor inglês P. Swift, na monografia de 1971 Uk M. Para Swift quer a ambiência austera pombalina, quer a ambiência haussmanniana na Av da Liberdade reflectem “estrangeirismos”, influências estranhas à tradição lisboeta. H. Myhill (1972 Uk GM) e Péroncel-Hugoz (2002 Fr GM) partilham também esta mesma ideia, considerando o vanguardismo pombalino ou o do Parque das Nações, enquanto inovações resultantes de rupturas profundas, o sismo de 1755 ou a entrada na Comunidade Europeia em 1986.

“Looking at this cityscape from Eiffel’s lift at St Justa²¹⁸, one is presented with a paradox — a curiosity of architecture that must be among the most fascinating of its kind. Here is a perfectly self-contained and largely untouched expression of the 18th, stuck artificially, in between two almost equally untouched sections of a medieval city. Baixa Pombalina is an elegant exercise in logical reasoned town planning. The others express the organic growth of a city over its centuries of existence, the natural higgledy-piggledy charm of an unplanned conglomerate obeying laws and embodying a personality not susceptible to the operation of the ruler and drawing board. The intrusion of the 19th logic on such a drastic scale into the character of the city also symbolises the powerful effect of the foreign

²¹⁸ Durante bastante tempo circulou na divulgação turística o logro da autoria do elevador, atribuído a Eiffel, depois substituída pelo autor R. M. Ponsard, mas associado ao *atelier* de Eiffel, aspecto não confirmado. O projecto do elevador data de 1882, contemporâneo do projecto de Eiffel. Contudo a divulgação guionista em vez de salientar o papel de Ponsard (luso-francês residente em Portugal), autor dos restantes ascensores de Lisboa, insiste na associação, fantasista, a Eiffel; fonte: *site*, SIPA Monumentos

influence in Portugal at the time and subsequently. Somehow the older city holds more the soul of the true Portuguese, I do not find the spirit of Portugal in Baixa.” (1971 Uk M: 98)
“Ce malheur permit à Pombal de donner à Lisbonne un centre aéré tout en angles droits, la Baixa ... pour trouver ici [Parque das Nações] des bouleversements monumentaux comparables à ceux de maintenant. Le séisme, cette fois, aura été l’Expo 1998, mais plus généralement l’entrée de Portugal dans l’Union européenne.” (2002 Fr GM)

O centro de Lisboa

Roland Barthes na sua obra “L’empire des signes” (1984), fala da importância do “sentimento cinestésico da cidade que exige que qualquer espaço urbano tenha um centro onde ir, de onde regressar, um lugar para sonhar e em relação ao qual se dirigir ou do qual sair, numa palavra, inventar-se por múltiplas razões (históricas, económicas, religiosas, militares); todas as cidades são concêntricas. No caso das cidades do Ocidente, esses centros são cheios (ao contrário do centro vazio japonês), é nele que se reúnem e condensam os valores da civilização; a espiritualidade (com as igrejas), o poder (com os serviços governamentais), o dinheiro (com a banca), a mercadoria (com os grandes armazéns); a palavra (com as *agoras* cafés e passeios); ir ao centro, é encontrar a “verdade” social, é participar na virtude suprema da “realidade”. (in P.Ansay, 1989: 424)

No plano do turismo de cidade a visita ao seu centro foi no caso do nosso *corpus* um item sempre destacado. Em Lisboa o tecido pombalino e o Chiado foram considerados pelas diferentes edições de guias turísticos, ao longo de XX, o centro da cidade. Os Guides Bleus, que nas suas edições organizaram a apresentação da cidade em divisões geográficas, fizeram-no tomando como centro geográfico justamente a Baixa Pombalina. Quase todas as sugestões de itinerários de visita tinham como ponto de partida, e de chegada, este tecido histórico de Lisboa. Em alguns guias foi comparado a outros centros urbanos “mitificados” das grandes metrópoles como Piccadilly ou a Puerta del Sol, no caso da praça D. Pedro IV, à Rue Vivienne, no caso das ruas do Ouro e da Prata, à Piazza of St. Mark’s ou Place Stanislas at Nancy, no caso da Praça do Comércio e a Bond Street ou Fifth Avenue, no caso do Chiado. Estas comparações, um recurso frequente na linguagem turística, servem simultaneamente para introduzir o turista à compreensão do lugar em visita e aferir a sua escala de importância.

Só os guias editados no período da II GG deslocaram a centralidade de Lisboa para o Estoril, 1939 Uk G, 1945 Uk G, 1947 Sz M, este último, nomeadamente, na organização da apresentação de Lisboa dividia-a em três cidades, a cidade antiga moura, a cidade central a antiga Baixa e a cidade moderna que correspondia ao *quartier* de Cascais. Este foi um período particular na vida da cidade, o seu Zenith para o mundo Ocidental de então, que encontrou na Lisboa neutral uma possibilidade de salvação.

“In the world’s tomorrow when Portuguese highways shall have become hard and dustless, many summer travellers will prefer to seek a hotel in one of the resorts by the sea (Estoril, Monte Estoril, Cascais) or in Sintra, and from such headquarters “do” Lisbon and the surrounding country.” (1930 Uk G)

J. Giraudoux descreve esse momento cosmopolita único de Lisboa no ano de 1940: “Sur Rossio s’est retrouvé tout ce que l’Europe a perdu ou laissé choir. C’est là, même par couple; on n’a qu’à choisir. Si vous voulez le plus grand agioteur de Hollande (...) Si vous voulez celui qui a régit sept fois la France (...) Si vous voyez un passant seul, c’est qu’il ne vient pas de l’Europe, c’est qu’il y va, c’est qu’il arrive du Nouveau Monde.

La place est pleine. Ça et là vous apercevez des têtes que vous connaissez à Paris, Vienne, Berlin (...) Les juifs sont ceux qui parlent le plus haut, en portugais, pour faire croire sans doute qu’ils sont chez eux et que huit jours à Lisbonne les ont changés en ces juifs lusitaniens. (1958 Fr M: 37, 39)

As Praças do Comércio e D. Pedro IV, consideradas sempre como as principais praças da cidade, no sentido urbano, i.e enquanto lugares de centralidade e monumentalidade, do mesmo modo que para os lisboetas foram e são conhecidas com os seus nomes antigos, Terreiro do Paço e Rossio, nos guias vêm associadas aos *nicknames* atribuídos pelos viajantes ingleses e reproduzidos pelos guias de língua francesa, respectivamente “Black Horse Square” para identificar a Praça do Comércio e “Rolling Motion Square”, “Rolly Polly Square” ou “Turkey Square” para identificar a Praça D. Pedro IV. Estas alcunhas serviram para o reconhecimento das praças, os *nicknames* circularam no conhecimento comum de ingleses já no século XIX, em parte pela dificuldade de identificação a partir dos lisboetas, dada a sobreposição dos nomes. No entanto essas alcunhas também serviram para caracterizar a estranheza da experimentação dos espaços públicos de Lisboa, que recorreram ao calcetamento como modelo decorativo. As alcunhas da Praça D. Pedro IV (Rossio) encontram-se ligadas ao motivo usado na calçada da praça, a primeira a ser

calçetada no início de XIX. De acordo com a “estória” o padrão, que imitava as ondas, as vagas marinhas, fazia com que caminhar sobre essa calçada fosse mais ou menos como encontrar-se no mar, i.e. em perda de equilíbrio.

O calçamento de passeios e praças foi uma das principais singularidades distinguidas do saber-fazer urbano da cidade e de Portugal, tradição que em muitos guias se associa à influência árabe na cultura portuguesa.

“It is the famous Terreiro do Paço, or place of the palace, familiar to English ears as Black Horse Square, and to others under its modern name of Praça do Comércio. A fine quay, with flights of steps ascending from the water to a broad terrace flanked with parapets, forms the south side of the square. The other three façades are composed of government buildings.” 1907 Uk GM

“Praça Dom Pedro IV This place is known among the English sailors as “the roly-poly square”, on account of the strange way the pavement is laid. Looks uneven, it looks almost like the waves of the sea, or the ridge and furrow of a ploughed field, and it is quit a surprise in walking across it to find that in reality it is perfectly flat.” (1909 Uk G: 18)

A referência ao *nickname* também serviu para ironizar acerca da cidade e dos lisboetas, dos seus ritmos e estilos de vida, avivando o exotismo, como a alcunha “Turkey Square” sugere, lembrando o tempo em que era possível encontrar vendedores de perus na principal praça de Lisboa.

A alcunha da Praça do Comércio está relacionada com a cor da estátua equestre, cuja patine verde não se ajustaria ao gosto clássico dos turistas ingleses ou ao pouco cuidado dedicado à beleza e valor patrimonial da praça como refere o guia de 1965: “The faded cabbage green of the façades matches the scrubbed central statue of Pombal’s king. Between the two, a mass of parked cars glitters in the sun. Only late at night or very early in the morning you can see the splendid spaciousness of the square and the swirl of the mosaic-like pattern on the pavement.” 1965 TO Uk G

O verde couve²¹⁹ foi uma cor metáfora aplicada a Lisboa por alguns guias editados nos anos 50 e 60, entre os quais o guia *Petite Planète*, onde transparece a imagem de uma cidade descuidada e pobre: “Ses édifices ne sont pas très hauts et d’une couleur vert, vert chou serait-on tenté de dire, quand on a vu sur les chemins des champs du légume national

²¹⁹ A pintura dos edifícios de verde foi uma escolha de Raul Lino em 1940, em 1976 pintaram-se os edifícios de cor-de-rosa, em 1994 foram pintados de amarelo ocre, por sugestão de J. Augusto França; fonte: *site*, SIPA Monumentos

qui envahi les talus le long des voies ou même les gares, mais c'est plus vert pistache.”
(1957 Fr GM)

O valor de centralidade urbana referido nos guias, no caso da Praça do Comércio corresponde mais ao seu valor patrimonial, à beleza formal da praça, aberta sobre o rio Tejo, ou da memória histórica nela contida, como a praça de entrada das “caravelas” vindas do Oriente carregadas de especiarias ou o regicídio em 1908. A Praça, que concentrava os serviços ministeriais do Estado, até à sua disseminação pela cidade nos finais de XX, é um lugar a que os guias se referem no ritmo quotidiano da cidade até à II GG, pela proximidade das actividades portuárias, o mercado e o comércio intenso da Rua do Arsenal. A partir dos anos 50 a sua descrição acentua o seu lugar de interface nos movimentos pendulares das populações que, “por falta de habitações em Lisboa” (1957 Fr G), residiam na “Outra Banda”. A plataforma central da praça foi um parque de estacionamento automóvel até 1994, aspecto que foi alvo de crítica de alguns guias. Depois da sua saída tornou-se, como Belém, um lugar de usufruto turístico.

“You can easily picture how in the old days of Portugal’s Empire that great Square would be full of the merchandise from all the world. The Black Horse Praça of Lisbon must once have been the very hub of World Exchange.” (1931 Uk GM: 135)

“What is rare and inimitable, here, is the sunlight. It is undeniable that some aura of that horrid scene [o regicídio] clings to the square, even upon a blazing day in august.” (1954 Uk G: 70)

“La Praça do Comércio n’a plus, elle, depuis Voltaire, à être présentée. Elle a enfin été débarrassée de ses voitures-ventouses au profit non point de l’espace, mais d’une vingtaine de mastodontes de l’artiste colombien Botero très pistonné, déjà vue 1992 sur les Champs-Élysées. Les gargantuesque (...) ne sont la que pour les 100 jours, mais on souhaiterait qu’elles y demeurent un millénaire si jamais les automobiles devaient ensuite revenir encombrer « la plus belle place d’Europe » .” (2002 Fr GM)

A Praça D. Pedro IV foi considerada sistematicamente como o verdadeiro centro de Lisboa. As descrições da Praça D. Pedro IV nos guias tendem a acentuar a sua animação. No plano da sua memória histórica assinala-se com frequência a presença aqui do Tribunal da Inquisição, enfatizando a edificação simbólica, sobre o seu solo, do teatro D. Maria II, relembrando a importância do teatro na mundividência do Romantismo.

“Rossio: le vrai centre de la ville c’est la place D. Pedro, ou le Rossio, comme on dit à Lisbonne. C’est là que se trouvent les théâtres, les cafés, les libraires, c’est là que la foule se porte de préférence à toute heure du jour. Le Rossio est à Lisbonne ce que la Puerta del Sol est à Madrid.” (1881 Fr M)

“Rossio - The place is the Mecca of all Lisbon guides worthy of their salt, the especially imposing central point of the capital. (1909 Uk GM: 8).

“Rossio; this square, the heart of the civic life of the city, is the centre for numerous tramlines that radiate to all parts of the municipality. The tourist is advised to try a number of these lines that circulate through narrow twisty streets, up impossible hills and into unexpected praças.” (1930 Uk G)

Até ao período antes do fim da II GG a imagem que transparece é a de uma cidade que se deita tarde, e escolhe aquela praça para se reunir nos cafés ou na proximidade da Avenida da Liberdade. No ano de 1940 no Rossio encontrava-se a Europa toda, como escreveu Giradoux.

“In the late afternoons the Rossio is so crowded that a foreigner, new to Lisbon, imagines that some special show is taking place. It isn’t that at all, it is simply that the Rossio is at once the heart, the soul and the pulse of Lisbon life.” (1939 Uk G: 61)

“The Rossio is thick with traffic and taxis and men standing on the pavements talking, watching the girls pass, reading newspapers, or staring. It is lined with cafés, which are always packed, with newspaper shops and tobacconists, and with confectioners into which you can go and eat sticky cakes at the counter.” (1956 Uk GM)

E, contudo, o guia de 1971 Uk M admite que esse centro afinal era mais um centro para os turistas e não para os lisboetas, que tinham no Chiado o seu centro. “for a long time Rossio and its immediate environs seemed to me the very heart of Lisbon, Francfort hotel our world. It did not occur to me that for a true lisboeta the Rossio was not a place much visited. It is an in London, nobody makes a centre of Piccadilly apart from foreigners and visitors, the social scene is elsewhere Soho or Mayfair or Kensington.” (1971 Uk M: 43-93)

Como diz T. Barata Salgueiro (2004: 214-215), na primeira metade do século XX muitas das actividades funcionalmente especializadas, como a banca, seguros, comércio, nomeadamente de luxo, diferentes tipos de serviços, restauração e hotelaria, cinemas e teatros escolhiam a zona da Baixa-Chiado para aí se instalarem. A partir dos anos 60 aquelas funções começaram a deslocar-se para norte sob o eixo das Avenidas Novas,

definindo novas polaridades no Saldanha e Avenida da República. Nas décadas de 80 e 90 houve uma desmultiplicação de polaridades à escala da área metropolitana. O incêndio do Chiado em 1988 acentuou o declínio da Baixa-Chiado, contudo a sua reabilitação, já no fim do século, permitiu a revitalização desta área de Lisboa.

Contudo, durante os anos 60, o Rossio, que os guias descrevem, já não possui a animação dos fluxos de pessoas, entre as quais o leque vasto de vendedores ambulantes que emprestam “pitoresco” à imagem e vida da praça, mas reflectem o ritmo dos movimentos pendulares de uma cidade zonada, são apontados aspectos relacionados com a intensidade e caos do tráfico automóvel (L’embouteillement du Rossio), a degradação dos edifícios e a desarmonia do conjunto.

“Après l’heure de la parade funèbre au café ou devant, c’est l’exode avec des queues au Rossio ou aux Restauradores devant les trams et autobus qui conduisent à la ville haute et quartiers nouveaux. La ville basse est vide. Dix huit heures et il ne reste au Rossio que des touristes.” (1957 Fr G: 36, 40)

“During the day time the central district [Baixa] is always crowded, but at 7,30 or so, when commercial life ceases activity is transferred to Rossio, Prç Restauradores and cafés which line the pavements of Av. da Liberdade. In summertime these cafés are gay with striped umbrellas by day, and a glittering fairyland of coloured lights by night.” (1966 Uk GM)

O Rossio tornou-se, após 1974, e assim surge nas descrições dos guias editados no ciclo histórico democrático, como o centro simbólico das manifestações populares (políticas).

Na última década de XX, a pedonalização²²⁰ da Rua Augusta foi muito referida, aspecto convidativo para a experimentação turística da Baixa e o seu novo folgo como o centro de Lisboa.

“Rossio it is still the very centre of activity, of Lisbon – the place to meet friends, drink coffee, window-shop, watch the crowds and listen to the fountains and the incomprehensible calls of the newsboys. The most popular place to queue for a taxi or bus.” (1979 UK G)

“Le Rossio véritable centre de la vie urbaine et cœur de Lisbonne. Le forum, comme une ruche, avec les places voisines Restauradores et Figueira, est le théâtre dans la rue des

²²⁰ A rua foi pedonalizada em 1984.

grandes manifestations populaires. Si elle bruit toujours comme une ruche, c'est qu'elle est historiquement le forum de la capitale portugaise depuis le Moyen Age." (1984 Fr G : 147)
"En passant l'Arco da Rua Augusta, on parvient à Rua Augusta, qui, comme la plupart des rues avoisinantes, a été fermé à la circulation. C'est devenu le royaume des cafés, des vendeurs ambulants et des amateurs de lèche-vitrine." (1990 Uk-Fr G)

9.3.4 - The streets of the Tagus, Lisboa Ribeirinha

À borda do Tejo, ou a faixa ribeirinha de Lisboa, foi outra das zonas que teve uma atenção grande no *corpus*, considerada uma área com interesse turístico. Na organização da apresentação de Lisboa a partir do guia Baedeker (1908) esta parte da cidade é identificada como "The streets of the Tagus", Le Tage, l'âme de Lisbonne (1970 Uk G P), ou como no guia 2001 Fr Uk G, "Rives du Tage".

O que nos parece interessante é que nos guias transpareceu uma ideia de cidade congregando a margem norte e a margem sul, Lisboa eram ambos os lados do estuário, apesar da sua largura ter estabelecido uma maior distância, do que ocorria em cidades como Paris ou Londres, também elas atravessadas por rios e definindo ocupações urbanísticas e sociais diferentes. Nomeadamente a *Rive Gauche* (em Paris) ultrapassou a simples identificação de um lugar para agir como símbolo de uma atitude, estilo de vida, de posicionamento artístico e político.

Lisboa não terminava na margem norte do Tejo e as sugestões de viagem aos "arredores" incluiu quase sempre os sítios pitorescos a norte, Sintra ou Estoril, mas também a sul, como Cacilhas e a Arrábida, embora esta última rota fosse mais frequente depois da inauguração da ponte, em 1966, nomeadamente as praias da Costa da Caparica. Os sítios turísticos de Lisboa incluem sempre os seus arredores e vir a Lisboa e não ir a Sintra, uma máxima aplicada nos guias do início de XX, era como ir a Roma e não ver o Papa: "to go to Lisbon and not visit Cintra is in fact paramount to going to Rome and not seeing the pope." (1905 Uk G)

Este lugar da cidade de Lisboa foi alvo de grande atenção no plano de propostas para a melhoria e desenvolvimento no Ciclo da Regeneração, pretendia-se modernizar e incrementar as possibilidades económicas e técnicas do porto de Lisboa, do sistema de

transportes ferroviários a ele associado, mas também da sua “requalificação”²²¹ urbanística. Nessa conjuntura a faixa ribeirinha foi um tema importante de debate e de tomada de decisões, no qual os Republicanos e personalidades ligadas à Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP²²²) congregaram posições antagónicas sobre o destino desse sítio.

A ideia dos republicanos, nomeadamente F. Almeida e R. Proença, que procuravam atribuir uma monumentalidade à cidade, sugeriam a construção de uma avenida *boulevard* (a Avenida do Mundo) que reforçasse sobretudo o valor simbólico do rio, enquanto elemento de remomeração.

“Na faixa marginal da cidade tem-se a impressão de que as edificações que ali se ergueram obedeceram à intenção de tapar com um biombo de cantaria a vista do Tejo. E em vez de tudo convergir para o rio fantástico, de ele ser o fundo dos quadros decorativos, de constituir, por assim dizer, o leitmotiv da estética cidadina, e de se abrir a seu lado uma das mais belas avenidas do Mundo, corre ali um paredão inestético de casaria, de fábricas, de armazéns, e até de gasómetros, ocultando ao lisboeta a vista do seu largo e claro rio.” (R Proença, 1924²²³)

A SPP detinha uma uma visão mais pragmática, de acordo com A. Barata (2009), pretendia sobretudo ver melhoradas as infraestruturas portuárias com o fim de aumentar os fluxos de circulação de passageiros e de mercadorias, aliás nos dois guias turísticos que elaborou, Mendonça e Costa, sintetizava a promoção turística de Lisboa no *slogan* “Lisboa o cais da Europa”²²⁴.

No fim do século XIX uma parte considerável da zona ribeirinha, quer a este, quer a oeste da Praça do Comércio, estava ocupada por actividades portuárias, com cais de desembarque antigos. Aliás este fazia-se em botes e barças, visto que os grandes paquetes não se podiam aproximar da margem. Ao longo do século XIX foram-se instalando unidades fabris que se estendiam desde o Beato, Cabo Ruivo até junto de Belém, como a fábrica de Gás. Simultaneamente nas proximidades das unidades fabris surgiram alguns bairros operários, como o de Alcântara ou junto da zona do Beato.

Era interesse dos republicanos afastarem as actividades fabris para a margem sul, a “outra banda”, e de forma significativa a Lisboa industrial que se desenvolveu durante o período

²²¹ Temos consciência que este termo não se aplicava na época, é um anacronismo mas possibilita traduzir os objectivos de então.

²²² A primeira associação para promoção turística de Lisboa e de Portugal surgida no início de XX, 1906.

²²³ R Proença, Guia de Portugal, Lisboa e Arredores, 1924.

²²⁴ Como se sintetizou na investigação de mestrado.

do Estado Novo, até ao declínio da indústria, nos anos 80 e 90 de XX, estabeleceu-se, com predominância, na “margem sul”.

As obras de melhoria do porto de Lisboa que efectivamente se vieram a concretizar estiveram mais próximas da visão da SPP. Nesse âmbito, entre Santa Apolónia e Cascais definiu-se um eixo de circulação de transportes, ferroviários, rodoviários e fluviais, disponibilizando a margem ribeirinha para a actividade portuária de desembarque de mercadorias e pessoas. Uma das prioridades no início de XX fora estabelecer uma ligação entre o cais do porto e o comboio Sud-Express, um comboio que serviu o fluxo de turistas a Lisboa durante grande parte do século XX. No ciclo imperial da conjuntura sócio histórica do Estado Novo inauguram-se estações de desembarque ao longo do cais: Cais do Sodré (1928), Sul e Sueste (1932), Rocha Conde d’Óbidos, Alcântara (1943).

Na zona ribeirinha afinal não se construiu uma Avenida do Mundo, embora se tivesse requalificado a via marginal ao porto e à via ferroviária depois da conclusão das obras portuárias (1860-1940). “Apesar de todos estes apelos e projectos, a ligação com Algés apenas se concretizaria no início dos anos 1940, graças à Exposição do Mundo Português, e as actuais avenidas de Brasília e da Índia são as pálidas e modestíssimas concretizações de todos estes desejados boulevards ribeirinhos.” (A. M. Barata, 2009)

A zona ribeirinha foi um dos territórios da cidade mais recomendados nos guias do início do arco temporal até aos guias editados nos anos 80, reflectindo a intensa actividade portuária e fabril, uma animação que consideram interessante, colorida pelas varinas.

“The city front is a long continuation of landing and business wharves, docks, sheds, timber, coaling and lanyards, while a railway runs from Cais do Sodré along the river margins as far as Cascais, a water front place in the Atlantic coast. Yet these crowded slopes and hollows, the suggestions of hanging gardens and foliated spaces all set in the pearly atmosphere against the pure, peerless blue of a southern sky, still draw imagination like a magnet. Expectation is not deceived, for when the marine Arsenal, a grim, long edifice of massive structure is passed, there comes a break in the barrier, and a deep, wide square opens out to view. Beyond lies the quays of Ribeira Nova, showing at an ant-like activity in the un-loading of cargoes, the homing or sailing of fisher boats, the hurry-scurry of passengers crossing to or arriving from Outra Banda. Close by the life and colour of a fruit, flower, vegetable market spread out under long shady roofs with an exuberance, it would be hard to rival anywhere” (1907 Uk G: 6)

“Along the riverfront by the Cais do Sodré the fishwives come, in early morning hours, to fill the flat-bottomed baskets they will carry on their heads up steep hillside streets to fish-hungry Lisboans who eat little meat. They mingle with stevedores, commuters waiting to board the electric trains for the resort towns of Estoril and Cascais, and sailors from many lands.” (1965 PN Uk G)

“Le port sa longueur de 30km de voies ferrés le desservent occupées par des entrepôts et ateliers affectés aux marchandises; les quais permettent l’accostage des plus grands paquebots.” (1984 Fr G: 192)

A referência a uma outra imagem desejada para este sítio de Lisboa foi enunciada por G. Réval que retoma a linha de evocação simbólica enunciada por Raul Proença, a ideia de uma cidade monumental para a margem norte de Lisboa. No guia 1990 Uk Fr G repete-se a falta de um passeio marginal à beira rio.

“Elle [Avenida 24 de Julho] n’est encore qu’une immense artère encaissée entre les hauteurs de la ville et les bâtiments utilitaires, qui déshonorent ce fleuve royale; il manque une avenue ornée de massifs de verdure, de corbeilles de cannas rouges et jaunes. Et rejeter sur l’autre rive docks, entrepôts, usines, nécessaires à la vie laborieuse et journalière de Lisbonne, non à la cité souveraine.” (1934 Fr GM: 65)

“Il n’existe pas malheureusement à Lisbonne de grande promenade sur le quais, ni des cafés ou restaurants dignes de faire le détour.” (1990 Uk Fr G)

A grande mudança na percepção e no modo de usufruto turístico sugerido para a zona ribeirinha ocorreu a partir o guia de 1998 E Fr Ep G, no qual se registam as alterações entre a zona dos Cais do Sodré e Alcântara, onde ocorreram importantes reconversões dos antigos armazéns para espaços de lazer (restaurantes e discotecas), o mesmo tendo ocorrido na Avenida 24 de Julho, tendo-se tornado uma zona animada da vida nocturna de Lisboa.

A zona do Parque das Nações, reconvertida para a Exposição Mundial de 1998, é referida pela grande operação de reconversão urbana que alterou esta zona de Lisboa a este, passando a ser uma nova área de prática turística, com os novos equipamentos culturais, comerciais e de lazer.

9.3.5 – Os lugares da Moda – Movida lisboeta; Chiado, Avenida da Liberdade e Bairro Alto

Reunimos o Chiado, a Avenida da Liberdade (e Portas de Santo Antão) e Bairro Alto sob o chapéu analítico de lugares da moda e animação urbana de Lisboa, apesar de ocuparem estratos temporais da cidade e modos de apropriação turística diferentes. Ao longo do *corpus*, durante o século XX, o campo dos consumos de lazer foi ocupando uma função urbana da cidade moderna, dando-se destaque aos lugares das sociabilidades públicas, enquanto lugares da moda, no sentido dado por Appadurai (e outros): “O prazer do efémero que se exprime a vários níveis sociais e culturais: a curta vida da prateleira dos produtos e estilos de vida; a velocidade com que muda a moda; a velocidade dos gastos; a aura de periodização que paira sobre os produtos e os estilos de vida na iconografia dos meios de comunicação.” (Appadurai, 2004:117)

Chiado

O Chiado foi também uma das referências turísticas permanentes nos guias, identificado como “the fashionable quarter upon the hills.” (1909 Uk GM)

O Chiado afastou-se do modelo urbano pombalino, pois a sua recuperação deu-se já numa conjuntura sócio histórica de transição, sofrendo uma maior influência da mundividência do Romantismo, tendo sido ocupada pelos novos grupos sociais emergentes (da regeneração fontista) que desejavam um maior expressionismo (e diferenciação) estectica nas suas fachadas. Aí se instalou, ainda em fins de XIX, o novo tipo de comércio, como os Grandes Armazens do Chiado (1894) ou os Armazens Grandella (1907). O guia espanhol de 1906 anuncia os Grandes Armazéns do Chiado deste modo: “Estes grandes armazéns, equipados como os muito acreditados de Paris, *Louvre e Printemps*, oferecem à venda, nas suas diferentes secções, todo o tipo de artigos de senhora, cavalheiro e crianças, a preços impossíveis de competir, pois não têm intermediários, possui contrato com diferentes fábricas estrangeiras o total da sua produção.” (1906 Ep G)

Entre fins de XIX e inícios de XX instalam-se na zona do Chiado o moderno comércio com o seu novo sistema de vendas, lojas, cafés e casas de chá que prestigiam o *centro cultural*, pontuado pela ópera do S. Carlos (1793), o teatro Gymnasio (1845), o teatro da Trindade (1867), o teatro S. Luís (1894), o cinema Ideal (1904), o Museu de Arte Contemporânea (1911) e a Brasileira (1908), lugar de tertúlias desde os anos 20 e forte *ikon* turístico na segunda metade de XX.

O Chiado foi, nos finais de XIX, um espaço privilegiado das elites urbanas, dos intelectuais e artistas, que se concentravam nesta zona da cidade e, de acordo com M. Villaverde (2006), nem o surgimento do moderno *boulevard* da Avenida os faz deslocar de lugar, era no Chiado que passeavam os “elegantes”, aqui podiam praticar uma actividade lúdica urbana, “ver montras”, “the most fascinating *window shopping* in Lisbon.” (1954 Uk G)

No *corpus* de análise o Chiado foi sempre assinalado como uma zona comercial de luxo, pese embora o interesse no valor artístico e patrimonial das duas igrejas, Loreto e Encarnação e o Museu de Arte Contemporânea. “There is the Chiado quarter, or sort of Bond Street of the ultra-smart modern Lisbon, Lisbon’s swaggerest shopping arteries.” (1936 Uk GM)

“Le Chiado cher aux jeunes femmes élégantes qui y trouvent leurs salons de thés et leurs magasins de modes, cher aussi aux hommes désœuvrés qui échantent les derniers potins de la capitale.” (1953 Fr G)

No entanto esta imagem de “centro elegante de Lisboa” foi-se alterando, nos guias, editados nas décadas de 60 e 70, destaca-se a importância de uma outra polaridade, situada no eixo Avenida de Roma-Praça de Londres, uma nova área urbana, edificada durante os anos 40 e 50, eixo que procurou constituir-se como um pólo da modernidade urbanística do Estado Novo, e abrigou as classes médias altas urbanas deste período conjuntural. Aí se começaram a instalar os comércios mais modernos e por isso a cativar o novo gosto turístico do “shopping” na cidade.

No fim dos anos 50 de XX emergem duas imagens, por um lado os guionistas mais críticos salientam os aspectos negativos da sociedade conservadora e cinzenta que permaneceu sob a ditadura salazarista no pós-guerra, nomeadamente o peso da sociedade machista, repetindo a ausência das mulheres do centro e a demarcação de territórios — café para os homens e casas de chá /pastelarias para as mulheres. E por outro lado, passou a ser vincada a ambiência antiga do Chiado, a ambiência de Eça de Queirós, valorizando-o dentro do gosto nostálgico da cidade antiga, como combate à vulgaridade da nova cidade estandardizada, como o guia de 1971.

“Chiado, la rue des librairies et des cafés, la plus élégante de Lisbonne. Vers six heures, elle est remplie seulement d’un flot d’hommes au teint marron, habillés de puce, remplissant cafés et trottoirs. Peu ou pas de femmes, quelques-unes frisottées. Impression

de gravité, voire de tristesse, qui se dégage de cette foule du Chiado. Plus que du délassément ou le plaisir, elle semble attendre les cours de la bourse ou le communiqué du Grand Quartier Général.” (1957 Fr GM: 38)

“Chiado and surrounding area is the rough equivalent to Mayfair overtones of Soho and Chelsea added on a small scale. It is the fashionable shopping centre par excellence. Its heyday as a social scene was in 19th where people bump into each other by accident in Eça de Queiros time. There are tea-rooms unchanged from that era, a joy for anyone who has a feeling for the poetry of the tea-room, none of your snack-bar vulgarity.

Chiado has its cafés too: Brasileira, but somewhat rough (...) always crowded from morning till late night, it is (and has been) a gathering place for journalists, writers, artists, students (...) the continual coming and going of people looking for people (...) bookshops of note Diario de Notícias is also an art gallery (...) small as bookshop but excellent a fine place to mount an exhibition (...) the big and famous Bertrand has its special place in literature and life of Lisbon (...) also a publishing house.

But almost every shopping facility is available round the area: fancy jewellers, photographic (...) smart stores and some gloomy departement stores that have so far succeeded in ignoring 20th Grandes Armazens do Chiado; an anti diluvian institution (...) a truly 19th attitude to shopping. If this persists a little longer it may enter the mysterious phase where the ornate gilded lettering on its façade will become art. Even now it is beginning to suggest that it should by rights be a national monument.” (1971 Uk M: 92-93)

O incêndio do Chiado foi assinalado nos guias como uma perda patrimonial e após a sua recuperação, o interesse turístico é reforçado, turisticamente, pela autoria do novo projecto associado ao arquitecto Siza Vieira, acrescentando-se como mais um atributo a acumular com os outros *ikons* turísticos como a estátua de Fernando Pessoa (1985) junto do café Brasileira. Nesta zona os guias editados a partir dos anos 90 de XX incluíram rotas turísticas temáticas em torno das duas figuras literárias, Fernando Pessoa e Eça de Queirós.

“Rua Garrett qui essaie avec ses magasins de mode internationaux de redonner au Chiado un certain éclat (Guess ... Hermès).” (2002 Fr GM)

“Chiado ... l’un des quartiers les plus agréables de la ville, surtout depuis sa renaissance, orchestré par Siza Vieira ... R do Carmo comporte des boutiques anciennes ou branchées, (...) grâce à discothèque ambulante la musique ambiance est le fado.” (2010 Fr G)

Avenida da Liberdade

A avenida *boulevard* é, na literatura da história urbana, o *ikon* da cidade moderna e foi a construção da Avenida da Liberdade (1879-1885) que definiu a nova paisagem moderna de Lisboa como refere J. Vadja: “Ces boulevards à deux allées, bordés de grands édifices publics de la seconde moitié du XIX^e. et de beaux jardins, forment l’une des parties les plus caractéristiques de la cité moderne.” (J. Vadja, 2011: 233)

R. Henriques da Silva identifica a Avenida da Liberdade: “A *Avenida*, como quase logo passou a ser designada, foi um lugar em si mesmo. Nos últimos anos do século XIX e até à proclamação da República, “fazia-se a Avenida” como se fazia a Rua do Ouro e o Chiado: para passear, ver e ser visto, numa ritualização do passeio urbano cujas características eram ainda românticas. O ajardinamento das placas laterais (que salvaguardaram espécies do Passeio Público e alguns dos seus elementos decorativos, como os pequenos lagos), a amplitude do espaço de andar e a quase ausência de trânsito explicam que a Avenida tenha sido, de facto, a mesma espécie de palco que fora o Passeio Público, mas sem muros nem portões de acesso, democratizando o passeio e a fruição de espectáculos ocasionais de Verão.” (R. Henriques da Silva, 2006: 127)

E na mesma linha de ideias, também M. Villaverde identifica a avenida como um lugar de moda: “As obras de abertura da Avenida da Liberdade e a construção da Gare do Rossio (1888), corolários urbanos póstumos da Regeneração Fontista, desfizeram esta série de equipamentos lúdicos, algo efémeros – Cavalinhos, Circo Price, Recreios Whyttoine – que antecederam o Coliseu (1890). A modernização fontista, com o seu *boulevard* aberto sobretudo para provocar a extensão de Lisboa para norte, e a sua gare central de caminhos-de-ferro, ligando Lisboa a Paris, destruíram os espaços lúdicos e de representação burguesa do romantismo.” (M Villaverde; 2006: 143-144)

Segundo M. Villaverde o lazer urbano pago iniciou-se com a inauguração do Coliseu dos Recreios, o novo edifício, *fashion* à época, replicando o Palácio de Cristal londrino, tornando-se o novo espaço de entretenimento das massas (classes médias urbanas). Como o autor indica, aquela que pretendia ter a escala das grandes salas de espectáculo foi implantada “num eixo urbano medieval, estreito, onde a sua imponente fachada nem sequer podia ser convenientemente observada. Não foi no novo boulevard que o Coliseu foi instalado, mas nas suas traseiras, o que nos mostra a especificidade da modernização de Lisboa.” (M Villaverde; 2006: 148)

É de salientar este aspecto, pois uma das críticas à cidade muitas vezes referida nos guias, editados até à década de 40 de XX, foi a falta de perspectiva dos edifícios e dos espaços

urbanos lisboetas, onde a “esperada” monumentalidade de edifícios como a Sé Catedral ou a estátua D. Pedro IV, no Rossio, se perdia dada a sua implantação “acanhada”. Lisboa foi descrita algumas vezes como uma cidade onde se apinhavam casas, edifícios públicos, jardins ...

Ao contrário dos teatros das classes altas, ao Chiado (São Carlos, Ginásio, Trindade), “o Coliseu, e a ausência total de elitismo na sua programação, era o espaço popular, para toda a gente, com predomínio para a grande massa da minúscula, da pequena e da média burguesia em crescimento nos finais do século XIX.” (M Villaverde, 2006: 153)

Aliás, na Rua das Portas de Santo Antão reuniu-se no fim de XIX, uma colecção importante de edifícios e actividades lúdicas e literárias: O Ateneu Comercial em 1895, a sede Sociedade de Geografia, no edifício do Coliseu, em 1897, o teatro Politeama, em 1913, os clubes Palace²²⁵ (1917), o Magestic²²⁶ em 1918 e o Bristol²²⁷ 1918. Reveladores de uma nova forma de estar na cidade, pondo a noite em evidência, aqueles clubes criaram em Lisboa a ambiência dos anos 20 nas grandes metrópoles como Viena, Berlim, Paris Madrid, Londres ou Nova Iorque. Assinalado nos guias como um espaço de diversão da cidade, não reteve a atenção guias desse período, pois não fazia parte dos critérios de consumo turístico padronizado.

Um dos poucos guias que se interessava sobre esse aspecto da vida da cidade, o guia de 1931, refere-se ao modo de diversão nocturna lisboeta como uma animação reservada: “but never before [Lisbon] I had seen life that was outwardly quiet and decent and generally decorous as that of this place [Maxim’s] in the Lisbon of two in the morning ... no jazz on the band, no streamers, no false noses, no vestige of semi intoxication ... If the Portuguese were out for the night, at least they were doing things with absolute dignity and restraint.” (1931 Uk GM: 145-146)

Nos guias o destaque dado à Avenida da Liberdade no arco temporal define três momentos.

Nos guias iniciais e, de certa forma, prolongando-se até aos anos 50, surge justamente como símbolo da modernidade, desde logo comparada com os Champs Elysées, e também como sítio da animação urbana, um dos lugares da moda da cidade. Na Rua das Portas de Santo Antão reuniam-se alguns elementos patrimoniais considerados de destaque, como a

²²⁵ Onde hoje se encontra a sede da Associação Comercial.

²²⁶ Onde hoje se encontra a Casa do Alentejo.

²²⁷ Onde hoje se encontra a sede do clube do Sport Lisboa e Benfica.

Igreja de S. Luís, a Sociedade de Geografia e o seu museu Etnográfico e Colonial e os sítios de diversão acima mencionados. Era também o lugar de acesso, através do elevador do Lavra, ao Campo Santana, onde se destacavam o monumento a Sousa Martins e os edifícios da Escola Médica e restantes hospitais. Este interesse declina na segunda metade de XX.

A Avenida da Liberdade era considerada como o último embelezamento da cidade, “la belle promenade de l’Avenida da Liberdade, magnifique avenue qui, par ses dimensions et situation, peut rivaliser avec les plus belles promenades. Elle aboutit à un jardin encore en formation et qui domine la ville.” (1900_1904 Fr G)

“Avenida da Liberdade, the principal promenade of Lisbon extends from Restauradores to Marquês de Pombal. The splendid thoroughfare with two lines of gardens separating the tramway tracks from the motor road. It is lined with rather common place buildings, including many theatres, cinemas, garages and cafés, and in summer brightly lighted open-air cafés, often with bands, set up their tables round central gardens.” (1929 UK G: 208)

“Avenida da Liberdade, Lisbon’s showiest street 5.000 feet long and 300 ft wide. The first section of this fine thoroughfare is comparable favourably with Champs Elysées in Paris and Ringstrasse in Vienna.” (1939 Uk G: 69)

A partir dos guias editados em 50 a *Avenida* continua a ser identificada como um dos lugares modernos da cidade, já não por ser uma avenida boulevard, mas porque aí se encontravam os principais e mais modernos hotéis, “Avenida da Liberdade where you find the really posh modern hotels” (1971 Uk M), bem como as sedes das principais companhias aéreas, “Flanking it are some of the finest shops, headquarters for many major airline travel agents, coffee houses with sidewalk tables, and such important hotels as Tivoli. The comparable street in Paris is Champs Elysées, in Rome Via Veneto.” (1970 USA Uk G)

Por outro lado é mais caracterizada por ser uma artéria que leva até ao Parque Eduardo VII e à Estufa Fria, um dos pontos de visita sempre em destaque. Como refere o guia de 1960: “I walked along the broad Avenida da Liberdade (every dictatorship always has its avenue of liberty) to Parque Eduardo VII, where nursemaids from the wealthy blocks of overlooking flats sunned themselves among the flowers.” (1960 Uk M: 45-46)

“The mile-long Avenida da Liberdade with its rows of flowerbeds and shade trees. On the other side of the parkway are the big hotels, shipping offices and a few governmental

buildings. At its northern end is a circle with the monument to the Marquis de Pombal and the gardens of Parque Eduardo VII.” (1965 PN Uk G)

A multiplicação de espaços de animação urbana assim como os problemas de trânsito e poluição fizeram diminuir o interesse por esta artéria da cidade nos guias editados nos anos 90, um terceiro momento, na qual a *Avenida* é incluída no acesso à zona “nova “ de Lisboa, basicamente associada com o território das Avenidas Novas, no limiar do qual os pontos turísticos de interesse são fundamentalmente a Praça de Touros, o museu tauomático no Campo Pequeno, a Fundação Gulbenkian a partir de 1969²²⁸ e o Centro de Arte Moderna em 1983.

“Avenida da Liberdade ce fut longtemps la voie la plus noble de Lisbonne; les travaux d’urbanisme, les terrassements, le stationnement intempestif, la pollution engendré par les embouteillages des véhicules l’ont hélas considérablement enlaidie.” (1984 Fr G: 160)

“Autrefois très prisée par les lisboètes, elle est devenue moins agréable à cause de la pollution qui empoisonne l’air, des parcs de stationnements et des embouteillages constant.” (1991 Fr Uk G MA)

Nos guias, a Avenida da Liberdade foi sempre considerada a principal artéria de Lisboa e o limiar a partir do qual se desenvolveu a cidade nova, mas sempre descrita como concentrando os aspectos citadinos mais importantes, a área da cidade mais elegante: os melhores lugares de animação, os melhores e mais modernos hotéis e edifícios. L’Avenida da Liberdade, variant locale et provinciale de nos Champs Elysées, est l’axe principal de Lisbonne. Jadis les familles aisées aimaient s’y promener, aujourd’hui quelques magasins et des nombreux hôtels de luxe l’animent. Jardins, théâtres, architecture Art Nouveau et perspectives spect²²⁹. (2010 Fr G)

²²⁸ A coleção de Gulbenkian, que veio para Portugal em 1960, esteve exposta ao público no palácio Pombal em Oeiras, entre 1965 e 1968, e foi sempre sugestão de visita desde então nos guias turísticos.

²²⁹ Calão francês para sintetizar a palavra especial.

Bairro Alto

O Bairro Alto, cujo urbanismo ortogonal remonta aos finais do século XVI, foi mais vezes associado nos guias ao urbanismo orgânico e labiríntico da Lisboa pré-terramoto. O bairro em si só começou a ter destaque nos guias, sobretudo a partir dos anos 50. A concentração no bairro dos jornais e tipografias durante a segunda metade do século XIX, não mereceu o interesse dos guias, nem mesmo dos guias editados nos finais de XIX, que se interessavam pelos aspectos do desenvolvimento industrial das cidades. Até aí, exceptuando o guia de 1934 Fr G, os sítios de visita assinalados ficavam na margem do próprio bairro, como a Igreja de S. Roque, a capela de S. João Baptista e o respectivo museu, o miradouro e jardim S. Pedro de Alcântara, a Academia das Ciências, o *square* do Príncipe Real e o Jardim Botânico.

A título de exemplo, na colecção dos guides Bleus, o Bairro Alto, integrado em 1953 Fr G no “Quartier Nord-Ouest” de Lisboa, surge nomeado como um sítio onde nas suas tavernas, à noite se canta fado, como em Alfama. Esta ideia é repetida em 1984, no qual o bairro se encontra integrado no “Sud de Lisbonne”, “le damier des rues de Bairro Alto, *mauvais lieu* de la Lisbonne nocturne, riche en tavernes et en boites à fado.” (1984 Fr G: 180). Na edição de 1989, no qual já surge destacado como Bairro Alto (e Estrela) o guia substituiu o adjectivo *mauvais* por *chaud*: “Bairro Alto, « quartier chaud » de la Lisbonne nocturne, riche en tavernes et en boites à fado. Toute une vie nocturne assez secrète et bourgeoise se tient à côté d’une prostitution assez pauvre. On y trouve aussi de nombreuses maisons touristiques de fado et des restaurants de toutes sortes, depuis ceux d’un look très fin des années 80, jusqu’au bistro le plus populaire qui soit.” (1989 Fr G: 361)

O destaque turístico do bairro como lugar de casas turísticas de fado, do mesmo modo que o próprio interesse do fado enquanto música típica lisboeta, são aspectos que surgem destacados mais nos guias editados nos anos 50 e 70. Um dos pontos de interesse foi também a abertura do Solar do Vinho de Porto em 1945-46 no palácio Ludovice, que associava a visita ao jardim-miradouro.

G. Réval em 1934 Fr GM destaca-o como “le quartier des grands journaux” e a imagem de um bairro popular, à semelhança de Alfama, surge nos guias 1949 Uk GM, 1956 Uk GM, 1965 YG Uk G, considerado “the traditional fado quarter of Lisbon”.

Mas ao mesmo tempo a qualidade da autenticidade bairral, construída em volta de Alfama-Mouraria, também é associada ao Bairro Alto (e a Santa Catarina), repetindo as mesmas imagens cliché “The buildings, once palaces crowded with servants and hangers-on, are

now tenements crowded with families and children. The intensity of their population can be judged from the multiplicity of washing hung from the windows to dry.” (1956 Uk GM) “Santa Catarina is very much a self-contained district, very much a “bairro”. We found we had every convenience at hand in the area. The regionalism of Portugal as a whole seems to be reflected in the city. Areas tend to have a character – can one even say a culture (?) – of their own.” (1971 Uk M)

Uma autenticidade que na monografia de 1960, onde se reflecte, como já referido, o desapontamento de um esperado exotismo do sul que afinal Lisboa não possuía, espelha mais o seu lado de bairro *basfond*, de esperáveis “vadios”: “I took the funicular — a yellow tramcar with a sloping floor — up the high regions of the city. I took a few minutes to escape from the cleanliness of the city centre. This was a self-contained world of darkness suspended like a cloud above the city, a new atmosphere of inner brutality, some shielded violence, which I was to experience again and again in Portugal. An awareness occasioned initially by the ragged men lounging at dark doorways, their hands and faces daubed with circles of some red antiseptic ointment. But the men were harmless, the streets of Lisbon, even the poorest parts, are much safer than those of London.” (1960 Uk M: 36)

No guia, *La nostalgie du futur* (1988 Fr M), a imagem do Bairro Alto desdobra-se entre uma certa saturação do bairro folclorizado e inautêntico, o bairro do “fado au formol d’un Lisbonne by night, les putains vieillissantes et les tavernes qui ferment” e os verdadeiros autênticos que ainda é possível experimentar: “Reste encore, miraculeuse, la taverne de la Mascote, taverne fadista vraiment populaire.” Também se reforça aí a racionalidade e modernismo do desenho urbano num bairro ocupado por populares: “Le Bairro Alto donne l’impression d’un village, ses maisons à deux étages, sagement alignées par Jesuítas à la fin du XVIe s. Si bien qu’on a cette chimère pour Lisbonne la confuse: à la fois un très vieux quartier et un plan rigoureux tracé au cordeau par les jésuites, innocemment gauchi par la colline.” (1988 Fr M: 141-143)

Entre anos 50 e os anos 80 de XX, o Bairro Alto foi considerado pelos guias como o bairro do fado, da música popular lisboeta. A alteração do bairro, no fim dos anos 70, motivada pela sua centralidade e importância turística, com um aumento substancial de restaurantes e a entrada de um novo tipo de comércio, como os antiquários, alterou o perfil, até aí mais industrial, reforçando a vocação de espaço de lazer. Já nos anos 80, depois da abertura do Frágil em 1982, e em consequência, a afluência ao bairro de jovens urbanitas, a instalação

de lojas de estilistas e *designers*, definiu o bairro como um lugar de “movida”, situação que permanece até à actualidade.

No guia de 1995 o Bairro Alto já é identificado como um bairro da moda, o lugar da Lisbonne *branché* (1995 Fr G), de bairro boémio, o Quartier Latin em Lisboa, destacando-se do “consumo turístico do fado”, deslocando-se até da exclusiva animação de vida nocturna, sendo assinalado por aí se terem concentrado artistas e um novo comércio ligado às artes e aos novos estilos de vida. Este aspecto do bairro foi o principal destaque dado nos guias editados em finais de XX, o bairro que mistura populares, intelectuais e artistas.

”Bairro Alto forme en monde à part. Le Lisbonne «*branché*» a pris d’assaut sont lacis de ruelles, installant ses bars et ses boites de nuits jusque dans les moindres recoins. L’après-midi c’est un village. Le soir on se croirait aux Halles ou dans le quartier Latin. Les oreilles sont quelque peu écartelées entre la House Music et les airs de fado.” (1995 Fr G)

No guia de 2002 é assim descrito: “Ancien territoire de Jésuites avec son église S. Roque. Aujourd’hui la rigueur des jésuites fait place à la fantaisie des artistes et des gens de la mode, qui en on fait leur quartier général. A l’initiative d’un homme Manuel dos Reis, antiquaire et noctambule, les anciennes rues de mauvaise réputation se sont muées depuis les années 80 en véritables «villages» de toutes les expériences postmodernes. Tout sous le regard attentif de la population, pas mécontente de voir redevenir une certaine animation, surtout nocturne, où le fado fait bon ménage avec le techno-pop.” (2002 Fr GM: 135-138)

O movimento de instalação na cidade de lugares de “movida”, iniciada no Bairro Alto, alargou-se a outras zonas da cidade, nomeadamente na zona ribeirinha, junto à Av. 24 de Julho, que a partir dos anos 90, se constituiu numa outra área de animação nocturna e lugar de moda na cidade, sendo por essa razão assinaladas nos guias.

“A Lapa est un quartier résidentiel très chic, l’animation du centre-ville est ici bien loin, mais il ne faut pas s’y tromper; à partir du jeudi soir, Av. 24 de Julho, qui longe le Tejo et ferme le quartier au sud, se métamorphose. A quelques encablures des sévères peintures du museu, des entrepôts reconvertis en bars et discothèques, ouvrent leurs portes á la foule compacte des noctambules. Le même scénario à Alcantara.” (1995 Fr G)

9.3.6 - Outros bairros e zonas de Lisboa, de implantação antiga, consideradas de interesse turístico.

Nos guias editados no primeiro ciclo urbanístico (Lisboa em Movimento), datados entre fins de XIX e a 1ª República, o interesse pela actividade económica e os indicadores de modernidade e progresso incluíam o interesse pela presença de fábricas e de bairros operários na cidade. Esse aspecto desaparece completamente dos guias e o mundo operário de Lisboa só surge de forma nostálgica, onde se destaca o interesse pelas vilas e pátios operários, nomeadamente no bairro da Graça, no final do século XX.

“Alcântara, importante centro fabril, cheio de fábricas, máquinas a vapor, armazéns e outras lojas de que as populações necessitam. O bairro de Alcântara, bairro democrático, essencialmente trabalhador e activo, apresenta um aspecto oposto ao do centro de Lisboa; a vida exuberante de um centro industrial.” (1870 Ep G)

“Poço do Bispo, the industrial section of Lisbon. This quarter, however, does not lack romance, for many of the factories and warehouses are installed in ancient palaces and convents, like the tobacco factory, which occupies the former 15th century Convento de Xabregas on a site of the royal palace.” (1939 Uk G)

“Certains demeures sont d’anciens couvents, (car nombreux sont les édifices désaffectés) et les familles labourieuses sont venues tout naturellement s’y installer. Peu de maisons sont aussi actives et aussi malodorantes que les cellules et les réfectoires de ces anciens couvents. Mais le charme de Lisbonne c’est précisément ce grand nombre de vieux quartiers qui ont su conserver le caractère rustique et intime d’un village.” (1963 Fr G: 386)

“Graça devient un quartier ouvrier, à l’atmosphère provinciale et paisible. De cette époque datent les programmes de construction des «villes ouvrières», inscrites dans le patrimoine de la ville.” (2002 Fr GM: 79)

A atenção dedicada à zona de Campo Santana surge nos guias turísticos iniciais e depois diminuiu, na mesma ordem de razão que o interesse pela vida industrial da cidade no início de XX. A atenção turística pela Colina residia no facto de aí se situarem os novos estabelecimentos ligados à medicina e à investigação médica, que pretendia reunir na Colina de Santana, como em Madrid (T Saraiva, 2006), um conjunto de equipamentos ligados ao incremento do conhecimento técnico-científico e às preocupações higienistas. O destaque turístico da Colina de Santana declinou quando se perdeu esse gosto de visita turística.

Outra referência de realce nos bairros de Lisboa são o bairro Estrela-Lapa e o bairro das Amoreiras (Rato-Amoreiras). Estas duas zonas de Lisboa são de interesse turístico na totalidade do *corpus*. Os ingleses sempre incluíram a Estrela (Buenos Ayres) como um dos bairros em visita em Lisboa, entre outras razões porque a zona da Estrela-Lapa foi uma localidade escolhida para lugar de residência pelos cidadãos ingleses e aí se encontram algumas instituições que lhes são importantes como o cemitério, lugar de visita desde sempre. “In these part of the city, more than any other, one is liable to hear English voices and to see GB number plates. The British Embassy along with most other diplomatic missions lies in district of Lapa.” (1972 Uk GM: 43)

No caso da zona das Amoreiras-Rato, o destaque desde cedo é dado pelo interesse demonstrado pelo Aqueduto das Águas Livres que detém na praça das Amoreiras uma das peças importantes, a Mãe d'Água e, na última década de XX, pela presença do museu Arpaad-Vieira da Silva (1994).

“The little quarter of Amoreiras under the shadow of Aqueduto das Águas Livres — the only utilitarian monument of the big spender D. João V.” (1972 Uk GM: 42)

A Junqueira, destacada pela sua configuração em “boulevard” no primeiro ciclo, é descrita como uma zona elegante, salientando-se a qualidade de alguns edifícios que ladeiam o boulevard, tendo sido ponto de atracção turística por causa do Museu Nacional de Arte Antiga, aí instalado desde 1884 – 1911. No fim do século para além daquele museu, a zona da Junqueira vem associada à animação nocturna nas proximidades, quer na Av. 24 de Julho, quer as “docas” de Alcântara.

9.3.7 - A Nova Cidade: Gulbenkian, Parque das Nações

Como dissemos, a singularidade turística de Lisboa destacada nos guias estrangeiros residiu na “ambiência” dos seus bairros antigos e sítios pitorescos, aspecto acentuado pelo lado do pitoresco, *romântico* primeiro, pelo pitoresco *autêntico* e pelo pitoresco *reconfigurado e criativo*, no fim do século. Esta singularidade esteve sempre associada à Lisboa que existia no início de XX e hoje se constituiu como o seu património histórico. A cidade que entretanto se foi construindo, a nova Lisboa referida nos guias até à construção do Parque das Nações (1998), permaneceu quase restrita às *Avenidas Novas*, embora os

limites turísticos desta zona de Lisboa extravasem aquele tecido urbano²³⁰. Para os turistas, as Avenidas Novas são o tecido da cidade que parte da rotunda do Marques de Pombal, Parque Eduardo VII e termina na Fundação Gulbenkian, o pólo agregador da recomendação turística ou o caminho do aeroporto até ao centro da cidade, avenidas²³¹ construídas durante o ciclo imperial da conjuntura sócio-histórica do Estado Novo.

O guia de 1909 referia-se ao crescimento das Avenidas Novas, expressando uma imagem de um urbanismo expansionista que “engole” todos os outros estratos urbanos antigos: “there are other avenues, broad, straight, and tree planted, that run to the side and further yet been swallowed up by the spreading town (...) and when the time comes will doubtless swallow each inhabitant in revenge.” (1909 Uk GM: 26)

No guia de 1931 a cidade nova, o expansionismo urbano, é descrito com a mesma imagem de propagação que engole as ocupações antigas: “Au delà de la place [Prç. Marquês de Pombal] Avenidas Novas et les anciens faubourgs Benfica et Lumiar incorporées dans la ville.” (1931 Fr G: 33)

Contudo é interessante dar conta que a imagem do “expansionismo urbano” materializado nas “Avenidas Novas” não possui uma correspondência clara com a cidade moderna. Como já referimos antes, nos guias de 1934 Fr GM e 1947 Sz M a Lisboa moderna (a cidade nova) situava-se no Estoril onde, para além do acesso por auto-estrada e existência de equipamento de lazer, como o Casino, se podia ter o estilo de vida moderno, cosmopolita e europeu, difícil na cidade de Lisboa.

Os guias editados entre os anos 40 e 50 dão destaque à novas intervenções urbanísticas do regime do Estado Novo, considerando como de interesse, nomeadamente a Alameda — pautada pelo Instituto Superior Técnico (1927-35), o INE (1931-35) e a Fonte Monumental (1938-43) — o Estádio Nacional do Jamor (1933-44), a auto estrada, os novos bairros (1933-1948), referidos nos guias como bairros operários, e a Igreja moderna de N.S. de Fátima (1934-38).

²³⁰ Do nosso ponto de vista, o conjunto urbano das Avenidas Novas corresponde ao território que se foi estruturando urbanisticamente a partir do eixo ressaniano da Avenida da Liberdade, a que assumiu plenamente o conceito de boulevard, continuado pelas avenidas Fontes Pereira de Melo, da República até à Rotunda de Entrecampos, eixo que foi definindo arruamentos transversais, a este e a oeste, numa malha ortogonal, de hierarquias secundárias, definindo quarteirões de edificações residenciais. A sua lenta concretização acabou por imprimir heterogeneidade arquitectónica ao conjunto.

²³¹ As avenidas Gago Coutinho, Estados Unidos da América e Roma.

O programa urbano do Estado Novo edificou dois elementos de marcação forte no período das ideologias fascistas na Europa: o Estádio desportivo, capaz de receber uma multidão de espectadores, uma das edificações salientadas quer na Roma (de Mussolini) ou Berlim (de Hitler), e a auto-estrada. O primeiro troço de auto-estrada em Lisboa serviu o centro moderno e de lazer do Estoril e o Estádio do Jamor.

Por seu lado, na política de habitação²³², materializada no Programa das Casas Económicas, que visava, nos seus pressupostos, resolver a falta de alojamentos para as classes populares e trabalhadoras urbanas, acabou por favorecer os funcionários públicos e municipais, bem como os membros dos sindicatos nacionais e as Previdências, como salientam Luís Baptista 1999, Nunes Silva 1994, Inês Marques 2003 e outros. No âmbito do programa, promoveu-se a construção de “bairros” em zonas afastadas, desligados da vida urbana, sustentados na habitação unifamiliar. Na concepção dos bairros estabeleceram-se hierarquias espacialmente marcadas, como por exemplo no Bairro da Serafina (1933-38) e Bairro da Calçada dos Mestres (1940-43). Estes “não eram planeados para o encontro de indivíduos, mas sim para o recolhimento. Cada um na sua casa, com a sua horta e o seu jardim.” (L. Baptista, 1999)

As intervenções urbanas do Estado Novo foram veiculadas em alguns guias turísticos, como a singularidade das aldeias dentro da cidade ou a cidade feita de pequenas aldeias, imagem veiculada nos guias de 1936 Fr e 1947 Sz M, repetidas em 1953, 1963 Fr G.

“Dans ce bref périple nous avons pu discerner les deux tendances du gouvernement portugais en matière d’urbanisme. D’une part, restaurer tous les monuments anciens ayant un caractère historique. D’autre part, décongestionner les villes, non pas en étendant à l’infini une banlieue stérile, mais en créant des villages ouvriers. Les ouvriers doivent avoir leur *coin de terre* [cita o guia]. Ainsi, le contact se rétablira entre les agriculteurs et les travailleurs des villes. Valoriser le pays en augmentant la cohésion nationale. Le stade est un des joyaux du Portugal. Comme pour celui d’Athènes, ont su choisir un site et établir plans selon une utilisation judicieuse du terrain. [Il] peut contenir 60.000 personnes (...) au centre un superbe tapis vert, constamment entretenu par plusieurs équipes de jardiniers, attend les footballeurs. Autour du stade le gouvernement a l’intention d’élever une cité des sports.” (1947 Sz M: 65-66)

²³² Política plasmada no pacote legislativo de 1933-1943.

“Un monument d’architecture religieuse [Igreja de Fátima] unique au Portugal et peut-être de Península. Cette église, à l’édification de laquelle les artistes de la jeune génération ont presque tous collaboré est une des plus riches par la variété des marbres, la profusion des objets d’art et des fresques. Une synthèse heureuse d’audace latine, disciplinée par les règles immuables de l’esprit classique.” (1947 Sz M: 65-66)

Contudo, noutros guias encontramos um olhar crítico, como nos guias de 1955 Uk, 1957 Fr G e 1960 Uk, que chamaram a atenção para o problema da habitação em Lisboa.

O guia de 1955 Uk, no qual transparece a presença de uma cidade / sociedade vigiada, refere-se à nova cidade que, embora não vindo identificada, associámos ao novo bairro de Alvalade (1945-1957): “we raced out to the new quarters of the city; for obviously officialdom wanted us to be impressed by the new buildings. And we were. The blocks of modern flats are not being put up merely as dormitories; they make their own life with cafés, and shops, and gardens. I think we streaked down a Manchester street and through a London square. A.²³³ waved to a block and said, one must not think of the modern flat as cramped, some of these flats have three bathrooms. It is necessary to have a bathroom for the servants. But he showed us smaller new houses for people who cannot afford to think servants necessary.” (1955 Uk GM: 46)

“Quand à la main d’œuvre, dans sa très grande majorité elle n’habite pas Barreiro, non par goût, mais faute de logement comme le constatait et s’en plaignait O Século, le grand quotidien portugais. Elle a ainsi le plaisir de faire deux fois par jour, cette pittoresque traversée du Tage.

Pendant ce temps on démolit à tour de bras à Lisbonne, grâce à une loi très attaquée de 1948 (retouchée par deux décrets en novembre 1956) mais toujours en vigueur qui permet au propriétaire (souvent une société) d’expulser les locataires avec une indemnité dérisoire s’il désire démolir et faire construire un nouvel immeuble qui lui rapportera plus. Le résultat au point de vue social est une crise de logements.” (1957 Fr G : 47)

A maior frequência no uso do avião, como meio de chegada a Lisboa, inaugurado em 1942, e o desenvolvimento do eixo urbano Roma-Areeiro, fazem ressaltar a entrada na cidade como a experiência da Lisboa moderna, como distinguia o guia de 1960 Uk GM e

²³³ Embora não identificado referia-se a um funcionário do Secretariado Nacional de Informação, serviço que apoiava a promoção turística desde 1944.

no qual definia um tipo de turista como referimos em capítulo anterior. “The business visitor who touches down at the small but busy airport will feel immediately at home. Avoiding mean and narrow streets, he will pass along broad avenues where palm trees flourish, past bullring of Campo Pequeno, with its red onion shaped domes, past impressively high blocks of clean flats and prosperous shops and cinemas. Every second street is heaving up its heart for the new subway. On all sides the new buildings are going up, fashioned of that muddy Iberian concrete and caged by flimsy wooden scaffolding, which may remain there untouched for months or be tomorrow whisked away to reveal a new sugar-cube building, squat and white in the sun.

Brilliant copyists, the Portuguese lovingly imitate the most modern American and Swedish architecture; any one of the five new hotels in Lisbon would be fit for any film.” (1960 Uk GM: 40-41)

A edificação do Cristo Rei em 1959, a construção da ponte em 1966 e o novo edifício sede da Fundação C. Gulbenkian²³⁴, em 1969, definiram novos itinerários de interesse turístico.

“A gigantic statue of Jesus set on the south side of the river is one of the most striking monuments in Lisbon. It is now rivalled by the exciting Padrão dos Descobrimentos, built to commemorate Descobrimentos.” (1969 Uk G: 61)

“The most dramatic way to cross the river is on Ponte Salazar, the longest and most expensive suspension bridge ever erected in Europe the total exceeding 75 M. Its creation is expected to increase tourism spots ... as Sesimbra.” (1970 USA Uk G)

Contudo o ritmo de mudança de Lisboa, em comparação com as outras cidades da Europa, no período do pós-guerra, é dado pelo guia de 1971 Uk M. Os guionistas que anunciam este período como “the new era of jumbo-jet, supermarket and ready made clothes”, referem-se a Lisboa como uma cidade onde o tempo avançava lentamente: “during three years [1966-69] half our bit of London had been bulldozed flat and its Regency terraces replaced by vertical glass cubes like filing cabinets, time goes slowly on Portugal. The old Francfort was exactly as we had left it ... nothing had changed, except that they had at last completed the new tube station at the north end of the square, and traffic appeared to be heavier.” (1971 Uk M: 14)

²³⁴ De notar que a colecção de obras de arte que se encontrava disponível em Oeiras, já era alvo de recomendação dos guias anteriormente.

Apesar daquela imagem de invariabilidade, realçaram o crescimento suburbano junto de Queluz, por exemplo: “the real attraction of Queluz is less the palace than its famous gardens ... but their charm is threatened — or at least the perfection of their 18th image is being tarnished — by modern blocks of flats that have been built on the skyline of the hill behind the palace, and whose cubic heads are now to be seen peering over the elegant, placid frivolities of Queluz.” (1971 Uk M: 57, 84)

Ou ainda as alterações e historicização das edificações na Avenida da República, ela própria em transformação: “an architectural fantasy; one of those mad creations of the late 19th, and turn of the century. A cocktail of strange details brought together with total disregard for the functional demands of the building. Thus one finds incorporated in a single space French, Italian, German and maybe Spanish or country Portuguese items, they were taken to be the perfect demonstration of the lamentable results that can follow from the absence of an overall planning control. The Lisbon municipality had no overall scheme for the development of these newer parts of the city, then growing so fast. Each house was considered as an isolated case and the folly of the method became apparent only when all the houses were up. They now enter the phase of historical and artistic curiosity and, more than that, even achieve an aesthetic quality. They should be made national monuments before the last of them tumbles to make way for the seven-storey block. Just to look at them will repay a walk down Avenida da Republica.” (1971 Uk M: 192-194)

A marcação da “revolução dos cravos”, em 1974, na paisagem urbana foi dada nos guias pelo surgimento dos graffiti políticos que P. Kyria reporta na sua monografia editada em 1985: “Lisbonne vit encore à l’heure de la révolution. Partout les slogans en lettres rouges, des affiches, des fresques naïvement imagées rappelant au visiteur que quelque chose a définitivement changé : le peuple parle, on parle pour le peuple, à la longueur des façades et des murs, pour dire non au fascisme, oui à la réforme agraire, pour crier des indignations, des espoirs, mais aussi des méfiances à l’égard de tel ou tel parti.

Les révolutions servent rarement l’esthétique, et la ville pèle par tout ses pores: ses pales nuances pastel partent en lambeaux. On a autre chose à penser qu’à faire mine fraîche pour les touristes; les propriétaires d’immeubles ont d’autres soucis en tête ! L’heure est sombre pour le Portugal (...) pour se plier aux exigences des « hommes sans visages » du FMI.” (1985 Fr M: 85-86)

O guide Bleu de 1984 que nesse ano organiza a descrição da cidade em camadas históricas, como referido antes, identifica “La ville contemporaine, du Rossio à Fondation Gulbenkian, le grand bâtiment moderne, entouré de jardins.” (1984 Fr G : 172-175)

O guia Autrement *La nostalgie du futur* (1988 Fr M), no capítulo sobre “La Ville après es séismes”, refere-se à nova cidade construída nos anos 60 e 70, Olivais e Chelas, dando uma imagem crítica sobre o crescimento urbano deste período, mas igualmente do período de 80, que introduziu um novo *ikon* turístico, o Centro Comercial das Amoreiras, a arquitectura espectáculo pós-moderna. A mesma imagem é dada pelo guia 1991 Fr Uk G MA.

“C’est en périphérie que le séisme a eu lieu. Les quartiers de Olivais e Chelas sont devenus les archétypes des erreurs modernistes des années 60-70 et posent encore d’insolubles problèmes.

Ce qui donne forme à la ville ne semble pas tant le travail d’architectes que les opérations dispersées des promoteurs privés qui rachètent les terrains de quintas, lot après lot. Les zones peuvent être dépourvues d’équipements, jardins, espaces verts et ressembler à d’éternels chantiers. Et il n’est pas rare d’y voir des lambeaux de tissu rural semi désert, ceci c’est presque une tradition à Lisbonne. En plein cœur de ville, on trouve encore des champs de maïs tout près de l’hôtel Eduardo VII ou R de S. Bento, près de maison Amália Rodrigues.

Le dernier avatar de construction à Lisbonne est une architecture spectacle qui surgit un peu partout, postmoderne à tous crins, tant la peur d’avoir manqué le train de la modernité est grande, frappant Lisbonne des décennies à venir du sceau de la monumentalité de ses tours surmontées de frontons ... et dont les façades survalorisées sont couvertes de miroirs. Les Amoreiras renferment en leur ventre un gigantesque centre commercial, symbole d’un nouvel ordre des choses. Là sont rassemblées toutes boutiques à la mode, une ville en réduction. Le succès du CC est incontestable, surtout auprès les jeunes. Et d’ailleurs, comme Rio-Sul²³⁵ les Amoreiras, ne vont-elles pas devenir un lieu de la drague soft, le grand club des classes aisées, isolée du reste de la ville, avec ce qu’il faut de prolétaires ébahis le week-end pour redonner à chacun une conscience claire de sa classe ?” (1988 Fr M: 73-76)

E reporta as mudanças ocorridas em consequência da entrada na Comunidade Europeia: “la plupart des policiers sont à présent pourvus d’uniformes bleus très CEE. Les antiques

²³⁵ No Rio de Janeiro.

tramways perdent un à un leur allure exclusivement britannique. Les sémaphores ont été synchronisés. Le système informatisé Gertrude réglant la circulation de la Baixa est importé de Bordeaux. Des rues aussi prestigieuses que R. Augusta sont à présent réservées aux piétons. Des citoyens de CEE y dessinent des vierges à la craie, d'autres font gémir des scies musicales d'autres encore déambulent. Des terrasses de café viennent d'être aménagées, en dépit du climat atlantique. On sert, contrairement aux habitudes, des coca-cola, des ice cream sur catalogues et même des *portos*. Depuis qu'elles font partie de l'Europe, les plages selectes de la côte d'Estoril sont devenues impropres à la baignade. Sur l'autre rive, les plages populaires de Costa da Caparica arborent, en revanche, le précieux fanion bleu de la FEEE. Rebaptisées Waikiki beach ... on y attend ... le premier festival rock atlantico." (1988 Fr GM: 34-35)

Finalmente, com a realização da Exposição Mundial de 1998, um novo espaço da cidade entrou para os roteiros turísticos, surgindo destacado o Parque das Nações, sendo o Oceanário um dos pólos de interesse turístico, esquecido definitivamente o Aquário Vasco da Gama, ainda construído no século XIX (1898) e que foi um dos itens de visita turística, referido nos guias, durante quase todo o século XX.

“Les aménagements les plus importants ont concerné les berges du Tejo, où l'on a vu des entrepôts en ruines se transformer en restaurants et bars chics bordant les marinas et des promenades flambant neuves. Le plus grand projet de réhabilitation jamais conçu au Portugal a concerné une zone industrielle polluée et à l'abandon. Ces 60 ha situés sur la rive nord-est du fleuve ont accueilli l'Exposition Universelle de 1998. Sa préparation a permis l'extension du métro, l'expansion des installations portuaires, la construction d'hôtels et la création de monuments remarquables par des architectes de premier plan.

L'Expo 98, sur le thème des océans, a confirmé le retour de la ville sur la scène internationale et a donné le ton pour le nouveau millénaire. A nouveau fière de son passé, jouissant d'une vie urbaine redynamisée et animée, porteuse d'importants projets d'infrastructures (notamment avec un nouveau aéroport qui devrait ouvrir en 2010), Lisbonne regarde avec confiance son avenir fermement ancré dans l'Europe.” (2001 Fr UK)

9.4 - Singularidades urbanas lisboetas

Ao longo do arco temporal configuraram-se alguns clichés associados a Lisboa, que perduraram, aspectos de valor patrimonial e artístico, considerados únicos, como a Azulejaria e a Calçada; mas igualmente *exotismos* como os jardins, os elementos anacrónicos na cidade metropolitana, como os eléctricos; ou ainda sincretismos urbanísticos como a sinalização e toponímia lisboeta.

Imagens, como a roupa pendurada nas janelas, varandas ou na rua, os ruídos associados aos vendedores ambulantes com os pregões, ou o tráfego, e ainda as cores de Lisboa (bleu, blanc, jaune), foram outra deriva turística e literária, imagens amplamente repetidas nos guias, identificativas de Lisboa.

Os jardins, parques, *squares* e miradouros

O interesse turístico pela paisagem, e impulsionou os sítios pitorescos, como Sintra, teve alguns lugares de interesse em Lisboa, com incidência nos jardins botânicos e miradouros.

Existe uma imagem relativamente constante, sobretudo veiculada pelos guias de edição inglesa, que consideram Lisboa uma cidade com uma flora exuberante, meridional, exótica. Esta constatação da exuberância nem sempre correspondeu à transmissão da imagem de uma cidade com muitos jardins e parques verdes, embora sempre fossem destacados os principais jardins botânicos e parques. Assim se refere no guia inglês do início do século XX: “Few, if any, capitals can show such a number of public gardens and open spaces planted out with such a wealth of trees and shrubs as Lisbon. The nearness of Africa is brought constantly to mind.” (1907 Uk G: 19)

Em parte, no olhar estrangeiro sobre os jardins subsiste uma ideia, herdada do século XIX, que pertence à nuvem de significações associada ao cliché dos países do Sul. No caso da abundância da flora, presente em Portugal, mas particularmente em Lisboa, o clima favorecia o crescimento de uma grande paleta de espécies vegetais, nomeadamente espécies trazidas das viagens dos “Descobrimentos”, favorecimento, contudo, pouco aproveitado. Esta imagem é contrariada pela oposta, convocando um gosto particular dos portugueses e lisboetas pelos jardins. No guia de 1971 destaca-se a jardinagem enquanto arte portuguesa: “if every race has a peculiar genius for one of the arts — the Germans for the music, (...) — then the Portuguese forte is for the plastic or three dimensional, which includes pottery, sculpture and architecture, and also the making of gardens.” (1971 Uk M: 63)

Aquela imagem clivada reflecte, por um lado, o confronto entre diferentes tradições da integração dos jardins no espaço edificado. Em Lisboa, através das imagens reproduzidas, ressoa a presença continuada da tradição árabe dos jardins interiores, que contrasta com a tradição cultural inglesa e francesa. Por outro lado, na apreensão clivada acerca dos jardins reflectem-se valores originados em sede de teorias urbanas, sobre a integração da estrutura verde, tal como passou a ser entendido a partir da Carta de Atenas, nos modelos de edificação-urbanização, no desenvolvimento (e desenho) da cidade. E. Howard (1850-1928) e Forestier (1861-1930), ambos tinham, nas teorias urbanas que produziram, preocupações com a inserção de parques e jardins, estes aliás, foram considerados as estruturas orientadoras do crescimento urbano das cidades. Ambos tiveram influência na cultura dos urbanistas portugueses e Forestier, nomeadamente, colaborou em 1927 na reorganização do plano do Parque Eduardo VII. Depois dos jardins de feição romântica como o jardim da Estrela (1852), o Parque Eduardo VII de inspiração haussmanniana²³⁶, a implementação do modelo de cidade-jardim nos bairros do programa das Casas Económicas durante o primeiro ciclo urbanístico do Estado Novo (1933-1948), com o ordenamento do parque verde de Monsanto, a flora foi integrada na expansão urbana da cidade enquanto “estrutura verde”.

Ao longo do arco temporal muda a imagem da exuberância de jardins, ou do lugar da “estrutura verde”, um novo modo de falar do lugar da “natureza” na cidade. Os guias editados nos anos 70 e 80 de XX reportam com frequência a intensa circulação automóvel e poluição, aspecto que exige a contrapartida de “espaços verdes”, de que denunciam a ausência. O guia Autrement 1988 Fr M dizia que Lisboa “n’est pas une ville d’espaces verts. C’est la ville de mille jardins secrets, jardins de palais, entourés de hauts murs, que personne ne visite jamais, jardins de rebord de fenêtre, herbes folles des rues pavées, qui finissent par orner les automobiles stationnées.”

Os jardins botânicos, quer o da R. da Escola Politécnica quer o da Ajuda, foram lugares de recomendação de visita no *corpus* de análise. “The Jardim Botânico is perhaps the finest of their kind in Europe. There is a placid melancholy, a dilapidated peace emanating from these walks and groves. At the heart of it is the dead water of an embowered pool, a quiet secret and soothing place.” (1971 Uk M: 63)

²³⁶ Consideramos que este parque obedeceu aos pressupostos haussmannianos, independentemente de ter tido uma realização tardia, dado que o objectivo era suscitar uma perspectiva monumental, a continuação da Avenida - boulevard da Liberdade. Embora o projecto datasse de 1887-87, veio a concretizar-se na sua forma actual a partir de 1945.

O Campo Grande foi lugar de passeio no século XIX, considerado “a fashionable corso, the “Bois de Boulogne” of Lisbon society” (1907 Uk G: 41), o único lugar onde era possível desfrutar de um longo passeio de carruagem, um gosto particular desse período, como referiu o guia de 1887 Uk G, todavia desligado da cidade. O gosto por passeios confortáveis de carruagem só se tornou possível na “cidade” com a abertura da Avenida da Liberdade, permitindo “a delightful drive, of about a mile, in a straight direction, North up, a moderate incline” como descrevia o guia acima citado. Em 1984 Fr G o Campo Grande continuava a ser referido como um espaço de lazer em torno do qual se encontravam os museus Bordalo Pinheiro²³⁷ e o Museu da Cidade²³⁸.

O Jardim da Estrela “un des mieux entretenus de Lisbonne, avec des belles allées ombragées, pièces d’eaux,” (1953 Fr G) “flowerful oases in Lisbon, enlivened with melodramatic 19th statuary” (1971 Uk M) é outro dos jardins citados.

O Jardim Braancamp Freire no Campo Santana foi outro espaço ajardinado, continuamente recomendado nos guias, o que é interessante pois este espaço não teve na vida lisboeta uma grande projecção. “The whole of that fine Campo Santana is now most delightfully laid out with artistic parterres of flowers, forming one of the most ambrosial, smiling and sunny places of the city.” (1907 Uk G: 45) “Colina de Sant’Ana, vieux quartier et agréable jardin public Campo Mártires da Patria.” (1984 Fr G) “Campo Santana, îlot méconnu paisible où rues pittoresques côtoient facultés, chancelleries où ministères.” (2010 Fr G)

A Estufa Fria (1912) é outro lugar de visita repetidamente presente nos guias turísticos : “a tropical rain forest in the heart of a European capital.” (1979 UK G: 30) A partir dos anos 50 o Parque Eduardo VII, e já neste século o Jardim da Amália, são os restantes elementos ajardinados presentes nos itinerários.

O parque florestal de Monsanto, um dos principais projectos de Duarte Pacheco no fim dos anos 30, foi também incluído nos itinerários: “le grand jardin de Lisbonne s’étend coupé d’est en ouest par l’autoroute, des belles allées accessibles aux voitures, terrains de sports, un camping, un théâtre en plein air des belvédères. (1984 Fr G: 189-191) Considerado como “un des espaces verts permettent de compenser l’atmosphère souvent polluée et le bruit des rues.” (1991 Fr Uk G MA)

²³⁷ O Museu existe aberto ao público desde 1916.

²³⁸ Este museu foi sempre alvo de visita recomendada, quando se encontrava no Palácio da Mitra, em Marvila, entre 1942 e 1975. Em 1979 o museu reabriu no Palácio Pimenta, no Campo Grande.

A figura urbana inglesa do *square* remonta, de acordo com H. Murteira, a um modelo urbano inglês do século XVII, surgido após o Grande Incêndio de Londres (1666). Aquela correspondia a um conjunto residencial, construído em torno de uma praça-jardim, definindo uma ocupação em malha regular. O jardim do Príncipe Real é um dos espaços da cidade particularmente apreciado nos guias ingleses e identificam de acordo com aquela figura urbana, o *square*. O Príncipe Real “one of the prettiest open squares of Lisbon, profusely laid out its flower beds and trees, and with a large tank in the centre and powerful fountain.” (1907 Uk G:43) Foi considerado em 1998 “l’un des plus beaux et des mieux soignés de la ville, entouré d’un ensemble de maisons qui révèlent la puissance d’une bourgeoisie qui, fortune faite au Brasil.” (1998 Fr Ep G) Lugar que também expressa a imagem aldeã de Lisboa : “des rares squares de la ville où les habitants du quartier jouent aux cartes à l’ombre d’un cyprès.” (2003 Fr GM)

Os jardins do Parque das Nações, criados no âmbito da Exposição de 1998, surgem nos últimos guias como lugares de visita recomendada.

“Des jardins aquatiques et un parc botanique montrant les conséquences planétaires des échanges végétaux opérés par les navigateurs portugais. La vogue verte triomphe ici aussi, avec, partout, exaltant le rôle d’agitateur botanique des explorateurs portugais, les végétaux des 5 continents, en cour de plantation un bois de 70 ha (...) s’enlacent de cette Nova Lisboa où s’alignait naguère abattoirs.” (2002 Fr GM: 54)

Os “miradouros”, que se associam ao gosto pelas paisagens, têm um lugar de destaque nas recomendações dos guias, sendo até no caso de Lisboa, com a sua topografia acidentada, um dos “substitutos” para o interesse turístico da visita, dada a falta de “monumentalidade” ou de “superlativos” — the world’s ...” (1979 Uk G). Os miradouros permitem “a visão global e panorâmica de *Ícaro*”, (Urbain, 2002: 192-193), um dos modos de olhar a cidade pelas tribos de turistas, e permitem a leitura da cidade como um “todo”.

Como dizia o guia de 1972 “Sightseeing in Lisbon begins everywhere. Rossio, Santa Justa or Castelo you are taking something exceptional, you are sightseeing.” (1972 Uk G)

O castelo de S. Jorge foi desde sempre o principal miradouro de Lisboa, de onde a vista panorâmica fora elogiada pelos guias, mesmo antes²³⁹ daquele se ter transformado num “equipamento” turístico da cidade, com o seu restauro no ano de 1940. O Elevador de Santa Justa (1902), depressa passou de meio mecânico²⁴⁰, com o fim de resolver problemas de acessibilidade na cidade do início de XX, para se tornar num dos principais *ikons* turísticos de Lisboa, como diz o guia 1988 Fr GM: “est remarquablement photogénique il pourrait être promu emblème vertical de la ville, à l’usage des tours opérateurs (...) un monument du gothique métallurgique.”

O espaço ajardinado da “Alameda de S. Pedro de Alcântara”, com uso público ainda no século XVIII e importante lugar de sociabilidades públicas no fim de XIX²⁴¹, é um dos pontos de visita nos roteiros turísticos em todo o *corpus*: “Alameda or small garden of S. Pedro d’Alcantara a wide terrace of Alameda, is a beautiful outlook over the eastern hills of the city and valley.” (1907 Uk G) “One of the best view points in Lisbon towards sunset.” (1929 UK G)

O zimbório da basílica da Estrela, a par dos “miradouros” de Alfama, Graça e Penha de França, bem como Santa Catarina e o Cristo Rei, configuraram-se como lugares privilegiados para a vista panorâmica do estuário do Tejo e de Lisboa, nos guias turísticos e também na paisagem da cidade. Um outro lugar de visita particularmente citado nos guias é o Aqueduto das Águas Livres, embora não sendo um “miradouro”, a parte do Aqueduto de Campolide, encontra-se nessa categoria.

Azulejos e Calçada

O guia de 1957 da colecção *Petite Planète* foi um guia que deixou transparecer uma imagem de Lisboa (e do país) não muito favorável. Elegeu no entanto a calçada como um dos aspectos mais notáveis e interessantes de Lisboa. O guia de 2001 Fr Uk afirma que a integração no Parque das Nações dos elementos familiares do urbanismo português, a

²³⁹ Até então, como muitos guias ingleses fazem notar, era só necessário pedir autorização ao quartel aí instalado. Aliás nos guias editados na viragem do século XIX a visita a igrejas nomeadamente vinha com a indicação das pessoas a quem solicitar a chave para fazer a visita, aspecto que ainda se encontrava presente no guia de S. Lowndes de 1949.

²⁴⁰ Existiu outro elevador na proximidade, o elevador da Biblioteca, que funcionou desde 1892 e foi demolido em 1912.

²⁴¹ Com o fim do Passeio Público na Avenida (1880), algumas das actividades lúdicas, como concertos, passaram a realizar-se em S. Pedro de Alcântara.

calçada e o recurso aos azulejos, trouxeram para este urbanismo “vanguardista” uma escala humanizante.

Ambos, azulejos e calçada, correspondem à singularidade do país e de Lisboa, os guias de edição Autrement referem que “L’art portugaise du pavement, de la tapisserie et des azulejos participe peut-être d’un même esprit: une tentative de stylisation de la complexité du monde, un besoin de concrétiser dans la pierre, la faïence (...) les méandres d’une pensée en perpétuel mouvement, mais prisonnière d’un espace clos. Si la couleur d’Alger est donnée par ses murs, Lisbonne mérite son appellation de “ville blanche” par la pierre calcaire de ses places et trottoirs qui, nulle part mieux qu’ici, ne donne autant le désir de flâner.” (1988 ; 2003 Fr GM)

Nos guias, a calçada possui a mesma clivagem que a presença dos jardins na cidade. Por um lado, os guias consideram como uma originalidade, e nessa medida com valor de raridade turística. Contudo, esse tipo de pavimentação das ruas e passeios pode tornar-se uma dificuldade e desconforto nas caminhadas turísticas. Esta dupla representação ocorreu desde cedo e reflecte um dos aspectos críticos que se atribui a Lisboa. A pavimentação das ruas foi alvo da queixa dos guionistas na viragem de XIX e a descuidada manutenção das calçadas foi motivo de crítica no fim do século XX. O calcetamento serviu ainda como figura alegórica da noção de tempo português.

“The pavements are pleasant to walk upon and pretty to look at, composed as they are of a mosaic of black and grey stones carefully laid down. The value of time in Portugal can be measured by watching the repairing process of a piece of sidewalk. The roads, on the other hand, are badly laid with cobble stones unevenly distributed, and with so many hollows and ridges (arestas) that a drive in any part but the fashionable “Corso” [Campo Grande] of the city is an adventure to be remembered.” (1907 Uk G: 14-15)

“La place de Comércio donne l’illusion d’être couverte de tapis blancs du Maroc, tapis d’haute laine aux dessins légers, noirs ... Jusqu’aux lointaines des belles avenues de Lisbonne, les trottoirs sont faits de ces mosaïques neigeuses comme la toison des agneaux.” (1934 Fr GM: 27)

“In sunlight the pavements are polished and slippery like the floor of a ballroom and the leather soles of your shoes slide away from under you with disconcerting swiftness. In rain, too, the rubber soles are equally unsupporting. Bare feet provide the safest method of travel. But Lisbon, being a capital city, frowns on the naked foot.” (1956 Uk GM: 250)

“It is vital to wear comfortable shoes. Apart from the up-hill-and-down dale levels, the streets are all cobbled. The pavements, mainly in the more modern *avenidas*, are

decoratively *mosaiced* in black scrolls and flowers on white – city colours – elegant indeed but tending to be heel hampering and uneven.” (1971 UK GM: 9)

“Rossio la place qui ondule, le surnom des premiers visiteurs anglais, pratiquement disparu ces derniers années, à cause des travaux dans le métro et rue, sont en cours de réinstallation [et] vous pouvez contempler les créations modernes du Parque das Nações.” (2001 Fr UK: 74)

“Arpenter les collines de Lisbonne n’est pas exempt de risque. Les véhicules dérapent sur les pavés gras, glissent dans les rails des trams. Seuls les piétons exercés parviennent à se maintenir en équilibre, sur les trottoirs de cailloux polis. Ne les plaignons pas; les empièrrements, à motifs blancs et noirs de calcaire et de basalte, « font l’effet de parterres royaux ».” (1988 Fr GM: 33)

“Les trottoirs et les pavages de Lisboa ravissent le piéton que je suis, ils sont faits de dés blancs et noirs en petit appareil de grés, assez glissants par temps de pluie et que deviennent traîtres quand ils prennent du jeu et se dérèglent jusqu’à sauter de leurs alvéoles, au tournant des rues.” (2003 Fr GM:17)

São ainda os guias de edição Autrement que enunciam uma imagem literária, metafórica, do uso decorativo da pavimentação, a cidade que se olha narcisicamente, amplificada pelos miradouros e pela calçada, através dos padrões decorativos escolhidos, repetindo na horizontal o que ocorre na vertical.

“L’art du pavement est l’une des plus vieilles traditions de Lisbonne. La ville est dotée d’une grammaire de pierre, de motifs ornementaux, continus sur les trottoirs et fermés sur les places. Passages pour résidences, marques d’une frontière d’une promenade, indicatifs emblématiques, les mosaïques sont d’autant de figures narcissiques d’un peuple qui ne se mire pas seulement dans les eaux glorieuses de la Mar da Palha mais aussi dans les dessins qui forment le tapis ésotérique des promenades.” (2003 Fr GM : 111)

Os azulejos, considerados como um elemento decorativo, de longa tradição portuguesa, muito associados, nos guias, à influência árabe, tiveram um emprego continuado na decoração e revestimento das fachadas dos edifícios e no espaço urbano, constituindo-se como uma imagem forte de Lisboa, nomeadamente, as estações de “Metro”, como descreve o guia 2003 Fr GM, “Le métro de Lisbonne est en quelque sorte devenu l’annexe XX^{ième} du musée des Azulejos et mérite assurément un détour par ces coulisses souterraines de la ville.”

Os guias, embora potenciem o interesse da originalidade dos azulejos portugueses, no seu olhar ainda assim subsiste uma pequena ironia, como no guia *Autrement*: “Ces mêmes carreaux se trouvent partout, dans les entrées, les vestibules, les couloirs intérieurs, les tavernes, les boutiques et restaurants, habillant les murs jusqu’à l’ hauteur d’homme. Même les grands hôtels modernes ne sauraient s’en passer. En France tels revêtements sont réservés aux cuisines, toilettes et sales de bain. À Lisbonne ils conviennent aux salons les plus huppés comme aux réduits les plus sanitaires.” (2003 Fr GM : 18)

O Eléctrico 28

No início do século XX os itinerários turísticos sugeridos pelos guias apoiavam-se na rede de eléctricos²⁴² (1901), então introduzidos, a par de um sistema de ascensores mecânicos que permitiam um acesso cómodo às colinas a oeste e a este da Baixa Pombalina. Acessos a pontos distantes da cidade, mas de importante interesse turístico, como o convento dos Jerónimos e a Torre de Belém ou o convento Madre de Deus, foram cedo garantidos pelo eléctrico.

No último quartel do século XIX a constituição das metrópoles modernas assentou sobre a implementação e incremento de sistemas de circulação na cidade, sistemas abertos, conectados a redes de escala regional e internacional, centrado sobre o novo transporte ferroviário. Em 1866 Lisboa estava ligada a Vila Nova de Gaia e a Madrid por via-férrea, como refere M. Pinheiro (2011: 240); em 1887 encontrava-se ligada a Sintra e em 1889 a Cascais (M.Janeiro, 2006: 421-422). Lembramos a chamada de atenção de T Saraiva, quando se refere à implementação da rede ferroviária: “Tal como ocurrió en E.U. a pesar de la retórica mercantil la primera línea se destino al turismo y ni al transporte de mercancías.” (T. Saraiva 2005: 66)

Porém, em cidades como Londres e Paris, desde cedo se implementou o “metropolitano” como um meio de circulação citadino, a par da rede de eléctricos, em 1863 e 1900²⁴³ respectivamente. No caso de Lisboa, no fim do século XIX surgiram projectos que visavam a construção de um sistema subterrâneo ferroviário e uma ponte sobre o Tejo que, por razões de ordem económica, não tiveram seguimento. A nova proposta surge em 1948, tendo sido inaugurada a primeira linha em 1959.

²⁴² Os primeiros itinerários da rede eléctrica fizeram-se entre a Praça do Comércio, Belém e Algés e Praça D. Pedro IV, Avenida da Liberdade e Avenida Alexandre Herculano. (Janeiro, 2006: 427)

²⁴³ Inaugurado por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1900.

Até meados dos anos 40²⁴⁴ foi o único meio de transporte público em Lisboa, como é referido no guide Bleu de 1953: “Depuis la guerre, un réseau sans cesse augmenté d’autobus – certains à impériale – a complété le système des tramways devenu insuffisants pour une ville en pleine expansion. Ils sont rapides, et les itinéraires, souvent compliqués, permettent, soit de visiter les quartiers neufs, soit de gagner beaucoup de temps sur des trajets comme pour aller à parc de Monsanto ou celui de l’Aéroport [et] très bon marché pour rapport à ceux de Paris.” (1953 Fr G)

Na mesma medida em que o eléctrico se tornava um sistema de transporte obsoleto nas metrópoles, em meados de XX, a sua presença em Lisboa acabou por transformá-lo numa particularidade da cidade e fazer a viagem na “linha 28” transformou-se num *must* turístico de Lisboa no fim do século XX, como aconselha o guia de 2003: “Le tramway est le seul mode de transport convenable pour affronter tant de détours et de collines, la ligne 28 est un *must*. ” (2003 Fr GM : 69) O eléctrico ampliou a imagem de Lisboa como uma cidade onde o passado permanecia vivo, vivido no presente, imagem que se formula nos guias editados nos anos 60 e se encontra ainda presente nos guias editados no fim do século.

Embora os guias apresentassem sempre as várias soluções de transporte dentro da cidade e para aceder aos “arredores”, o transporte mais recomendado foi quase sempre o taxi, considerado um transporte barato em Lisboa. A imagem dos taxis verde-preto foi igualmente veiculada como uma *landmark of the city*, sobretudo nos guias editados nos anos 70 e 80 de XX.

“An unusual and delightful way to see Lisbon is by special tramcar – decorated in turn of the century style with plush velvet banquettes, gleaming brass and moustachioed conductors to match.” (1966 Uk Pt G; 1984 Fr G)

“I can never understand why the trams of S. Francisco have scooped worldwide notoriety among tourists. Lisbon’s trams are just as antique and appealing. Lisbon’s trams are not so dramatically at variance with modern city. It is no surprise to see them extruded from the tight, dark gulfs of the back streets, emerging like golden galleons, their prows illuminated with beams of light. Their clank and clang of bells blends with cockcrow to herald first light.” (1971 Uk GM)

²⁴⁴ Relembrámos que a rede de autocarros foi introduzida por ocasião da Exposição do Mundo Português, em 1940, e só depois, em 1944, passou a substituir alguns itinerários efectuados por eléctrico.

O eléctrico 28 reúne, a par da imagem de uma cidade-labirinto, o gosto turístico de visitar uma cidade, escapando ao espaço-tempo da vida quotidiana. “Prendre un tramway ce n’est pas choisir une destination, une heure d’arrivée. Il vaut goûter cette harmonie de l’être « du temps, laissez-moi du temps ». Avec son entêtement à devenir européenne, la ville voit ce rythme menacé. Faut-il se résoudre à une nouvelle vitesse ? Ou bien faut-il, parce qu’ils sont l’âme de Lisbonne, parce que c’est aussi du passé que sont faits nos jours, préserver en ces tramways un temps en partie abolie ?” (1988 Fr GM)

“Que les doux tramways, semblables à des aquariums bigarrés, vous appellent d’un coup de clochette, prêts à vous mener n’importe où ailleurs, ici dans la ville blanche où se dénoue le suspense du temps qui passe.” (1993 Fr G)

A Toponímia

Algumas das descrições acerca de Lisboa podem considerar-se como críticas da cultura urbanística local.

Um dos aspectos que fez crescer a importância de guias e roteiros de cidade, no século XIX, foi justamente a sua complexificação e extensão. O espaço urbano atravessado por sistemas, ordenado a partir de racionalidade técnico-científica, com uma elevada densidade tornou-se um meio (lugar) de difícil circulação a não ser com auxiliares, como os guias. Como refere F. Vidal “Na viragem do século XVIII surge a ideia de que habitar uma cidade, ser cidadão não significa ter um conhecimento aprofundado e um contacto regular com a totalidade do território urbano. Divulga-se a ideia de que, sem a ajuda de documentos cartográficos ou de roteiros, já não é possível orientar-se numa rede de ruas, numerosas de mais para ficarem na memória individual.” (F. Vidal, 2007:10) A organização administrativa já não podia circunscrever-se ao conhecimento paroquial e de vizinhança, a distribuição postal foi das primeiras actividades urbanas a exigir roteiros para o exercício do seu trabalho.

Com alguma ironia, alguns guias de XIX consultados ainda fazem transparecer hábitos paroquiais, nomeadamente a imagem dada das elites urbanas insistirem em entregar cartões-de-visita sem morada, como se fosse implícito saber onde todos moravam. “La costumbre de no poner en las tarjetas de visita señas del domicilio de los habitantes, ni más ni menos que si Lisboa fuera un pueblo de cuatro casas, ó tan notable todos sus moradores que à nadie pudiera ser permitido ignorar el punto en que viven.” (1870 Ep G)

A imagem de proximidade, de familiaridade dada dos bairros lisboetas, a “escala humana” a que se referem os guias vai perdurar justamente com essa dimensão de proximidade. “Santa Catarina is very much a self-contained district, very much a *bairro*. We found we had every convenience at hand in the area. On our corner there was a tiny greengrocer (the smallest in the world), a local taberna and at the end of the street a café.” (1971 Uk M: 74)

Contudo, se esse aspecto paroquial pôde até ser um contributo para a singularidade / originalidade de Lisboa, foi também, do lado da prática turística, uma experiência negativa.

A dificuldade de orientação em Lisboa foi um dos itens que devolveu uma imagem negativa da sua organização urbana, particularmente nos guias editados na primeira metade de XX. I. Videirinho relembra que “parte do crescimento urbano de Lisboa (de fins de XIX) compunha-se de um conjunto de urbanizações parciais dispersas por várias zonas da cidade, as quais se ligavam através de um sistema de agregação de vias de *design* moderno, como as avenidas, mas também as antigas vias, nem sempre articuladas umas com as outras. A urbanização parcial de várias propriedades de configuração irregular, ocasionou uma malha urbana peculiar, onde se conjugam as circunstâncias da topografia e dos caminhos pré existentes, com a abertura de novas ruas, condicionando a estrutura do conjunto e previsivelmente a estrutura dos quarteirões.” (Isabel Videirinho, 2006: 94)

Foi muitas vezes apontada a falta de ligação entre lugares importantes de vida social e urbana, no plano do interesse turístico. Os guias editados no ciclo da Regeneração, o tempo de incremento do expansionismo urbano de Lisboa, referem “The general absence of leading thoroughfares makes it somewhat difficult for a stranger to find his way from one part of the city to another.” (1887 Uk G) Lugares de chegada, como a estação ferroviária de Santa Apolónia (1865), ou lugares de passeio, como o Campo Grande, foram pontos críticos nos guias desse período.

A estação central foi construída, como nota A. Barata, de acordo com o cânone da época, “na periferia do centro histórico, como as estações nas principais cidades europeias, contudo não se fez acompanhar com uma avenida, larga e arejada, ao centro da cidade.” A. Barata (2011: nota 32)

O sistema de transportes urbanos, implementado na viragem do século XIX, eléctricos e ascensores, a par do sistema de avenidas ressaniano, alteraram a imagem das dificuldades de ligação na cidade, garantindo os pontos de visita turística, merecendo até um elogio no guia de 1909 Uk GM: “Lisbon has already solved the question of mixed transit facilities

that has been agitating the travel authorities of London, and tickets for the lifts are issued in connection with the tramway routes.”

A inauguração da estação do Rossio em 1890 altera a primeira impressão acerca de Santa Apolónia. No entanto quando esta torna a ser de novo o terminal das linhas internacionais, nos anos 50, embora coincida com a nova modalidade de acesso aéreo, através do aeroporto da Portela, corresponde igualmente a uma diferenciação no tipo de turistas, separando entre os que chegavam de avião, tendo por isso uma abordagem à cidade moderna, e os que chegavam de comboio, tendo um primeiro impacto da cidade antiga.

A impressão negativa da entrada em Lisboa de comboio, na década de 60 de XX, resulta sobretudo “da construção de uma fantasia do Sul”, veiculada pelos guias turísticos e folhetos de viagem, como já referimos, e de que o guia monografia de 1960 é um exemplo.

“This square outside St Apolónia station constituted a barrier that could not be passed through quickly or indifferently. I was prepared for some poverty, some dirt and some gentle decay. Such terms are relative ... But I had not expected that these qualities should be so ingenerate: the people seemed born diseased and dirty, the houses seemed to crumble as they where built. (...) To be fair, it is what a visitor to London might feel when he arrives at Euston or St Pancras: a sick of deception caused by the endless over-praising of the world’s capitals (...) nothing is ever as good as it is made out to be.” (1960 Uk M: 21)

A toponímia lisboeta foi outro dos itens que mereceu o olhar crítico dos guias estrangeiros, sendo este tema recorrente ao longo do *corpus*. A acumulação de nomes começa pela identificação das principais praças de Lisboa, Praça do Comércio e D. Pedro IV, conhecidas em Lisboa, respectivamente pelas suas antigas nomações de Terreiro do Paço e Rossio, e que permanecem até hoje com essa identificação, apesar da construção da praça pombalina (Prç do Comércio) ter sido uma obra *ex novo* sobre os escombros da cidade antiga, como referem A Tostões e W. Rossa (2008).

Para além da dupla nomeação das ruas, nos guias surgem críticas à sinalização confusa dos lugares. Estes dois aspectos reforçam a imagem da Lisboa cidade labirinto, usufruída como experimentação turística.

“Several important streets also have a popular as well as an official name, the latter of which is printed at the corner, but never employed by the inhabitants; as, for example, the Chiado, officially Rua Garrett²⁴⁵.” (1887 Uk G)

“The double street names, they are a weakness of Lisbon to which the foreigner must accustom himself. True, it denotes the inhabitants’ affection for many of the important thoroughfares and squares, that most of these boast pet names more familiar often to taxi drivers than the official designations. Try the nickname first, if he looks blank then possibly the official title may be of help.” (1939 Uk G: 53)

“To add to the confusion of Lisbon’s maze of streets there is the teasing habit of having a nickname for some of the best-known spots. District names can be puzzling, as Lisboans are vague about their precise coverage.” (1971 Uk M)

Lisbonne, ville d’escaliers biscornus, de brusques goulots d’étranglement, ville propice aux détours où l’on se fourvoie, comme l’automobiliste le sait bien, lui que s’attache à confronter à l’énigme des indications de direction ambigües ou erronées, ou tout simplement inexistantes.” (1988 Fr M: 121)

Afinal parece ser uma característica lisboeta: “Esa clara incapacidad para el olvido se manifiesta, sobre todo, en la toponimia urbana. Muchas calles lisboetas se designan todavía mediante sus nombres populares, anteriores a la reconstrucción de la ciudad de tras de el terremoto de 1775. La mera observación de cualquier callejero proporciona una idea aproximada de los accidentes naturales en la Lisboa preurbana (Aguas Boas, Arroios, Baixa, Bela Vista, Lapa, Outeirinho, Rio Seco, Salitre, Sete Rios ...) de la antigua disposición de las industrias humanas (Alfama, Fornos, Moinhos, Olarias, Poço, Telheiras, Terreiro do Trigo ...) de la flora y de los cultivos (Charneca, Ferragial, Olivais, Pinhal...).” (1991 Ep G)

A vertigem dos nomes, como assim sintetiza o guia Autrement de 2003, para falar também do número de nomes que uma mesma via assume ao longo do percurso: “La propension bien lisboète à la double nomination, l’une écrite — sur les plaques indicatrices — l’autre généralement réservé à la langue parlée (...) le vertige des noms, une rue change en son cours plusieurs fois de nom.”

²⁴⁵ A rua do Chiado foi renomeada rua Garrett em 1880. (Janeiro, 2006: 418)

O guia de 1887 dava como exemplo a via junto do rio, que do seu ponto de vista era uma única via: “R. S. Francisco de Paula, rua Direita das Janelas Verdes, Cç de Santos, Cç dos Santos Velhos, Cç de Marquez de Abrantes, Lg do Conde Barão.” Ou o exemplo dado pelo guia de 2003: Rua da Escola Politecnica, R. D. Pedro V, São Pedro de Alcantara e R. da Misericórdia.”

Do ponto de vista estrangeiro esta acumulação de nomes estabelece alguma desorientação nos percursos da cidade, permitindo, ao mesmo tempo formular um cliché a propósito de Lisboa e dos portugueses, considerando a toponímia da cidade como uma das suas materialidades arqueológicas, um modo de estabelecer uma genealogia sobre as suas origens, uma singularidade turística, enfim.

Embora a dupla nomação ou a vertigem dos nomes, não seja uma característica exclusiva da cidade de Lisboa, tendo em conta que a toponímia é um aspecto urbanístico onde se inscrevem dimensões de forte importância simbólica política pois, na tradição das cidades antigas europeias, a toponímia serviu e serve também para marcar espacial e publicamente os heróis em cada conjuntura histórica. Um dos aspectos marcantes da gestão urbana da 1ª República consistiu na renomeação do nome das ruas, desde logo as avenidas recentemente acabadas como a Avenida da República, que antes detinha o nome do seu autor, Ressano Garcia, ou a ponde Salazar, renomeada 25 de Abril em 1974. Por outro lado, nos tecidos urbanos antigos a identificação dos lugares emergiu das comunidades residentes, muito antes da gestão municipal esquadrihar o espaço urbano no plano abstracto e “totalitário”. Alguns bairros construídos *ex nihilo*, sobre o programa das Casa Económicas, possuem uma toponímia numérica²⁴⁶, contudo esta resulta de uma negociação entre a tradição antropológica dos lugares, os imperativos simbólicos políticos das governações e a racionalidade técnica.

As cidades têm sido espaços abertos aos Outros e a “vertigem dos nomes”, embora possa ter sido reabsorvida como um “exotismo turístico”, não deixa de ser um fechamento de Lisboa aos Outros, como refere Topalov: “la pluralité des registres de langues dans une même société urbaine où l’on parle en principe une seule langue nationale entraîne des phénomènes analogues, bien que moins apparents, à ceux que l’on observe dans les villes, nombreuses, où existe effectivement un bilinguisme ou un plurilinguisme, ou bien dans les situations de contact entre langues nationales. Dans tous ces cas, les parlars ou les langues

²⁴⁶ O bairro da Cç. dos Mestres, em Campolide, ou o bairro das Terras do Forno na Ajuda, por exemplo.

doivent communiquer et les solutions à ce problème seront marquées par une négociation inégale entre les locuteurs.” (Topalov, 2008: 4)

À excepção dos guias editados no início de XX, na proximidade da abertura da Avenida da Liberdade, prometendo-se num futuro urbano metropolitano, Lisboa foi sempre considerada como uma cidade mais afastada dos parâmetros das metrópoles modernas, tendo contudo encontrado uma originalidade urbana que satisfazia o gosto de visita estrangeiro. Como já referimos atrás, o decorativismo e o sincretismo foram duas características associadas a Lisboa e de certa forma, definiram a originalidade portuguesa. O destaque da arquitectura portuguesa só surge nos guias editados na última década de XX, nomeadamente pela arquitectura pós-moderna de T. Taveira, nos anos 80 e pela associação de Siza Vieira à recuperação do Chiado.

A síntese da originalidade urbana de Lisboa, veiculada pelos guias, residiu na capacidade para preservar os tecidos antigos, os bairros, como lugares urbanos autónomos, uma ideia chave do modelo da cidade jardim, preservação não musealizada, a que se atribuiu o carácter turístico de “autêntico”.

Tendo permanecido todo o século XX como uma metrópole de dimensão média, em termos comparativos com as capitais europeias, foi também a constância da vida de uma cidade de “escala humana” o que lhe trouxe a singularidade no conjunto das cidades europeias a que passou a pertencer após 1986, como quase todos os guias editados nesse período reforçam. Sem ser original, nem inovadora, a imagem cristalizada nos guias condensa uma Lisboa que transportou, enquanto se foi urbanizando em moldes contemporâneos, uma *lusitaneidade*, que se alimenta do seu passado histórico, quando foi uma das primeiras cidades do mundo (XV e XVI), passado histórico amplamente revisitado na Exposição de 1998.

No guia de edição Autrement, reeditado em 2003, sintetiza-se a imagem de Lisboa como uma cidade “aberta” às influências estrangeiras: “Car l’un des secrets du charme de cette capitale est la grâce particulière qui lui fait intégrer sans difficulté à son capital les intérêts rapportés de l’étranger. Elle est douée d’une étonnante faculté d’ajouter sans cesse à son fonds d’acquisitions nouvelles sans compromettre son « lusitanisme » et sans que les emprunts successifs introduisent dans son image de trop de flagrantes dissonances. Roman, gothique, renaissance, baroque, jésuite, rococo font bon ménage entre eux et avec les apports exotiques, le mauresque, l’hindou, le vénitien, quoi encore ? Elle est ouverte et

leur goût très vif de la décoration a évité aux portugais une soumission aveugle aux grands styles.” (2003 Fr GM : 22)

Os portugueses são de “brandos costumes”, diz uma das caracterizações genéricas mais correntes, enquanto outros – como os espanhóis – serão mais violentos. (...)

Este tipo de caracterizações genéricas, de lugares-comuns sem fundamento, ou que constituem generalizações abusivas a partir de factos pontuais, são, no entanto, importantes. Porque assinalam diferenças que se julga existirem entre nações. São o testemunho da existência destas, pois todos os grupos nacionais possuem estereótipos sobre si próprios e sobre os outros, que são inerentes à própria construção de uma identidade.” J.Sobral, 2012²⁴⁷

10 – Lisboaetas.

A cidade de Lisboa tem sido “povoada” nos guias turísticos e narrativas de viagem por um conjunto de pessoas que servem como metáfora do que é a cidade, dos que nela habitam e que, no caso dos guias de “autoria” estrangeira, também servem como metáfora do que é ser-se português.

De certa forma estes clichés, são congelamentos, que permitem associações rápidas acerca de uma cidade, de um povo, de um país ...

A procura de “autênticos” que se foi definindo como gosto turístico ao longo do século XX tendeu a circunscrever os *nativos* a duas categorias: os prestadores de serviços e os *tourées*, os outros pitorescos (E Cohen 1988: 383). A sua preservação (o congelamento) constituiu-se num processo de etnicidade reconstruída.

A Varina encontra-se imagetivamente para Lisboa como os Homens da City para Londres, profissões da cidade, imagens marcantes da cidade, realidades conjunturais que entretanto ganharam um estatuto supra-temporal. Pode dizer-se que a Varina lisboeta foi um trabalho de etnicidade reconstruída para o qual contribuiu a estratégia turística do Estado Novo.

Não se trata de encontrar, mais uma vez, verdades ou essencialismos, mas elencar os clichés que ao longo do século XX se foram formulando sobre os habitantes da cidade e que de certo modo alimentaram o reportório de representações de identidades locais, clichés, que cumulativamente têm contribuído para fixar “tipos populares lisboetas”, que a cidade tem reinventado e com os quais os próprios lisboetas se identificam. E, por se tratar de narrativas (turísticas) de um olhar estrangeiro, é também dos portugueses que falam e aqui elencamos.

²⁴⁷ Sobral, José Manuel, 2012, *Portugal e os Portugueses: uma Identidade Nacional*; Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, p17

A emergência da moderna metrópole, ainda em fins de XIX tem como um dos seus atributos a elevada densidade e a presença de comunidades de estrangeiros; número total de habitantes e diversificação social, sócio-profissional, étnica, nacionalidades, classes populares (povo) e elites urbanas, são os parâmetros que se incluem na leitura de uma metrópole desde o seu surgimento no século XIX. Uma das primeiras descrições da cidade nos guias tem sido o seu número de habitantes e diversidade étnica. Nos guias de autoria portuguesa, para o mesmo arco temporal, o “valor” do “milhão de habitantes” de Lisboa foi um número repetido na sua apresentação, sobretudo a partir do “ciclo histórico urbanístico da Suburbanização” (1950-1990). O “milhão” foi uma condensação (simbólica) que se colou à apresentação da grandiosidade metropolitana de Londres, a “maior cidade do mundo à entrada de XX e no seu fim, repetem os guias.” A Lisboa de “quase um milhão²⁴⁸ de habitantes” também se repetiu nos guias estrangeiros.

Em relação à diversidade social e étnica, no confronto entre guias de edição estrangeira e nacional salientou-se um aspecto interessante. Os guias portugueses falaram fundamentalmente na diversidade regional, a entrada do atributo do cosmopolitismo e multiculturalidade só surgiu no último ciclo. Por sua vez nos guias estrangeiros, a Lisboa capital de um império colonial, evidenciou-se, através da imagem dada da população até 1974, i.e. identificaram (procuraram) na cidade gentes das colónias portuguesas, embora o “olhar” se altere para uma mundividência pós-colonial depois da II GG.

“In order to obtain some insight into the ethics of this present-day colonial life, one has merely to stroll down to the Tagus and to watch the departure of one of the fine Portuguese African bound steamers crowded with figures in khaki²⁴⁹, and with officials and colonists with the burned and shrunken faces of those who exist beneath a tropical sun.” (1909 Uk GM: 65)

“In Lisbon and in the south admixture with African blood is often noticeable – sometimes Moorish, but more often Negroid. A Jewish strain is often apparent among upper classes, lending them a distinction of feature, and in the case of women sometimes of great beauty. It is customary for English people to refer slightingly to the Portuguese because of the mixed blood of a proportion of the population. The truth may be that both in their own

²⁴⁸ Lembramos que a cidade, no limite concelhio, nunca atingiu oficialmente o milhão, Na década de 80, o seu máximo populacional, residiam em Lisboa 809 655 habitantes, fonte: INE, (Censo 1981)

²⁴⁹ O guionista refere-se à figura do explorador de XIX: “The safe-guarding of the possessions, and the African wars, still call for the men, uniformed now in khaki with cloaks of a rather swashbuckling pattern, to go overseas and to play their part in colonial warfare.”

country and in Brazil they have overcome the problems of miscegenation more successfully than any other European race.” (1934 Uk G)

“At the bottom of the hill we found a negro who begged us to give him the price of a drink. A mere penny-halfpenny; but he kissed our hands. It is an old slave tradition from the Portuguese islands; but we felt like the exploiters who have held that weal do not show so clearly on black skin.” (1955 Uk GM: 38)

Nos guias estrangeiros os “Brasileiros” surgem como os grandes animadores dos espaços de convivialidade pública lisboeta, no início de XX, “exibindo as suas fortunas nos sítios em moda na cidade [Av. Liberdade, Parque Mayer, Estoril], numa cidade (país) onde o dinheiro escasseava, como descrevia Gibbon: “The proper thing to do to find a place outside some *café* in Rossio or Avenida, and there you sit and watch the Brazilians pass in glory. They are the reach Americans of Portugal, coming for a season just to spend their money in a country where the money goes further.” (1931 Uk GM: 141).

O guia de Mendonça e Costa (1913) procurou eliminar a presença africana em Lisboa: “E por fim desmintamos o que diz o Baedeker que na capital se encontram «mulatas e negras» o que é falso, porque não se nota mais do que noutras cidades marítimas estrangeiras.” (1913 Pt G²⁵⁰) Durante o ciclo do Estado Novo a configuração de tipicidade que agradaria o turista concentrou-se em torno dos tipos populares regionais residentes nos bairros. Nestes, o turismo foi encontrando a procura nostálgica da anti-urbe enroupando de exotismo os habitantes, os modos de vida dos bairros da Mouraria, Alfama, Bairro Alto, Madragoa e Bica, ressaltando a folclorização nos seus modos de vestir, no modo como transportavam as mercadorias, no modo de vender ... No olhar estrangeiro acerca de Lisboa e os lisboetas, que atravessa todo o arco temporal de XX foram fazendo dos tipos populares o *tourées* de Lisboa.

A partir dos anos 60 configura-se uma outra percepção das cidades e das suas populações. A massa dos *city dwellers*, ou *comuters*, que todos os dias desembarcam no Terreiro do Paço, que alguns identificam como classes médias e trabalhadores urbanos ou mão-de-obra, surgem ao lado dos “tipos populares congelados” sobretudo a partir da década de 70 de XX. Em Lisboa, em muitos aspectos, a vida urbana e habitantes assemelhava-se às

²⁵⁰ Em Manual do Viajante, ed. Mendonça e Costa, 1913

metrópoles urbanas dos países desenvolvidos. “The gulf between rich and poor is very wide, but is gradually being filled by an expanding middle class and a growing urban working class. The two nations within the country (Bakunin) are not the rich and the poor but the country people and city dwellers.” (1973 Uk G)

O carácter cosmopolita na cidade surge no curto período em que Lisboa recebeu os exilados europeus, durante a Segunda Grande Guerra, voltando a falar-se desse atributo, cosmopolitismo e multiculturalidade, nas edições do final do século XX. Os “retornados”, nos quais se incluem as comunidades africanas das ex-colónias, marcam a alteração da paisagem populacional lisboeta a partir da “revolução dos cravos”. Aspectos salientados nomeadamente no guia de 2001 Fr Uk G: “La fin des années 70 a vu l’arrivée de personnes fuyant l’Angola et Mozambique, dévastée par la guerre. Plus récemment le Portugal a accueilli des exilés de Guinée Bissau et S. Tomé, les brésiliens forment également une communauté importante. En plein centre ville le Rossio rassemble en permanence des groupes d’africains qui discutent ou qui vendent petits articles. Ils ne son apparemment pas confrontés à un racisme déclaré.” (2001 Fr Uk G: 18,19)

A população referida são sobretudo os vendedores ambulantes, como nos guias de autoria portuguesa, que consideramos como figurações congeladas dos tipos populares urbanos lisboetas, e atravessam o século XX. Contudo alguns “tipos” só surgem em guias estrangeiros e procuramos dar conta.

Destacamos a “varina” na medida em que foi a figura emblemática lisboeta durante os longos anos do Estado Novo, mas também porque desde cedo nos guias estrangeiros surge em destaque, não sabendo até que ponto a sua emblematização não foi influenciada pelo seu interesse estrangeiro. É uma figura que desaparece dos guias a partir das edições de 90 de XX, e com ela, a vida portuária e piscatória de Lisboa, como os barcos no Tejo, imagem turística amplamente difundida nos guias até 1974.

Em seguida destacamos os comentários em torno dos “mendigos de Lisboa” sobretudo o bando de “meninos”, figura igualmente repetida, especialmente presente no conjunto de guias editados na primeira metade de XX, presença herdeira das narrativas de Lisboa de XIX, e suscitam comentários por parte dos guionistas acerca do nosso modelo social, do grau de iliteracia e soluções de apoio social. As crianças-pedintes são uma imagem (cliché) turística associada aos países do “sul” ou países pobres e subdesenvolvidos.

Procuramos em seguida sintetizar o conjunto de atributos que identificam “o ser-se português” para os estrangeiros. Dentro deste grande cliché, talvez por se tratar de visitas, evidencia-se uma das particularidades do “ser-se português”: a hospitalidade lisboeta e portuguesa. Contudo no conjunto do *corpus* assume alguma controvérsia, aspecto que destacamos igualmente.

O sentido do tempo muito próprio português, experienciado pelos estrangeiros, foi outra das particularidades salientadas.

Os costumes e modos de vida lisboetas foram uma outra característica relevante, evidenciando a clivagem homem-mulher, aspecto amplamente salientado em todos os guias editados no arco temporal; Lisboa foi muitas vezes sintetizada como uma cidade de homens - “a male city”.

E por fim a *saudade* e o *fado*, atributos sistematicamente associados a nós portugueses e singularidade de Lisboa, é o ponto final desta viagem no tempo às narrativas de carácter turístico acerca dos habitantes de Lisboa e do seu ser/viver²⁵¹.

²⁵¹ A tourada, outra das modalidades das actividades lúdicas da cidade (do país), a par das festas dos “Santos Populares”, serão tratadas no ponto sobre as singularidades turísticas que Lisboa oferecia e salientadas nos guias turísticos. No entanto a tourada por ser uma prática cultural mediterrânica, ibérica, e ter um ritual diferente em Portugal é sobretudo salientada por ter erradicado a morte na arena do touro, fazendo equivaler essa prática ao carácter brando dos portugueses.

10.1 - Os tipos populares de Lisboa, as figuras congeladas

Os tipos populares urbanos lisboetas — os ardinias, as lavadeiras, os vendedores de lotarias, os engraxadores, os limpa-chaminés, os vendedores de frutos e legumes, os amoladores, os vendedores de castanhas, os estivadores, os polícias-sinaleiros, ... os fadistas e a Varina, todos com o seu ruído citadino (pregão) — “tipos” destacados nos guias de XIX permaneceram, ao longo do século XX, como *the street people* da cidade.

A varina, como já foi dito, emblematizou-se. “The sight of another varina in those warm colours of the south, (...) you feel an affection for Lisbon growing upon you. You begin to compare it with Naples or Istambul.” (1954 Uk G: 80)

Quanto ao fadista, verificou-se uma mutação da imagem do vadio, *lumpen*²⁵² urbano de XIX, para o artista folk e consagrado, com predominância a partir do pós-guerra.

O fadista descrito no guia espanhol editado em 1870 aproxima essa figura da imagem da população *lumpen* que surgia nas metrópoles modernas, não ia à escola, não trabalhava na fábrica, não servia sequer para ser soldado; passava a vida a fugir à polícia: “O por descuido de los padres ó por mala inclinación de los hijos, los hay que no adquieren la costumbre de ir ni à la fábrica ni à la escuela; la reunion de individuos de estos instintos, constituye grupos dedicados à la [gandaia]²⁵³ (...) se dedican con pasión à tañer la guitarra y son tocadores e improvisadores de fado, canción especial portuguesa.” (1870 Ep G)

Aquela representação desaparece para dar lugar ao artista da canção popular de Lisboa, o fado, que foi entrando como particularidade e sugestão de consumo turístico. Os guias editados nos anos 60 e 70 falam já da turistificação do fado, sugerindo outros lugares mais “autênticos”, próxima da inspiração fadista da figura antiga, como a preferência por Celeste, no guia de 1971 Uk M. A cantora Amália Rodrigues era já conhecida internacionalmente e o guionista Myhill, descrevendo o conhecimento de Amália reflecte um estereótipo sobre os portugueses, a sua proximidade africana: “I shall never forget the shock I had when first I caught sight, on the sleeve of an LP, of the profile of its great practitioner, Amália Rodrigues. I had expected someone dark, perhaps with almost negroid features. To my surprise she looked Aryan enough to have arrived with the Suevi.” (1972 Uk GM: 43)

²⁵² Usámos a palavra utilizada por K. Marx e Engels para identificar os estratos mais miseráveis do proletariado urbano no século XIX.

²⁵³ No original surge a palavra *candaya* em itálico, sendo a reprodução fonética da palavra escutada “gandaia”.

O ardina era já uma figura urbana tipificada nas metrópoles no século XIX, comparado ao *gravoche* parisiense (1947 Sz M: 56) e que após 1974 ainda é retratado: “Les vendeurs de revues et de journaux se taillent la part du lion. Ils dressent sur les trottoirs des tréteaux sur lesquelles s’empilent un nombre incroyable de titres locaux, nationaux, voire internationaux (dans des quartiers d’affaires). Lisbonne compte cinq ou six quotidiens et autant d’hebdomadaires : les lisboètes lisent régulièrement la presse. La « pause journal » est un moment incontournable, si possible au soleil, sur les bancs d’un jardin public ou le long des rives du Tage.” (1991 Fr Uk G : 58)

É importante salientar que os territórios da cidade onde se encontravam estes tipos populares se concentram à volta do Rossio, “o coração” de Lisboa para os turistas, os bairros de Alfama, mas também são identificados na Mouraria, Madragoa, no Bairro Alto, no Cais do Sodré, na zona portuária e no mercado [Ribeira] e ainda, nos guias dos anos 60 e 70 de XX, nos novos bairros urbanos. Este conjunto de vendedores alimentou os “sons” de Lisboa, uma das suas peculiaridades, a par dos sons produzidos pelos eléctricos.

As elites urbanas lisboetas surgem, nos guias, associadas ao Chiado e a Avenida da Liberdade, com predominância até aos anos 90 de XX. Depois, nos guias identificam-se outros grupos sociais, urbanitas, os jovens *branchées*, envolvidos nas diversas “movidas” da cidade, encontrados, nomeadamente, no Bairro Alto.

A par das figuras congeladas, nas edições estrangeiras houve uma outra figura na cidade *ikonizada* pelos guionistas: o taxista e os seus táxis verde-preto.

Na verdade enquanto os tipos populares correspondem ao exótico, os *tourees*, o taxista a par dos empregados de restauração e comércio são os prestadores de serviços e, talvez, os poucos “nativos” com quem os guionistas (turistas) estabelecem um laço relacional mais intenso, por isso uma parte importante na construção de estereótipos acerca dos lisboetas /portugueses, no caso. Estes, como já referimos, foram quase desde o início do seu surgimento na cidade até ao fim do século o meio de transporte recomendado nos guias, dado ser muito barato em Lisboa. Taxistas e tráfico cidadão expressaram uma imagem forte de Lisboa. A circulação rodoviária foi objecto de uma visão menos simpática, em parte por causa da topografia acidentada nos bairros antigos, pouco favorável a qualquer meio de transporte, carruagens ou automóveis, como referem os guias. E na medida do crescimento metropolitano, pela circulação caótica com que qualificam o modo de

condução lisboeta. Por isso tenderam a considerar os taxistas como uma espécie de heróis que conseguiam gerir esse caos.

O ruído do trânsito automóvel, a perícia dos taxistas e preponderância perante peões e restantes condutores, uma das expressões do “machismo português”, são uma das singularidades lisboetas, repetidas com alguma frequência. E para visitantes que conheceram Lisboa antes de 1974, destaca-se o contraste encontrado nos bairros históricos, cujas pracinhas passaram a estacionamento automóvel.

“Portuguese drivers are at once some of the most daring and the best in Europe. If you can judge a city’s character by its traffic, then Lisbon shows her blend of Latin hot-bloodedness tempered by her eternal struggle against the Atlantic. Lisboans will queue quietly for a bus; yet, if it is crowded, boys will cling to the back of a tram like flies. Policemen and traffic regulations are carefully obeyed, yet the pedestrian crossing a street takes part in regular dance of death.” (1971 Uk GM)

“Lisbon taxi-drivers, for instance, overworked and underpaid, are more often than not recently arrived immigrants from the provinces, a fact which accounts for the reckless abandon with which they tackle the traffic and the precipitous hill as if neither existed.” (1973 Uk G)

“Il existe un cas où les portugais oublient leur bonhomie naturelle : au volant de leur voiture. Lorsqu’ils montent dans un véhicule, tout se passe comme s’ils étaient possédés, ils conduisent avec l’assurance d’être immortelles.” (1991 Fr Uk G)

10.1.1 - Um Tejo cheio de barcos e as varinas descalças

Pareceu de destacar na cristalização das imagens de Lisboa e do seu “povo”, o fascínio da “varina”, e a ela associada a presença forte de Lisboa como cidade portuária, com intensa actividade, não só como um nó de transporte transatlântico, mas também de actividade piscatória. Esta foi uma imagem turística muito divulgada na primeira metade do século XX. Presumimos que para a sua ampla divulgação, além do exotismo e beleza, qualificativos atribuídos à “varina”, figura que cruzava a cidade de Lisboa, concorreu também o facto de uma grande parte dos fluxos turísticos, na primeira metade de XX se fazerem de barco. Os espaços de circulação turística e de actividade económica das famílias ligadas à pesca cruzavam-se.

Nos guias a varina é sempre traduzida para a língua como peixeira descalça, *barefoot fishwife*. Consideramos que o facto de se salientar o aspecto destas vendedoras se

apresentarem descalças, mas também as crianças, que se juntavam em bando em volta dos turistas, serve como reforço dramático para salientar a pobreza da cidade, do povo, da *primitiveness* do povo de Lisboa, o exotismo necessário para a promover turisticamente.

Os guias editados na última década de XX já não fazem referência a esse tipo popular. No guia Lonely Planet editado em 2001 a vendedora de peixe encontra-se sentada à porta da sua casa.

Ao longo do arco temporal em análise, para além da repetição do padrão étnico e colorido do seu modo de vestir, do exotismo como transporta a mercadoria, da melopeia musical com que anuncia o pescado, do seu linguajar muito característico, do seu porte “fenício” (ou oriental) acrescentam-se algumas particularidades que resultam quer da mudança da atitude no “olhar turístico” (the touristic gaze), quer do novo tipo de guionistas (e guias turísticos) surgidos no pós-guerra (II GG).

O primitivismo associado ao andar descalço é olhado como uma crítica à sociedade e regime político, como o expõe o guia *Petite Planète*. Relembrando o elogio tecido por V. Larbaud no início de XX, anota a resistência à proibição estimulada pela campanha do Estado Novo iniciada em 1926. Esta imagem veiculada por estrangeiros foi um aspecto que os guias de edição portuguesa desmentiam e alvo de intenção de proibição governamental, quer no período da Regeneração, quer na 1ª República.

“S’il a le courage pour une fois de se lever tôt, le touriste pourra assister chaque matin, au Cais do Sodré, à la *lota* do peixe, la criée du poisson. Les Varinas, « les filles de l’Europe les plus droites » (V. Larbaud), n’y prenne plus part, c’est dommage. Défiant la police qui leur interdit les pieds nus, elles attendent comme des tigresses, leurs orteils dans les paniers, que leur patron, l’arrais²⁵⁴, distribue le poisson. On les rencontrera ensuite dans les rues, le portant fièrement sur la tête.” (1957 Fr G)

Ou então na pequena ironia de guionista: “Bare feet provide the safest method of travel. But Lisbon, being a capital city, frowns on the naked foot.” (1956 Uk M)

Numa perspectiva crítica do próprio turismo o guia de 1955 condena a turistificação de uma situação indigna: “the visitor still remarked on the stately carriage of the fish-wives and never on the fact that it might be an indignity to carry other people’s fish on one’s head in an age of mechanised transport.” (1955 Uk M: 193)

²⁵⁴ Julgamos tratar-se do arrais, nome dado ao contra-mestre da embarcação.

10.1.2 – “Os meninos de Lisboa” e a iliteracia

Ao lado dos tipos populares, objecto de reconstrução etnográfica pelos guias portugueses, ocupando também as ruas de Lisboa, surgem nos guias estrangeiros “os pedintes”, reiterando a imagem de pobreza de Lisboa: os cegos com as suas músicas, ou outros com toda a espécie de enfermidades, as ciganas que liam sinas e bandos crianças que seguiam os turistas e pediam esmola.

“The inhabitants – the poorest of the Lisbon poor – are wont to indulge in a free and easy manner of reclining²⁵⁵ in the streets and in narrow ways it is almost necessary to step over their recumbent²⁵⁶ forms as one passes by. The bearer of a Kodak, moreover, will almost certainly find himself the centre of a crowd of inconveniently interest boys and girls.” (1909 Uk GM)

Nas monografias e guias turísticos da primeira metade do século XX os bandos de pedintes são uma constante nas descrições sobre a população lisboeta. Estes desdobram-se em duas categorias; os adultos (que apresentam de um modo ou outro um grau de invalidez) e as crianças. Surpreendem-se e desenvolvem alguns comentários, sobretudo face às crianças que, do ponto de vista dos guionistas, deveriam estar na escola, acesso a que as famílias pobres, parecia, estavam arredadas. “As to their education, it is still a rare thing to find a maid who can read and write. Some of them had good memories, which save the situation. However the republic is beginning to do something towards helping matters.” (1914 Uk G: 252-253)

O analfabetismo foi uma nota evidenciada nas descrições da população de trabalhadores lisboetas, os prestadores de serviços turísticos, como é evidenciado no guia de 1957. “Vous êtes à Lisbonne, à la recherche d’une adresse. Dans le hall d’un immeuble ... voici le portier qui vient à votre aide: trente ans d’âge, un bel uniforme bleu à boutons d’or, la mine fautive²⁵⁷. Vous lui montrez le bout du papier où vous avez noté un nom et un numéro. Du coup le portier perd sa superbe, l’or se ternit sur ses boutons, sa mine s’allonge, il murmure en regardant ailleurs. « *senhor*, je ne comprends pas... ». Le concierge ne sait pas lire.

²⁵⁵ Deambular, passear

²⁵⁶ Rastejante.

²⁵⁷ Ar enfarpelado

Belle garantie de discrétion, mais enfin ... en 1956, en Europe, en ville, en uniforme ... vous en restez coi ²⁵⁸.” (1957 Fr G : 71)

No guia de 1973 Uk G S. Bradford, na introdução ao país e a Lisboa, já relata uma alteração e um aumento do grau de escolaridade dos jovens portugueses. Depois, com enfoque nos guias editados no fim do século XX a iliteracia portuguesa deixa de ser tema de caracterização, conquanto continuem a referir-se aos “pedintes” ou os “novos pobres” que povoavam os corredores do metro de Lisboa, no guia de 1988 Fr G, sintoma das novas clivagens sociais provocadas então pela crise económica dos anos 80.

10.2 - E os portugueses, os lisboetas? Quem são?

A herança de XIX sintetiza-se neste cliché: o povo é atrasado e simples, e os que vivem em Lisboa, são mais susceptíveis à corrupção, desonestidade e gosto pelo luxo. Passivos, pouco empreendedores, pouco dados aos prazeres sociais (austeros, sérios), reservados, ligados à hierarquia da Igreja Católica Romana, reverentes em relação ao clero, leais ao rei. Contudo são hospitaleiros para com os estrangeiros, preferencialmente com os que professam o catolicismo.

A elite (a aristocracia) é orgulhosa, com gosto pela ostentação, tirânica e tendencialmente despótica. Contudo estas demonstram uma relação de afabilidade para com os serviços (empregados) domésticos, com quem convivem numa relação familiar. Em contrapartida, os camponeses vivem num estado permanente de vassalagem. (1865 Uk G)

Agregamos as sínteses em quatro momentos que correspondem a conjunturas sócio históricas do país e da Europa e igualmente ao desenvolvimento urbana de Lisboa.

Os guias próximos da implantação da República repetem a presença em Lisboa (no país) de um clima de agitação política, comentando alguns acerca das razões que afectam os problemas do país e retêm a imagem de um povo iletrado e incrédulo, vítima da má conduta dos políticos.

No período que coincide com a implantação do Estado Novo e até ao fim da II GG, até aos anos 50 de XX, sobre o tempo de juventude e solidificação do regime autoritário, identificada no guia de Réval, (1934) como uma ditadura “bon enfant”, define-se um conjunto de imagens em que “o recato e simplicidade” se destacam.

²⁵⁸ Calado

A entrada de Lisboa no ciclo da suburbanização faz-se sentir nas alterações das descrições dos guias, que coincidem igualmente com os valores democráticos europeus consolidados com a derrota da Aliança. Nos guias editados até 1973 destaca-se a percepção de que por detrás da simplicidade e resignação, sobrevive o descontentamento. A pobreza, das pessoas e da cidade, não pode ser escamoteada, como também a falta de democracia, no tempo de envelhecimento da ditadura dum “vieillard glorieux”, sem imagens nas ruas da cidade, como identificou o irreverente guia de Petit Planète em 1957.

No ciclo da suburbanização de Lisboa foi interessante verificar que no guia de S. Bradford, editado em 1973, se expressa uma mudança no modo de olhar os outros, os países e as cidades. Afinal não existem identidades extra temporais mas ajustamentos aos valores “universais” do progresso e das sociedades urbanas; em Lisboa como em Londres as mesmas as classes médias urbanas. “But beneath the surface new attitudes are developing and accelerated in last decade; industrial development, the growth of tourism and foreign contacts, the war in Africa, and emigration are effecting deep social and psychological changes. While the conflict between liberal and conservative, tradition and modernity, rages in political, intellectual and clerical circles, the majority of the population is interested not so much in political change as in joining the consumer society. Lisbon housewives shop in supermarkets and have washing machines; the average lisboeta leads much the same life as his counterpart in other European cities.” (1973 Uk G: 145)

A “revolução dos cravos” e a introdução da democracia no país desencadearam a curiosidade dos estrangeiros e multiplicação de edição de guias, mas as mudanças na imagem acerca dos portugueses é relativamente ténue, persistindo velhos clichés.

Nos guias de língua francesa editados em 80 destaca-se a imagem previamente construída através dos imigrantes portugueses em França, lembrando que Paris era a “segunda cidade portuguesa” e foi sobre este estrato que olharam em parte os portugueses em Lisboa.

Os últimos guias consultados, editados depois da integração europeia, e depois da Exposição Mundial de 1998 transmitem algumas dúvidas sobre as ultrapassagens dos velhos problemas dos portugueses, como a pobreza, as clivagens entre os sexos.

10.2.1 - No período que antecede a implantação da República

No início de XX, é referida a generosidade, hospitalidade dos portugueses, contudo embora sendo frugais, não detinham grande sentido de responsabilidade financeira e porque possuíamos uma elevada taxa de analfabetismo, permanecíamos prisioneiros de políticos pouco fiáveis. Koebel, o autor do guia de 1909 diagnosticava os problemas do país que se deviam, não tanto à escassez de recursos, mas mais no modo como se conduzia a política. “A very few weeks’ sojourn in Lisbon is sufficient to demonstrate the inestimable advantage of this national amiability; the Portuguese is thrifty, and endowed with no little sense of financial responsibility. Portugal’s present troubles are due to a surfeit of politics rather than to a paucity of actual resources [but] the troubles of the politician-ridden country.” (1909 Uk GM: 20-23; 74)

Orgulhosos da história romântica do país, saudosos da glória passada, os portugueses não são tão arrogantes como os espanhóis. Mais tolerantes e solícitos, de uma forma geral melancólicos, detêm um carácter suavizado pelo clima Atlântico. (1922 Uk G PI)

10.2.2 A hospitalidade, a simplicidade e o decoro; debaixo de uma ditadura “bon enfant”

Em 1931 Gibbons refere que, ao contrário do que repete a literatura inglesa, não encontrou nos portugueses a raça degenerada; afinal os “*pork and beans* of our sneers”, a imagem cristalizada pelos ingleses durante a I GG, demonstram uma dignidade e recato. Em Lisboa encontrou portugueses com boas maneiras e fisicamente aptos para jogarem numa equipa de futebol inglesa. (1931 Uk G)

Em 1934 G. Réval dizia que o Português surgido do novo regime, cuja ditadura se exercia “avec douceur et fermeté” reflectia já as mudanças : “Ces Nouveaux Portugais triomphent de l’indolence, de la fièvre, de la morbidesse qui enlisèrent la race et retrouvaient la source vivifiante de toutes les énergies individuelles. Par l’exaltation des Ancêtres, les Seigneurs de la mer, ils allaient donner au Portugal une jeunesse démocratique, capable de tous les efforts, de tous les sacrifices, pour aider au redressement du pays et servir sa grandeur.” (1934 Fr GM: 62)

No mesmo ano Goldring diz que encontrou em Lisboa um povo educado e genuinamente amável. (1934 Uk M)

Em 1940 Caters encontra nos portugueses pessoas gentis e simples, “bon enfant”, com uma rusticidade cordial: “c’est tout cela Lisbonne, et plus que cela, un refuge de finesse, de

vieille culture, d'intelligence policée ; un point de sensibilité aigue, de violence latente, de fièvre sourde; un domaine longtemps instable et qui a eu peine à retrouver son équilibre.” (1940 Fr M: 146)

Em 1949 A. Bridges e S. Lowndes repetem a hospitalidade dos portugueses, a sua simplicidade. São honestos, contudo convém verificar as contas que, por preguiça e desleixo, mais do que intenções desonestas, os portugueses tendem a errar. “They will very rarely actually steal. True, one must scrutinise one’s bill in hotels, even in Pousadas, unless one wishes to be over-charged; even in the best shops. The shop girl is too lazy to see what she is giving to you, or the hotel clerk was talking to someone while he made out your bill.” (1949 Uk M: 36)

10.2.3 - As camadas debaixo da exterioridade visível, o descontentamento; sobre a ditadura de “un vieillard glorieux”

O guide bleu em 1953, ao lado da amabilidade, adjectiva os portugueses como formais, presos à titularidade, indolentes, resignados, pouco ambiciosos e sonhadores; nostálgicos de um passado glorioso que lhes empresta um orgulho presente não justificado. “Si le temps est beau, Lisbonne va vivre dans la rue et y vit avec bonne humeur, sinon avec gaité, car en dépit du couplet commandé par la rime, le portugais n’est pas gai, mais plutôt rêveur. Il porte peut-être la nostalgie de ses splendeurs passées, sans se rendre compte qu’elles étaient le fait d’un très petit nombre et que le commun des mortels vivait beaucoup plus misérablement du temps de l’empire des Indes et de la fortune du Brésil, qu’en ces années apparemment plus modestes du XXe s.” (1953 Fr G)

Em 1955 O. Blakstone e Max Chapman, que só vieram a Lisboa à procura de prazer, na quimera de uma fotografia de Sintra com neve e, como diziam, não queriam tecer considerações de ordem política e contudo ...: “In the present case, what we had found beneath an exceptionally sympathetic exterior was so crucial and tragic – the plight of those who do not conform and those too poor and ignorant to think – that to remain silent would constitute a far worse offence than the transgression of the ordinary rules of politeness.” No servant problem, no industrial unrest, all the people contented but, can we live in the eighteenth century with a contemporary conscience?” (1955 Uk M: 219)

No guia de 1957 apresentam-se ponderações antropológicas sobre os portugueses. Cita G. Freyre e a sua tese do luso-tropicalismo²⁵⁹, na qual o clima português juntamente com a sua longa genealogia “multicultural” explicaria a afabilidade e capacidade adaptativa. Uma população fluida e indecisa. Mas na simples observação cidadina, são os “bigodes e os óculos”, emblemas destacados em XVIII por Montesquieu, o que salta à vista. Os óculos que escondem o olhar sonhador, vazio, pela glória perdida, de que gosta de se vangloriar. E o bigode como expressão de virilidade; burguês, cortês, melancólico e um gosto pelos títulos.

E depois ... um país com “un vieillard glorieux”, um mito e, sobre a aparência da ordem, do entusiasmo, o descontentamento, a insatisfação quase geral ... ” Le portugais a beau être un rêveur doucement méditatif, il pense aussi, et s’il sait lire, il lit bien autre chose que les discours officiels. Le Portugal eut sa grande chance au Moyen Age, puis au temps des Découvertes, puis au temps de l’or et des diamants du Brésil. Chances chaque fois gâchées. Maintenant, il a Salazar. Mais pour combien de temps, et avant quoi ?” (1957 Fr G)

No guia de 1960 diz-se dos portugueses como: ”educados e gentis, prestativos em detrimento do seu próprio conforto”. A viagem de comboio desde Inglaterra, diz, é uma espécie de progressão moral: “deixámos para trás a altivez inglesa, atravessámos o cinismo individual francês, passámos pela dignidade formal espanhola até chegarmos, por fim à gentileza, e hospitalidade portuguesa.” Uma hospitalidade que surge como uma solidariedade dos pobres. E contudo: “Kindness is, after all, a common quality; people are always kinder than you think they will be. But here it was carried to such excess that it became clear that it never was a moral quality at all, but a social functioning, whose moral antecedents might be anything: weakness, vanity, a desire to be liked, guilt, or even contempt ... I felt that politeness might abruptly disintegrate and reveal what lay below.” (1960 Uk M)

Em 1971 Swift, sustentando-se na leitura do texto de António Quadros²⁶⁰, considera que os portugueses com o seu temperamento espiritual poderiam ser um contributo para uma Europa que se despersonalizava nos anos 60: “That indefiniteness of soul is what makes them definite. It seems to me that a country so radically different in spiritual temper from the rest of Europe, a country where the religious instinct is alive, cannot but have a

²⁵⁹ Nesse período a tese de Freyre era usada pelo regime salazarista para prosseguir a sua política colonial.

²⁶⁰ Os guionistas referem-se ao artigo de António Quadros, “O Enigma de Lisboa, Ensaio de psicologia e psicografia de uma cidade”, editado na revista Rumos, ano I, nº 11, em Janeiro de 1958.

contribution to make in a world daily going more rapidly down the path of boredom and despair, of technocratic dreariness, the arid desert of modern civilised life.” (1971 Uk GM)

10.2.4 - Afinal não há identidades nacionais, mas padrões e valores de vida modernos, urbanos ou tradicionais (rurais), padrões em mutação e no entanto ...

Em 1973 S. Bradford diz que Portugal, em particular em Lisboa, se encontra em mudança, integrando a [moderna] sociedade de consumo, apesar do Estado Novo ter mantido a mesma anatomia da estrutura social do “Antigo Regime”, essencialmente conservadora. O fosso entre ricos e pobres é grande, mas na última década esse fosso tem vindo a ser preenchido por uma classe média urbana, crescente.

“As duas nações dentro do país”²⁶¹ dividem Portugal em espaços urbanos, Lisboa principalmente, e o país rural. O coração tradicional português rural está a mudar, a perder as suas características pitorescas. A simplicidade, a pobreza e humildade, a essência de ser português, encontram-se na cidade em declínio, aberta às influências estrangeiras. Mesmo os hábitos alimentares das classes médias urbanas se assemelham aos de Inglaterra. Até a sociedade “male oriented” se encontra sobre contestação pelas jovens portuguesas com melhor nível escolar. Mesmo a estrutura social conservadora apresentava uma considerável mudança, considerando a educação, inteligência e competência como as possibilidades de ascender socialmente, apesar da permanência “da cunha”, uma particularidade portuguesa a interferir nos dispositivos meritocráticos de mobilidade social.

Em suma, em Lisboa os portugueses da classe média urbana são como os restantes grupos da classe média urbana europeia; os mesmos consumos, os mesmos valores. (1973 Uk G)

Os guias franceses de 84 e 85 e 91, evidenciam um olhar para Portugal e os portugueses a partir dos clichés construídos acerca dos portugueses imigrantes em França, “versáteis, acomodados e talvez um pouco mais empreendedores, mas também religiosos, práticos e libertinos”²⁶². “On trouvera à Portugal la même courtoisie. La même amabilité. Et la même versatilité aussi: les portugais aiment changer; ils s’accommodent très facilement des nouvelles situations. Ils sont discrets devant des inconnus. Et fanfarons en petits groupes d’amis. Ils ne sont pas très rigoureux. Sûrement pas très ponctuels.” (1984 Fr G: 81)

²⁶¹ Conceito da guionista, historiadora britânica, que diz, inspirado em Bakunin.

²⁶² O texto sobre os portugueses foi escrito por José Rebelo, jornalista exilado em França durante a ditadura.

Não são muito rigorosos e de todo pouco pontuais. Cultivam um sentido patriótico e um orgulho de pertença à sua terra natal Sentem-se orgulhosos em viver a experiência de pertencerem à família da democracia ocidental, orgulho reforçado com a entrada na Comunidade Europeia. “Cultivent un fort sentiment patriotique ainsi que la fierté d’appartenir à tel terroir. Les villages ont souvent leur petit musée. Les inégalités sociales sont importantes, pourtant des portugais, les hommes en tout cas, sont très attachés à « l’égalité morale » et veulent être considéré dignement, quel que soit l’état de leur richesses.” (1991 Fr Uk G)

Em 2001 o guia Lonely Planet escreve que, devido a forte influência católica e anos de repressão salazarista, Portugal continua a ser um país muito tradicionalista e conservador. Repete os atributos de afabilidade e indolência associados aos portugueses e à importância que dão às boas maneiras e etiqueta. Estar vestido correctamente garante um melhor tratamento. Expressam, contudo, alterações sócio-culturais que se ajustam aos novos valores das sociedades modernas, como uma maior abertura em relação aos homossexuais. Embora em relação às questões ecológicas, os portugueses e a cidade estão longe de ser uma preocupação central. Em Lisboa poucos lugares se encontravam preparados para acolher turistas com mobilidade reduzida.

“Vôtre façon de vous vêtir peut devenir un sujet épineux dans certaines circonstances, les portugais voient d’un mauvais œil les shorts dans les églises. Si vous devez vous rendre à la police, un service d’immigration (...) être vêtu « correctement » vous assurera une oreille sûrement plus bienveillante.

Les comportements vis à vis du mode de vie des homosexuels ont radicalement changés à Lisbonne depuis quelques années est la seule ville du Portugal où la communauté compte autant de lieux de divertissement.” (2001 Fr Uk G)

Como refere A. Sobral “as atitudes e os comportamentos, reunidos em identidades, possuem uma génese histórica e são mutáveis; reproduzem-se através da socialização, sendo sensíveis às conjunturas, também são condensações de uma história mais antiga.” (Sobral, 2012: 82,86)

Os clichés repetidos acerca dos lisboetas e dos portugueses, nos guias de edição estrangeira, pertencem ao património comum das histórias de ingleses, franceses e portugueses, à história da Europa; das clivagens religiosas, sócio-geográficas (Norte-Sul) e das clivagens sociais e civilizacionais, modernidade-conservadorismo; desenvolvimento-

subdesenvolvimento, urbano-rural. As conjunturas políticas portuguesas e europeias (das nacionalidades escolhidas) reflectem-se na formulação das impressões, em particular durante os dois ciclos do Estado Novo, antes da II GG, durante a neutralidade de Lisboa, transpareceu uma “simpatia” pelo regime ditatorial, enquanto no pós-guerra o descontentamento e a dissimulação emergem sobre a hospitalidade recorrente. A entrada do país na democracia e na Comunidade Europeia não anulou as clivagens que surgiram no princípio do século, apesar da inscrição no modo de ser português (pelo menos dos homens) das questões da igualdade de direitos, o que abriu uma desarmonia na “harmonia aparente” entre ricos e pobres durante o Estado Novo, como disse P Kyria: “(au temps de Salazar) on me rassura: riches et pauvres ne formaient qu’une seule famille, unie. Depuis lors, il semblerait qu’il y ait eu une querelle de famille.” (1985 Fr GM)

Estes foram os traços gerais, mas a hospitalidade, a falta de noção de tempo, bem como a clivagem entre os sexos, aspectos recorrentes, merecem um destaque particular.

10.2.5 - O reverso da amabilidade

Principalmente nos guias de edição francesa, mas também alguns guias de língua inglesa, chama-se a atenção para um certo desdobramento, uma tendência para a indecisão no carácter português. Em parte associamos esta ideia a alguma propensão para a deriva literária presente na modalidade discursiva dos guias turísticos e, tratando-se de Lisboa, transborda para a descrição da cidade a leitura de alguns escritores portugueses, sobretudo Fernando Pessoa e a sua heteronomia, mas também Eça de Queirós. As duas edições dos guias Autrement (1988, 2003) são uma recomposição literária de Lisboa²⁶³.

A indefinição, a tendência para a “bicontinentalidade” (G. Freyre citado no guia *Petit Planète* de 1957) entre a Europa e África, o Atlântico e o Mediterrâneo, o estrangeiro e a terra natal; a repetição do carácter reservado dos portugueses que remete para a indefinição, o inapreensível que tem, como contraponto, a estranheza experimentada pelos estrangeiros em Lisboa. E com ela a ideia de que Lisboa, os lisboetas se apresentam como uma sucessão de camadas, permanecendo o viajante o mais das vezes na superfície. É esta a imagem transmitida por F. Huggett no seu livro de viagem, editado em 1960, mas também de F. Villiers em 1957, ou mesmo os guias Fodor de 1963 e de 1970 e alguns fragmentos no guia Autrement de 2003.

A amabilidade, a hospitalidade, foi sempre uma característica conferida aos portugueses, atribuída à amenização da influência atlântica e, particularmente, em oposição à altivez espanhola, o vizinho ibérico com que é construída, em oposição, a identidade portuguesa. É dito que os portugueses gostam de estrangeiros, são muito susceptíveis às modas que vêm de fora, imitam com facilidade as novidades e são sempre prestáveis para ajudar, inventando até, só para ser prestável, horários de comboio, direcções de hotéis ... No entanto em alguns guias transparece que nessa hospitalidade existe um reverso.

No guia de 1934 (1934 Uk G P) Goldring refere-se a essa atitude “inventiva” dos portugueses para ajudar, e desconcertante na experiência do viajante, atitude que se repete na indeterminação das suas informações.

No guia de 1957 a afabilidade e doçura do trato pode transformar-se numa aspereza e num tom insultuoso, tom que as elites portuguesas usam para com as classes inferiores e

²⁶³ Na década de 90 de XX muitos guias sugerem itinerários literários em Lisboa, a par dos itinerários tradicionais aos bairros e monumentos históricos.

desfavorecidos ou ... que usem “sinais” habitualmente atribuídos àquelas. Afinal a amabilidade é classista, não há solidariedade social.

Hugget decepcionado com o esperado encanto do “sul”, que imaginou à saída de Londres, só viu em Lisboa pobreza e degradação. Depois de alguma incompreensão acerca da hospitalidade e simpatia, que encontrou sempre, pressentiu que aquela poderia quebrar-se a qualquer momento. E ... descobrir uma outra camada, a da dissimulação: “a capacidade dos portugueses para evitarem tudo o que não queriam ver e ignorar tudo o que não podiam evitar.” No centro da capital do Império só viu pobres e desfavorecidos, e a arrogância de classe como contraponto da subserviência e humildade dos pobres, que ninguém queria ver. “There were to be many smiles and much kindness, but laughter, rarely. Abandon never. Solemnity was the price they paid for some inner failure. Their world was not laughter but sadness; not will but necessity.” (1960 Uk GP)

Esta atitude de desprezo por parte das elites urbanas “les tenant du bon chic” para com os “pobres” volta a surgir no texto de P.J. Hélias no guia *Autrement*, de 2003: “Ils sont serviables sans servilité [os mendigos]. Bien qu’ils ne soient pas riches, ils n’ont cure de se draper dans la pauvreté. À observer le spectacle de la rue ... on est frappé par l’aisance avec laquelle se comportent les citoyens de tous les états sociaux. Pas la moindre gêne pour les uns ni les autres. S’y exercent les petits métiers: aveugles vendeurs de loterie, petits éventaires de pacotilles inattendues. Cependant que les élégants, les tenant du bon chic bon genre traversent la foule sans attirer le regard de personne. A chacun sa liberté.” (2003 Fr GM: 25)

10.2.6 - Um sentido do tempo muito próprio; Oxalá, se Deus quiser; *Time means nothing*

Outro traço da particularidade portuguesa que nos pareceu de destacar refere-se aos traços de indolência, uma ideia do tempo muito própria, oposta à ideia anglo-saxónica do “fazer as coisas a horas”, do *rush-time* industrial das cidades modernas. O tempo não significa nada para os portugueses, *pode ser para amanhã ... se Deus quiser, oxalá*, foram expressões portuguesas citadas para reforçar o carácter indolente português, que não se dissocia muito das clivagens Norte-Sul definidas pelos viajantes do século XVIII, a que já aludimos.

Uma parte do contraste dos tempos diferentes entre viajantes e nativos assenta nos serviços das lojas, escritórios ou encontros, que por vezes se transformam em desencontros, isto é, no encontro com os prestadores de serviços nas lógicas do turismo.

Em 1991, o guia francês Gallimard convida os viajantes a experimentarem a cidade, juntando-se aos portugueses e fazerem o que eles faziam e ... esperar, como eles, que as coisas aconteçam ... “Il suffit de se mêler aux portugais et de découvrir ce qu’ils connaissent, d’aller dans les endroits qu’ils fréquentent, de boire et de manger la même chose qu’eux, d’écouter leurs chansons mélancoliques, de regarder avec eux le Tage couler vers l’Atlantique, et d’espérer, comme eux, que les choses aillent ainsi pour toujours.” (1991 Fr Uk G)

Esperar por um amanhã, *se Deus quiser*, para mudar a vida, eventualmente ganhar a sorte grande da lotaria, *se Deus quiser* ... é o tempo lisboeta, português, mais assinalado nos guias ao longo do arco.

“There is no violent display of energy by anyone else, and absolutely none of the Anglo-Saxon idea of doing things to time. Time means nothing. It is perhaps significant that in a casual sojourn in Lisbon it is hard to discover more than four public clocks in the streets – and two of those don’t go! Women will sit serenely for an hour or more at the hairdressers, waiting for an appointment. In the shops, there is no eagerness to sell – on the contrary it requires the utmost.” (1949 Uk M: 36)

“Wealth, health and happiness they are all for tomorrow, a sense of security *Se Deus Quiser*, the key of Portuguese life charming and reassuring these trusting words bear witness to a people’s faith in god’s safekeeping ... living under the benevolent wings of their lady N.S. Fátima.” (1970 Uk G: 69)

Probably what most strikes the visitor from the busy, noisy world of the more industrialised countries is the peaceful and easy going Portuguese life. Time means very little to anyone, tomorrow will come – *se Deus quiser*. There is nothing you can do to hurry it up.” (1976 UK G: 55)

“Toutefois ne soyez pas pressé, comme il s’agit d’une institution, elle est typiquement portugaise de comportement; les serveurs s’agitent dans tous les sens et rien ne vient rapidement – une institution, vous dis-je.” (1995 Fr G)

Lentidão, indefinição, incompletude, um tempo subjectivo, um pânico do fim: “Ce qui n’est pas encore fini ne connaîtra pas de fin, voilà la superstition.” É a tradução para a incapacidade portuguesa de respeitar o tempo sugerida no guia *Autrement* de 2003. “Dans cette capitale qui attend sans attendre tout en attendant, et tout spécialement ce roi fou

qu'elle perdit un jour dans les sables du désert marocain, il y a un *roi caché* au creux de presque tous les discours ... Il y a un labyrinthe de la décision, de la décision tant redoutée : comment irons-nous... ? Peut-être vaudrait-il mieux ne pas y aller, ... ou remettre a demain ? De même, il y a un labyrinthe du temps subjectif : sommes-nous en retard ... c'est qu'il a eu je ne sais quoi ... qui nous a empêchés d'apparaître à l'heure dite. On touche peut-être là le signe d'une peur panique de la fin ; ni stabilité, ni repos, ni plénitude, dans cette ville que ne saurait être définie – et qui a quelque chose à voir avec l'infini.” (2003 Fr GM : 55)

Vontade de suspender o tempo, talvez até de suspender o sentido ... numa cidade que nunca termina ... de se fazer. E não será essa a principal característica de todas as cidades?

10.2.7 - Os costumes: as sociabilidades locais

Foram elencados alguns aspectos que se relacionam com hábitos que são ditos como próprios dos portugueses. Uma vez que os guias possuem informações orientadas para práticas sociais de lazer, referem-se com frequência a lugares e actividades que justamente se relacionam com actividades lúdicas. A ideia de que os portugueses (o povo) encontram “no tabaco e no bacalhau o prazer supremo” (the summit of earthly felicity (1865 Uk G PI) ou “vivem de sonhos e comem bacalhau” (1998 Ep Fr Uk) é um cliché muito repetido, sobretudo nos guias de origem anglo-saxónica. Cliché cristalizado ainda em XIX e reemerge no Guia Michelin de 1998. A constatação do comportamento abstémio dos portugueses está sempre presente nos guias de origem inglesa, talvez porque, como refere o guionista inglês J. Gibbons (1931 Uk G P), o Norte [os ingleses] era mais alcoólico. Este aspecto do comportamento é muitas vezes referido e dado como atributo dos portugueses, é um cliché que desaparece a partir de 1974.

Procuramos aqui elencar algumas particularidades de que os guias dão conta acerca de alguns hábitos lisboetas relacionados com sociabilidades locais, tendo em conta que os guias se reportam aos lugares de frequência turística, atrás elencados.

Os cafés²⁶⁴ são relatados com um dos principais hábitos lisboetas (portugueses), um lugar de homens, pelo menos até 1974: “o maior prazer do homem lisboeta é sentar-se no seu café favorito, na mesa um café, um copo de água, palitos²⁶⁵, enquanto engraxa os sapatos.” (1939 Uk G Lx)

Nos guias até aos anos 30, com frequência encontramos descrições da animação nas ruas e a presença de esplanadas no Rossio e na Avenida da Liberdade, de uma intensa vida pública que se prolonga até muito tarde na cidade. No entanto no guia Fodor de 1963 (1963 Fr G PI) estranha-se o gosto lisboeta dos cafés “caverne obscure” onde só se encontram homens, em detrimento do ar livre e do sol, que os turistas preferem, facto que remetem para o gosto dos lisboetas pelo sombrio e mistério, herança de séculos de intrigas internacionais.

O guia francês de 1984 (1984 Fr G P), além de afirmar que não existe vida nocturna em Lisboa, menciona o fim do lugar dos cafés lisboetas na vida da cidade, uma consequência da “revolução dos cravos”, argumentando que foi resultado da reivindicação dos trabalhadores do sector que pretendiam ter um horário como todos os outros trabalhadores. Na verdade durante a década de 80 de XX em Lisboa desapareceram muitos cafés emblemáticos, e o modo de “praticar” o café, uma sociabilidade característica até aos anos 80 desapareceu. Durante essa década muitos cafés e pastelarias do centro de Lisboa foram substituídos por sedes de bancos e já nos finais do século por cadeias de “cadeias de fast food”, uma tendência urbanística no último ciclo de suburbanização.

Os guias editados nos anos 90 continuam a dar conta da presença dos cafés na vida lisboeta, não deixando contudo de assinalar a sua turistização, no Chiado nomeadamente

O contraponto feminino dos cafés são as pastelarias lisboetas e leitarias, onde as mulheres vão beber chá e conversar.

O futebol como uma das características e prática de lazer dos lisboetas (e portugueses) só surge nos guias no início dos anos 70, entendido como uma expressão do bairrismo da

²⁶⁴ Os cafés do Chiado que definiram uma certa tradição de tertúlia intelectual são referidos nos guias com o atributo de “lugares de animação da vida elegante” de Lisboa, tratado no tema sobre os Bairros e os lugares turísticos.

²⁶⁵ Um hábito considerado como uma excentricidade no guia de 1934 (1934_Uk_G_P), relatando que é a primeira coisa que o empregado do café coloca em cima da mesa, mesmo antes do cliente pedir alguma coisa. Foi caso único nos guias, mas reflecte uma realidade e a indústria paliteira teve algum destaque na vida portuguesa, levada a algumas Exposições Universais, como a Exposição Universal de Paris, em 1900, e, mais tarde, a apresentação na Exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, que teve lugar no Rio de Janeiro, em 1922. <http://www.santosoficios-artesanato.pt/destaques.htm>; 05/2013

cidade, relatando os dois clubes locais (Sporting e Benfica). Surge sistematicamente associado ao outro gosto português de ver televisão, prática disseminada já no ciclo democrático. Todos os guias editados depois de 1974 se referem ao gosto lisboeta de ver televisão e o gosto pelo futebol, uma razão para se juntarem no café, a fim de assistir e cavaquear sobre futebol, e esse sim, é o desporto favorito dos portugueses.

O futebol, que era uma prática inglesa no início do século citado no guia de 1931, foi alvo de desenvolvimento, nomeadamente através da política do Estado Novo de educação pelo desporto, tendo surgido nos anos 30 muitos clubes desportivos nos bairros populares. O reconhecimento internacional do desempenho português, nos anos 60²⁶⁶, a par do fado, com Amélia Rodrigues, foram dois âmbitos de relevo contemporâneo que faziam parte do conhecimento prévio dos turistas acerca de Portugal. Benfica passou a ser assinalado nos guias como o lugar de Lisboa onde se situava o estádio do clube desportivo.

10.2.8 - Lisboa “is a male city”, une ville d’hommes

Um dos aspectos que contribui para o conjunto de atributos sobre os lisboetas (e portugueses), veiculado pelas narrativas de viagem e guias, é o destaque dado à separação dos sexos na vida social e pública em Lisboa. Em muitos guias, no arco temporal longo, uma das adjectivações da cidade é justamente a de afirmar que Lisboa é uma “male city”, “ville d’hommes.” A constatação desta clivagem percorre todo o *corpus* de análise, mesmo na edição de 2001.

A par do modo como em Portugal se vivia a religião, a expressão pública das relações (de desigualdade) entre os sexos são os aspectos da sociedade portuguesa que mais comentários suscitam nos guionistas estrangeiros dos países liberais do Norte. Nos guias de fins de XIX comentavam que aquela clivagem era uma das heranças da influência oriental, a meridionalidade, presente noutros aspectos da vida portuguesa, uma natureza enraizada de carácter, como refere uma monografia sobre Portugal: “Lisbonne est une ville d’hommes. Hormis les belles varinas coiffées de marée fraîche comme des déesses mythologiques; hormis les femmes du petit peuple, qui d’ailleurs ne sortent pas volontiers de leurs quartier confus, on ne croise dans les rues que des hommes. On a toujours voulu voir dans cette disposition un vieux fonds d’hérédité maure. Mais des mœurs qui persistent

²⁶⁶ O campeonato mundial de 1966.

au bout de tantôt huit cents ans, sont des mœurs profondément ancrées dans la nature même des êtres, et conformes à leurs tendances.” (1940 Fr M)

Nos guias editados no século XX este padrão comportamental é destacado como uma expressão do “machismo” dos homens portugueses, “the latin pride”, o marialvismo português” ou “un peu libertin”, sobretudo nos guias editados após a Segunda Grande Guerra.

Nos anos 50 expandiu-se e diversificaram-se bastante as práticas turísticas. Nomeadamente, as jovens americanas, mas também europeias, tornaram-se num novo segmento do público do mercado turístico. Salientamos como exemplo a edição, em 1953, do “Woman’s Guide to Europe”, da colecção de Guias *Modern Fodor*, que tinha como público alvo as mulheres “independentes” americanas, britânicas e europeias. Neste guia Portugal²⁶⁷ era um dos destinos recomendado, apesar dos avisos acerca da mentalidade conservadora, destacando o interesse turístico particular do Estoril. “Wear a bikini and you’ll burn, all right, but not from the sun, from embarrassment. Anything wispiier than a one-piece garment is *forbidden*. Some catty people say that it’s because Portuguese women are too fat for two-pieces; others say it’s the Church. Don’t ask me, but just see that you don’t expose any flesh between here and there. (1953_ Woman’s guide, Fodor, Uk USA)

A reclusão feminina tem como contraponto uma visão dos homens como “womanizers”, “I rule the world attitude”, o marialvismo, como relata o guia de 1971. “He feels it is a little old-fashioned to act the proud cockerel aristocrat, but it is too deep in his nature to erase. The Lisboan man will turn and eye any attractive foreign girl in the street most intensely, but he will never touch her.” (1971 Uk G) As culturas da tourada e do fado encontram-se impregnadas desta “natureza” dos homens portugueses. Em 2001 o guia Lonely Planet aconselha as mulheres que viajam sozinhas a terem algum cuidado em alguns sítios de Lisboa: Alfama, Bairro Alto, Cais do Sodré e Parque Eduardo VII.

De qualquer modo o guia editado em 1973 dá conta das mudanças da sociedade portuguesa: “Educated girls today are less and less prepared to tolerate the traditional *machismo*, the aggressive maleness of Portuguese men. They take jobs and go to night-clubs as boys do.” (1973 Uk G)

²⁶⁷ A par de França, Mónaco, Inglaterra, Irlanda, Suíça, Itália, Espanha, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Dinamarca, Islândia, Noruega, Suécia, Finlândia, Alemanha, Áustria, Jugoslávia, Grécia e Turquia.

Nos guias editados em Democracia apesar de afirmarem mudanças ainda assim reportam algumas reservas: “Malgré une volonté officiellement affichée de changer nombre des comportements traditionnels à l’égard des femmes, le Portugal reste du moins en apparence, un pays d’hommes. ... à Lisbonne les femmes font preuve de plus de liberté. Le machisme portugais se révèle plus agaçant que dangereux. Dans les cafés il n’est pas rare que le serveur s’occupe en priorité des hommes pressants avant de vous jeter le premier coup d’œil. Si vous voyager avec un homme c’est lui qui sera censé prendre parole et passer les commandes.” (2001 Fr Uk G: 42)

11 – As singularidades turísticas de Lisboa

Sintetizam-se então as principais razões pelas quais foi realçado o interesse turístico de Lisboa, destacando o que nos guias foi considerado como de particular e único e que a cidade podia oferecer ao turista. Ao longo do arco verificou-se que a singularidade destacada foi sofrendo um processo de reajustamento entre a procura do mercado turístico internacional, as modas, e as ofertas que as estratégias políticas de âmbito nacional e mercado interno foram estabelecendo ao longo do século XX.

Houve, contudo, três aspectos de atractividade que foram transversais ao longo arco temporal do *corpus*: os bairros antigos (Castelo, Alfama, Mouraria e Bairro Alto); o baixo custo da estada turística em Lisboa e a configuração geográfica e urbanística de Lisboa como uma cidade meridional, uma cidade do “Sul”, a sua beleza geográfica, a grandiosidade do estuário do Tejo e a amenidade do clima.

Os bairros antigos (Castelo-Alfama-Mouraria e Bairro Alto)

Como já se assinalou o destino Lisboa (Portugal) era um “complemento” de viagem à Península Ibérica quase até aos anos 30 de XX. Esta era destacada por ser a cidade capital e uma cidade com uma longa história, cujo Zénite ocorrera no século XV – XVI. A ruína provocada pelo terramoto de 1755 privara Lisboa dos monumentos testemunho da sua grandeza histórica anterior e no fim do século XIX para o gosto turístico da época (gosto recreativo romântico assente no pitoresco e nas “ruínas”) a emoção do pitoresco mais evidenciado foram os bairros de Alfama e Mouraria, tecidos sociais e urbanos vivos e não musealizações.

Este interesse turístico precoce constituiu-se numa das singularidades mais interessantes de Lisboa, tendo em conta a particularidade sociológica que ocorreu naqueles em finais de XIX e início de XX, no decurso do processo de industrialização e crescimento urbano. À entrada do século XX os bairros antigos acolheram uma parte considerável de imigração recente de regiões rurais empobrecidas, sendo ocupados por um conjunto populacional, que revelava um estrato sociológico com alguma diversificação, em torno do grupo das classes trabalhadoras urbanas. Aí viviam operários, artífices ou empregados em pequenas oficinas, na construção civil, nas companhias urbanas (como as companhias de transportes da Carris, águas, gás), trabalhadores nas docas Lisboa, vendedores ambulantes (entre as figuras mais “típicas” da cidade) e nos mercados da cidade, lavadeiras, costureiras, comerciantes, trabalhadores domésticos E ainda um estrato social mais *lumpen*, que o

guia de 1870 Ep G identifica como “fadista avinhado”, participando numa vida social de margem, circulando entre as tascas cantando fado, a realização de pequenos “fretes”, a ladroagem, a prostituição e a vida nocturna que, para simplificação, identifica-se aqui como dos “populares” em oposição à vida social nocturna dos “elegantes”.

Este aspecto sociológico de transformação da ocupação de tecidos antigos no centro das cidades no início da industrialização / metropolização foi comum às capitais europeias, mas enquanto no caso de Paris, com a reforma haussmanniana, o centro ficou reduzido a pequenos fragmentos patrimoniais, tal como em Londres, em reforma desde o Grande Incêndio 1666, quer em Paris ou Londres, os estratos populares urbanos deslocaram-se dos seus centros históricos, simbólicos e com interesse turístico, para residirem nas periferias. Em muitos guias do *corpus* editados no início de século não consideravam que bairros pobres só existiam em Lisboa, dão conta destes “slums” em Londres e Paris, mas sem os considerarem com interesse turístico.

O “touristic gaze” só emerge na cidade dos “outros”. Nalguns estudos sobre as representações de cidades através de guias turísticos também ressaltam o interesse dos seus bairros populares e com actividades mais “marginais”, seguindo um certo gosto pelo exótico, que neste caso se refere ao outro de outro estrato social.

Na última década de XX os bairros populares e pitorescos passaram a ser destacados como bairros boémios e miscigenados, entendendo-os como bairros onde se misturam fracas condições de habitabilidade, bolsas residenciais de pobreza de longa continuidade, sobredensificadas, diversidade acentuada da origem geográfica dos residentes, uma considerável rotatividade, a crescente expansão da restauração e sítios de animação nocturna, a entrada de um pequeno estrato de artistas, têm sido um fenómeno mais presente nas cidades a partir da década de 90 de XX.

O interesse em “bairros” como Nothing Hill em Londres, Pigalle, o “Quartier Latin” ou BelleVille em Paris, embora tenha pontos de afinidade, não teve (tem) nem as características do tecido urbano nem o processo de ocupação residencial dos bairros do Castelo, Alfama e Mouraria, conquanto no decurso de XX muitas actividades lúdicas de componente turística se tenham instalado aí.

Esta particularidade do interesse turístico encontrada ainda no fim de XIX talvez tenha contribuído para o lugar simbólico e real que os “bairros históricos” detiveram no conjunto das políticas urbanísticas que ocorreram em Lisboa desde o início de XX e também no seu contributo para a compreensão da cidade de Lisboa como uma cidade / sociedade de

bairros, no sentido sociológico português que tem vindo sucessivamente a ser “usado” como cliché (chapéu) central para a reconfiguração estratégica das políticas de cidade na cidade. “Viver em Bairro”, “*A cidade de bairros*” foi um dos temas em debate nos fóruns²⁶⁸ de discussão pública que município de Lisboa promoveu, em 2009, no âmbito da elaboração da Carta Estratégica de Lisboa 2010-24.

Cidade meridional; cidade do “sul” e a grandiosidade do estuário do Tejo

O segundo aspecto de atractividade turística transversal ao longo arco temporal em análise, atribuída a Lisboa remete para a sua configuração geográfica sincrética, cidade portuária, com um vasto estuário e que reúne a influência mediterrânica, atlântica, e a proximidade de África — uma cidade do “sul”.

“Lisbonne, port d’attache et de détachement joyeux. Quelque chose ici se perd et se retrouve à la fois. Est-ce l’Europe qui l’on quitte ? Est-ce la Méditerranée qui s’annonce ? Ou bien l’Afrique qui s’infilte par le chemin de Açores et Madeira ? Est-ce la limite d’un monde tourné vers les Amériques ? C’est encore l’Occident, sans l’être tout à fait. Lisbonne est un coffre où toutes les richesses du monde se sont déversées ; elles y ont forgé, en mêlant sangs et cultures, cette âme portugaise si complexe et si contradictoire.” (1985 Fr M: 53)

Lisboa foi sempre apresentada como uma cidade do “Sul”, temperada pelas influências atlânticas, tendo sido mais reforçada a sua pertença ao “Sul” pelos guias de origem inglesa, ideia (valor) com mais expressão nos guias editados na primeira metade de XX. De acordo com J. Mondot, o conjunto de clichés associados à clivagem Norte-Sul na Europa remonta até aos relatos de viagem de Goethe²⁶⁹ a Itália, nos quais ressoam imagens de um sul onde a abundância e exuberância da natureza, em contraste com o rigor climático do norte, impelem à indolência, e se expressa, igualmente, a imagem de uma maior porosidade entre o privado e o público.

“Il y a dans l’Europe une espèce de balancement entre les peuples du Nord et ceux du Midi. Ceux-là, avec une abondance de toutes choses qui les met en état de se passer de tout, de vivre de chez eux et de n’avoir que peu de besoins, auraient trop d’avantages sur les autres, si le climat et la nature ne leur donnaient une paresse qui les égalise. ... Goethe

²⁶⁸ Em 18 de Abril de 2009 decorreu no CCB um seminário, “Demografia, Coesão Social e Integração, que reuniu especialistas, associações de cidadãos e moradores, e todos os lisboetas que quiseram participar.

²⁶⁹ Viagem a Itália, (1786-88), livro publicado em 1816-17.

ne se lasse pas de décrire les étalages des marchés et leur abondance encore jamais vue.”
(J. Mondot, 2011: 8)

Em muitas das descrições de Lisboa, nos guias editados sobretudo na primeira metade de XX, se repete aquela mesma ideia de uma abundância da natureza, mal aproveitada pelos lisboetas e o fascínio pelos produtos à venda nos mercados da Praça da Figueira e Ribeira.

O baixo custo da estada turística em Lisboa

Uma outra das singularidades, transversais ao *corpus*, radica no baixo custo oferecido por Lisboa (Portugal) para um pacote turístico de escapatória e recreio; Lisboa tem um excelente clima, boas estações de banhos, sol e praia, excelentes paisagens pitorescas e, apesar das assimetrias sociais, da persistência de um país / cidade com muitos níveis de atraso económico e cultural, os equipamentos turísticos desde o início de XX, e em escala crescente ao longo do século, foram considerados de qualidade, sobretudo no núcleo turístico Lisboa e arredores (Estoril-Sintra). Foi sempre existindo uma bolha moderna com os parâmetros de conforto exigidos pelos turistas em prática recreativa e escapatória, à semelhança de outras cidades e estâncias recreativas na Europa, a preços mais acessíveis.

“That profoundly interesting and significant SW corner of Europe, where the Moorish East, expelled after centuries of occupation, has left ineffaceable traces on art, architecture, and agriculture. Travel in Spain and Portugal is neither difficult nor expensive. At the same time this advance has been accomplished with less sacrifice of national flavour and local colour than in some other countries, and Spain and Portugal remain refreshingly themselves.” (1929 UK G)

“En dépit de quelques augmentations récentes les prix restent, dans l’ensemble, notablement inférieurs, à ceux pratiqués en France pour les prestations équivalentes.”
(1989 Fr G: 31)

A singularidade turística de Lisboa destacada nos Guides Bleu entre (1886²⁷⁰) e 1989.

Uma vez que analisámos um guia clássico que manteve uma edição ao longo do arco temporal, cobrindo o fim de XIX e a maioria de XX, pareceu de todo o interesse destacar o modo como se refere a singularidade da cidade com interesse turístico nos Guides Bleus – Hachette entre 1886 – 1989.

²⁷⁰ Embora se tenha trabalhado a edição de 1904, foi editado um Guide Bleu em 1886 que consultámos e apresenta o mesmo conteúdo de 1904.

Como já foi referido, ao longo do tempo (1886-1989) o lugar e interesse de Lisboa (Portugal) foi variando num sentido de menos para mais, i.e. em fim de XIX até 1931, nas edições dos Guides Bleus, Portugal (Lisboa) era um complemento de visita a Espanha. Depois de 1931 Portugal passou a possuir um interesse turístico particular, na região turística “Europa Meridional”. No início de XX recomendavam-se 4 dias para visitar Lisboa e arredores, em 1931 alargou-se para 5 dias, entre 1953 e 1960 considerou-se que 6 dias seriam recomendáveis para visitar a cidade e em 1984 passou a 7 dias. Os interesses turísticos dos Guides Bleus centravam-se nas grandes cidades (Lisboa e Porto), nos sítios pitorescos (Sintra, Monte Estoril, Cascais, Bom Jesus e Bussaco) e nos monumentos (Belém, Tomar, Batalha, Mafra e Alcobaça) no início do século XX; a partir de 1931 alarga-se à totalidade do país e ilhas, obedecendo ao mesmo tema — cidades, sítios e monumentos.

A beleza natural, favorecida pelo estuário do Tejo, pela disposição da cidade em anfiteatro, a existência de património histórico e a proximidade de sítios pitorescos (Sintra, Estoril, Cascais) foram as principais razões enunciadas. Parece-nos interessante destacar que dois expoentes de clichés associados a Lisboa e Portugal, o fado e a mundividência portuguesa da saudade, só entram nas descrições do guia a partir de 1953, enquanto a cultura das “corridas de touros” fazia já parte nos guias editados ainda em XIX.

Os Guides Bleus veicularam um gosto turístico canónico que reforçava o “consumo” histórico-patrimonial, aspecto que partilhava com os Baedeker. A diversão, consumo reivindicado no guia de 1931 Fr G, assentava sobretudo no teatro, na ópera e nos espectáculos mais populares de variedades e circo. Mesmo o facto da edição de 1931 ter sido coligida por Raul Proença, que no guia português da sua autoria se refere ao fado no capítulo da música popular²⁷¹, aquele não se encontrava associado a Lisboa no guia francês. A sua entrada em 1953 faz-nos pensar que os clichés de atractividade turística criados pelo Estado Novo, entre os quais o fado, como uma singularidade portuguesa e Lisboa alcançaram uma dimensão internacional no período do pós-guerra. Quanto às corridas de touros, particularidade ibérica e sempre ressaltada nos guias de edição inglesa para justificar os “bons costumes” portugueses, é referida na mesma medida em que se constituiu como um ponto de contraste para diferenciar portugueses de espanhóis, em guias que visavam um turismo ibérico.

²⁷¹ Guia de Lisboa e Arredores, 1924:78-79

“Un voyage en Portugal devrait être le complément naturel du voyage en Espagne. D’attirer le voyageur sensible aux impressions de l’histoire, de l’art et de la nature. Il visitera avec intérêt et avec plaisir Lisbonne et les sites pittoresques de Cintra, de Cascais et Monte Estoril.

Lisbonne, une des plus belles villes de l’Europe. Située sur les bords d’un fleuve superbe, sous un ciel admirable, elle est vraiment (dit M. Leclercq; 1881 Fr) la reine de la péninsule ibérique, comme Naples est la reine de L’Italie. S’est énormément développée ; au nord se sont élevés des nouveaux quartiers, percée de rages avenues ; des somptueux édifices ont été construis ; les quais du port permettent l’accostage aux plus grands transatlantiques. Enfin, un réseau étendu de trams électriques dessert toute la ville et ses environs.” (1916 Fr G)

Esta imagem do interesse turístico de Lisboa (Portugal) em 1931 se por um lado, desenvolve mais as descrições do país e da cidade, por outro tende a salientar o facto de ser pouco conhecido no campo dos interesses turísticos franceses.

“Ce petit pays, trop négligé et réellement méconnu, doit prendre à l’avenir la place qui lui revient dans l’Europe méridionale, avec l’Espagne et l’Italie. Il mérite, également, d’être visité para la beauté de ses montagnes et de ses rivages, par le charme de sont climat où l’ardeur du Midi se tempère de la fraîcheur de l’Atlantique, par son passé et son histoire, où se révèlent des caractères très originaux, dus à la fois aux survivances arabes et aux visions exotiques des grands navigateurs du XVIe s. ” (1931 Fr G : preface)

Em 1953 foi feita uma reedição, depois do período da II GG, Lisboa (Portugal), agora mais perto pelo transporte aéreo, surge reforçada na imagem de país parado no tempo, imagem repetida na edição de 1960: “le voyageur qui franchit la frontière, descend d’avion ou débarque de son paquebot a l’impression d’un rivage nouveau, et d’une sorte d’île continentale. Douceur affable des mœurs, parler sourd, mal articulé, nasal, et pourtant d’une gentillesse insinuante, patience nonchalante, endurance sans hâte, harmonie bucolique des paysages arrêtés dans un temps ancien, sous un ciel amène, dont la clémence justifie un mode d’existence tranquille, à la fois résigné, tenace, et dépourvu des grands ambitions : tel est le Portugal.” (1953 Fr G : liii)

Em 1984 o guia assinala a ruptura democrática da Revolução dos Cravos, mas simultaneamente destaca a assimetria entre o Portugal, em festa democrática, mas pobre e atrasado em relação aos países europeus, assimetria que passava despercebida pelo incremento do Portugal turístico, com o seu equipamento hoteleiro moderno e adequado ao gosto europeu, como se desenvolveu desde os anos 30, e que os turistas até aí

experimentavam: “Aujourd’hui le voyage portugais est teinté d’une coloration qu’on aurait difficilement imaginée il y a quelques années. La fougue de la « Révolution des œillets », l’extraordinaire enthousiasme populaire qu’elle avait suscité étaient encore parfaitement tangibles et, sur les murs des villes, les grands fresques continuaient de parler au cœur des hommes. En l’abordant, le voyageur oublie presque d’emblée qu’il est l’un des pays, les plus démunis de la vieille Europe. L’un des plus déconcertants, mais aussi l’un des plus dignes. L’équipement touristique tend à dissimuler, aux yeux de l’étranger de passage, une marginalité de fait. Et dans ce domaine, comme dans bien d’autres, l’ont sait réussir : qui a pu apprécier les qualités de l’infrastructure hôtelière et réceptive du Portugal ne peut imaginer que le niveau de vie y est quatre fois inférieur à celui de la France.” (1984 Fr G : preface)

Em 1989, num guia onde o país e a cidade de Lisboa foram alvo de uma monografia consideravelmente desenvolvida, volta a destacar-se a assimetria do país em relação à Europa: “le voyageur qui se rendait au Portugal au lendemain de la II GG mondiale, découvrait *un pays de Cocagne*²⁷². L’ancienne Lusitanie n’avait pas été touchée par le conflit et partout les palais et les jardins (...) accueilli par une population qui paraissait ne manquer de rien. Quarante ans après, à la fin des années 80, le Portugal est devenu l’un des pays plus pauvres d’Europe occidentale. Le charme de Portugal réside en grande partie dans la gentillesse et la simplicité de l’accueil qu’on vous y réserve.” (1989 Fr G : 49)

Nos Guides Bleus a singularidade turística de Lisboa refere-se em 1931 à sua vertente meridional, de Lisboa sobretudo, a par da cidade histórica, que deteve um papel na história universal — o período dos Descobrimentos — salientando o seu contributo para o progresso técnico e económico da Europa moderna. Em 1984 reforça-se a originalidade da arquitectura e estilo artístico: “l’architecture portugaise a donné le meilleur d’elle même dans ces deux styles qui correspondent aux grands époques de « l’aventure coloniale »: la conquête des océans, sous D. Manuel II, à la fin du XV^e siècle, et l’exploitation des richesses de l’*ultramar* — et en particulier celles du Brésil — sous João V, au début du XVIII^e siècle.” Ao mesmo tempo é dada mais importância à afabilidade do povo, acolhedor e com simpatia pela cultura e língua francesas, embora esse aspecto se encontre presente pelo menos desde 1931.

“Le Portugal ne déçoit pas. Ce qu’on y vient chercher, c’est bien le décalage qu’il propose. De la séduction insoupçonnée de l’intérieur des églises baroques, de la richesse florale des

²⁷² Expressão francesa que significa “país de abundância, sempre em festa”, cuja origem remonta aos séculos XIII e XIV.

parcs et des jardins, toujours agrémenté d'essences exotiques, et aussi de l'étonnante profusion de ces charmantes expressions de l'art populaire que sont les Azulejos.” (1984 Fr G: 51)

“Lisbonne telle un grand glacier, pousse le front bombé de sa cité ancienne sur l'estuaire : dans la transparente lumière des soirs d'été, sa blancheur. Lisbonne, porte océane autant que sentinelle, prend la tête d'une Europe à la conquête maritime du monde.

Ce rôle historique explique la discordance entre la « reine du Tejo » et le reste du pays : ce centre urbain, presque démesuré pour l'État portugais, était à la taille du rôle joué par la capitale du premier empire colonial des temps modernes et des fonctions internationales importantes qu'elle remplit toujours.” (1984 Fr G : 147)

11.1 – Os clichés promocionais de Lisboa

Encontramos cinco aspectos de singularidade que se associaram à atratividade de Lisboa e justificavam a sua visita turística, estes vão-se misturando nos guias do *corpus*, editados ao longo de XX. Verificámos que nos Guides Bleus, que acompanham o século XX, Lisboa surge associada à sua beleza panorâmica e complemento de interesse histórico, pela presença de monumentos e sítios pitorescos. No decurso do tempo e ajustando-se ao crescimento metropolitano, reforça o lado de capitalidade de Lisboa, salientando a assimetria (na escala de desenvolvimento – subdesenvolvimento) entre Lisboa e o resto do país.

A expansão urbana e a nova configuração das cidades que reemergiram após a II GG, o aparecimento da cidade sobremoderna, em Inglaterra e França nomeadamente, em parte reorganizaram os gostos turísticos e o lugar de Lisboa nas rotas turísticas. A partir dos anos 50 até aos anos 90 de XX, os guias evidenciam, no interesse turístico de Lisboa, a coexistência de uma cidade antiga, intocada pela destruição da guerra, que ajuda a alimentar a ilusão da manutenção do passado vivo, como repetem os guias, acompanhando-se contudo da irrupção dos sinais de modernidade, nomeadamente na Avenida da Liberdade, onde se instalaram os novos hotéis e as agências das companhias aéreas, os principais símbolos do novo surto turístico moderno.

O carácter bairral encontrado nos tecidos urbanos antigos, como Alfama ou Santa Catarina, mas também nas ruas do centro de Lisboa, é outro dos aspectos ressaltados, associados ao novo pitoresco que emerge no arco temporal de XX, à experimentação do autêntico da busca turística. Simultaneamente, por ter permanecido uma cidade de pequena escala, onde

a monumentalidade escasseia, seja em monumentos antigos, seja em grandes museus ou grandes obras de arquitectura e engenharia modernas, merecendo destaque a ponte sobre o Tejo inaugurada em 1966, adquire, justamente por isso, a atractividade da viagem turística sem esforço. Acrescentando-se a proximidade de estações de veraneio balnear (Estoril e Costa da Caparica).

Os guias editados no pós-guerra (II GG), escolhem “a cidade de contrastes” para promover Lisboa, explicitando que nela coexistem, numa harmonia desordenada, antigo e moderno (e pós-moderno) com as ambiências típicas, identificando-a como uma cidade que reabsorve permanentemente as novidades.

De destacar ainda, que os guias que manifestam uma atitude crítica face à ilusão turística promovida, justamente, pelos outros guias e folhetos, como os guias de 1957 e 1960, aspecto que experimentaram em Lisboa, ainda assim destacam uma singularidade para esta, seja na calçada portuguesa ou nos retábulos barrocos das igrejas da cidade.

“Lisbonne a pourtant son charme, et au bout de quelques jours on y découvre de la beauté. L’Alfama, Belém, les monuments, oui sans doute, mais autre chose fait le charme de Lisbonne ... de la mosaïque. Serait-elle l’héritage de Rome, l’Italie ayant Rome elle même, la France l’amour du latin et Espagne l’orgueil ? Hélas, ces pavages en mosaïque blanche et noire datent seulement du XIXe siècle, de l’ingénieur Pinheiro Furtado²⁷³. On vous les a vantés, vous les cherchez d’abord en vain sur les Places. En effet on les arrache, car ils troublaient la vue des conducteurs paraît-il. Mais vous les avez dans toute leur gloire des deux côtés de l’avenue de la Liberté, l’avenue par excellence.” (1957 Fr G)

“I made the rounds of the city’s churches and was bedazzled by the splendour of the baroque retables, scintillating with all that shimmering brightness I had expected to find in Portuguese life; and now I find it, but it was only worm-eaten gilded wood.” (1960 Uk M: 46)

²⁷³ Foi enquanto comandante do quartel de S. Jorge que o engenheiro Furtado (1777-1861) introduziu a calçada e o Rossio foi a primeira praça a ser calcetada desse modo.

A - Uma poesia no seu alinhamento em anfiteatro e o Tejo (majestoso): a cidade das sete colinas

Como foi sublinhado, um dos interesses turísticos de Lisboa refere-se à sua situação geomorfológica, o facto de ser porto de mar, com o largo estuário do rio Tejo e topografia em colinas que lhe conferem uma beleza paisagística especial. As imagens descritas da cidade, quando a ela se chegava de barco, cristalizaram-se na imagem da cidade que se revela “em leque” e se afigura numa miscelânea de panoramas, imagem que perdurou como um dos principais clichés que identificam Lisboa, quer se chegue de comboio, de carro ou de avião. Foi essa beleza que se reforçou nos itinerários turísticos e nos múltiplos miradouros da cidade, consolidados como lugares de consumo turístico durante a década de 60, quando o município construiu pequenas estruturas de contemplação e duplicou em painéis de azulejo a Lisboa que se encastela sobre as diferentes colinas.

“From the panoramic point of view, those capitals, which sit by the side of the salt waves, possess an incalculable advantage over those that are placed inland. To the stranger Lisbon is peculiarly kind in a topographical sense. Never was a town, which revealed its ramifications with more readiness.” (1909 Uk GM: 3)

“Lisbonne, sœur et rivale de Venise, s’ouvre comme elle au milieu des palais d’autrefois. Une place royale s’avance jusqu’au bord du fleuve, devant une rade immense, peuplée de barques, voilier, cargos, transbordeurs, pétroliers, yachts de plaisance, navires de guerre, grands paquebots qui viennent du bout du monde.” (1934 Fr M: 26)

“The approach to Lisbon by sea deserves all the praises, which have been lavished upon it. It should be starred as one of the authentic thrills of European travel. But why should I mock the German for his unashamed enthusiasm for a fine view, since I myself so heartily share it?” (1934 Uk M: 213,221)

“Tourism, the Tagus bridge, new hotels, office blocks, and apartment buildings are changing the face of the city, but this lovely town with its theatrical situation above the Tagus still retains an air of 18th century elegance.” (1966 Uk Pt G: 11)

“Whether you arrive by air or by sea, you gain the impression of being in the 18th century. One of the most beautiful capitals in Europe, it lies on the right bank of the Tagus, on seven hills which are now covered in palaces, churches and houses in a riot of pastel shades, with pale blue, ochre, mauve, yellow and pink colours.” (1969 Uk G)

“Lisbonne n’en finit pas de surprendre. Lisbonne est depuis quinze ans en pleine métamorphose, plus que jamais tournée vers le futur. Pourtant c’est un sentiment de

profonde nostalgie qui vous envahit au premier regard. La lumière venue caresser les rives du Tage, la douceur de ses sept collines et les multiples échappées au détour de ses ruelles, font de Lisbonne l'une des capitales les plus romantiques qui soit.” (2004 Uk Ep G)

B – O Pitoresco de pessoas e bairros ... um autêntico que magoa

A dimensão da presença do atributo de pitoresco na cidade foi outro aspecto muitas vezes referido no conjunto do *corpus*, em simultâneo com a beleza panorâmica de Lisboa. Contudo a categoria de pitoresco, um atributo herdeiro da mundividência romântica, presente no gosto turístico de XIX, vai sendo substituído pela “humanidade” e “autenticidade” encontradas na cidade, nas pessoas e nos seus bairros, uma autenticidade que também foi descrita como sinónimo de pobreza. Conjugam-se no “pitoresco”, no “autêntico” a atmosfera de uma cidade que mantém o passado vivo, i.e. reforça a nostalgia de um turismo que imagina viajar até ao passado, até um *Ailleurs*. Um aspecto que se acentua com o ciclo de metapolarização das cidades do pós-guerra, que levou à sua standardização, desencadeando um novo surto nostálgico de cidade “antiga”, ainda (?) não penetrada pela nova paisagem urbana, como era Lisboa nesse período, visão (neo)nostálgica salientada nos guias editados no fim de 60 e anos 70. Neste período, vinham em turismo até Lisboa (e Algarve), julgando descobrir um território “inexplorado”, interessados até na idiosincrasia do regime político, como os guias de 1957 Fr G²⁷⁴ e 1971 Uk M.

“The seeker for the picturesque will delight in the water-front in the morning hours and in the fisher-folk. They are the most picturesque of Lisbon types and most of them are really beautiful. Then, too, he will explore the older quarters of the city, spared by the terrific earthquake.” (1922 USA UK M)

“It is not, however, the churches which make Lisbon handsome but its humanity, the incessant use of its streets and stairways by the seething population, sombre and picturesque, shouting or piping.” (1956 Uk GM: 259)

²⁷⁴ Ce régime selon les anglais, n'est qu'une caricature de régime parlementaire puisqu'un seul homme parle et que les autres l'écoutent. (...) Il n'y a même pas de parti du tout. (...) Bien que le régime se défende maintenant de toute sympathie, de toute tendance fasciste, la neutralité portugaise durant cette guerre fut plutôt favorable aux puissances de l'Axe. C'est seulement en 1943, la chance tournant, que le Portugal accorda aux anglais, puis aux américains des bases aux Açores. Ne tombons pas dans les assimilations démagogiques : Salazar n'est pas Hitler et le Salazarisme n'est pas l'hitlérisme. C'est ... Qu'est-ce? (1957 Fr G : 174)

“The customs of the neighbourhood, habits and communal interests – whether of hate or love – moulded the district into a real community; a situation where even the football clubs were basically local, of the bairro. Much of this is passing under modern pressures. But for those who came from places where this process is so much more advanced, where nearly nothing has escaped brutal levelling progress, Lisbon still presents a picture of how more pleasant life can be when the scale is not utterly shattered, wherein human beings can converse, communicate and care for each other.” (1971 Uk M)

“Paris has Monmartre and St Germain, two Latin quarters, now overgrowing with affluent tourists, weeds and boutiques. Lisbon’s Latin Quarter is more genuinely a Latin quarter and spreads wider and deeper. The poverty in the Alfama is pretty real and disturbing; scratch one street behind the wide, flash Avenida da Liberdade, where the huge airline and other companies have their sparkling glass and heavy gold façades, and you will find little alleys, holes in the wall where pleasant, helpful people have always lived with poverty. That’s part of the trouble with Lisbon, and the rest of the country – everything’s so authentic it hurts.” (1972 UK G)

“Je ne saurais finalement dire pourquoi j’aime Lisbonne autrement que je l’ai dit. Il est certes des villes plus fascinantes, plus animées, plus prodigues de tout. J’aime Londres, Amsterdam, Copenhague, Rome ou Venise, mais de toute la gamme d’émotions que ces villes peuvent dispenser, je ne saurais tirer ce qui revient à la cité lusitanienne et qui est difficilement exprimable: cette sorte d’intimité tranquille qu’elle procure, ce provincialisme, subtil, chaleureux, ce naturel, ardent et songeur, qui émane de sa personne, si l’on en peut parler comme d’un figure humain.” (1985 Fr M)

C – A Compacidade de Lisboa

Outro aspecto revelado como uma das singularidades turísticas de Lisboa foi a sua compacidade, i.e. a capacidade para poder cumprir o “programa turístico canónico” sem grande fadiga, permanecendo dentro da “bolha” civilizacional. Esta ideia de que em Lisboa se podia fazer um turismo calmo, encontrando o necessário, o conforto moderno e as singularidades turísticas, pois “os grandes superlativos turísticos não existiam” é claramente enunciado pelo guia de 1979 Uk G: “In an uncompromising world of extremes, Lisbon steers for the happy medium. Don’t expect to be shown the world’s widest plaza or

tallest cathedral. Extravagant claims are few. Most superlatives are in the people themselves – the kindest and most dignified you’re likely to meet.”

“One of the great charms of Lisbon for the much-travelled visitor is that it contains but few sights of such outstanding importance that they necessitate a visit.” (1934 Uk M: 216)

“Lisbon improves on acquaintance, there is an intimate charm about the Museu (MNAA), which a museum of larger dimension cannot possess.” (1939 Uk G: 41)

“Lisboan may temper her Latin frivolity with hard work and purposefulness, but she is the perfect hostess. She tries not to bore with too many museums, churches and monuments. She is small enough for a cruise passenger to comprehend within a day, but in her surroundings offers enough variety for a lengthy holiday. The compact cluster of streets provides changing photogenic vistas to explore; but with luminous light reflected off the Tagus, a sight-teaser all over the city, there is no claustrophobia but a lightness and sparkle in the air through which the cartoon castle of Pena snuffs the Sintra crags on one horizon, and the Arrabida hills create a southern frame to this river city.” (1971 UK GM: 5)

D - A wonderful holiday centre ... uma cidade meridional ... de escala humana

O quinto aspecto a destacar na atractividade de Lisboa ajusta-se ao facto de Lisboa se constituir como um ponto de acesso a um conjunto mais vasto de consumos turísticos que, a par do turismo de cidade, associa a possibilidade de usufruir das praias na proximidade, ou de sítios pitorescos como Sintra ou a Arrábida, e se resume na ideia de Lisboa ser um “holiday centre”.

“Lisboa is not merely a beautiful city with ancient buildings and fine hotels. It is a wonderful holiday centre with literally dozens of beaches on your doorstep and bewildering variety of possible excursions. Probably no other capital city has so much to offer the holidaymaker, and coasts though rising slowly, are still low by our standards.” (1966 Uk GM)

“Lisbonne est une ville aux multiples visages, médiévale avec l’Alfama, classique avec Baixa, moderne avec l’ensemble futuriste des Amoreiras, mais aussi une ville de mer. La proximité des stations balnéaires de Estoril et Cascais, les plages de la rive sud, ajoute un charme supplémentaire à la capitale portugaise. La campagne n’est pas loin non plus, recelant de délicieux villages et parcs naturels.” (1991 Fr Uk G MA: 39-45)

E - A cidade de contrastes

A cidade de contrastes é outro cliché turístico particularmente difundido na segunda metade de XX. “Sublinham-se as contradições entre riqueza e pobreza, a coexistência da tradição e da modernidade, da ruralidade, a ambiência da aldeia no meio do espaço urbano.

“A city where, although the trams run, late and early, and motor traffic never ceases, you are woken by a cock crowing in some hidden backyard or corner of a garden, and standing at the window you look down at the bank of geraniums in front of the house opposite and they are glowing, in incandescence; the castle of S. Jorge, like a celestial city in a cloudless sky.” (1954 Uk G: 88)

“Besides being a city of narrow streets, wide avenues, broad squares and many beautiful parks and gardens, Lisbon has a charm which many other cities lack. Perhaps this is due to the old and new being side-by-side in several districts of the city and blending so well. Perhaps it is because, even here in the capital, the pace is slower than in other great towns, and “se Deus quiser” is heard as much as in country villages.” (1976 Uk G: 64)

“Lisbonne est une des plus vieilles villes d’Europe, toujours à mi-chemin entre celle-ci et un Ailleurs — qu’il soit un Extrême-Orient ou en Extrême Occident. Quarante ans de dictature l’avaient mise en marge de notre siècle, de ses deux GGM, et semblaient l’avoir figée dans le temps jusqu’à une époque récente. Habiter Lisbonne, connaître Lisbonne, c’est d’abord se laisser envahir par le vertige de l’anachronisme, la griserie du temps retrouvé.” (1988 Fr M)

“Lisbonne, mélange de mille choses, cultures, nationalités, la rencontre étonnante du passé avec le présent. Chaque quartier, des petites rues d’Alfama aux artères encombrées de la Baixa, a un mode d’adaptation particulier de la vie moderne dans cette capitale millénaire.” (1991 Fr Uk G)

“Car l’un des secrets du charme de cette capitale est la grâce particulière qui lui fait intégrer sans difficulté à son capital les intérêts rapportés de l’étranger. Elle est douée d’une étonnante faculté d’ajouter sans cesse à son fonds d’acquisitions nouvelles sans compromettre son « lusitanisme » et sans que les emprunts successifs introduisent dans son image de trop de flagrantes dissonances. Roman, gothique, renaissance, baroque, jésuite, rococo font bon ménage entre eux et avec les apports exotiques, le mauresque, l’hindou, le vénitien, quoi encore ? Elle est ouverte, et leur goût très vif de la décoration a évité aux portugais une soumission aveugle aux grands styles.” (2003 Fr GM)

Ao longo do século foram-se configurando nos guias algumas singularidades turísticas para Lisboa que não se substituem umas às outras na linearidade da sequência temporal, nem se fixaram num único gosto turístico. Em articulação com as diferentes conjunturas históricas foi-se delineando a imagem de uma cidade presa ao seu passado histórico, uma nostalgia anacrónica, na medida em que o passado correspondia ao momento de grandiosidade perdida e ainda não recuperada no presente da edição. Embora se apresente como um cliché, um estereótipo face ao outro, Lisboa e os portugueses, acabou por se tornar num gosto turístico que se ajustou ao interesse do “pitoresco” de XIX.

A cidade de escala média e dominada por um regime político autoritário (Estado Novo), como repetem alguns guias, que reforçou a imagem da cidade a resistir à escala (desumana, era o argumento usado) metropolitana com a sua cultura de cidade feita de bairros-aldeia, tornou-se de interesse turístico porque se afastava da cidade estandardizada metropolitana. A mundividência de uma cidade de bairros permaneceu nas culturas urbanas no ciclo democrático. Os contrastes e a multiculturalidade presentes nos bairros antigos foram aspectos de promoção nos guias da última geração como o Petit Futé ou o Routard.

Atravessando aquelas singularidades permaneceu a vocação de cidade meridional, do Sul, favorável ao “winter resort” no início de XX, nas estações balneares de Estoril e Cascais, que se foram desqualificando para dar lugar a novas zonas, como a Costa da Caparica, a partir dos anos 80. Este aliás foi um *slogan* de promoção dos guias de edição portuguesa no ciclo da suburbanização, em Democracia, Lisboa como o centro de muitas experimentações turísticas: património, sol e mar, paisagem, entretenimento.

Depois de ter sido olhada como uma cidade que se encontrava a modernizar, na viragem de XIX, progressivamente, até à última década do século XX, no ciclo de “reconfiguração de capitalidade”, Lisboa foi vista como uma cidade fechada sobre si e o seu passado ido (ao olhar europeu), exceptuando o tempo fugaz durante a II GG, em que na sua “neutralidade”, abriu a porta aos refugiados europeus. Na década de 90, e com a consagração da Expo 98, Lisboa passou a ser descrita como uma cidade aberta, onde todos os estilos e gostos se misturam, sem ter perdido a sua mística nostálgica: a saudade e o fado, a alma de Lisboa.

12 - O fado, a saudade e a melancolia, “lisboan soul”

Les Portugais, je ne les connais pas. A propos de ceux qui vous sont étrangers, le proverbe de mon pays assure qu’il faut

*sept ans, sept jours et sep semaines
pour bien savoir quel vent les mène.*

J’en suis encore entre les sept jours et sep semaines. Je sais que l’ont peu avoir recours à des livres dont les auteurs justifient, de plus de sept ans de fréquentation, de ces gens là. J’en ai lu quelques-uns. J’y ai trouvée, par exemple, qui les portugais souffraient-jouissaient d’un bien ou d’un mal appelé *saudade*, une sorte de *spleen* fait de désir et de regret à la fois et qui se résout en une mélancolie plutôt douce, un peu endormeuse à ce que j’ai cru comprendre.

Pierre-Jakez Hâlias²⁷⁵ (1997)

Por fim o que de mais singular Lisboa possui, dizem os guias, a sua *alma*: fado, saudade, música, voz, um estado de alma.

O século XX foi progressivamente consagrando o fado como a música popular lisboeta, do marginal fadista de XIX até é sua inclusão como “Património Imaterial da Humanidade” em 2012. Os guias acompanham este movimento.

E assim foram falando sobre o fado e saudade:

Variété de litanies chantant la tristesse des amour déçues, la beauté de Lisbonne, la jeunesse passée et perdue. (2003)

Ce *blues* portugais trouve ses racines dans la poésie des troubadours bien que influencé par les chants des esclaves africains. (2001)

The vocal expressions of the ephemeral feeling, (1994)

Cette mélancolie cousine du spleen anglais, exprime leurs rêves et leurs regrets. (1991)

D’un messianisme qui s’est évanoui un matin dans un chant de fado. (1988)

Mélopée triste, âpre, brisée, c’est le *blues* d’un peuple chez lequel tout est livré au paroxysme. (1985)

The melodic plaint escaping through the windows of medieval tenements, (1979)

A sad, throaty ballad song, (1973)

²⁷⁵ Relebrámos, foi um intelectual bretão especialista e militante na preservação da sua língua. Foi citado com um texto introdutório no guia 2003 Fr G.

To slip in the *fadista* mood in Lisbon is all too easy. Once one has caught the fever of the guitars, and the romantic agony in the voice, there seems no reason to withdraw from the magic of a world where all is exalted tragedy. (1971)

A sorrowful lament with no real design, *fado* is the purest expression of *saudade*. (1970)

It is always unrequited love and expressed in the most “cursi” or “corny” terms, imaginable. One feels that if the singer and the object of her affections could only get safely bedded down together they would soon stop singing *fado*, and everyone would be happier. (1965)

A lamenting, without deep-seated sorrow, it is essentially Portuguese, and no native can resist it. (1965)

Chanson propre de Lisbonne, le *fado*, est triste, lancinant et d’une volupté déchirante, comme toute musique méridionale où les autochtones vont se plonger dans la mélancolie. (1963)

The relationship between the sexes is over idealised, this frustrated idealism, which lies at the root of that most national emotion, *saudade*, and inspires the *fados* of Lisbon, love and absence are the regions of *saudade*. (1960)

On dit encore qu’il rappelle la mélancolie des marins évoquant leur foyer, qu’il a le rythme de la vague et de la marée qui monte. La cause de cette mélancolie ? La tristesse d’un peuple qui a été grand. Ce messianisme console les portugais. Peut-être les portugais du XX siècle l’attendent-ils encore et ont-ils cru le reconnaître, comme les Aztèques Quetzalcóatl, en la personne du professeur Salazar. (1957)

A town song, a soul song shouted with the lungs of despair, something to exercise forgotten muscles of the heart. (1955)

Une expression profonde de l’âme populaire de Lisbonne, avec ses goûts pour le roman de feuilleton, sa générosité instinctive, sa propension à compatir, son esprit si proche de celui des Misérables, son amour des larmes et des apitoiements. Ce sont des berceuses de la tristesse qui soulève la lente houle du cœur et du souvenir. (1953)

Et il porte en ce cœur et en cet esprit, l’image du ciel de Lisbonne, qui est de douceur et de clarté, et qui incite à la flânerie. (1940)

From the depths of queer taverns proceeds the twanging of guitars, to which *fados* are being sung, the *fados* are gentle, pure in sentiment, even religious, although, occasionally, they contain diatribes against the priests who kept the people in ignorance. (1939)

Los fadistas se dedican con pasión à tañer la guitarra y son tocadores e improvisadores de *fado*, canción especial portuguesa, cuya musica y letra varia hasta lo infinito pocas veces

para ser decente y sentida, cuasi siempre para dejar muy atrás las coplas de Perico el ciego²⁷⁶. (1870)

Vindo dos “botequins sórdidos onde os rufiões do Capelão e da Amendoeira, brigões e cantadeiras fazem estendal dos seus vícios e assoalham a sua miséria.”²⁷⁷, como assim se referia ao fado na Mouraria R. Proença, um bairro de Lisboa que, em 2012, saiu da marginalidade urbana em que se encontrava confinado, e celebrou o reconhecimento mundial de uma canção que aí se praticou bem para trás, no século XIX.

Os guias estrangeiros foram progressivamente integrando-o e associando-o ao mais persistente carácter nacional a que nos apegámos e (ou) nos fixaram, Camões, Francisco Manuel de Mello anotam os guias, a saudade.

Ao longo do século a compreensão do fado foi tomando várias cambiantes, da canção jocosa e rústica (1870) até ao *blue* português (2000) foi acompanhando as modas e o reportório que os promotores turísticos (públicos durante o Estado Novo, privados e público em Democracia), mas acusando as conjunturas políticas. Em 1940, quando a Europa se encontrava em guerra, o fado vestiu-se do azul do céu de Lisboa onde, por breves momentos, o viajante (refugiado) poderia deambular tranquilamente. Canção do povo (le petit pleuple) de Lisboa, folk song consagrada na voz de Amália Rodrigues nos anos 50. “Aujourd’hui il a Amalia Rodrigues. A la voir, à l’entendre, on peut penser que le Portugal qu’on dit si métissé a de la race, et même une souveraine.” (1957). No anos 60, um turismo animado pela recuperação económica e pelos movimentos juvenis da “Contracultura”, consideraram o fado pleno de estórias de amor desencontrado, que maior liberdade sexual resolveria. E em Democracia, foi contendo a melancolia ... a beleza da cidade de Lisboa numa velatura que a patine do tempo emprestou.

E a saudade prisioneira da nostalgia de um passado de grandeza perdida. Um exotismo a consumir turisticamente em Lisboa.

²⁷⁶ Presumimos que o autor se refira ao género popular (pueril e rústico) e satírico desenvolvido no século XVIII, Coplas de Perico y Marica, e que julgo, podemos traduzir pela nossa expressão “cantiga do ceguinho”.

²⁷⁷ Raul Proença, Guia de Portugal e Arredores, 1924: 272

Sur Rossio des groupes qui attendent l'autobus, pas un mot entre eux ... Autant de Saudade que de tristesse affichés sur les visages ou seulement la fatigue et du souci ?
Pierre-Jakez Hálías (1997 in 2003 Fr G)

Os Portugueses gerem a saudade como um tesouro. Fazem-na render. Gostarão de sofrer? Claro que gostam. Se estão a penar por saudades de alguém vão buscar fotografias, reler cartas, ouvir discos antigos. Passa-lhes pela cabeça ir ter com essa pessoa? Não. Matar uma saudade é quase um crime. Os Portugueses produzem saudades como os coelhos produzem coelhinhos. Exportam-nas e importam-nas. As saudades são as especiarias finas do comércio sentimental português. Os Portugueses espalham-se pelo mundo como quem espalha a confusão. Descobrem, emigram, retornam e tornam a emigrar. Deixam pessoas onde não as deviam deixar. Está mal. A maior parte das saudades podia-se evitar.

Miguel Esteves Cardoso.

Conclusão

Como dissemos no início, Lisboa à entrada do século XXI tornou-se uma cidade de destino turístico consideravelmente apreciada no plano internacional. No entanto é interessante citar a introdução a Lisboa neste novo modo de promoção turística como são os *sites*: “**Often overlooked for its popular European cousins**, Lisbon specializes in lulling tourists into a **laid-back charm**. Perched atop seven hills, its alleyways wind between bleached-out limestone buildings. Fanciful St. George's Castle peeks out to the skyline, lending an Old World mystery to the burgeoning cosmopolitan city. And despite the modern sleek buildings that are slowly rising throughout the city, **village life holds strong**.” (U.S. News Travel, Lisbon – 2015)

Jules Leclercq viajante (explorador), que visitou Lisboa na última metade do século XIX dizia que “Lisbonne est **peut-être de toutes les grands capitales la moins visitée**; c'est un point d'escale pour les navires qui vont dans l'Amérique du sud; on'y passe quelques heures, on ne s'y arrête guère.” (1881 Fr G) Este último autor considerava Lisboa uma das importantes cidades europeias de então, imagem herdeira ainda do esplendor da cidade pré-terramoto, lugar e momento zenital da cidade pré-moderna, antes do surgimento das metrópoles e do turismo.

Até à última década de 90 do século XX, tendo como indicador a edição guionista durante o século, Lisboa ocupou um lugar de destino turístico periférico para ingleses e franceses, embora os primeiros tivessem estimulado a criação das zonas turísticas da Madeira e Sintra ainda no século XIX. Mas a cidade em si, a cidade confinada (A. Domingues, 2011), restringida quase à cidade histórica, integrou uma experiência turística onde operou a dicotomia, moderno *versus* tradicional, cosmopolitismo *versus* mestiçagem racial²⁷⁸ até ao final do século XX, lembrando que aquelas polaridades foram sendo preenchidas com uma multiplicidade de significações ao longo do século.

Delimitada como um lugar geográfico limítrofe na Europa, na mesma medida em que os “autores” se colocavam no centro, escrituraram Lisboa (a península ibérica) como o início do imaginário Sul, na proximidade com o imaginário Oriente. O Sul turístico

²⁷⁸ The conglomerate we call the *lisboeta the lisbonense* of today: the Luso-latin, the Luso-arab, the Luso-semitic, the luso-atlantic, the Portuguese. This long line of mixed cultures, races, civilisations and religions that has resulted in the Portuguese of today had a persistent original element: a special relationship to nature. (P. Swift, 1971 Uk M: 245-254)

(europeu) aparenta-se ao Orientalismo que pautou o século XIX imperial, um signo do poder do norte europeu que constituiu e fixou visões do Sul (E. Said, 2004: 7), como o carácter indolente dos lisboetas (portugueses), por exemplo. Um Sul turístico que em Lisboa, durante os anos 50 e 60 activou o logro, confrontados com uma cidade pobre e triste, denunciado por *Petite Planète* (1957 Fr G) e F. Huggett (1960 Uk M).

Na leitura de Lisboa através dos guias esta surge num lugar geo-histórico particularmente interessante. A memória da cidade-porto de onde partiram os navegadores que definiram as novas rotas e possibilitaram a expansão europeia a partir do século XV, marcando a história universal, é revivida em cada guia. Lisboa é a cidade atlântica onde se reuniu África, o Oriente e a América. Um momento histórico que permitiu o expansionismo colonial do século XIX e colocou Londres, por exemplo, numa outra centralidade imaginária, a de capital imperial, estatuto partilhado por Lisboa, a cidade capital do império, encenada em 1940 pelo Estado Novo.

A segunda grande guerra pôs fim ao ciclo das grandes metrópoles imperiais. Em Lisboa também foi declinando, embora política e simbolicamente se imaginasse ainda um centro imperial. Como dizia ironicamente o guia *Petite Planète* (1957) "bien qu'on parle beaucoup d'empire à Lisbonne, le Portugal n'a pas de colonies, et n'ayant pas de colonies ne saurait évidemment être accusé de colonialisme. De Lisbonne à Macau, le Portugal est un." (1957 Fr G: 181)

A revivificação desse momento histórico, congelado no discurso turístico, auxiliado pela turistificação dos monumentos celebrativos dos Descobrimentos, impregnou Lisboa de um estatuto fronteiriço, cidade atravessada por uma porosidade, um hibridismo. Uma das características que se repetiu com alguma frequência acerca dos estilos arquitectónicos e artísticos encontrados em Lisboa, nos guias editados, sobretudo, entre fins de XIX e os anos 50, foi a ideia de sincretismo, de hibridismo, de falta de estilo ou de um estilo próprio que resultou da influência das culturas exóticas árabes ou orientais - o Manuelino²⁷⁹; os telhados pombalinos rematados "à chinesa", a flora exuberante de Lisboa que relembra a sua proximidade de África ... e Alfama, onde ressoa a ambiência do Kasbah marroquino. Uma cidade aberta às influências estrangeiras: "Roman, gothique, renaissance, baroque, jésuite, rococo font bon ménage entre eux et avec les apports exotiques, le mauresque, l'hindou, le vénitien, quoi encore?" (2003 Fr GM : 22) Ainda no fim do século XX a

²⁷⁹ Belem lies at the extremity of Europe, far from Rome, such a building would never ever been allowed in 16th century Italy. But it is natural, near to the landing stage of the first voyagers to travel round Africa to India and back again." (1954 Uk G: 91)

separação entre estilos e exotismos. O urbanismo Pombalino, ou os subsequentes modelos urbanos de base reticular, foram identificados com “estrangeirismos”, influências externas à *natureza* lisboeta.

Em contraponto, a *alma* (“natureza”) da cidade, o lusitanismo, foi projectado no urbanismo orgânico dos bairros antigos. Estes foram um dos principais argumentos da atractividade lisboeta, desde o fim do século XIX, particularmente salientada pelos guias de edição inglesa²⁸⁰, e que se recombina com a imagem da cidade de “escala humana” nos guias editados no limiar do século. O interesse turístico da singularidade bairral lisboeta, decorrente da apreensão sobre os bairros de Alfama-Castelo, Mouraria, Bairro-Alto, Graça ou Madragoa, é um segundo aspecto que sobressai acerca das imagens veiculadas de Lisboa e nos leva a confirmar sobre o carácter de performatividade dos guias, i.e. as implicações da descrição e destaque daqueles no próprio fazer da cidade.

Por um lado, a promoção dos bairros com este valor de singularidade urbana não ocorreu na própria edição de guias portugueses, quer os guias patrocinados pela SPP de Mendonça e Costa no início do século (1906-1913), mais favorável à promoção da cidade moderna das Avenidas Novas, nem pelo guia de Raul Proença de 1924, que apresentou uma Lisboa clivada “entre a sua condição natural privilegiada e a vulgaridade e desordem do conteúdo, a quem faltava um plano arquitectónico de conjunto”. Em sede de divulgação guionista portuguesa a eleição de Alfama como bairro bastião identitário da cidade só começa a ser promovido pelo Estado Novo²⁸¹, cuja simbólica urbana era anti-metrópole. No guia de 1959, *Lisbonne et son Charme*, editado pelo município, Matos Sequeira dizia: “como ninguém vai visitar Atenas para ver o alinhamento das avenidas e sim o Parthénon, também a singularidade turística de Lisboa residia nos Bairros Típicos.” De salientar que qualquer um destes guias respondia a caracterizações da cidade reportadas por “estrangeiros”.

Por outro lado, no âmbito das discussões públicas e nas políticas urbanas, o reconhecimento do valor patrimonial dos bairros antigos foi um campo polémico e só começou a assumir uma preocupação de debate público nos anos 60. A arquitecta A. Pinho (2009) salienta o trabalho e filosofia do arquitecto Cabeça Padrão (1921-1993) como lugar seminal da prática de reabilitação urbana, nomeadamente, a sua intervenção no colóquio, promovido pelo município do Funchal, sobre Urbanismo em 1969, no qual apelava a

²⁸⁰ 1907 Uk G, 1971 Uk M, 1972 Uk GM e 2002 Fr GM, por exemplo.

²⁸¹ Guia Turística de Lisboa, 1941, coor. Vieira da Silva, CML.

preocupações como a importância da escala humana nos tecidos urbanos e a qualificação do património urbano, que pretendia requalificar de modo articulado com a cidade alargada e não de forma museológica. (A. Pinho, 2009: 799) Cabeça Padrão preocupou-se em particular com a defesa da paisagem urbana do Algarve que, à entrada dos anos 60, sofria já a pressão construtiva para fins turísticos.

O que nos parece de destacar é que foi a propósito de regiões onde a pressão do turismo se fazia sentir na dinâmica urbana, como o Algarve, que emergiram igualmente preocupações sobre os tecidos urbanos antigos e os modos/modelos de requalificação. Em Alfama a consciência social como tecido identitário surgiu nos anos 80, com o *Manifesto de Alfama. Alfama: morte ou recuperação*²⁸², documento subscrito pelas juntas de freguesia, grupos de cidadãos e intelectuais, preocupados com o nível de degradação.

Em parte consideramos que o valor performativo dos guias, tendo difundido o gosto turístico (estrangeiro) na fruição dos bairros — pitoresco, exótico ou como estilo de vida — contribuiu para a sua cenarização turística, mas também para a tomada de consciência do seu interesse como valor patrimonial urbano, não sem que tenham ocorrido abandonos, demolições²⁸³ e expulsões.

A qualidade antropogenética dos bairros antigos de Lisboa foi igualmente salientada pela historiadora do urbanismo, F. Choay (2002), que considerou o trabalho de Reabilitação Urbana²⁸⁴ naqueles, como recuperando a “competência de edificação” i.e. a edificação articulada, contextualizada e modulada às dimensões humanas, com um respeito pelo passado dos lugares, pelas comunidades que os urdiram²⁸⁵ e como projecto de futuro.

Este outro modo de compreender e intervir nos tecidos urbanos antigos, diz Choay, permite ultrapassar a disfunção narcísica em que se constituiu o culto, e inflação patrimonial, do edificado urbano, disfunção desencadeada pela organização espacial a partir da

²⁸² O documento não possui data, mas terá surgido em 1984, dado que o manifesto foi publicado no *Jornal dos Arquitectos*, Ano 3, nº33/34 (Jan/Fev), 1985 e a delimitação legal de Área Crítica ocorreu em 1986.

²⁸³ F. Choay lembra os conselhos de Alberti (1404-1472), na sua obra *De re aedificatoria* (1452), que considerava o abandono e a demolição da obra edificada herdada um comportamento bárbaro, (F. Choay, 1997).

²⁸⁴ A intervenção municipal com o objectivo de requalificação dos bairros foi liderada pelo arquitecto Filipe Lopes, entre 1991-2000, fundador da associação *Ofícios do Património e da Reabilitação Urbana*, em 2001. Este estudou em França e encontra-se próximo da filosofia urbana de F. Choay.

²⁸⁵ Dado que fui participante-observadora nas operações de reabilitação urbana, lideradas pelo município entre 1991 e 2001, fui testemunha da ocorrência de algumas tensões entre as comunidades residentes e os modelos de recuperação das suas habitações, sobrepondo-se um domínio da arquitectura e um certo padrão estético, seguindo processos construtivos “tradicionais”, externos às comunidades residentes. Estes, pelo contrário, foram absorvendo outros processos, como o recurso aos alumínio, até porque lhes pareciam, na sua avaliação estética, mais modernos, signo importante para ultrapassar a estigmatização de bairro pobre. Este é outro domínio de reflexão, sobre o qual detenho pouca distância analítica.

“ramificação protética, inflação amplamente estimulada pelo turismo.” (F. Choay, 2000: 218-220)

Um outro momento em que se cruzam as qualidades urbanas de experimentação turística em Lisboa e a reflexão crítica de Choay radica na deriva labiríntica que, de acordo com os guias, se estendeu de Alfama até bairros de base reticular, como o Bairro Alto, ou viajando no eléctrico 28. Para Choay o *poder dedáleo* é, a par da *competência de edificação*, a metáfora que permite ultrapassar o espelho narcísico. Choay considera que a representação do “labirinto” reflecte o “edifício humano” mais capaz de captar a duração e de forçar o espaço a caminhar na direcção de um sentido capaz de iniciar a alteridade humana, a abertura de possibilidade de relacionamento com o Outro.

A organicidade dos bairros antigos lisboetas, difundidos como uma das singularidades turísticas a experimentar em Lisboa oferecer-se-ia como uma viagem filosófica capaz de escapar à ramificação protética na qual nos encontramos imersos.

Ainda acerca de imagens de cidade plasmadas nos guias consideramos interessante destacar a dupla competência de apropriação (leitura) do espaço urbano. Como foi salientado, nos guias surgiu uma dificuldade de orientação no espaço lisboeta por causa da “vertigem dos nomes”, muitos nomes para uma mesma via, nomes familiares que interferem com a toponímia oficial. As cidades tornaram-se espaços complexos que requerem processos de racionalidade abstracta na sua organização, que permitam uma possibilidade de leitura no limiar de uma apreensão universal. Desse modo a identificação das ruas ou bairros através da numeração ou da orientação cardinal podem considerar-se o exemplo máximo da abstracção racional na organização espacial. Contudo, como procurámos defender, a cidade é igualmente um espaço de inscrição simbólica, política e da longa (e lenta) incorporação de práticas espaciais locais. Como dizia o guia *Lisboa, guia completa para viajeros*, *Everest Guides* (1991 Ep G), através da toponímia lisboeta era possível mergulhar na história da cidade. De certa forma, nas cidades metropolitanas, de “ramificação protética”, estandardizadas, atravessam-se localismos, a história local marca configurações singulares, que do ponto de vista do outro surge como uma dificuldade, um fechamento da cidade, mas também de resistência ao uniformismo e momento de aprendizagem para um outro modo de apropriação, conhecimento espacial.

A outra aprendizagem importante, que a análise aos guias turísticos sobre Lisboa permitiu, foi reconstituir o alinhamento do movimento histórico do turismo, dos seus gostos e

práticas, ao longo do século XX, saindo da passagem linear de um turismo de elites, prevalecente até à II GG, para um turismo de massas a partir dos anos 50.

Os dois guias de Gibbons, *Afoot in Portugal* de 1931 e *Playtime in Portugal. An unconventional guide to Algarve*, de 1936, o primeiro dos quais prefaciado pelo poeta Chesterton, reflectem uma mudança crítica sobre o turismo de então e sobre o próprio guionismo, denunciando a ilusão alimentada pelos guias, a viragem para uma busca das cidades (sociedades) vivas e a experimentação hedonista, embora Lisboa, já mergulhada na ditadura do Estado Novo, pouco oferecesse, mas ainda assim, possível para a pequena comunidade de turistas ingleses. Como dissemos, estes dois exemplares podem incluir-se no movimento turístico anti Baedeker, surgido nos anos 20.

O segundo tempo de mudança foi o período dos turismos promovidos pelos regimes totalitaristas nazi e fascista, durante os anos 30 até à derrota do Eixo, uma forma muito particular do turismo popular que começava a surgir. Embora não tivéssemos analisado nenhum guia com origem naqueles países, Lisboa e a Madeira foram um dos destinos escolhidos pelo KdF e nos guias de edição inglesa esse tipo de turismo foi assinalado, um turismo de forte carga ideológica.

O terceiro tempo de mudança foi marcado pelo guia *Petite Planète*²⁸⁶ de Chris Marker, *Portugal* de 1957. Esta colecção singular, que editou o primeiro guia em 1954, enuncia o fim do turismo como possibilidade de procura dos outros exóticos, o mundo era a partir da II GG um planeta pequeno, desconstruindo a ideia de “autênticos”, objecto de reflexão em sede académica nos anos 70. Em Lisboa teve dificuldade em encontrar o pitoresco anunciado afirmando ironicamente que o poderia ver no Museu de Arte Popular, nos manequins e artefactos aí expostos. Em Lisboa preocupou-se com a crise de habitação ou da circunscrição dos operários no Barreiro, facilitando o trabalho da polícia quando houvesse problemas. E em Lisboa reparou no povo descalço, iletrado. Na Costa do Sol, lugar de eleição de reis no exílio, detectou desconcertos, mau gosto daqueles ou logro publicitário, interrogou-se.

A Lisboa turística da Regeneração, materializada nos guias (1906 e 1913) por Mendonça e Costa e a Sociedade de Propaganda de Portugal, procurou apresentar-se nos guias como uma cidade moderna, animada do movimento da expansão, promovendo-se como cidade

²⁸⁶ As edições desta colecção foram publicadas entre 1954 e 1964, abarcando 34 países, dos vários continentes: Áustria, Suécia, Itália e Holanda em 1954; Irlanda, Grécia, Alemanha, Tunísia e Suíça em 1955; Espanha, Turquia, China em 1956; Irão, Israel, Dinamarca, Portugal e Taiti em 1957; Bélgica, Índia, Brasil em 1958; Japão, Saara e U.R.S.S. em 1959; Inglaterra, Jugoslávia, Finlândia, Noruega em 1960; Madagáscar, Venezuela em 1961; Egipto, Marrocos em 1962; Polónia em 1963; Austrália e México em 1964.

Cais da Europa e *resort* de Inverno, um nicho de mercado, diríamos na linguagem da actualidade, particularmente procurado pelos turistas ingleses. A SPP teve um papel particular no desenvolvimento da modernização do porto de Lisboa, insistindo na linha de articulação entre os diversos cais aportáveis e a linha ferroviária, satisfazendo o tráfico de pessoas e mercadorias, entre os quais os fluxos turísticos. Numa breve síntese, a Lisboa que se descreveu nos guias reflectia a ideia de uma cidade dotada de condições geoestratégicas que lhe permitiam apresentar-se como um pólo estratégico à escala mundo, dotada dos principais sistemas urbanos (os transportes de escala citadina e internacional e as redes de infraestrutura), *sanificando*²⁸⁷, embelezando e densificando a cidade. Imagem que sintetizámos no *slogan - Lisboa a modernizar*.

A Lisboa turística da 1ª República, corporizada no guia (1924) de Raul Proença, espelhou uma cidade idealizada, promovendo-se como bela cidade de panoramas. Tendo sido um curto ciclo histórico-político, mas de ruptura política profunda, inscreveu na cidade símbolos do novo ideário. Críticos do urbanismo e arquitectura ostentatórios e de “mau gosto” do regime anterior, naquele espelha-se o desejo de uma nova “Cidade Monumental” que expressasse o valor rememorativo do rio Tejo, a nostalgia da sua grandiosidade passada, dissemos nós. Imagem que sintetizámos no *slogan - Lisboa a idealizar (a monumentalidade)*.

A Lisboa turística do Estado Novo, que foi um ciclo histórico-político longo, espelhou uma cidade que resistia ideologicamente à densidade metropolitana, elegendo como peculiaridade turística a *singeleza*²⁸⁸ da cidade de bairros-aldeia, elementos que se reforçaram com a entrada da cidade no ciclo de suburbanização nos anos 60. Foi durante este período que se recriaram os principais monumentos e lugares de visita turística, ainda hoje dominantes em Lisboa e “Arredores”, como a Costa do Sol – a Riviera portuguesa. Nesse espelho, revê-se Lisboa capital imperial na ideologia do Estado Novo: “o centro e único membro do centro que em torno de si construiu, defendido das “conspirações estrangeiras” (M. Calafate Ribeiro, 2004: 12). Alimentou o nicho turístico “sol e mar – Abril em Lisboa”. Imagem que sintetizamos no *slogan - Lisboa a resistir (à metropolização)*.

Por fim, a Lisboa turística da Democracia, o último ciclo histórico político até à actualidade, animada pelos apoios financeiros comunitários, reajustou o seu crescimento

²⁸⁷ Termo de época e se encontra associado às teorias higienistas urbanas prevalecentes no último quartel do século XIX.

²⁸⁸ Termo de época e se associa, em parte, ao modelo da “Cidade Jardim”, cultura urbanística prevalecente nas políticas (obras) urbanas durante o 1º ciclo urbano do Estado Novo.

metropolitano, tendo completado e modernizado as principais redes e sistemas urbanos, em défice durante os ciclos anteriores, erradicado as construções clandestinas, reconverteu a zona ribeirinha e construiu um novo lugar de usufruto turístico – o Parque das Nações. Abriu à diversificação de procuras turísticas: dos congressos aos espectáculos mediáticos, passando pela qualidade da escala humana. Imagem que sintetizamos no *slogan - Lisboa a harmonizar (o antigo, o moderno e o pós-moderno)*.

No fim constatámos que o *slogan* turístico foi igualmente um modo de interpretar a cidade, conduzido e condutor de culturas urbanas que se praticaram em Lisboa.

No caso dos guias de edição francesa e inglesa para o mesmo arco temporal o interesse maior pela visita à cidade residiu no seu grau de afastamento da cidade moderna, metropolitana ou sobremoderna, preferência acolhida na vontade política e simbólica dos gestores e planificadores do município, mas também pela economia do turismo.

No princípio do século Lisboa foi descrita comum um *resort* de inverno ou um complemento de uma viagem até à Península Ibérica. Desprovida de “grandes superlativos”, era possível desfrutar da beleza paisagística e da hospitalidade, à beira do imenso estuário do Tejo, onde cabiam todas as frotas do mundo, a preços acessíveis.

Durante a II GG Lisboa tornou-se o destino desejado, um oásis assombradamente iluminado, numa Europa assolada pela guerra. Em Lisboa foi possível rever pessoas (de Paris, de Viena, de Berlim ...) e encontrar coisas simples, há muito improváveis em Paris, como atacadores de sapatos, e o olhar fixado no Tejo, esperando o transatlântico que os levasse para longe da guerra. (Giraudoux)

A cultura urbana praticada pelo Estado Novo cultivou a construção de uma cidade anti metrópole, com medo da elevada densidade e concentração das classes trabalhadoras, reforçando os valores de ruralidade, favoreceu um turismo “escapatório” que procurava em Lisboa a cidade não estandardizada, de ambiência antiga e bairros auto-sustentados (bairros-aldeia), e contudo triste, olhando, dos vários miradouros, o Tejo atravessado por fragatas e cacilheiros, a preços acessíveis.

Na proximidade da “revolução dos cravos”, os guias saudaram a entrada da cidade na família das capitais europeias democráticas, reportaram a ebulição da vida política plasmada na profusão dos *graffitti*. A partir de então Lisboa tornou-se aberta à curiosidade turística que se desmultiplicou em várias possibilidades de experimentação, continuando o gosto pela ambiência antiga, acrescentando o gosto pela arquitectura espectáculo, com o Centro Comercial das Amoreiras, de T. Taveira, o Chiado de Siza Vieira ou a estação

Oriente de Calatrava, por exemplo. Uma cidade onde refazem itinerários de Pessoa. O gosto da vida bairral transmutou-se num estilo de vida matizado com a multiculturalidade e pelas vagas de *movidas*. Lisboa tornou-se um destino turístico para usufruir “artes de viver” à beira do Tejo, a preços acessíveis.

A outra cidade, a da comunidade de residentes, essa exige uma outra história.

Lisboa poderá ser então: o conjunto dos que trabalham em Lisboa mas aí não dormem e por isso não votam, sendo formalmente cidadãos de outros lugares; o conjunto dos que aqui dormem e se manifestam, muitas vezes de forma incompreensível, contra os que vêm para aqui trabalhar com os seus automóveis e afazeres, como se foram hordas de vândalos; de turistas (sempre distraídos); os que não se sabe onde moram e se trabalham; os hotéis; as casas a cair; os condomínios de luxo; os escritórios; os novos-ricos e os velhos-pobres; os lugares sem gente e gente apinhada com copos pela noite fora; o Tejo (quando se vê) e os engarrafamentos; o fado, menina, varina, gaivota, xaile, calçada, Santo António e outras palavras quase insuportáveis de tão gastas e inexistentes (excepto o Santo António), etc. A lista não tem fim.

Álvaro Domingues, “Muitas e Desvairadas Gentes; close closer, (Cada vez mais perto)”

Trienal de Arquitectura de Lisboa, ventos de mudança, 2013

Bibliografia

- ACCIAIUOLI, Margarida, (1998), *Exposições do Estado Novo : 1934-1940*, Lisboa, Livros Horizonte.
- AGIER, Michel (prefácio F. Choay) (1999), *L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas*; Edição de Archives Contemporaines.
- AITZPEA, Leizaola, (2002/3), “Le Pays Basque au regard des autres. De Ramuntcho au Guggenheim” in *Ethnologie Française*, Vol. 32, p429-438, <http://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise>.
- ALMEIDA FLOR, João, (1994), “The essential abroadness of the Place, an approach to Kingsley Amis’ Portuguese Travelogue” in *La Littérature et la Ville XVII Colloque International de L’Association Internationale des Critiques Littéraires*, (Lisbonne, 10-12 octobre 1994).
- AMIROU, Rachid, (2007), “Tourisme et postmodernité. Les métamorphoses de l’authenticité” in *Espaces*, ed. *Espaces tourisme & Loisirs*, nº 245, Février, 2007, www.revue-espaces.com.
- AMIROU, Rachid, (1995), *Imaginaire touristique et sociabilités du voyage*, P.U.F, Paris.
- ANDERSON, Perry (2000), *The Origins of Postmodernity*, Verso, London, (1998, 1ª ed.).
- ANDERSON, Benedict, (1991), *Imagined Societies*, London, Verso, (1983 1ª ed.).
- ANICO, Marta and PERALTA, Elsa, (edited by) (2009), *Heritage and Identity, Engagement and Demission in the Contemporary World*, Routledge.
- ANJINHO, Isabel, (2006), *Os Pavilhões de Portugal e as Exposições Universais*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, <http://www.academia.edu/>.
- ANSAY, Pierre e SCHOONBRODT, René, (coord), (1989), *Penser La Ville, choix de textes philosophiques*, ed. *Archives d’Architecture Moderne (AAM)*, Bruxelles.
- APPADURAI, Arjun, (2004), *Dimensões culturais da globalização: a modernização sem peias*, Lisboa, Teorema.
- ARENDT, Hannah, (2006), *Entre o Passado e o Futuro, oito exercícios sobre o pensamento político*, Relógio d’Água Editores, (1ªedição 1961).
- ARNOLD, Dana (edted by), (1999), *The metropolis and its image. Constructing identities for London, 1750-1950*, Oxford Blackwell Publishers.
- ARRABAÇA, Pedro (2003), *Formas urbanas na cidade construída*; Centro de Estudos Geográficos (CEG), Universidade de Lisboa.

- ASCHER, François, (1998), *Metapolis, acerca do futuro da cidade*, Celta editora, (1995 1ªed).
- ASHWORTH, G.J. & J.E.TUNBRIDGE, (2000), *The tourist-historic city: Retrospect and prospect on managing the heritage city*, Elsevier, London, (1990 1ª ed).
- ASSOUN, Paul-Laurent (2011), “L’ effet Baedeker: note psychanalytique sur la catégorie de guide de tourisme” In *Situ* [En ligne], 15, consulté le 07 août 2012, <http://insitu.revues.org/582>.
- ATKINSON, D. (1998) “Totalitarianism and the street in fascist Roma.” In: FYFE, N. R. (Ed.). *Images of the street: planning, identity and control in public space*. London: Routledge.
- AUGÉ, Marc, (1994), *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, edições Bertrand. (1992 1ª ed.)
- AURINDO, Maria José (2006), *Portugal em Cartaz - Representações do destino turístico*, Centro de Estudos Geográficos Universidade de Lisboa.
- BAPTISTA, Luís Vicente (1999). *Cidade e Habitação Social, O Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*, Celta Editores, Oeiras.
- BARANOWSKI, Shelley, (2004), *Strength through Joy, consumerism and mass tourism in the third Reich*, Cambridge University Press.
- BARATA, Ana Martins (2009), “A ordenação do espaço litoral de Lisboa, 1860-1940.” In *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. XIII, núm 296 (4) <http://www.ub.es/geocrit/>.
- BARATA, J. P. Martins, (1989), *Pensar Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo, (2007) “Os Guias Turísticos em Berlim”, in *Tempo Social*, revista de sociologia da USP (S. Paulo), volume 17, nº1, Junho 2005, 299-320, <http://www.scielo.br/scielo.php>.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo, (2013) *A Cidade como Narrativa*, ICS, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- BARRETO António, (1999), *Tempo de Mudança, Relógio de Água* Editores, (1996 1ªed.).
- BARTHES, Roland, (1981), *A Câmara Clara*, edições 70, (1980 1ª ed.).
- BARTON, Susan, (2005), *Working-Class Organisations and Popular Tourism, 1840–1970*, Manchester University Press.
- BATISTA, Maria Raquel Pinto, (2008) *Arquitectura como instrumento na construção de uma imagem do Estado Novo*, tese de licenciatura em arquitectura, <http://hdl.handle.net/10316/7389>, Coimbra.

- BAUMAN, Zygmunt and HAUGAARD, Mark (2008), 'Liquid modernity and power: A dialogue with Zygmunt; Bauman' in *Journal of Power*,1:2, 111 - 130; <http://dx.doi.org/> Downloaded At: 10:48 20 October 2009.
- BAUMAN, Zygmunt, (2005) *Identidade*, Jorge Zahar Editor, (2004 1ªed.).
- BAUMAN, Zygmunt, (2006), *Confiança e Medo na Cidade*, ed. *Relógio d'Água*, (2005 1ªed).
- BÉLANGER, Anouk et CÔT, Jean-François (Sous la direction de), (2005), *Le spectacle des villes / The Spectacle of Cities*, <http://www.erudit.org/revue/> consulta em 30 março 2009-03-30.
- BELCHIOR, Lucília dos Santos, (2010), *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o "Desenho de Viagem", o Registo dos Monumentos Nacionais: Compreensão arquitectónica e Fruição Estética*; tese de doutoramento Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, repositório UL.
- BENJAMIN, Walter, (1985), "Préface épistémocritique" in *Origine du Baroque Allemand*, Flammarion, (1928, org.).
- BENJAMIN, Walter, (1992), *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, ed. *Relógio D'Água*, (1916 – 1940, edição textos originais).
- BERTHOLET Jean Michel, (2000), "Os novos desafios epistemológicos da sociologia" in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 33, 2000, pp 111-131, (1995, 1ª ed.).
- BERTRAND, Réau et FRANCK, Poupeau (2007), "L'enchantement du monde touristique" in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 5/ 2007 (nº 170), pp 4-13, www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales.
- BHATTACHARYYA, Deborah P. (1997), *Mediating India. An analysis of a guidebook*, in *Annals of Tourism Research*, Vol. 24, No. 2, pp. 371-389.
- BLOCH, Marc (1949), *Apologie pour L'Histoire ou Métier d'Historien*, Un document produit en version numérique par Pierre Palpant, bénévole, Courriel: ppalpant@uqac.ca.
- BOCQUET Denis, (2007), "Les villes italiennes et la circulation des savoirs municipaux : esprit local et « Internationale des villes » (1860-1914)", Article publié dans *Histoire et Sociétés*, *Revue Européenne d'Histoire Sociale*, nº21. Mars 2007, p. 18-30.
- BOCQUET Denis, (2008), "Berlin, histoire de l'urbanisme et enjeux contemporains des politiques urbaines", publié dans "Berlin, un urbanisme participatif, Bernard (Hélène) Bocquet (Denis) Cremer (Cornelia) Droste (Christiane) Poczka (Cornelia) Vieillard-Baron (Hervé) (Ed.) (2008) 160p. Halschs archives, Setembro 2008.

- BOISSONADE, Jérôme, GUEVEL, Solenn et POULAIN France (Sous la direction de) (2008); (préface de Philippe Bonnin); Ville Visible, Ville Invisible, edições Harmattan Paris (ebook).
- BONIFÁCIO, Fátima, (2007), “A narrativa na “época pós-histórica” in Estudos de História Contemporânea em Portugal, ICS, Lisboa 2007; pp 219-239, (1ª publicação em Análise Social, nº150, 1999).
- BONIN, Sohie, (2001), “Paysages et représentations dans les guides touristiques. La Loire dans la collection des Guides Joanne, Guides Bleus (1856 à nos jours)” in L’Espace Géographique, nº2, 111-126, <http://www.mgm.fr/> (consulta 2007).
- BÖRÖCZ, József, (1992), “Travel-Capitalism: The Structure of Europe and the Advent of the Tourist”, in Comparative Study of Society and History, volume 34: 04, oct, pp 707-741. <http://journals.cambridge.org/>.
- BOURDIEU, Pierre, (1989), O Poder Simbólico, Difel.
- BOURDIEU, Pierre et BOLTANSKI, Luc, (1976), “La Production de l’idéologie dominante” in Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 2 N°2-3, juin 1976. La production de l’idéologie dominante. pp. 3-73, <http://www.persee.fr/web/revues>.
- BOURDIN, Alain (2005), “Turismo Patrimonial, Cidade e Civilização dos Indivíduos” in Fórum Sociológico, nº 13 e 14 (2ª série), 2005, pp13-20.
- BOURDIN, Alain, (1984), Le patrimoine réinventé, ed PUF, col Espace et Liberté, Paris.
- BOUTOUYRIE, Éric (2005), "Touristes, tourisimes: ce que des sciences sociales en disent (et ce que j'en pense)", In EspacesTemps.net, Actuel, 01.04.2005; <http://espacestemp.net/document1242.html>; 12/07/19 15:37.
- BOYER, Marc, (2011), Ailleurs, Histoire et Sociologie du Tourisme, L’Harmattan.
- BRAUDEL, F., (1983), O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo, edições D. Quixote, Vol. I, (1947, 1ª edição).
- BRAUN, Theodore E. and RADNER, John B, (edited by), (2005), The Lisbon earthquake of 1755. Representations and reactions, Voltaire Foundation, Oxford.
- BREMOND, Isabelle, (2007) “Les Bouches-du-Rhône. De la Cigale à la fourmi identitaire”, in Espaces 245, Février, 25 – 26.
- CABRAL, João de Pina, MENESES, Inês Salema, (org.), (2000), Lisboa cidade de margens, Análise Social, nº 153, vol. XXXIV, Primavera, ICS, Lisboa.
- CABRAL, M.V., SILVA F. C. e SARAIVA T. (org.), (2008), Cidade e Cidadania, ICS.

- CAMARINHAS, Catarina Teles Ferreira, (2011) “The Construction of Modern Scientific Urban Planning: Lisbon under French Urbanisme Influence (1904–1967).” in *Planning Theory & Practice*, 12:1, 11-31; <http://dx.doi.org/>.
- CANCLINI, Néstor Garcia, (2005), “Villes-spectacles et villes paranoïaques” in *Sociologie et Sociétés*, 2005, vol. 37, n°1 (258 p.).
- CARPENTIER, Jean e LEBRUN, François, (dir.), (2000), *História do Mediterrâneo*, editorial Estampa, (1998 1ªed.).
- CARSTEN LAND, Klaus, HUCKING (J.) e TRIGUEIROS, Luiz, (2005), *Arquitectura Em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*, editorial Blau, Lisboa.
- CARVALHO, Francisco Avelino, (2006), “O Lugar Dos Negros Na Imagem De Lisboa”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 52, Dezembro, pp. 87-108, <http://sociologiapp.iscte.pt/>.
- CASELLAS, Antónia (2009), “Barcelona’s Urban Landscape: The Historical Making of a Tourist Product”, in *Journal of Urban History*; 35; pp 815-833; Downloaded from <http://juh.sagepub.com> at Open University Library on October 16.
- CASSAR, Silvana (2009), “Tourism development in Sicily during the fascist period (1922-1943)” in *Journal of Tourism History*, 1: 2, pp131-149, URL: <http://dx.doi.org/10.1080/17551820903353447>.
- CATTAN, Nadine, et BERROIR, Sandrine, (2005), “Les représentations de l’étalement urbain en Europe, essai d’interprétation”, Manuscrit auteur, publié dans *La ville insoutenable*, Berque A., Bonin, P., Ghorra-Gobin C., Belin, Mappemonde. (Ed.), pp87-96, in archives Halshs, Junho 2007.
- CAUQUELIN, Anne, (2010), “Le fragment comme totalité, une métaphore architecturale” publié le 25 novembre 2010 par DPEA Architecture & Philosophie; <http://dpea-archi.philo.over-blog.com/pages/Le-fragment-comme-totalite-une-metaphore>.
- CAZES, Georges, (dirigée par), (1998), *Le Tourisme et La Ville: Expériences Européennes*, L’Harmattan.
- CELESTINO DA COSTA, (A.) (1951), *A evolução de uma cidade*, Lisboa, edições Câmara Municipal de Lisboa. Texto elaborado para uma conferência dada em 1950 no Rio de Janeiro como presidente do Grupo Amigos de Lisboa.
- CEREZALES, Palacios, Diego, (2003), *O Poder Caiu na Rua. Crise de Estado e Acções colectivas na Revolução Portuguesa 1974-1975*, edições ICS, Lisboa.
- CERTEAU, Michel, (1975), *L’Écriture de l’Histoire*, folio histoire, Gallimard.

CHAGAS, J. A. Amaral Trindade, (2003), “Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896): Contributos para a Salvaguarda do Património Monumental Português.” ; [Évora; texto policopiado, BNP B.A. 26106 V].

CHMURA, Sophie, (2006), Espace Bâti, Urbanisme et Patrimoine, Thèse doctorat, Rennes, 2006, hal.archivesouvertes.fr/docs/00/18/99/68/PDF/thesechmura.pdf. (2008).

CHOAY, Françoise, (1985), La Règle et le Modele, sur la théorie de l’architecture et de l’urbanisme, ed. Seuil.

CHOAY, Françoise, (2000), A Alegoria do Património, edições 70, (1982 1ªed).

CHOAY, Françoise, (édition établi par), (2000), Baron Haussmann, Mémoires, ed. Seuil, Paris.

CHOAY, Françoise, (2002), “L’utopie aujourd’hui, c’est retrouver le sens du local.”, in a ROOTS, avril, <http://anabf.archi.fr>.

COCKS, Catherine (2001), Doing the Town: The Rise of Urban Tourism in the United States, 1850-1915, Berkeley: University of California Press.

COEHN, Erik, (1988), “Authenticity and commoditization in tourism” in Annal of Tourism Research Vol. 15, pp. 371-386.

COHEN, Évelyne, (1999), Paris dans L’Imaginaire National de L’Entre-Deux-Guerres, Paris, Pub. Sorbonne.

COHEN, Évelyne, (2005), “Du guide au récit, un parcours historique” in Villes, Voyages, Voyageurs, pp 83-87.

COLVIN, Michael, (2008); The reconstruction of Lisbon: Severa’s legacy and the fado’s rewriting of urban history, Bucknell University Press.

CONNERTON, Paul (2008), “Seven types of forgetting” in Memory Studies; Vol 1(1): pp59–71, <http://www.history.ucsb.edu/>,

CORDEIRO, G. Índias, (1997), Um Lugar na Cidade, quotidiano, Memoria e Representação no Bairro da Bica, Publicações D. Quixote.

CORDEIRO, G. Índias, (2001) “Trabalho e Profissões no Imaginário de uma Cidade: sobre os “tipos Populares” de Lisboa” in Etnográfica, Vol. V (nº1), pp 7-24, <http://ceas.iscte.pt/etnografica/>.

CORDEIRO, G. Índias, (2003), “Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca”, (Este texto retoma algumas partes do capítulo “Lisbonne et ses quartiers” in *Lisboa, un monde fait de tous les mondes*, catálogo organizado por Claude Archambault, Parc de La Villette, 5 Oct - 2003 - 25 Jan. 2004: 55-60), ler.letras.up.pt/, (2007).

CORDEIRO, G. Índias, (2006) “A propósito das Peregrinações em Lisboa, relato de uma cidade passo a passo”, in *Artifícios e Artefactos: entre o literário e o antropológico*. (Gilda Santos e Gilberto Velho, organizadores), Rio de Janeiro, 7 Letras.

CORDEIRO, G. Índias, BAPTISTA (Luís Vicente) e COSTA (A. Firmino) (organizadores) (2003), *Etnografias Urbanas*, Celta Editora.

CORDEIRO, Maria João, (2010), “Images of seduction? A visual analysis of Portugal guidebooks, Tourism and Seductions of Difference”, in *Conference Lisboa, Portugal, 9-12 Sept 2010*, www.tourismcontactculture.org.uk | www.cria.org.pt | www.tourism-culture.com.

CORDEIRO, Maria João, (2010), *Olhares Alemães. Portugal na literatura turística. Guias de Viagem e Artigos de Imprensa (1980-2006)*, Edições Colibri, FCSH, UNL.

CORREIA, Fernando Alves, (2001), *O Plano Urbanístico e o Princípio da Igualdade*, Almedina, Coimbra.

CORREIA, Paulo V Dias, (2002), *Política de Solos no Planeamento Municipal*, Fundação Calouste Gulbenkian.

COSTA, A. Firmino, (1999), *Sociedade de Bairro*, Celta Editora.

COSTA, João Pedro (2002), *Bairro de Alvalade: um paradigma no urbanismo português*. Livros Horizonte.

COUDROY DE LILLE, Laurent, (1998), “Histoire des formes urbaines ou formes d’une histoire urbaine?” in <http://urbanisme.u-pec.fr>.

COUDROY DE LILLE, Laurent, (2000), “Ildefonso Cerda (1815-1876): connaissance et reconnaissance d’un urbaniste”, in *Histoire urbaine n° 1*, juin. <http://urbanisme.univparis12.fr/> maio 2009.

COUDROY DE LILLE, Laurent, (1998), “Les Ensanches espagnols vue de l’extérieur: aspects généreux et idéologiques d’un urbanisme.” <http://urbanisme.u-pec.fr/>.

COURANT, Stéphane, (2012), *Approche anthropologique des écritures de voyage*, col *Tourismes et Sociétés*, Franck Michel, L’Harmattan.

COUSIN, Saskia et REAU, Bertrand (2011), “L’avènement du tourisme de masse” in *Article de la rubrique L’empire de la consommation, Grands Dossiers N° 22 - mars-avril-mai 2011; Consommer. Comment la consommation a envahi nos vies; 12/05/24 12:52 ;* <https://vpn.ul.pt/http/0/www.scienceshumaines.com/>.

COUTO, Dejanirah (2003), *História de Lisboa*, Lisboa, Gótica, (2000 1ª ed)

CROFT, Vitor (2001), “O planeamento a seguir ao 25 de Abril” in *Arquitectura e humanismo: o papel do arquitecto, hoje, em Portugal*, Lisboa, Terramar.

- CULLER, Jonathan, (1990), *The Semiotics of Tourism. Framing The Sign: Criticism and Its Institutions*, University of Oklahoma Press.
- CULTURELLO (Paul) e RINAUDO (Christian), (2002), “Mise en Image et mise en critique de la « Côte D’Azur »”, Programme d’Action concertée, initiative Ville 1999, La ville: enjeux de société et questions scientifiques, Rapport Final, Université de Nice – Sophia Antipolis, Décembre, <http://hal-unice.archives-ouvertes.fr>, (2007).
- DALAKOGLU, Dimitris & HARVEY, Penny, (2012), “Roads and Anthropology: Ethnographic perspectives on Space, Time and (im) Mobility.” In *Mobilities*, Vol. 7, No. 4, 459–465, November. Downloaded, 29 January 2013.
- DELON, Michel (dir.) (1997), *Dictionnaire Européen des Lumières*, Paris PUF.
- DEVANTHERY, Ariane, (2009), “Encyclopédies du voyage et Cartoville. Pourquoi deux guides Gallimard consacrés à Lausanne?” in *Journal of Urban Research* [Online], Special issue 2, connection on 17 October 2013, <http://articulo.revues.org/>.
- DEVANTHÉRY, Ariane, (2011), “Entre itinéraires et trajets: représentations des déplacements dans les guides de voyage au tournant du XIXe siècle.” In, *Situ* [En ligne], 15, consulté le 18 octobre 2013. URL: <http://insitu.revues.org/661>.
- DOMINGOS, Álvaro, (2008), “Urbanização Extensiva – uma nova escala para o planeamento.” Comunicação no CITTA, 1st Annual Conference on Planning Research. FEUP, 30 May 2008; Porto.
- DOMINGOS, Álvaro, (2011), “As Transformações do Território” in *Políticas Urbanas II. Transformações, Regulação e Projectos.* (Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral), Fundação Calouste Gulbenkian, pp19-149, 2011.
- DURAND, Pascal (coord.) (2004), “Lieu commun, cliché, stéréotype” in *Médias et Censure. Figures de l’orthodoxie*, Editions de l’ULG.
- EADE, John, (2000), *Placing London: From Imperial capital to global city*, ed Berghahn Books, NY, Oxford.
- EASTHOPE, Hazel, (2009), “Fixed identities in a mobile world? The relationship between mobility, place and identity.” Published in: *Identities, Global Studies in Culture and Power*, Volume 16, Issue 1 January, pages 61 – 82; in <http://www.informaworld.com/> Abril 2009.
- EDENSOR, Tim, (2002), *National Identity, Popular Culture and Everyday Life*, Oxford, N. York, Berg.

EFRAIM, Sicher, (2003), “Rereading the City, Rereading Dickens: Representation, the Novel, and Urban Realism” in *AMS Studies in the Nineteenth Century*, no. 29, NY: AMS Press Inc.; <http://www.literarylondon.org/>; Abril 2009.

EISENSTADT, S. N. (2001), “Modernidades Múltiplas”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 35, 2001, pp.139-163.

ELIADE, Mircea, (2008), *Diário Português (1941-1945)*, Guerra e Paz editores.

ENZENSBERGER, Hans Magnus, (1996), "A Theory of Tourism" in *New German Critique*, nº68, 1996 (1958, org.).

Équipe MIT (Mobilités, Itinéraires, Tourismes), (2002), *Tourismes 1: Lieux communs*, Belin, Paris.

Équipe MIT, (2005), *Tourismes 2: Moments de lieux*, Belin, Collection Mappemonde, Paris.

Équipe MIT (2011), *Tourismes 3: la révolution durable*, Belin, Collection Mappemonde, Paris.

FARACO, J. C. G. and MURPHY, M. D. (1997), “Street names and political regimes in andalusian town.” In *Ethnology*, v. 36, n. 2; p. 123-148.

FERREIRA, António Fonseca (2005), *Gestão Estratégica de Cidades e Regiões*, Fundação Calouste Gulbenkian.

FERREIRA, Vítor Matias, (1987), *A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole*, Publicações D. Quixote.

FERREIRA, Vítor Matias, (2004), *Fascínio da Cidade, Memória e Projecto de Urbanidade*, Centro de Estudos Territoriais, Ler Devagar.

FERRO, António, (1949), *Turismo. Fonte de riqueza e de poesia*, edições SNI Lisboa.

FERRO, Marc, (1985), *L'Histoire sous surveillance, folio histoire*, Calmann-Leévy.

FORJAZ SAMPAIO, Albino, (1917), *Lisboa Trágica (aspectos da cidade)*, ed Santos & Vieira Empresa Literária Fulminense, Lisboa, 3ª edição.

FORTUNA, Carlos, (1999), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, edições Celta, Oeiras.

FOUCAULT (Michel), (1988), *As palavras e as coisas*, edições 70, (1966 1ª ed.).

FOURCAUT, Annie et VADELORGE, Loïc (2011), “Où en est l'histoire urbaine du contemporain?” in *Histoire urbaine* 3/2011 (nº 32), p. 137-157; URL: www.cairn.info/revue-histoire-urbaine, consulta 12/03/14 13:04.

FRANÇA, José Augusto, (1980), *Lisboa, Urbanismo e Arquitectura*, Editado por Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- FRANÇA, José Augusto, (2008), Lisboa História Física e Moral, Livros Horizonte.
- FRANCON, Marc, (2001), Le Guide vert Michelin: l'invention du tourisme culturel populaire, Editions Économica, Paris.
- FRISBY, David, (2001); Cityscapes of Modernity: critical explorations, Ed. Wiley-Blackwell.
- GASPAR, Jorge, (1976), “A Dinâmica Funcional do Centro de Lisboa”, in separata *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. XI – 21, Lisboa.
- GAYET, Joël, (2007), “Stratégie de marque. Donner du sens aux politiques touristiques”, in *Espaces*, n° 245, Février, ed. Espaces tourisme & Loisirs, 2007, www.revue-espaces.com.
- GEPPERT, Alexander C. T. (2013), *Fleeting cities: imperial expositions in Fin-de-Siècle Europe*, Palgrave Macmillan, London. Copyrighted material, 978-0-230-2264-2, <https://www.academia.edu/>.
- GIDDENS, Anthony and TURNER (J. H.) (edited by), (1990), *Social Theory Today*, Polity Press, (1987 1^aed.).
- GIDDENS, Anthony, (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, (1991 1^aed.).
- GIL, José, (1995), *Salazar, A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, Relógio d'Água Editores.
- GILBERT David and HANCOCK Claire, (2007) “New York City and the Transatlantic Imagination: French and English Tourism and the Spectacle of the Modern Metropolis, 1893-1939” in *Journal of Urban History* 2006; 33-77; Downloaded from <http://juh.sagepub.com> by Frédéric Vidal on November 7.
- GOFFMAN, Erving, (1993), *A Apresentação do Eu na Vida Quotidiana*, edições Relógio D'Água, (1959 1^aed.).
- GONÇALVES, Cândido Gonçalo Rocha, (2007), *A construção de uma política Urbana (Lisboa, 1890 – 1940) Institucionalização, organização e práticas*. Tese de mestrado em Sociologia, ISCTE.
- GONÇALVES, Estela, (2008), *A Lisboa dos e nos guias Turísticos. Lisboa a compor-se ao espelho*, Tese de mestrado em Antropologia, ISCTE.
- GRAS, Pierre et PAYEN, Catherine (dir.), (2005), *Villes, voyages, voyageurs*, L'Harmattan.
- GRIMAL, Pierre, (1993), *A Civilização Romana*, Edições 70, (1984 1^a ed).
- GUILCHER, Goulven, (2011), “Les guides européens et leurs auteurs: clefs de lecture” In *Situ [En ligne]*, 15 | 2011, consulté le 31 juillet 2012. URL.

- GUILLAUME, Marc, (2003), A Política do Património, ed. Campo das Letras, (1980 1ªed).
- HALBWACHS, M. (1994), Les Cadres Sociaux de la Mémoire. Paris: Albin Michel (1ª ed, 1925).
- HALBWACHS, M. (1997), La Mémoire Collective, Paris: Albin Michel, (1ª ed, 1950). <http://jfcote.net/media/press>.
- HALL, Peter (2003), “The end of the city? The report of my death was an exaggeration. City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action.” In City, Vol. 7, nº 2, July 2003; pp141-152.
- HARVEY, David, (2003), Paris, Capital of Modernity, New York: Routledge.
- HEIDEGGER, Martin, (1979), Acheminement vers la parole, Gallimard, (1959 1ª edição).
- HEIMER, VALA J. e VIEGAS, J.M.L. (1990), “Padrões da cultura Política em Portugal: atitudes em relação á democracia”. in Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), pp 31-56.
- HENRIQUES DA SILVA, R. (2006), “Das Avenidas Novas à Avenida de Berna.” in Revista de História da Arte nº 2 - Lisboa, Espaço e Memória, 2006; pp127-142; <http://cidadaniax.tripod.com/>.
- HENRIQUES, E. Brito, (1998), “La Recherche sur le Tourisme urbain au Portugal: évolution, thèmes récents e taxes de développement futur dans la perspective de L’Expo’98.” in Le Tourisme et La Ville: Expériences Européennes. Harmattan, pp.177-193.
- HENRIQUES, E. Brito), (1996), A Lisboa Turística, entre o imaginário e a cidade, edições Colibri, Lisboa.
- HERZFELD, Michael, (1992), “La Pratique des stéréotypes” In L’Homme, 1992, tome 32 nº121. Anthropologie du proche. pp. 67-77, <http://www.persee.fr/>.
- HESPANHA, António Manuel, (1993), “Revoltas e revoluções: a resistência das elites provinciais”; in Análise Social, vol. XXVIII (120), (1.º), pp 81-103.
- JANEIRO, Helena Pinto, (1993), “Alfama. Castelo. Santiago. Sé” in Lisboa. Reabilitação Núcleos Históricos, (Augusto Clemente Coordenação), CML/Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, pp. 56-63.
- JANEIRO, Maria João, (2006), Lisboa, Histórias e Memórias, Livros Horizonte.
- BERTHOLET, Jean Michel, (2000), “Os novos desafios epistemológicos da sociologia”, in Sociologia, Problemas e Práticas, nº 33,pp 111-131, (1995,1ª ed.).

- JODELET, Denise, (sous la dir.), (1991), *Les Représentations Sociales*, P.U.F. (1989 1^aed.).
- JOYCE Patrick e KELLY Catriona, (1991), "History and Post-Modernism." in *Past and Present*, n° 133, Novembro, pp 204-231, Oxford Journals, Oxford University Press.
- JUDT, Tony, Timothy, (2010), *Pensar o Século XX*, Extra Coleção, Edições 70, (1^a ed. 2008).
- JUDT, Tony, Timothy, (2010), *Um tratado sobre os nossos actuais descontentamentos*, Edições 70.
- KALLIS, Aristotle, (2009), "Nazi propaganda decision-making: the hybrid of 'modernity' and 'neo-feudalism' in Nazi wartime propaganda." in *Portuguese Journal of Social Science* Volume 8 Number 1, PJSS 8 (1), pp. 61–84.
- KONG (Lily) and YEOH (Brenda), (1995), "The meanings and making of place: Exploring history, community and identity" In *Portraits of Places: History, Community and Identity in Singapore*, ed. B Yeoh and L Kong, 12-23. Singapore: Times Editions. <https://www.academia.edu/>.
- KOSELLECK, Reinhart (2004), *Futures past on the semantics of historical time*, Columbia University Press, (1979 1^a ed.).
- KOSHAR, Rudy J. (1991), "Altar, stage and city : historic préservation and urban meaning in Nazi Germany" in *History and Memory*, Vol. 3, No. 1 (Spring, 1991), pp.30-59; This content downloaded from 128.104.46.196 on Mon, 9 Sep 2013; www.jstor.org.
- KOSHAR, Rudy J. (1998), "What Ought to Be Seen: Tourists' Guidebooks and National Identities in Modern Germany and Europe" in *Journal of Contemporary History*, Vol. 33, No. 3 (Jul., 1998); 323-340; <http://www.jstor.org/>.
- KRAFT, Anthony (coord.), (1980), *AC, Architecture Contemporaine*, 9 vol. 1980 - 1988.
- LAINS, Pedro e FERREIRA SILVA, Álvaro (org.), (2005), *História Económica de Portugal 1700 – 2000, Volume III, O Século XX*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- LAINS, Pedro e FERREIRA, Nuno Estêvão (org.), (2007), *Portugal em Análise*, Imprensa de Ciências Sociais (ICS) Lisboa.
- LATOUR, Bruno et HERMANT, Emilie, (1998), *Paris ville invisible*. Paris: La Découverte, *Les Empêcheurs de penser en rond*. (<http://www.bruno-latour.fr>).
- LEAL, João. (2008), "A energia da antropologia. Seis cartas de Jorge Dias para Ernesto Veiga de Oliveira" In *Etnográfica*. [online]. nov. 2008, vol.12, no.2 p.503-521. [citado 16 Março 2009].

- LÉONARD (Yves), (1998), “Portugal de um Século a Outro”, in Portugal na Viragem do Século, Valor da Universalidade, (F. Rosas e M. Fernanda Rollo coord), Cadernos do Pavilhão de Portugal, Expo’98 e Assírio e Alvim.
- LEPETIT Bernard, (1995), “Histoires des pratiques, pratique de l’histoire, et le Présent de l’Histoire” in Les Formes de l’Expérience. Une autre histoire sociale. (dir.) Bernard Lepetit, pp10-22; 273-298, Albin Michel, Paris.
- LEPETIT Bernard, HOOCK Jochen (dir.), (1987), La ville et l’innovation en Europe. Relais et réseaux de diffusion en Europe 14e-19e siècles; Editions de l’EHESS ; Paris.
- LEPETIT, Bernard, (1988), Les villes dans la France moderne (1740-1840); Albin Michel, Paris.
- LEPETIT, Bernard, (1992), “La ville: cadre, objet, sujet. Vingt ans de recherches françaises en histoire urbaine.” dans la revue mexicaine Secuencia, Revista de Historia y Ciencias Sociales, 1992; 09/06/06; 15:26; <http://enquete.revues.org/>.
- LEPETIT, Bernard, PUMAIN, Denise (coor.), (1993), Temporalités urbaines; Anthropos; Paris.
- LIRA, Sérgio, (2002), Museums and Temporary Exhibitions as means of propaganda: the Portuguese case during the Estado Novo, Leicester, <http://www2.ufp.pt/>.
- LISBOA, M^a Helena, (2002), Os Engenheiros em Lisboa, Livros Horizonte.
- LOBO, Susana, (2004), “1942-2002, 60 anos de Pousadas” in, Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970. Edição MC-IPPAR, pp84-101.
- LOBO, Susana, (2010), “Sun, Sand, Sea & Bikini. Arquitectura e Turismo:Portugal anos 60.” In Revista Crítica de Ciências Sociais, 91 | 2010, pp91-106; posto online no dia 16 Outubro 2012, consultado, 30 Janeiro 2013
- LOBO, Susana Luisa Mexia, (2012), Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa da 1^a República à Democracia, Dissertação de doutoramento em arquitectura, Universidade de Coimbra.
- LOBO, Margarida Souza, (1995), Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco, DGOTDU FAUP, Porto, (1993 1^a ed.).
- LOURENÇO, Eduardo, (1988), Nós e a Europa ou as duas razões, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- LOUSADA, M^a Alexandre, (2009), “Turismo político: consciência cívica e lazer (breves notas)” in Turismo de Nicho. Motivações, produtos, territórios, (José Manuel Simões e Carlos Cardoso Ferreira (editores), CEG, Lisboa, pp325-338.

- LOWENTHAL, David, (1995), “Fabricating Heritage”, in *History and Memory*, volume 10, nº1, www.iupjournals.org/history/.
- LUKASZYK, Ewa, (1999), *L' Architecture de la Demeure Imaginaire dans la Prose Narrative Portugaise des Années 1960-1998*, tese de doutoramento policopiada; Universidade de Jagellone.
- LYNCH, Kevin, (1982), *A Imagem da Cidade*, Lisboa, edições 70, (1960 1ª ed.).
- MACCANNELL, Dean (1976), *The Tourist: A new Theory of the leisure class*, University of Califórnia Press.
- MACCANNELL, Dean (2000), “Cultural Tourism” in *Conservation*, The GCI Newsletter IVolume 15, Number 1, 24-27, 2000, Essays; <http://www.getty.edu/>.
- MARAT-MENDES, Teresa e OLIVEIRA, Vítor, (2013), “Urban planners in Portugal in the middle of the twentieth century: Étienne de Groër and Antão Almeida Garrett”, in *Planning Perspectives*, 28:1, 91-111.
- MARCOS, Daniel, (2010), “Portugal e a evolução do sistema defensivo europeu: A Cimeira de Lisboa de 1952.” In *Relações Internacionais* [online], n.27, pp 65-80, <http://www.scielo.oces.mctes.pt/>.
- MARCUSE, Herbert, (1987), *Hegel’s Ontology and Theory of Historicity*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, (1932, 1968, or.)
- MARGARITO, Mariagrazia, (sous la direction) (2000), *L’Italie en stéréotypes, analyse des textes touristiques*, L’ Harmattan.
- MARININ, Dana Louise, (2006), *Roma di Mussolini, an Ancient Obsession*, <http://digitallibrary.usc.edu/>.
- MARININ, Dana Louise, (2012), *Mussolini’s Rome: how the city changed with the rise and fall of the Duce*, tese de mestrado, University of Southern Califórnia, Los Angeles.
- MARQUES, Inês Maria Andrade, (2003), “A Sereia, a Varina e o Governador de Macau; Intervenções artísticas e Espaço Público nos Bairros das Casas Económicas de Lisboa.” In <http://www.ub.edu/>.
- MARRONI, Luísa (2013), “ ’Portugal não é um país pequeno’. A lição de colonialismo na Exposição Colonial do Porto de 1934.” In *História, revista da FLUP Porto*, IV série, vol 3, 59-78.
- MARSCHALL, Sabine, (2012), “Tourism and Memory” in *Annals of Tourism Research*; Volume 39, Issue 4, October 2012, Pages 2216–2219; <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.07.001>.

- MARTINS, Ana Cristina, (2001), “Estudos pré-históricos e nacionalismo: uma perspectiva possidoniana”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol 4, nº1.
- MARTINS, Ana Cristina, (1999), *Possidónio da Silva e o Elogio da Memória, 1806-1896: um percurso na arqueologia de oitocentos*; tese de mestrado, Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Otilia, (2012), “Lisbonne dans Bleu Blanc Jaune de Valery Larbaud: le regard d’un dandy cosmopolite et lusophile”, in *Utopies, enchantements et hybridité dans la ville ibérique et latino-américaine*, (Maria Angélica Semilla Durán, Jorge P Santiago et François Laplantine, dir), Editions des archives contemporaines, pp173-183.
- MARTINS, S. Susana, (2010), *Petit Cinéma of the World or the Mysteries of Chris Marker*, in *Image & Narrative*, Vol 11, No 1 (2010); pp92-105, <http://www.imageandnarrative.be/>.
- MATOS, Ana Cardoso and SILVA, Álvaro Ferreira (2004) ”The Networked City: Managing Power and Water Utilities in Portugal, 1850s-1920s”, in *Business and Economic History on line; Business History Conference*, 2004. <http://www.thebhc.org/publications/BEHonline>.
- MATOS, Ana Cardoso e BERNARDO, Maria Ana (2013), ”Os guias de viagem e a Valorização do Alentejo como espaço de turismo, lazer e cultura (1880-1930).” in *IX Congresso de Geografia Portuguesa - Geografia: Espaço, Natureza, Sociedade e Ciência*, (Teresa Pinto CORREIA; Virgínia HENRIQUES; Rui Pedro JULIÃO; org.), Lisboa, Ed. Associação Portuguesa de Geógrafos, pp.188-193.
- MATOS, A. C.) e SANTOS, M. L. (2004), “Os Guias de Turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais do século XIX às primeiras décadas do século XX)” in *Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales*, Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de junio de 2004, vol. VIII, núm. 167. <http://www.ub.es/geocrit/>.
- MATTOSO, José (dir.) (1992-1994), *História de Portugal*, Círculo de Leitores.
- MELISSINOS, A., (2001), “La Ville, “monument” de l’urbain”, in *Prospective: Fonctions du Patrimoine Culturel Dans une Europe en Changement*, Conselho da Europa, pp86-89, <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/>.
- MELO, Daniel, (2001), *Salazarismo e Cultura Popular (1935-1958)*, Imprensa de Ciências Sociais, 22, Estudos e Investigações, Lisboa.
- MENEZES, Marluci, (2005), “Património Urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação. Uma breve visita à Mouraria”, in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 11, 2005, pp67-83.

- MERCIER, Pascal, (2006), *Train de Nuit Pour Lisbonne*, 10/18, (2004 1^a ed)
- MICHEL, (Franck) (dir), (1998), *Tourisme, Touristes et Sociétés*, col *Tourismes et sociétés*, L'Harmattan.
- MILLS, Sara (1993), *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*, Psychology Press, Routledge.
- MITCHELL, Timothy, (2000), "The Stage of Modernity" in *Questions of Modernity* (Timothy Mitchell, ed.) University of Minnesota Press, Minneapolis, London, pp 1-34.
- MOITA, Irisalva, (coord), (1994), *Lisboa_ edições Expo 98, Lisboa capital da Cultura 1994 e Livros Horizonte*.
- MONDADA, Lorenza, (2000), *Decrire la ville, la construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte*, col *Villes*, ed Anthropos, Paris.
- MONDOT, Jean (1999), "Goethe du Nord au Sud. Le Voyage en Italie et le paradigme du Sud" in *Revue Germanique Internationale* [En ligne], 12 | 1999, consulté le 06 août 2013, <http://rgi.revues.org/729>.
- MONICO, Reto, (2011), "Olhares Suíços Sobre o Portugal de Salazar. 2 As guerras (1936-1945)", in *Arquipélago História*, 2^a série XIV-XV (2010-2011), pp 143-174, Universidade dos Açores, <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1298>.
- MONTANDON, Alain (coor), (2006), *Lisbonne: Géocritique d'une Ville*, Presses Universitaires Blaise Pascal.
- MORAIS, João César e ROSETA, Filipa (2005), *Os planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento*, Livros Horizonte.
- MORLIER, Hélène, (2007), *Les Guides-Joanne: genèse des Guides-bleus: itinéraire bibliographique, historique et descriptif de la collection de guides de voyage, 1840-1920*, Paris: les Sentiers débattus.
- MORLIER, Hélène, (2010), "Une série de prestige des guides Joanne: l'itinéraire d'Orient. Les guides de voyage: au fill du Rhin et ailleurs ..." Mar 2004, Strasbourg, France. Université Marc Bloch, Département d'études néerlandaises, pp.17-41. <hal-00446195>.
- MORLIER, Hélène, (2011), "Les Guides Joanne: invention d'une collection" In *Situ Revue des Patrimoines*, 15, <http://insitu.revues.org/>, 12/07/31 17:38.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1967), *MARQUES, Bernardo (desenhos), Saudade de Lisboa, de Eça de Queiroz a Miguel Torga, selecção de textos*, Lisboa, Estúdios Cor.
- MOURLHON-DALLIES, Florence, (2000), "Les prospectus d'offices de tourisme sur l'Italie du Nord: introduction à la notion de 'particularisme discursif' in *L'Italie en Stéréotypes*, Harmattan.

MURTEIRA, Helena, (2013), “Projetar no tempo: o Iluminismo e a cidade” in *Arte & Utopia*. Lisboa: CHAIA-UE, Dinâmia, CET-IUL, ISCTE-IUL; FCSH- UNL, pp. 79-87.

NABAIS, A. José Castanheira Maia e RAMOS, Paulo Oliveira, (1987), *100 anos do Porto de Lisboa*, edição Administração do porto de Lisboa.

NEWMAN, Harvey K. (1999), *Southern Hospitality: Tourism and the Growth of Atlanta*, Tuscaloosa: University of Alabama Press.

NOGUEIRA, M. Sá, RODRIGUES, T. SANTOS, P. BRAGA, (1996), *Lisboa setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte.

NOVAIS, Mário (1998), *Exposição do Mundo Português 1940*; Fundação Calouste Gulbenkian.

OLLIVIER, Guillaume, GENIAUX, Ghislain, NAPOLÉON, Claudie et PAOLI, Jean Christophe, (2012), “Mesurer la notoriété touristique communale: contribution méthodologique à l’aide de l’analyse textuelle de guides touristiques” in *Cybergeog: European Journal of Geography; Systèmes, Modélisation, Géostatistiques*; 2012; 593; <http://cybergeog.revues.org/25187>; 13/02/14 10:03.

OPOCZYNSKI, Marie (2011), “Jean-Didier Urbain, L’envie du monde” in *Lectures* [En ligne], consulté le 11 août 2014, <http://lectures.revues.org/>.

PALMER, Catherine, (2005), “An ethnography of Englishness. Experiencing Identity through Tourism.” In *Annals of Tourism Research*, Vol. 32, No. 1, pp7–27.

PAULINO, Maria Clara Loureiro Borges, (2009), *Olhares de Europeus e Norte Americanos em Viagem por Portugal*, tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, <http://repositorio-aberto.up.pt>,

PELLICANI, Luciano (2012), “Fascism, capitalism, modernity.” In *European Journal of Political Theory*, 11: 394-409, <http://ept.sagepub.com/content/11/4/394>

PEREIRA, Paulo, (2006), “Lisboa, Espaço e Memória”, in *Revista de História de Arte* nº 2, <http://iha.fesh.unl.pt/>.

PERNECKY, T. and JAMAL, T. (2010), “(Hermeneutic) Phenomenology in Tourism Studies” in *Annals of Tourism Research*, Vol. 37, No. 4, pp1055–1075; www.sciencedirect.com .

PESAVENTO, Sandra Jatahy, (1995), “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.” in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, p279-290. <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>, 18 de Março 2009.

PIÉ NINOT, Ricard e CLARET, Josep M Vilanova, (2012), “A century of tourism in Europe. New challenges to the discipline of Urbanism” in 6th International Conference of the International Forum on Urbanism, January 25th-27, Barcelona.

PINA, Paulo, (1982), Cronologia do Turismo Português, 1900-1929, Secretaria de Estado do Turismo, Direcção Geral do Turismo, Porto.

PINA, Paulo, (1988), Portugal, o turismo no século XX, edições Lucidus, Lisboa.

PINHEIRO, Magda, (1990), “Crescimento e modernização das cidades no Portugal oitocentista.” In *Ler História*, Nº 20, CEHC/ISCTE-IUL.

PINHEIRO, Magda, VAZ, Maria J. e BAPTISTA, Luís. (eds.), (2001), *Cidade e Metrópole: centralidades e marginalidades_Oeiras*: Celta.

PINHEIRO, Magda, (2010), *Cidade e Caminhos de Ferro*, Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa.

PINHEIRO, Magda, (2011), *Biografia de Lisboa, A Esfera dos Livros*.

PINHEIRO, Magda e MADUREIRA, Nuno, (orgs.) (1994), “Lisboa perspectivas sobre o passado.” In *Ler História*, Nº 26, CEHC/ISCTE-IUL.

PINHO, Ana C. Costa, (2009), *Conceitos e Políticas Europeias de Reabilitação Urbana. Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, Tese de Doutoramento em Arquitectura.

PINTO, A. Costa (coord.), (2004), *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, ed. D. Quixote.

PINTO, Luís Leite (1989), *Subsídios para a história do abastecimento de água à região de Lisboa*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PIRES, Ema Cláudia, (2003), *O baile do Turismo, turismo e propaganda no Estado Novo*, edições Caleidoscópico.

PRISTA, Marta, (2011), *Discursos sobre o Passado: Investimentos Patrimoniais nas Pousadas de Portugal*, Lisboa, FCSH-UNL, Tese de Doutoramento em Antropologia.

PRISTA, Marta, (2013), “Entendimentos e usos de lugar na produção social e na construção social das Pousadas”, in *Sociedade e Cultura*.

QUEIROS, João. (2007), “Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos: Considerações exploratórias a partir do caso do Porto” In *Sociologia*. [online], set 2007, no.55, pp.91-116, <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo>, Maio 2009.

QUINLAN, Sarah, (2005), *Never short of a smile: A Content Analysis of Travel Guidebooks*, tese de mestrado, University of Waterloo; Waterloo, Ontario, Canada. <http://etd.uwaterloo.ca/>.

RAMOS, Manuel João, (cord.) (2003), *A Matéria do Património, Memórias e Identidades*, edições Colibri, Lisboa.

RAUCH, André, (2002/3), “Le tourisme ou la construction de l'étrangeté” in *Ethnologie Française*, 2002/3 Vol. 32, pp389-392.

RAUCH, André, (2011), “Le voyageur et le touriste” In *Situ* [En ligne], 15 | 2011, consulté le 30 juin 2012, <http://insitu.revues.org/533>.

REBILLARD, Sylvie, (2007), “L’analyse identitaire, un enjeu pour les territoires” in *Espaces, Tourisme & Loisirs*, n° 245, Février, 2007, www.revue-espaces.com.

RIBEIRO, Manuel Pedrosa, (2002), *Sintra e o caminho férreo. Transformações urbanísticas e de infra-estruturas, 1850-1910*, Tese de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

RIBEIRO, Margarida Calafate, (2004), *Uma História de Regressos, Império, Guerra Colonial e Pós Colonialismo*, edições Afrontamento.

ROCHE, Maurice (2003), “Mega events, Time and Modernity: On Time Structures in Global Society” In *Time & Society*; VOL. 12 No. 1, pp99–126; <http://tas.sagepub.com> at Universidade de Lisboa on April 14, 2010.

RODOLFO, João Pedro, (2002), *Luis Cristino da Silva e a arquitectura moderna em Portugal, Dom Quixote*.

RODRIGUES, M^a João Madureira, (1979), *Tradição, transição e mudança; a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, edição Sep. Bol. Cult. da Assembleia Distrital de Lisboa, 3^a série, n° 84.

RODRIGUES, Jorge Martins de Sousa (2000), *A expansão programada de Lisboa para a margem sul: Almada 1938-1950*, Tese de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

RODRIGUES, Paulo Simões; ANDRÉ, Paula; MARAT-MENDES, Teresa. (2012), “Alfred-Donat Urban Proposal For Costa do Sol. From the Territory to the City”, in 15th International Planning History Society Conference, Brasília, 2012.

RONCAYOLO, Marcel, (2002), *Lectures de villes: Formes et temps, Parenthèses; Marseille*.

RONCAYOLO, Marcel, (2011), “Les guides comme corpus de la connaissance urbaine” In *Situ* [En ligne], 15 | 2011, consulté le 31 juillet 2012, <http://insitu.revues.org/559>.

RONCAYOLO, Marcel, (2014), *L’imaginaire de Marseille: Port, ville, pôle*. Nouvelle édition, Lyon: ENS Éditions, (1990 org.), <<http://books.openedition.org/enseditions/370>>.

- ROSAS Fernando e BRANDÃO DE BRITO J.M. (dir.), (1996), Dicionário de História do Estado Novo, edições Bertrand.
- RUSSO, Antonio Paolo e SANS, Albert Árias, (2009), “Student Communities and Landscapes of Creativity: How Venice – ‘The World's Most Touristed City’ – is Changing”, Published in *European Urban and Regional Studies*, Vol. 16, No. 2, 161-175, <http://eur.sagepub.com/>, 23 março 2009-03-20.
- SÁ, Alexandre de Vasconcelos, (1950), Expansão e remodelação de Lisboa, orientação administrativa, Comunicação ao II Congresso das capitais, 3ª secção – urbanização, in *Revista Municipal*, nº 47, 4º trimestre, CM-Lisboa.
- SÁ, Vitor, (1992), *Lisboa no Liberalismo*, Livros Horizonte.
- SAID, Edward, (2004), *Orientalismo*, Ensaio, Livros Cotovia.
- SALAZAR, Noel B. (2012), “Tourism Imaginaries: conceptual approach” in *Annals of Tourism Research*, Vol. 39, No. 2, pp863-882.
- SALAZAR, Noel B. (2013), “Imagineering Otherness: Anthropological Legacies in Contemporary Tourism” in *Anthropological Quarterly*, Vol. 86, No. 3, pp669-696, Institute for Ethnographic Research, George Washington University.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, (1992), *A cidade em Portugal*, Porto, edições Afrontamento.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, (2001), *Lisboa, Periferia e Centralidade*, Celta editora.
- SÁNCHEZ-GÓMEZ, Luis Ángel, (2009), “Imperial faith and catholic missions in the grand exhibitions of the Estado Novo.” In *Análise Social*, vol. XLIV (193), 2009, pp 671-692.
- SANTOS, Boaventura Sousa, (1999), *Pela Mão de Alice*, edições Afrontamento, (1994 1ªed).
- SANTOS, Carla Almeida, (2006), “Cultural Politics in Contemporary travel writing” in *Annals of Tourism Research*, Vol. 33, No. 3, pp624–644.
- SANTOS, Luís Aguiar, (1998), “Um teste aos conceitos de nomocracia e teleocracia: o jornal Política perante a «primavera marcelista» (1969-1970)” in *Análise Social*, vol. XXXIII (149), 1998 (5o), pp1093-1115.
- SANTOS, Piedade Braga, RODRIGUES, Teresa e NOGUEIRA, Margarida Sá, (1992), *Lisboa Setecentista vista por Estrangeiros*, Livros Horizonte, col. Cidade de Lisboa, Lisboa, (1ªed 1987).
- SANTOS, Sofia (2008), “Imagens da cidade planeada: A diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 57, Oeiras, Maio. pp131-151; <http://www.scielo.oces.mctes.pt/>, [citado 07 Maio 2009].

- SARAIVA, Tiago (2005); *Ciencia y ciudad: Madrid y Lisboa, 1851-1900*, Madrid: Área de Gobierno de las Artes.
- SAUNIER, Pierre Yves, (1993), “Le Guide Touristique, un outil pour une possible histoire de l’espace: Autour des Guides *De Lyon, 1800-1914*”, in *Géographie et cultures*, n° 13 p35-54, [http://halshs.archives-ouvertes.fr/\(2007\)](http://halshs.archives-ouvertes.fr/(2007)).
- SAUNIER, Pierre Yves, (1995), “Lyon, du Fauteuil a La Poche. Le Guide Touristique au XIX° Siècle” in *Revue d'Histoire du Livre*, N° 92-93, pp287-312, <http://halshs.archives-ouvertes.fr/>, (2007).
- SAUNIER, Pierre Yves et PAYRE, Renau, (2008), “A city in world cities: Lyon, France. Municipal Associations as Political Resources in Twentieth Century” in *Another Global City. Historical Explorations into the Transnational Municipal Moment 1850-2000*, (Pierre-Yves Saunier and Shane Ewen, ed.), pp69-85, (Março 2009).
- SAUNIER, Pierre Yves, (2008), “Global cities, take 2: the view from urban history”, published in *Another Global City. Historical Explorations into the Transnational Municipal Moment 1850-2000*, (Shane Ewen and Pierre-Yves Saunier, ed.), pp1-18; <http://halshs.archives-ouvertes.fr/>, Março 2009.
- SAUNIER, Pierre Yves, (2008), “Trajectoires, Projets et Ingénierie de la Convergence et de la Différence: Les régimes circulatoires du domaine social, 1800-1940”, publié dans *Genèses*, 71, pp4-25, halshs archives, Março 2009.
- SCHMITTER, Philippe C. (1999), *Portugal: do Autoritarismo à Democracia*, ICS, Lisboa.
- SCHNELL Steven M. (2011), “The local traveler: farming, food, and place in state and provincial tourism guides, 1993–2008” in *Journal of Cultural Geography*, 28:2, pp281-309, <http://dx.doi.org/> [b-on: Biblioteca do conhecimento online UL] at 09:58 09 June 2012.
- SNI, Secretariado Nacional de Informação, (1948), *Catorze anos de Política do Espírito*, edições SNI Lisboa.
- SEMMENS, Kristin, (2006), “Seeing Hitler's Germany: Tourism in the Third Reich.” In *Reviews in History*, <http://www.history.ac.uk/reviews/review/522>.
- SEIXAS, João, (2005), “A cidade na encruzilhada. Novas realidades e novos desafios para a cidade europeia contemporânea”, in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 11, pp107-124.
- SEQUEIRA, Matos (dir), (1945), *Lisboa: oito séculos de história*, edições Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, Vieira da, (1935), *Conquista de Lisboa aos Mouros; 1147* Osborn, Câmara Municipal de Lisboa.

- SILVA, Vieira da, (1930), “Os Bairros”, in *Separata da Arqueologia e História*.
- SILVA, Carlos Nunes (1987), *Planeamento Municipal e a organização do espaço em Lisboa: 1926 – 1974*; Centro de Estudos Geográficos (CEG), Universidade de Lisboa.
- SILVA, Carlos Nunes (1994), *Política urbana de Lisboa: 1926-1974*; Livros Horizonte.
- SILVA, João Albino Matos, (1991), *O Turismo em Portugal: uma análise de integração micro-macroeconómica*, tese de doutoramento, ISEG UTL, <http://www.repository.utl.pt>, Lisboa.
- SILVANO, Filomena, (2007), *Antropologia do Espaço*, Celta, (2001 1ªed.).
- SIMÕES, José Manuel Henriques (2005), *Geografia do Lazer e do Turismo*, CEG, Universidade de Lisboa.
- SMITH, Valene L. and BRENT, Maryann (ed.), (2001), *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21st Century*, Cognizant Communication Corporation, New York, Sydney and Tokyo.
- SOBRAL, José Manuel, (1987) “Mentalidade, acção, racionalidade — uma leitura crítica da história das mentalidades” in *Análise Social*, Vol. XXIII (1.º), 1987 (n.º 95), pp. 37-57.
- SOBRAL, José Manuel, (2012), *Portugal, portugueses: uma identidade nacional*, FFMS, Relógio d’Água, Lisboa.
- SOUSA, João Figueira et FERNANDES, André (2012), “Metamorfoses da cidade portuária: transformações da relação entre o porto e a cidade de Lisboa.” in *Confins* [En ligne] 15, le 23 juin, consulté le 29 octobre 2014. <http://confins.revues.org/7702>.
- SOUTHER, J. Mark, (2004), “Landscapes of Leisure: Building an Urban History of Tourism” in *Journal of Urban History*; 30; 257; Downloaded from <http://juh.sagepub.com> by Vidal Frédéric on October 21 2008.
- STEDMAN JONES, Gareth, (1989), *Metropolis: London Histories and Representations since 1800*, eds. D. Feldman and G. Stedman Jones, London.
- STOCK, Mathis (2006), “European cities: towards a ‘recreational turn’ ?” in *HAGAR Studies in Culture, Polity and Identities*, Vol.7 (1), pp1-19.
- STOCK, Mathis, (2005), "Les sociétés à individus mobiles: vers un nouveau mode d’habiter ?" in *EspacesTemps.net*, <http://espacestemp.net/>, consulta 09/11/02 16:31.
- STOCK, Mathis, (2008), “Planète Tourisme” in *Grands Dossiers N° 11, juin-juillet-août; Entre image et écriture. La découverte des systèmes graphiques*; <https://vpn.ul.pt/http/0/www.scienceshumaines.com/> 12/05/24 12:50.
- STONE, Lawrence and M. SPIEGEL, Gabrielle, (1992), “History and Post-Modernism” in *Past and Present*, n° 135, Maio pp 189-208, Oxford Journals, Oxford University Press.

STRATHERN, Marilyn, (1991), “Parentesco por iniciativa: a possibilidade de escolha dos consumidores e as novas tecnologias de reprodução”, in *Análise Social*, 4ª série, vol XXVI nº 114, 1991, pp1011-1022.

TAVEIRA, Tomás, (1973), *Discurso da Cidade*, edições Novotipo.

THRIFT, Nigel, 2006, *Space, in Theory, Culture & Society*, SAGE Publications, Vol. 23(2–3), pp139–155. <http://tcs.sagepub.com>.

THRIFT Nigel e AMIN, Ash, (2005), *Cities: reimagining the urban*, Polity Press, Cambridge, (2002 1ªed.)

TEIXEIRA, Manuel C. (1992), “As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940” In *Análise Social*, Vol. XXVII (1.º), 1992 (n.º 115), pp. 65-89.

TEROL, Marylène (1992), *Azulejos em Lisboa: A Luz de uma Cidade*, Paris, Hervas.

TIAGO, Maria da Conceição Caetano, (1998); *O bairro social da Ajuda/Boa Hora: um projecto da República Nova e uma realização do Estado Novo*. Tese Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

TOPALOV Christian et DEPAULE, Jean-Charles, (1996), *La ville à travers ses mots*. Enquête, *La ville des sciences sociales*, <http://enquete.revues.org/>, Consulté le 23 juin 2009.

TORNATORE (Jean-Louis), (2006), “Les formes d’engagement dans l’activité patrimoniale. De quelques manières de s’accommoder au passé” in *Formes de l’Engagement et Espace Public* (Vincent Meyer et Jacques Walter; dir.), Nancy, Presses Universitaires de Nancy, pp515-538, <http://halshs.archives-ouvertes>.

TÔRRES, Raquel Mundim, (2012), “A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: considerações a partir do estudo de relatos de viagem de brasileiros à URSS” in *História Social*, n. 22, primeiro semestre, <http://www.ifch.unicamp.br/>.

TOSTÕES, Ana (1992), *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral arquitecto dos espaços verdes de Lisboa*, Salamandra, GEO.

TOSTÕES, Ana (coor científica), (2004), *Património moderno, A arquitectura moderna portuguesa 1920 – 1970*, (coor IPPAR, Miguel Lacerda, Miguel Soromenho), Edição MC-IPPAR.

TOSTÕES, Ana e ROSSA, Walter, coor. (2008), 1758, Lisboa. *O Plano da Baixa Hoje*, Catálogo da Exposição, Câmara Municipal de Lisboa.

TOSTÕES, Ana M. (2002), *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, tese de doutoramento, Lisboa.

- TRAVERSO, Enzo, (2012), O passado, modo de usar. História, memória e política, edições unipop, Lisboa.
- TRIANDAFYLLIDOU, Anna, (1998), “National Identity and the ‘other’ ” in *Ethnic and Racial Studies*, 21, 4, pp 593-612.
- TRITZ, Céline, (2003), “Les Espaces Touristiques représentés: proposition d’analyse” in 6^{èmes} Rencontres de Théo Quant. Février 2003, 1 – 11, thema.univ-fcomte.fr/, (2007).
- URBAIN Jean-Didier, (2010), “Lieux, liens, legends. Espaces, tropismes et attractions touristiques” in *Communications*, 2010 / 2 n° 87, p 99-107; <http://www.cairn.info/>.
- URBAIN, Jean-Didier, (2002), *L’Idiot du Voyage*, Histoires de Touristes, Payot, (1991, 1^ªed).
- URBAIN, Jean-Didier, (2003), “Tourisme de Mémoire, un travail de deuil positif” in *Espaces, Tourisme & Loisirs*, n° 80, Décembre 2003, www.revue-espaces.com. (2007).
- URRY, John, (2001), “Globalising the Tourist Gaze”, published by the Department of Sociology, Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, UK, at <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Urry-Globalising-the-Tourist-Gaze.pdf>.
- URRY, John, (2011), *The Tourist Gaze 3.0*, Sage Publications, Lda.
- VAJDA, Joanne, (2011), “Espaces publics en Europe dans les guides de voyage: pratiques et representations, 1950-1970” In *Situ* [En ligne], 15|2011, consulté le 17 octobre 2013. <http://insitu.revues.org/>.
- VALA (J.) e MONTEIRO, M. Benedita, (coord.), (1993), *Psicologia Social*, Edição F. C. Gulbenkian.
- VALA, Jorge, CABRAL Manuel Vilaverde e RAMOS Alice (organizadores), (2003), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Edições ICS, Lisboa.
- VALENTE, José Carlos, (2010) *Para a História dos Tempos Livres em Portugal. Da FNAT à INATEL (1935-2010)*, edições Colibri.
- VAZ, Maria J. M. (2000), “Crimes e cidades. Lisboa no final do século XIX.” In *Exclusão na História*, (ed. Maria João Vaz; Eunice Relvas; Nuno Pinheiro), pp139-147, Oeiras: Celta.
- VAZ, Maria J. M. (2006), “Gatunos, vadios e desordeiros. Aspectos da criminalidade em Lisboa no final do século XIX e início do século XX.” In *Lei e Ordem. Justiça penal, criminalidade e polícia. Séculos XIX e XX*, (ed. Almeida, Pedro Tavares e Marques, Tiago Pires), pp 89-101, Lisboa, Livros Horizonte.
- VICENTE, L. Filipa (2003), “The Colonies on Display: representations of the Portuguese Estado da Índia in exhibitions abroad” in, *Estudos do Século XX*, 3, 37-55.

- VIDAL Frédéric, (2005), “A Hipótese da cidade imóvel. Itinerários Urbanos numa perspectiva comparada”, in *Ler História*, nº 48, pp 109-123, CEHC / ISCTE-IUL.
- VIDAL, Frédéric, (2006), *Les Habitants d’Alcantara. Histoire Sociale d’un quartier de Lisbonne au début du 20e siècle*, Septentrion Presses Universitaires.
- VIDAL, Frédéric, (2007), “Ruas e *sítios* na Lisboa oitocentista. Usos e classificações em quatro roteiros da cidade”, in *Ler História*, nº 52, pp9-21, CEHC / ISCTE-IUL.
- VIDAL, Frédéric, (2010), “Faire la ville et pratiquer des lieux. L’histoire du tourisme sur les pas de Michel de Certeau.” in *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*, 2/ 2010 (nº 23), p. 99-115, URL : www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2010.
- VIDEIRINHO, Isabel Guarda (2006), *Formas Urbanas. A construção de Lisboa entre 1888 e 1958*, tese de Mestrado, tese policopiada, FCSH – UNL.
- VILLAVERDE, Manuel, (2006), “Rua das Portas de Santo Antão e a singular modernidade lisboeta (1890-1925): arquitectura e práticas urbanas” in *Revista de História de Arte*, nº 2, Lisboa, Espaço e Memória, RHA-IHA-FCSH-Unl; 2006; pp143-174, <http://iha.fesh.unl.pt/>.
- VOURC’H, Anne, (2007), “Les Grand sites de France, L’étude d’identité comme outil fédérateur” in *revue Espaces*, nº 245, Février 2007, www.revue-espaces.com.
- WAEELTI, Jennifer and C. HAUSE Steven (ed.), (1994), *Feminisms of the Belle Époque a historical and literary anthology*, University of Nebraska USA.
- WAGNER Anne-Catherine, (2007), “La place du voyage dans la formation des elites” in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 2007/5,170, pp58-65.
- WAGNER, Anne-Catherine (2007), “La place du voyage dans la formation des élites” in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Le Seuil; 5/ 2007 (nº 170); pp58-65; <http://www.cairn.info/>.
- WALTON, John K. (2011), “Tourism and History” in *Contemporary Tourism Reviews*, Goodfellow Publishers Ltd.
- WALTON, John K. (edited by), (2005), *Histories of Tourism Representation, Identity and Conflict, Tourism and Cultural Change 6*, Channel View Publications, Clevedon, Buffalo, Toronto.

Anexo

Quadro 1 - Guias das cidades de Londres, Paris, Roma, Madrid e Lisboa na colecção Baedeker entre 1866 e 1996

Tipo de Guia	Título do Guia	Nº de Edições	Nº de edições da cidade	Anos de edição
Guia normal	London; London and its environs	39	49	1866 - 1955
Guia compacto	London	2	2	1996
Guia normal	Central Italy and Rome	31	3	1867 - 1930
Guia compacto	Rome	1	1	1987
Guia normal	Paris; Paris and Northern France	34	62	1885 - 1955
Guia compacto	Paris	2	2	1989 - 1995
Guia normal	Spain and Portugal	20	—	1897 - 1972
Guia compacto	Madrid	1	1	1987
Guia compacto	Lisboa	1	1	1996
Guia compacto	Portugal	1	—	1991

Fonte: <http://www.baskes.com/TravelGuides;1985> 2011

Quadro 2 - Guias Baedeker sobre as cidades de Paris, Londres, Roma, Madrid e Lisboa editados no início do século XX, número de páginas e palavras das respectivas Narrativas Históricas (NH)

Ano	Título do guia	Editor	Número de edições²⁸⁹ entre 1900 - 1911	Nº de páginas NH	Nº de palavras NH
1900 13ª edição revista	Italy, handbook for travelers, second part Central Italy and Rome	K. Baedeker publishers	7	15p	5 300
1907 (17ª edição)	Paris and environs, handbook for travellers		20	6p	3 000
1911 (16ª edição)	London and its environs, handbook for travelers		14	5p	2 800
1908 (3ª edição)	Spain and Portugal, handbook for travellers		1	Madrid: 4p Lisboa: 3p	Madrid: 850 Lisboa: 600

Fonte: <http://www.baskes.com/TravelGuides;1985>, 2011

²⁸⁹ Diz respeito exclusivamente à BD Baskes _1981